

Princesa IMPLACÁVEL

Autora best-seller #1 do New York Times

RACHEL VAN DYKEN

Princesa IMPLACÁVEL

Autora best-seller #1 do New York Times

RACHEL VAN DYKEN

Copyright © 2020. Ruthless Princess by Rachel Van Dyken.
Copyright © 2026. AllBook Editora.
Diretora Editorial: Beatriz Soares.
Diagramação: Kiana Francisco.
Revisão: Raphael Pellegrini.
Capa: Joy Design Editorial.
Tradução: Clara Taveira.
Todos os direitos reservados pela AllBook Editora para publicação no Brasil. A reprodução, transmissão ou distribuição não autorizada de qualquer parte deste trabalho protegido por direitos autorais é ilegal. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, sem a permissão dos detentores dos copyrights.
Os direitos morais do autor foram declarados.
Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.
Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.
Produzido no Brasil.
contato@allbookeditora.com

Sinopse

Princesa Implacável: Um Romance de Máfia Enemies to Lovers

Um romance de máfia sobre melhores amigos que viraram inimigos, escrito por Rachel Van Dyken, autora best-seller número um do New York Times, de O Manual da Conquista.

O inimigo do meu inimigo é meu amigo…

Nunca pensei que meu pai me pediria isso: ser a segunda geração na Universidade Eagle Elite, governar com mão de ferro e cuidar de qualquer um que entrasse no nosso caminho.

Mas desde o incidente…

Desde *ele*…

Existe uma guerra no nosso grupinho.

Afinal, casa dividida não se sustenta.

Ele é o problema, não eu.

Ele me beijava como se eu fosse o ar que ele precisava.

Agora, ele me olha como se eu fosse seu veneno.

Mas nós dois bebemos dessa fonte, várias e várias vezes, sem nunca acreditar que chegaria o dia em que nosso amor iniciaria uma guerra.

E que nossa amizade se estilhaçaria em um milhão de pedaços.

Mas, pensando bem, a pior coisa que se pode fazer na máfia é ter esperança de uma vida normal.

A segunda pior coisa?

Se apaixonar pelo seu melhor amigo.

Inimigo.

E herdeiro do trono Nicolasi.

Dedicatória

Para todos os leitores que começaram comigo lá em 2010 e deram uma chance ao romance de máfia, e para todos os novos leitores que pegaram este livro. Bem-vindos ao rebanho.

Sangue dentro, não fora. Abraços, RVD.

Nota da Autora

Este é um livro único e uma série nova em folha; sei que você provavelmente já sabe disso já que pegou o livro, mas ei, vamos repetir! ;) Se você reconhecer alguns nomes aqui, é porque lá em 2010 escrevi uma série chamada Eagle Elite, e os pais nesta série nova são a velha guarda da Eagle Elite. Aquela série ficou extremamente longa (como deve imaginar), então decidi que precisávamos de sangue novo na Universidade Eagle Elite, e tudo começa com Ruthless Princess!

Se você é fã de EE, esta é a parte em que pode dar uma de nerd e querer uma árvore genealógica. Tem uma logo na página seguinte, NADA TEMA! Se você é novo por aqui, é só passar direto, não vai fazer diferença para você, haha, e você vai ficar tipo “ah, não tô nem aí”. E você não PRECISA saber nada do passado, porque, de novo, esta é uma série nova (gostou de como fico repetindo isso?), ah, a propósito, é uma série nova.

Certo, terminei, haha, pegue uma taça de vinho (é sério, você vai precisar) e, quem sabe, vodca? A viagem vai ser turbulenta, mas vai valer muuuito a pena.

Na verdade, este é o primeiro livro que escrevo em mais de uma década em que chutei o balde e pensei “meh”, chega de censurar meus personagens, deixe que eles sejam eles mesmos. Então, sim, este livro tem cenas hot (muitas) e, sim, este livro tem palavrão, mas uma coisa continua verdadeira: este livro é minha alma, e espero que, quando ler a última página, você não consiga parar de pensar nesses personagens.

Sangue dentro, não fora. Vamos ser Implacáveis…

Quem é Quem na Cosa Nostra

Nixon e Trace Abandonato. Nixon é o chefe da Família Abandonato, ele é meio psicopata, tem um piercing no lábio e, no auge dos seus quarenta e tantos anos, tem cara de fodão. Imagine se Jason Momoa e Channing Tatum tivessem um filho. SURPRESA, é o Nixon! Trace é o amor da vida dele. Serena, filha de Nixon, é seu orgulho e alegria, a herdeira do trono. Dom, o filho adotivo, é dez anos mais velho que Serena. Aos trinta, ele está pronto para assumir se precisar, mas não quer nem saber disso, não que ele esteja pensando em ter a própria família. Bella, a caçula de Nixon, foi uma surpresa muito bem-vinda.

Phoenix e Bee Nicolasi (antiga De Lange) têm um filho, Junior, e ele é tudo para eles. Da mesma idade de Serena, ele só tem uma coisa na cabeça: ela. Mas ir atrás dela é como assinar a própria sentença de morte. A única regra que os chefes deram a todos os primos, a todas as crianças: nada de namorar entre si, isso complica as coisas. Todos fizeram um pacto de sangue. Mas ele está disposto a arriscar tudo por apenas um gostinho.

O que nos leva a Chase e Luciana Abandonato; a história de amor deles é lendária. Ele teve Violet primeiro, a linda Violet Emiliana Abandonato. E depois teve gêmeos, Deus o ajude. Asher (Marco) e Izzy. Todos frequentam a Universidade Eagle Elite. Violet curte mais livros do que gente. E os gêmeos, bom, são opostos polares. Enquanto Izzy é quieta e reservada, puxando ao tio Sergio na parte de suporte técnico da máfia, Asher já era assassino aos doze anos. Ele cuida de todo mundo, embora seja mais novo que Serena e Junior. Ele sente que é sua obrigação garantir a segurança de todos, inclusive da namorada, Claire. Ela é sua alma gêmea, e ele faria qualquer coisa por ela. E não se esqueça da caçula da família, Ariel, que todo mundo mima.

Tex e Mo Campisi. Ele é o consigliere do pedaço, lindo, um gigante gentil, a menos que esteja puto, e a esposa, Mo, é tão violenta quanto ele. Têm dois filhos, Breaker e King. Breaker está no segundo ano na Eagle Elite e mal pode esperar para soltar seu charme pelo campus. Ele é uma força da natureza, só anda por aí com as garotas e dá de ombros. King, por outro lado, está competindo pelo posto de maior galinha do próprio ensino médio. Quer dizer, dizem que o ensino médio deve ser memorável, né? Ele só não consegue lembrar o nome de nenhuma das garotas, então chama todas de Sarah. É uma mania.

Sergio e Valentina também são Abandonatos. Enquanto Val é quieta e reservada, Sergio é o médico residente das Famílias. Ele também curte muito tecnologia e adora espionar as pessoas. Têm duas filhas lindas. Kartini faz o pai

de gato e sapato. Ele só espera sobreviver ao último ano dela no ensino médio sem dar um tiro em um dos namorados dela. Com Lydia, ele sabe que ela sabe se cuidar. Ela já deu uma surra no valentão da turma, deixando Sergio cheio de orgulho.

Dante e El não têm vida fácil, são uma das famílias mafiosas mais jovens, ele é o chefe da Família Alfero. E tem duas gêmeas de dez anos que o deixam de cabelos em pé. Raven e Tempest são adoráveis, mas são esquentadas igual à mãe. Ele as deixa ter mais tempo de tela do que deveria, mas elas dizem que ele é o favorito delas no mundo, entãão… ele deixa passar.

Andrei e Alice passaram por muita coisa. O sobrenome deles, sozinho, trouxe a Máfia Russa para o rebanho italiano. Andrei é tanto Petrov quanto Sinacore, o que significa que a família mafiosa italiana mais antiga agora faz parte da Cosa Nostra. Para sempre. O nome do filho deles é Maksim e, por incrível que pareça, é um xavequeiro total, não leva nada a sério, mas pode virar a chave num minuto se alguém que ele ama for ameaçado. Anya é a irmãzinha dele, e ele faria qualquer coisa por ela; ela parece frágil, mas faz Krav Magá, então ninguém mexe com ela.

Estas são as Famílias da Cosa Nostra. Bem-vindo à Família.

Sangue dentro, não fora.

Um pequeno reino eu detenho, onde pensamentos e sentimentos têm seu lar. E árduo é o esforço que empenho para conseguir bem o governar.

— Louisa May Alcott



Prólogo

Serena

— Shhhh — Junior colocou a mão sobre minha boca quando ouvimos vozes vindas do corredor.

Nossos pais. Tanto o dele quanto o meu.

Eu sorri contra a palma da sua mão enquanto ele revirava os olhos e se inclinava, me pressionando contra a parede; estávamos escondidos na escuridão, só nós dois. Seu perfume me envolveu de uma forma que parecia fantasia. Ele tinha gosto de canela; o calor entre nossos corpos era capaz de queimar qualquer um vivo.

Mas não éramos qualquer um. Éramos melhores amigos.

Que por acaso transavam. Aos dezesseis anos.

E ele era alguns meses mais velho – os pais iriam pirar se soubessem, todos eles.

Eles não aprovariam. Era uma das muitas regras. E só eles sabiam o verdadeiro motivo pelo qual não podíamos ficar juntos.

Mas me dizer que eu não podia ter o que queria era basicamente um modo de implorar para que eu fosse atrás do que me era proibido. Entrei no quarto do Junior pela primeira vez quando tinha quinze anos.

E assim foi.

Éramos inseparáveis desde então.

— Mmm... — Junior passou as mãos pela lateral do meu corpo, os dedos roçando a pele enquanto inclinava a cabeça em um ângulo diferente. As vozes

abafadas vindas da sala só tornaram o momento mais excitante, mais urgente. Eles nos matariam por estarmos juntos.

Eu nem estava exagerando.

Esse foi o preço que pagamos por termos nascido na realeza da máfia.

E, mesmo assim, eu não me importava, talvez me importasse se tivesse uma arma apontada para a minha cabeça, mas naquele momento? Tudo que eu queria era ele.

A cada beijo, eu mentia e dizia que valia a pena, que a vida é passageira, então por que não passar nos braços de alguém? Melhor ainda, por que não passar esse tempo na cama de alguém?

— Vão pegar a gente. — Junior se afastou e suspirou, depois pressionou a testa contra a minha. Seus olhos eram de um azul oceano, quase azul-petróleo, e eu sempre tive dificuldade de me concentrar quando ele me observava daquele jeito, como se seu desejo fosse me dizer que me enxergava inteira e que desesperadamente desejava o que via.

— Hoje, não. — Passei meus braços em volta do seu pescoço. — Além disso, a gente sabe lutar.

Ele me lançou um olhar desconfiado.

— Você tem dimensão de que a contagem de corpos de nossos pais rivaliza com o do Capo…?

Ignorei a menção ao poderoso Chefão das Cinco Famílias, me pressionei contra seu corpo duro como pedra e pisquei.

— Vale a pena.

— Porra. — Ele me beijou repetidas vezes, me pressionando com tanta força contra a parede, que pude sentir cada centímetro do seu corpo queimando dentro de mim, morrendo por mim.

Minhas mãos se enroscaram em seus cabelos enquanto eu tentava segurá-lo, minhas pernas ao redor de seu tronco mantendo-o prisioneiro.

As vozes soaram mais altas.

Nós nos separamos no exato minuto em que meu primo Ash apareceu e nos olhou com frustração.

— Vocês vão ser pegos, e eu não vou me meter no assunto. — Eu sorri.

— Awn, você só está putinho porque não está se dando bem. — Eu adorava provocar Ash. Era muito fácil fazê-lo reagir, assim como seu pai, Chase, como se fossem uma bomba pronta para explodir.

— Nem vocês deviam se dar bem! — Ele cerrou os dentes. — Tio Nixon vai ficar puto da vida se descobrir sobre vocês dois.

— Papai vai ficar de boas. — Eu parecia mais confiante do que de fato me sentia. Meu pai era um assassino, chefe da família Abandonato. Eu o amava mais do que tudo. Ele me entenderia. Ele ficaria do meu lado; ele sempre ficava.

Não é?

Quero dizer, eu era a princesinha dele, herdeira do trono, e éramos melhores amigos, meu pai e eu. Não que ele não amasse a Bella. Minha irmã mais nova era muito mimada, mas ela era dez anos mais nova do que eu, o que significava que toda a responsabilidade da Família recairia sobre meus ombros muito capazes.

— Não é só isso... — Ash olhou para nós dois. — Se fosse outra pessoa…

— Que porra você está falando? — Junior empurrou Ash, fazendo-o tropeçar. Ele parecia mais irritado do que nunca; eu já estava esperando que facas fossem puxadas a qualquer minuto.

É desse jeito que resolvemos tudo. Com violência.

— Phoenix Nicolasi, antigamente chamado De Lange.

Nós dois ficamos boquiabertos enquanto Junior o empurrava novamente.

— Cacete, cara! Você não pode dizer esse nome... não aqui.

Ash fez o movimento da cruz sobre o peito, como se isso fosse de alguma forma impedir que o passado assombrasse nosso futuro, e suspirou.

— Olha, só estou dizendo que, se fosse qualquer outra pessoa, eles provavelmente fariam vista grossa, mas a preciosa Serena se metendo na merda... — Ele sorriu para Junior — No caso, a merda é você.

— Vai. Se. Foder. — Junior sacou sua adaga. Ainda havia sangue na lâmina.

Incrível.

— Vocês, jovens, não conhecem a história entre eles. Claro que todos os chefes estão felizes agora, mas Phoenix fez umas merdas pesadas naquela época. Digamos que isso aqui não vai rolar de jeito nenhum. Um de vocês ou os dois vão acabar mortos, e então quem vai fazer as tranças no cabelo da Izzy?

— Golpe baixo — Junior resmungou enquanto eu ria. Ele amava Izzy, a irmã gêmea de Ash, mais do que tudo, e a ajudou a trançar o cabelo supergrosso quando ela quebrou o braço há algumas semanas.

— Olha, foi divertido. — Dei um tapa no ombro de Ash. — Mas eu tenho que ir dar para um cara agora, então se você pudesse estar em qualquer lugar que não fosse aqui... isso seria ótimo.

Junior riu, empurrou Ash novamente e piscou.

— Talvez você devesse ser nosso novo segurança.

— Estou sem protetores de ouvido.

— Você vai sobreviver. — Junior sorriu, depois me puxou para seu quarto e fechou a porta.

Éramos uma mistura de risadas, suspiros breves, gemidos, mãos e todos os toques do mundo.

— Ele está errado, você sabe, né?! — Junior disse entre beijos. — Você é minha e sempre será minha.

— Sua. — Levantei a camisa enquanto ele puxava meu jeans. — Sempre sua.

— Com certeza. — Seu beijo foi punitivo.

E eu aceitei. De novo e de novo, sem acreditar que chegaria o dia em que nosso amor iniciaria uma guerra.

E nossa amizade se partiria em um milhão de pedaços.

Mas é aquilo: a pior coisa que você poderia fazer na máfia é esperar que sua vida fosse normal.

A segunda pior coisa?

Apaixonar-se pelo seu melhor amigo. Inimigo.

E herdeiro do trono Nicolasi.

— Shhh… — Junior sorriu contra minha boca antes de pegar sua regata preta e tirá-la. Mesmo aos dezesseis anos, ele era lindo e musculoso; tínhamos de agradecer aos nossos pais por isso.

Éramos uma dinastia em formação.

Não tivemos escolha senão aprender a lutar.

Passei as unhas em seu peito, ele já tinha tatuagens no braço direito, a única razão pela qual Phoenix deixou passar foi porque a maioria dos chefes sabia que a dor de fazer uma tatuagem ajudava a desenvolver resistência a um ferimento de bala ou lâmina.

Doentio, mas é verdade.

Bocejei por trás da mão, e recebi em troca um rápido sorriso de Junior.

— Sério? Você vai ficar só deitada e nua?

Eu me virei de lado.

— Está gostando do que está vendo? — Ele praguejou.

— Eu vou para o inferno, não vou?

— Provavelmente. — Eu ri, e então ouvimos mais vozes no corredor, principalmente Asher gritando como um demônio.

— Rápido! — Junior me jogou meu jeans, eu me apressei e me vesti, joguei minha calcinha debaixo da cama e coloquei meu sutiã esportivo e a regata assim que as vozes ficaram mais altas.

Era meu pai. E Phoenix. Chase.

Todos eles.

Todos os chefes! Consegui distinguir cada uma delas, e de repente ouvi uma mais acentuada, o que significava que Andrei, o chefe do Sinacore-Petrov, também tinha vindo.

— Por que eles estão aqui? — eu murmurei para Junior. Ele apenas encolheu os ombros.

— Jantar em família?

Comecei a rir, e a porta se abriu. Estávamos numa posição absolutamente casual, como sempre, eu na cama mandando mensagens no celular, Junior em sua mesa fazendo um trabalho de escola imaginário.

Viu? A gente sabia como não ser pego.

Chase entrou no quarto. Seus olhos se estreitaram em mim e depois em Junior.

— Vocês estão estudando?

— Reprovando. Ele está é reprovando. — Apontei para Junior e ganhei um dedo médio e um grunhido como resposta. — Você está lindo hoje, tio Chase. — Eu dei um sorriso largo. — Teve um bom dia salvando o mundo?

— Ele é um senador, não o presidente dos Estados Unidos — Junior murmurou baixinho. — É por isso que você vai para escola, Serena, para aprender as merdas necessárias.

— E falar de forma eloquente que nem você — eu disse sarcasticamente.

Chase observou nossa conversa com muita atenção. E então ele cheirou o ar como se fosse uma porra de um rastreador!

Meu pulso acelerou.

Pude ver Junior engolir em seco lentamente enquanto continuava digitando. Seu corpo estava completamente rígido. Ok, talvez não fôssemos os melhores mentirosos do mundo, mas éramos adolescentes! O que eles esperavam?

— Algo errado? — Levantei e cruzei os braços.

O olhar gelado de Chase se voltou para mim, seus olhos parecendo laser. Seu cabelo estava mais longo agora, penteado para o lado, e eu podia ver as tatuagens por baixo de sua camisa preta de botão.

— Eu, se fosse você, pararia com essa merda antes que seu pai descubra, Serena.

Eu bufei.

— Descubra que deixei o Junior fazer meu dever de casa?

— Deixa bosta nenhuma! — Junior gritou.

— Está cheirando a sexo — disse Chase com os dentes cerrados. — Falaremos sobre isso mais tarde, por enquanto vocês foram convocados.

Engoli em seco.

— Só eu e Junior?

A expressão de Chase endureceu.

— Todos vocês, todos com mais de treze anos.

Eu fiz as contas mentalmente.

Então isso significava Junior e eu, assim como Asher, Breaker, Violet, Izzy, Maksim e — senti vontade de vomitar — meu primo mais novo, King. Ele tinha apenas treze anos. Uma náusea tomou conta de mim quando assenti para meu tio e esperei que Junior caminhasse comigo.

Eu precisava da força dele.

Porque eu sabia o que significava uma convocação. Isso significava que tínhamos de escolher.

Mas isso era meio que uma mentira, não é? Viver significava sangrar pela Família.

Morrer significava virar as costas ao sangue.

A bile subiu pela garganta enquanto seguíamos tio Chase pelo corredor, eu sabia que me lembraria de cada passo, da maneira como meu coração batia contra o peito, quando chegamos à sala principal e olhamos ao redor.

Todo mundo estava lá.

E eu quero dizer todo mundo mesmo.

Tias, tios, primos e, mais importante, os cinco chefes: Abandonato, Nicolasi, Alfero, Sinacore-Petrov e nosso Capo dei Capi: Tex Campisi.

Não era um jantar em família.

Meu pai me olhou; minha mãe enxugou uma lágrima do rosto. Quase perguntei quem tinha morrido, e então meu pai, o homem mais forte que já conheci, sacou uma arma.

Meu pai nunca me assustou. Porque também estava no meu sangue a necessidade de destruir para ter certeza de que ainda estava viva. Sangue do meu sangue. Alma da minha alma. Éramos um. Por que eu teria medo dele? Seria como me olhar no espelho e gritar de pavor de mim mesma.

Mas, naquele momento, eu estava com medo.

— Serena — ele murmurou. — Um passo à frente.

Minhas pernas me levaram em direção ao seu corpo de um metro e noventa. Ele estava vestindo um terno preto sobre uma blusa preta; seu piercing no lábio tremia sob as luzes. Seus olhos azuis procuraram os meus. E então ele apontou a arma para minha testa e sussurrou:

— Faça a sua escolha.

Quase vomitei em seu terno Armani. Pude ver minha mãe pelo canto do olho, chorando silenciosamente — esperando que eu escolhesse a Família, escolhesse o sangue e uma vida de guerra.

— Se você ficar, você ganhará seu santo padroeiro quando fizer sua primeira matança. Se você não estiver conosco, você está contra a Família, e você vai se virar e dar sete passos, contando cada um em voz alta até que não haja mais passos para dar, e seu coração não baterá mais.

Tremendo, olhei para meu pai e sussurrei.

— Sangue dentro, não fora. — Então, muito lentamente, me ajoelhei diante dele e esperei enquanto o sangue de meu pai escorria lentamente sobre minha cabeça.

Coroando-me Rainha.

Afinal, eu era a primogênita. Seu legado.

E prefiro cortar meu próprio braço a decepcioná-lo. Ele estendeu a mão ensanguentada.

Eu segurei e levantei.

Ele virou minha mão e cortou minha palma. Doeu demais, e ele imediatamente pressionou a palma da mão ensanguentada na minha e disse com uma voz tão triste, que tive vontade de chorar:

— Eu tirei trinta e sete almas desta terra. Você fará isso e muito mais pela

Família. Sua alma não é mais sua, ela é nossa. Bem-vinda à família. — Ele se abaixou e beijou cada bochecha, e então, com a voz trêmula, sussurrou: — Próximo.

Um por um, os primos foram chamados. Ash foi em seguida.

Chase era implacável e famoso por não ter nenhuma moral. Ele nem sequer deu a opção a Ash. Mas é aquilo: Ash já tinha matado muita gente. Ele já era um homem feito, então tudo o que precisava fazer era jurar fidelidade à Família — ou pelo menos foi o que pensei, e então vi uma faca ser espetada em algum lugar entre a primeira e a segunda costela.

— Lembre-se da dor. — Chase cerrou os dentes. — Deixe que isso queime até a sua alma e lembre-se de que seu objetivo é dar a morte, não a vida. — Ele puxou a faca. Ash balançou um pouco e depois assentiu.

— Próximo — Chase disse com uma voz ousada.

Junior caminhou até seu pai, Phoenix. Se alguma pessoa já foi petrificada, com certeza essa pessoa será Phoenix. Ele nem sabia o significado da palavra bom. Ele lidava com morte e segredos. Manteve as cinco Famílias em segurança.

E tinha uma história que ninguém contava a nenhuma das crianças.

Mas eu notei meu pai estremecer nas vezes em que Phoenix falou com minha mãe. Mesmo quando eles estavam rindo, havia uma tensão subjacente.

Phoenix fez o juramento, Junior se ajoelhou na frente do pai e, quando se levantou, não foi apenas o pai dele que cortou a palma da mão e a pressionou contra a dele, mas o meu deu um passo à frente.

A tensão rodou pela sala.

Que porra é essa?

Engoli em seco quando meu pai agarrou sua adaga ainda ensanguentada e depois agarrou o antebraço de Junior, cravando a ponta da faca em sua pele e muito lentamente criando um círculo ensanguentado.

Junior cerrou os dentes de dor quando meu pai se inclinou e pressionou a palma da mão ensanguentada na ferida recente, e com veneno cuspiu as palavras seguintes:

— Os pecados do pai são transmitidos, quebre minha confiança e removerei essa cicatriz do seu corpo e farei você ter uma no rosto.

Fiquei boquiaberta.

— Sim, senhor. — Junior não olhou para mim. Ele não nos entregou.

Mas eu sabia... os riscos eram maiores agora.

O restante da cerimônia foi um borrão quando Breaker ficou na frente do pai. Maksim foi o próximo, e nossos juramentos de sangue continuaram enquanto as crianças mais novas observavam com os olhos arregalados.

Suas próprias mães nem sequer lhes disseram que olhassem para outro lado.

Afinal, por que elas fariam um enorme desserviço de não os preparar para o futuro?

Quando tudo acabou, todos aplaudiram, serviram vinho, e eu fui para o banheiro. Asher nem bateu, apenas entrou, seguido por Junior, Maksim, Violet, Izzy, King e, finalmente, Breaker.

Nós nos sentamos em qualquer lugar que encontramos.

— Uma lágrima — Junior sussurrou. — Você solta uma lágrima e então voltamos para lá e comemoramos.

Assenti, e, claro, uma lágrima caiu. Asher limpou da minha bochecha, já que ele estava mais próximo, e então todos nós nos levantamos e olhamos uns para os outros.

— Não falharemos — disse Junior, com a voz rouca. — Porque a vida de todos depende de nós agora.

— De nós — Asher repetiu.

Meu coração se partiu por Breaker, seus olhos procuravam os meus. Eu dei a ele um aceno de confiança. E então sua pequena voz aumentou.

— Sangue dentro.

— Não fora — dissemos em uníssono.



Capítulo Um

Serena

Cinco anos depois

Ser a filha mais velha de Nixon Abandonato tinha suas vantagens. Quer dizer, eu deveria pelo menos conseguir algo sendo filha de um dos chefes mais poderosos da Cosa Nostra. Aos dezesseis anos, ele me deixou escolher o carro que eu quisesse, e quando digo qualquer carro, quero dizer qualquer carro no mundo.

E porque eu sabia que isso iria irritar o Junior e porque eu me alimentava das constantes caras feias dele na minha direção… pedi o novo Maserati GranTurismo MC, exatamente o mesmo carro que ele ganhou no ano anterior, só que melhor, porque o meu era mais novo.

Juro que toda vez que eu dirigia, Junior parecia querer causar um acidente de propósito. E naquele dia não foi diferente.

Primeiro dia no inferno.

Primeiro dia do meu último ano na Eagle Elite. Assim como para Junior.

Não era para ser assim. Na verdade, na adolescência, ouvimos repetidamente que poderíamos ir para a faculdade que desejássemos. Poderíamos ter a vida que quiséssemos — desde que jurássemos lealdade às Cinco Famílias da Cosa Nostra, estaríamos bem.

E então aconteceu.

Eles se recusaram a nos contar o que realmente era aquilo tudo, mas nunca esquecerei a expressão no rosto do meu pai naquele dia, quando ele colocou um pequeno cavalo branco de brinquedo no meio da mesa da cozinha e

sussurrou.

— Nós precisamos conversar.

Aparentemente, um cavalo branco foi enviado para cada chefe, e junto da peça, uma nota enigmática que dizia: Você deveria ter matado todos eles. Era uma nota assinada pela sigla MP. Ninguém sabia de quem era, mas o simbolismo não passou despercebido a nenhum de nós. Afinal, um cavalo branco nunca significou rendição à máfia — significava guerra.

E desta vez não tínhamos ideia de quem era o delator ou quem nos queria mortos, o que significava que tive de me despedir de Stanford. Eu estava lá há apenas um ano, e pela primeira vez na vida, odiei a máfia por tirar isso de mim.

Todos nós nos transferimos para Eagle Elite, a universidade gerenciada pelas Cinco Famílias de Chicago – o único lugar onde estaríamos seguros.

Não tivemos escolha.

Os pais, os chefes, chame como quiser, decidiram que, desde o começo, tinham sido muito moles conosco, que não sobreviveríamos neste mundo se não soubéssemos como governá-lo.

Parte de mim se perguntava se eles usavam isso como desculpa para não nos assustar com o que estava por vir.

De qualquer forma, foi uma lição dura de aprender. Estremeci ao lembrar daquele primeiro dia.

Foi uma lição que eu nunca gosto de lembrar, mas que fui forçada a reviver cada vez que via Junior beijando outra garota, cada vez que ele me via flertar com outros caras e convidá-los para dirigir meu carro.

Ignorei os arrepios que surgiram por todo o corpo quando lembrei naquele dia, o dia em que tudo foi pelo ralo.

O dia em que fui forçada a ignorar meu coração, ignorar o sangue que bombeava em minhas veias e reconhecer que, para começo de conversa, ele nunca foi meu.

Dele. Do meu pai. Do chefe da Família Abandonato.

Agarrei o volante com minhas luvas de couro vermelho e pisei no acelerador, me perguntando como seria simplesmente bater na primeira árvore

que aparecesse na minha frente; meu pai ficaria tão chateado, não tínhamos permissão para sair desse jeito, era sangue dentro, e não fora, pelo resto de nossas vidas.

A máfia se recusa a deixar você morrer até que defina que você pode morrer. E comigo não era diferente.

Eu podia sentir o carro de Junior atrás de mim; pisei no freio, a poeira subiu em volta dos meus pneus traseiros, ele desviou e puxou para a direita, para que nossos carros ficassem lado a lado.

Baixei meu vidro.

— Junior, você sabe que usar o celular enquanto dirige é crime punível com multa, certo?

Ele me olhou e então lentamente levantou a mão e me mostrou o dedo do meio.

— Diz a princesa que tenta passar batom com uma das mãos enquanto enche o sutiã com a outra.

O calor aqueceu meu rosto. Eu o mataria um dia. Infelizmente, esse dia ainda não tinha chegado.

— Que fofinho, Junior, até parece que você não se lembra do quanto se divertiu com eles. — Segurei meus seios. — Mas é aquilo, se eu fosse você, tentaria esquecer todos aqueles momentos constrangedores também. Quanto foi daquela vez, hein? Cinco segundos? Que recorde! — Eu bati palmas lentamente.

Seu sorriso era cruel, mas tão lindo, que chegava a doer. Dentes retos e brancos, uma pequena covinha no canto direito, cabelo preto e olhos azul-petróleo.

— Você é fácil de esquecer. Não é minha culpa, né?

Talvez eu o matasse hoje. Não era como se alguém fosse falar um “ai” para mim. Por outro lado, ele era o herdeiro da família Nicolasi. Ugh, por que Junior tinha que ser tão importante? E por que raios eu permiti que ele me visse nua em tantas ocasiões?

— Vejo você na aula, princesa. — Ele passou por mim.

Eu segui, dessa vez mais devagar, talvez porque achasse que esse ano

seria diferente.

Este ano as coisas seriam... normais.

Quase ri alto. Certo, quando minha vida foi normal? Basicamente nasci com sangue nas mãos. Eu provavelmente morreria da mesma maneira.

Pelo menos eu tinha um bom carro e dinheiro ilimitado. Havia coisas piores na vida do que ser forçada a lidar com seu ex-namorado e com alguns primos na Eagle Elite.

Ah, e até poderia parecer que éramos apenas estudantes universitários como todos os outros, mas todos, inclusive o corpo docente, sabiam a verdade, sabiam quem eram nossos pais.

Quem comandava o mundo? As Cinco Famílias. A máfia de Chicago. O sindicato do crime.

Como você quiser chamar.

Nós éramos isso. E isso... nos possuía.

Fale sobre isso... e você pode acabar morto. Vanglorie-se sobre isso e você já está morto.

Um calouro no ano passado foi encontrado pendurado do lado de fora do dormitório com a palavra “caguete” pintada com spray no peito.

O corpo docente disse que foi suicídio, avisou aos pais que ele estava deprimido — mas todos sabíamos a verdade.

Não é como se eu tivesse empurrado ele da árvore.

Ash sempre fazia o trabalho sujo, não eu. Junior pintou o peito do garoto com spray. Breaker empurrou.

E eu tirei uma foto para postar em minhas redes sociais.

Porque aquele garoto poderia ter matado nossa família, ou pior, nos colocado em apuros, e sangue protege sangue. E ele estava se gabando de ter informações sobre as nossas famílias. Não importava que ele não tivesse nada concreto — o que importava era que ainda tínhamos inimigos, e eu faria de tudo para proteger meu sangue.

Tivemos de alertar as pessoas de que não se tratava de algum tipo de

experimento social. Isso aqui não era um reality show. E este não era um TikTok em que alguém gostaria de participar e viralizar.

Era a nossa vida. E o fato de deixarmos alguém viver ao nosso lado significava que essas pessoas tinham que seguir as regras... e nos seguir.

A ideia era a seguinte: garantir que o mundo ao redor da universidade entendesse o quanto você era perigoso — como indivíduos e como grupo — e depois garantir que as pessoas seguissem as nossas regras, o que criava medo. E esse medo se infiltrava nos amigos dos estudantes, nas famílias, nas pessoas mais influentes do nosso meio, porque – novidade – essas eram as únicas pessoas permitidas na universidade. Esse medo então se espalhava com muita força até que todos no poder entendessem que as Cinco Famílias de Chicago estavam aqui para ficar e não havia nada que alguém pudesse fazer a respeito disso.

Eu costumava odiar que isso acabasse me colocando no centro das atenções, eventualmente me forçando a colocar uma máscara que dizia *foda-se o mundo* — eu tentei fugir disso, mas agora... agora era como reaplicar o batom e afofar o cabelo.

Como mais um dia de trabalho.

Quem comandava o mundo? Nós.

Estacionei em uma vaga ao lado de Junior e esperei o Tesla de Ash parar atrás de mim, pelo menos quatro minutos depois.

Ele saiu do carro e passou o braço em volta da sua namorada, Claire, e de minha prima, Izzy, sua irmã gêmea. Às vezes, ela vinha comigo, mas me disse que o pai a colocou como espiã, então ela grudou neles como um resfriado daqueles que a gente não consegue se livrar.

Não é como se Izzy fosse impedi-los de transar, até porque Claire e Ash pareciam que iriam morrer se não se tocassem. E, honestamente, tive de conter a inveja por pelo menos um de nós estar feliz.

Fiz uma careta para o casal feliz enquanto Izzy caminhava na minha direção com o celular na mão, mandando mensagens para um de seus muitos contatinhos. Ela nunca fazia nada além de flertar, o que meio que tornava tudo pior. Todos nós sabíamos que Maksim arrastava um bonde por ela, o que Izzy prontamente ignorou, já que não queria morrer.

— Guarde isso — Ash reclamou. — Temos coisas para fazer. — Izzy ergueu um dedo.

Ash parecia pronto para quebrá-lo. Era uma segunda-feira típica.

— Que unhas legais. — Pisquei e segurei um polegar. — Gostei desse vermelho, deu um toque agradável.

Ela riu, guardou o celular e olhou feio para o irmão, que já estava beijando Claire como se sua vida dependesse disso. Quero dizer, ia matar segurar a onda e parar com a pegação?

— Que nojo. — Ela fez uma careta. — Vocês poderiam não fazer isso em público? — Ele a ignorou como sempre.

Alegou que estava apaixonado.

Estávamos todos fazendo apostas sobre quando ele se cansaria, porque Ash era muito bonito e carismático para se limitar a uma única garota — nós sabíamos disso, mas ele negava.

Inspirei o ar fresco de Chicago. Este seria o meu ano, o ano em que eu não deixaria Junior me irritar, o ano em que eu me divertiria pelo menos metade do tempo enquanto seria preparada pelo meu pai na outra metade.

A maioria dos estudantes da minha idade buscava perspectivas de emprego, enquanto o meu trabalho já estava gravado na minha pele — literalmente.

Sangue dentro, não fora.

Eu era a herdeira do trono de meu pai e reinaria inabalável sobre todos os meus súditos bobinhos, inclusive nesta faculdade.

Na maioria dos dias, parecia que vivíamos num planeta diferente, talvez até num reino diferente, onde meros mortais andavam entre nós e faziam coisas mundanas, como contabilidade e matemática – aprendíamos como adulterar a contabilidade, a fazer com que um homicídio parecesse um acidente e a espionar como se fizéssemos parte da CIA. Até parece que eles queriam nos pegar, tínhamos amigos em cargos importantes, cargos muito, muito importantes.

— Ash, você está atrasado, parece o vovô Frank dirigindo. — Finalmente trouxe meus pensamentos de volta à terra e verifiquei meu Rolex de ouro. Meus óculos Gucci pretos estavam tão apertados, que senti uma dor nas têmporas.

— Ele está sempre atrasado. — Junior saltou do carro e deu um cumprimento e um abraço em Ash, enquanto Claire deu a Izzy e a mim um sorriso doce.

Eu não fazia coisas doces.

Eu era mais... azeda. Pronto, isso soa melhor.

E Claire, bem, ela tinha sangue mafioso, mas parecia pura demais para esse tipo de vida. Porém, ela ajudou Ash a fazer algumas merdas mais sérias, o que a fez pelo menos ganhar meu respeito e algum espaço no nosso grupo.

Eu olhei para trás e perguntei:

— Vocês estão prontos?

— Sempre. — Ash passou um braço em volta de Claire novamente e me deixou caminhar na frente dele. Izzy ficou com eles, e Junior seguiu à minha direita. Nunca houve tanto ódio entre um rei e uma rainha.

Eu sabia que Maksim e Breaker já estavam por aí; as aulas deles começavam cedo que as nossas e como éramos os mais velhos, ficávamos mais juntos; os primos mais novos tinham mais liberdade. Alguém tinha que governar o mundo lá fora, e não seria o espertinho Maksim, que pulou um ano e entrou na EE com Breaker somente para partir corações; eu até me perguntei se ele não ia acabar arranjando alguma doença sexualmente transmissível.

Nós os deixávamos brincar.

Porque tínhamos um trabalho a fazer. Medo precisava ser construído.

Inimigos tinham de ser feitos.

Meu salto agulha tocou o cimento em perfeita harmonia com a subida dos batimentos cardíacos ao nosso redor. O medo, quase dava sentir o cheiro dele. Eu vivia para isso — era tudo que eu tinha, agora que o amor se foi, agora que meu coração havia sido destruído.

Balancei a cabeça e continuei andando. Pelo caminho, os alunos se afastavam, paravam de falar, abriam caminho, e quando finalmente chegamos ao prédio branco e simples no meio do campus, senti minha mão tremer um pouco.

Atrás de nós, Ash praguejou. Ele odiava essa parte; todos nós odiávamos. Mas era necessário.

Todos nós nos viramos e olhamos para o corpo discente, observando-os nos observar. Uma pessoa se apresentaria. Alguém sempre fazia isso.

Finalmente, um dos jogadores de futebol americano deu um passo à frente. Eu poderia ter previsto isso. Geralmente era um atleta, principalmente porque eles eram os únicos que normalmente conseguiam aguentar.

— Z! — Ash deu uma olhada no cara. — Porra, meu irmão, você botou uns dez quilos aí nesse verão.

Ele deu a Ash um sorriso hesitante e alternou o peso de um pé para o outro.

— Eu sabia que tava na hora. — Seus olhos passaram de Ash para o restante do grupo. — Talvez, com mais músculos, doa menos.

— É. — Era impressão minha ou Ash que parecia triste? — Talvez.

Zac respirou fundo, cerrando os punhos ao lado do corpo.

— Estou pronto.

— Ótimo. — Eu caminhei em direção a ele, então dei uma volta ao redor dele, Zach era composto de pelo menos noventa quilos de pura carne. Ele tinha um belo sorriso, um cabelo castanho-claro, e eu estava cem por cento convencida de que ele se tornaria contador quando se formasse.

E não os maneiros, que queimam os livros e te ajudam a esconder dinheiro, mas os verdadeiramente merdinhas que ansiavam por uma novidade qualquer do mesmo jeito que eu precisava de uma manicure.

— Tudo bem, Zac, você conhece as regras — eu disse em voz baixa. — Nem um pio.

Estendi a mão e Junior me entregou o bastão de madeira. Mais e mais estudantes se aglomeravam ao nosso redor, junto com alguns membros do corpo docente tomando café; um deles pareceu bocejar.

Eagle Elite, senhoras e senhores, seria cômico se ela não roubasse nossas almas, não seria?

Mas era isso que os pais queriam. Precisávamos sentir dor, precisávamos sofrer, precisávamos compreender, para que, se chegasse o momento em que tivéssemos de escolher entre nós e nossa família, escolheríamos sempre a

família.

A ideia de que o sangue supera a nós mesmos era cravada em nossos ossos.

Levantei o taco e bati em seu braço direito. Ele estremeceu, mas não disse nada.

Joguei-o para o alto, peguei com a outra mão e acertei-o bem na rótula esquerda.

Zac fechou os olhos com força; seus lábios tremiam.

— Quem somos nós? — perguntei com uma voz que soava falsa até para os meus próprios ouvidos. Eu era muitas coisas, mas doce não era uma delas.

— Os Eleitos. — Sua voz cheia de dor era como um prego arranhando um quadro-negro.

Joguei o taco para Ash, que não perdeu tempo em acertá-lo nas costas de Zac, fazendo-o tropeçar para frente.

— Não encoste n'Os Eleitos. — Ele deu um empurrão em Zac e estendeu o bastão para Izzy.

Ela pegou e bateu na canela direita de Zac.

— Não olhe para Os Eleitos.

Junior foi o último. Ignorei a maneira como sua arrogância fez meu estômago embrulhar. Droga, Zac não foi o único que morou na academia neste verão... Junior ganhou mais de cinco quilos de músculos. Seus dedos tatuados agarraram o taco. Com um sorriso maligno, que senti até nos dedos dos pés, o taco voou direto para o estômago de Zac, ele se dobrou e cuspiu sangue, e Junior se inclinou sobre ele e disse com uma voz letal.

— Não fale com Os Eleitos.

Claire assistiu, a expressão estoica.

Junior largou o taco e cruzou os braços.

— Alguma pergunta? — Nenhum aluno disse nada. — Que bom. — Junior sorriu. — Vamos nessa. Tenham um ano seguro e divertido!

O sarcasmo por si só me fez querer cair na gargalhada, embora, na maior parte do tempo eu quisesse afogá-lo.

Ash desviou o olhar.

— Vocês ouviram o cara — Ash grunhiu. — Caiam fora!

E lá foram eles, com seus pais ricos e suas vidas perfeitas. Eles passariam para os cargos mais poderosos do mundo — e se lembrariam desse momento em seus pesadelos.

Zac cambaleou e então se levantou.

— Obrigado.

Sim, ele estava nos agradecendo, porque se alguém se oferecesse como voluntário no início do ano, essa pessoa e quaisquer amigos dela não apenas receberiam um passe livre para conversar conosco, eles também poderiam sair com Os Eleitos e ir a festas. Essa pessoa só tinha de passar pela dor para chegar lá. Fiquei feliz por ter sido Zac, já que na verdade a gente até tolerava ele e seus amigos.

— Bem-vindo. — Soprei um beijo para ele e inclinei a cabeça. — Sem namorada este ano? — Seus olhos se aqueceram.

— Ainda não. — Ele lambeu os lábios. — Saia nova?

— Vai. — Junior o empurrou. — Você tem aula.

— Eu tenho? — Zac parecia confuso.

— Sim, tem. — Junior revirou os olhos e puxou a faca.

— Tudo bem, tudo bem! — Zac ergueu as mãos. — Porra, vocês são loucos.

Então eu fui pra cima dele.

— Porra, cara, não fala que ela é louca — Junior murmurou baixinho enquanto Ash me segurava.

— Você não quase perdeu um testículo da última vez? — Izzy perguntou a Junior. Zac deve ter entendido a deixa, porque se virou e saiu correndo.

— De nada! — Ash gritou e então me soltou.

Eu tropecei, quase batendo em Junior. Ele me segurou e nossos olhos se encontraram.

Inferno de olhos desse homem. Azul… Quem tem olhos azul-petróleo?

Eu odiava que as únicas vezes em que ele me tocava eram para me afastar, quando antes era para me puxar para perto.

Eu odiava o que fomos forçados a nos tornar. Odiava isso.

— Você está com rímel… bem aqui — Ele cutucou meu queixo.

Lambi meu dedo médio e limpei a maquiagem, ganhando um sorriso dele antes que voltasse a ficar sério e desviasse o olhar.

Ash e Claire estavam a poucos metros de nós conversando com Izzy.

Era raro Junior e eu ficarmos um ao lado do outro sem gritar, puxar armas... Será que esse novo ano letivo seria um cessar-fogo?

— Um dia… vou matar você — ele disse como uma promessa. E eu respondi com a verdade:

— Você não pode matar o que já está morto.

Por um breve momento, senti as pontas dos dedos dele roçarem nas minhas. E então ele se afastou.

Exalei e lembrei a mim mesma que a dor das lágrimas significava que eu ainda estava viva, ainda respirando, ainda deixando minha família orgulhosa, principalmente meu pai.

Olhei ao redor dos elegantes edifícios de tijolos e suspirei.

— Bem-vinda ao inferno.



Capítulo Dois

Junior

Eu levaria isso para o túmulo.

Os erros cometidos contra sua mãe.

As coisas que meu pai disse que fez em nome do sangue — sangue De Lange. O nome não era falado em voz alta — nunca. E da última vez que isso aconteceu, a pessoa foi encontrada pouco depois com a garganta cortada.

É o lance da Cosa Nostra… sempre ter inimigos; só nunca pensei que a própria Família, que fazia parte dos cinco, fosse tentar nos destruir.

Os De Lange tentaram fazer isso por dentro, mas, segundo meu pai, falharam, e cada um deles sofreu com as represálias. Ele e alguns caras saíram, e o resto é história.

O único problema com a história? Muitas vezes se repetia.

E era apenas uma questão de tempo até que isso acontecesse. Porque eles estavam aqui.

Nesta escola.

Na cidade.

As crianças que ficaram vivas.

Quando a máfia faz uma limpeza em uma família, eles devem matar até a última alma, mas em vez disso, nossos pais — os chefes — tiveram misericórdia.

E agora, os filhos tinham de pagar pelos pecados dos pais.

Eles amoleceram; se recusaram a matar crianças inocentes, o que teria sido ótimo, até respeitável, mas para onde isso nos levou?

Para cá.

Nossas vidas descarrilaram completamente por causa deles — e agora eu estava pagando por isso junto com meus primos.

Cerrei os punhos ao lado do corpo.

Não deveria ser desse jeito. Não era para entrarmos em cena antes da formatura.

Deveríamos poder aproveitar a farra e a liberdade dessa época.

Depois de jurar lealdade tão cedo, pensamos que teríamos ao menos um pouco de liberdade por algum tempo — mas a chegada daquele cavalo branco significou chamar todas as crianças de volta para casa. E não importa quantas vezes eu tenha perguntado ao meu pai por que a chegada da segunda mensagem enigmática foi suficiente para ele nos mandar para casa. Ele simplesmente balançou a cabeça e disse “porque sim”.

Certo, como se isso não doesse pra cacete. Por quê?

Éramos adolescentes. Adolescentes com planos. Amigos.

Sentimentos.

E agora tudo o que eu sentia era dor.

E a maior parte por causa dela.

Caminhamos lado a lado em direção à aula. Olhei para minha agenda e xinguei. Por que raios eu estava em uma aula de história introdutória?

Os alunos se mantiveram afastados enquanto nós cinco atravessávamos o corredor estreito. Eu na frente com Serena.

Ash no meio junto de Claire. E Izzy atrás.

Parei na frente da sala de aula e mal consegui conter o gemido quando Serena fez o mesmo.

Não. Vai. Rolar.

Eu podia sentir o ódio pingando dela como um perfume caro. Sua cabeça

virou na minha direção.

— Você precisa ficar me perseguindo?

Eu bufei.

— Você deve me querer muito, né?

A dor passou por seu rosto antes que ela se recuperasse. Serena nunca foi boa em esconder nada de mim, muito menos suas emoções, inclusive seu coração.

Meu. Tudo tinha sido meu.

Até que fomos forçados a escolher.

E escolhê-la teria matado a todos nós. Ela precisava entender isso.

Ela tinha de saber o que seu pai faria comigo, com a gente. Ela tinha de saber que meu pai não teria escolha.

Que eu daria aqueles sete passos, mas essa não era uma opção.

Passei por ela e encontrei um lugar no fundo, e quando a aula começou, Serena já havia se recuperado da cara de poucos amigos e estava mandando mensagens furiosamente para alguém — provavelmente Izzy — para dizer que eu era um ser humano horrível.

Entra na fila, princesa. Entra na porra da fila.

— Bem-vindos ao primeiro dia! — Os olhos do professor Cara de Cu passearam pela sala, examinando-nos propositalmente, embora eu estivesse com o dedo médio levantado em saudação junto com Serena. Bem, pelo menos poderíamos concordar em fazer algo: sacanear os professores o suficiente para assustá-los.

— Se todos vocês fizerem login no aplicativo do quadro-negro, podemos revisar o programa deste ano.

— Que divertido — eu disse baixinho.

— Dá para ficar quieto? — Serena sibilou. — Eu vim pra aprender alguma coisa. — Ela literalmente estava com o Snapchat aberto.

— Uh-huh. — Dei uma cotovelada na sua lateral apenas para sentir o aço

de uma faca contra meu pau. Eu mantive meu sorriso e me perdi quando nós dois trocamos olhares.

Merda, eu conhecia esse olhar.

E eu sabia o que normalmente vinha com ele. O melhor sexo da minha vida.

— Não — eu sussurrei com voz rouca, mesmo deixando meus olhos vagarem livremente pela sua saia de couro justa até suas lindas pernas que eu queria lamber até em cima. — Nem fodendo.

Eu me mexi no assento e quase me empalei na faca quando a mão dela deslizou pela frente da minha calça jeans.

Cerrei os dentes para não reagir, apoiei as mãos na mesa à minha frente e balancei a cabeça lentamente enquanto ela continuava tocando, e eu continuava apenas respondendo. Porque era Serena, e eras atrás, antes que ela partisse meu coração, Serena era minha.

— *Me escolha* — eu disse mentalmente. — *Me escolha na frente de todos eles!*

Ela não fez isso.

Ela nunca faria isso.

Nosso amor era impossível.

E eu sabia mais do que ela: o amor poderia facilmente iniciar uma guerra.

Serena ainda não tinha tirado a mão, então decidi resolver o problema com minhas próprias mãos, puxei minha cadeira para trás e deslizei meus dedos por sua coxa, apertando em sua pele até sentir o fio de sua calcinha.

Com um movimento, puxei até rasgar. Eu segurei sua calcinha em minhas mãos e então, muito sombriamente, enfiei no bolso, sem desviar o olhar do aplicativo no meu celular.

— Devolve — ela disse com os dentes cerrados.

— É melhor não chamar a atenção para a gente — eu disse em tom entediado. — Não gostaria que você fosse advertida no primeiro dia, de novo.

— Foi de propósito, e você sabe disso! — ela sibilou. Eu ri baixinho.

— Se você diz.

— Junior, estou falando sério! Eu não posso andar por aí assim!

— Pode, sim. — Dei de ombros. — E vai.

— Junior…

— Só admita a derrota. Você tentou vencer, mas acabou perdendo, e de forma embaraçosa. Vai ser preciso mais do que sua mão para me tirar daqui, ou você esqueceu? — Então eu me virei para ela.

— Prefiro beber veneno a deixar você me tocar novamente.

Algo afiado espetou minha coxa. Estremeci e fechei os olhos com força, depois os abri e olhei para baixo.

E lá estava a faca dela, uns três centímetros de lâmina enfiada na minha coxa.

Perfeito.

Balancei a cabeça lentamente.

— Esse é o brasão dos Abandonato?

— Lindo, né? — Ela sorriu e então jogou seu cabelo tingido de dourado no ar, me fazendo sentir o cheiro de seu xampu de cereja.

Peguei a faca e devolvi para ela.

— Para de ser bizarra e não lamba o sangue, isso é estranho, até para você.

Ela apenas revirou os olhos.

— Prefiro usar em um feitiço para fazer seu penduricalho favorito cair.

— Seu penduricalho favorito — eu resmunguei. — Lembra? Ai, meu Deus, Junior, aí mesmo, que bom, é tão...

Ela tapou minha boca com a mão enquanto alguns alunos na nossa frente riam.

— Já entendi. Para. De. Falar.

Mordi sua mão e sorri.

Ela sorriu e desviou o olhar para o telefone.

— Não deveria ser desse jeito.

— Vou te odiar enquanto nós dois vivermos — eu disse o mantra que repetíamos um para o outro há anos.

— Te odeio — ela repetiu em voz baixa. — Enquanto nós dois vivermos.

E, assim, a dor continuou.

Veio rapidamente, e de repente fiquei grato por ela ter me apunhalado na perna, assim eu não sentia as facadas no coração.

Só posso agradecer por esses pequenos favores.



Capítulo Três

Serena

Eu me lembro da primeira vez em que vi meu pai chorar. Estávamos vindo da casa do tio Chase, eu era pequena, bem pequena, e me lembro dele dizendo um palavrão baixinho — foi a primeira vez que ele falou um palavrão perto de mim. Eu sabia que a palavra era feia porque minha mãe fazia todos os chefes, meus tios, colocarem dinheiro em um cofrinho toda vez que a diziam. Papai dirigiu por mais vinte minutos, então saiu da estrada. Sem olhar, ele colocou a mão para trás e apertou meu pé, e então colocou o SUV em ponto-morto e se virou.

— Você nunca vai namorar.

Eu ri, o que seria namorar?

Ele balançou a cabeça; seu rosto bonito estava pálido, enquanto uma lágrima caía de sua bochecha até o queixo.

— Serena, querida, eu não posso te deixar ir embora nunca, acho que não sobreviveria a isso.

Dez anos depois, no meu aniversário de treze anos, ele me pegou beijando um menino da escola atrás de casa, e a primeira coisa que fez foi apontar uma arma para a cabeça do pobre Dylan e perguntar:

— Usou língua?

Dylan não se urinou, mas parecia prestes a fazer isso enquanto balançava a cabeça veementemente e depois choramingou.

Meu pai abaixou a arma e rosnou, literalmente rosnou, e Dylan gritou e correu enquanto eu lançava olhares furiosos para meu pai.

— Para que isso?

— Você não vai namorar. — Ele estava de dentes cerrados. — E com certeza não deveria estar atraindo vítimas para os fundos da casa para vocês ficarem se beijando!

— Meninos não são vítimas! — eu gritei, batendo o pé.

Ele olhou para mim, passou a mão no rosto e murmurou:

— Quando se trata de você? Eles bem que poderiam ser. — Ele balançou a cabeça. — Droga, você só tem treze anos, e eles notam você, todos notam.

— Eu gosto de ser notada.

A arma estava apontada na minha direção. Eu franzi a testa.

— O ponto desta vida, desta Família, querida, é ser notado apenas depois de ter vencido.

— E como eu sei se venci?

— A outra pessoa não estará mais respirando. — Ele deu de ombros. — Não conte para sua mãe sobre o Dylan, ou ela vai pegar a arma dela.

Eu suspirei.

— Mamãe não é tão assustadora quanto você.

Ele soltou uma risada abafada.

— É, tá bom, nunca deixe que ela te escute dizer isso, ela se tornou uma mulher sanguinária.

— Imagina de quem é a culpa. — Eu ri enquanto ele me puxava para um abraço e beijava minha cabeça.

Meu pai era meu protetor. Ele era meu melhor amigo.

Ele era o meu herói.

E eu sabia que toda vez que eu beijava o Junior, eu o estava traindo, toda vez que eu tocava no Junior, que eu o desejava, estava fazendo pequenos cortes com uma faca no coração do meu pai.

Mas eu não conseguia parar.

Não até ser forçada a isso.

Não até Junior escolher essa vida em vez de mim, de nós, não até ele me olhar enquanto tocava outra garota e sorrir.

Eu passei a sentir ódio dele acima de qualquer outra pessoa.

— Aula encerrada — nosso professor disse de repente. Eu fiquei sonhando acordada todo esse tempo.

Fantástico.

Junior empurrou a cadeira para trás e me lançou um olhar irritado.

— Vai ficar olhando para o nada o dia todo?

— Vai ficar me irritando o dia todo? — eu retruquei com uma voz melódica.

— Provavelmente. — Seus lábios carnudos se curvaram em um sorriso sarcástico que trouxe de volta todas as memórias da boca dele no meu corpo. — Tá se achando… a princesinha?

Eu ignorei a sensação da minha pele nua contra a saia de couro apertada e o jeito como os olhos dele pareciam me esquentar toda vez que se demoravam nos meus, como se ele estivesse esperando por uma reação minha e estivesse disposto a receber o meu revide, contanto que pudesse me torturar um pouco mais. Esse era o Junior; ele podia fazer uma pessoa acreditar que não estava recebendo nada além de prazer, quando na verdade ele não estava oferecendo nada além de dor. Eu fechei os olhos com força.

— Vamos.

— Como quiser, princesa — ele murmurou, me seguindo, porque era trabalho dele me proteger.

Me proteger a qualquer custo.

Mas ninguém nunca me avisou que o próprio homem que me destruiu era o único homem que deveria me proteger.

E às vezes eu temia que nunca seria capaz de consertar o que ele quebrou. Não com ele tão perto.

E, ao mesmo tempo, tão longe.

Eu mantive a cabeça erguida enquanto seguia pelo corredor em direção às portas da saída. E sem nem mesmo perguntar, dois jogadores de futebol americano piscaram para mim e abriram as portas para eu passar.

— Que cavalheiros. — Eu pisquei.

— Sempre. — Xavier era deliciosamente lindo, com músculos firmes nos lugares certos, uma pele perfeita cor de café e um maxilar de morrer.

Eu estava prestes a dizer alguma coisa, talvez sugerir um encontro neste fim de semana, quando Junior pigarreou atrás de mim.

— Quer ir ser chato em outro lugar? — protestei sem me virar.

— Não. Na verdade, não — disse ele com um ar desleixado. — Ei, Xavier, como está a recuperação da perna? — Xavier encolheu os ombros.

— Muito bem, o treinador disse que devo voltar neste fim de semana.

— Seria uma pena então, não seria? — Junior passou por mim e começou a circular Xavier enquanto seu amigo Penn erguia as mãos como se não quisesse nada conosco.

Ótimo, mais um que vai acordar com a boca cheia de formigas.

— Junior — eu o chamei, finalmente me virando para encará-lo.

— O que seria uma pena?

Xavier estufou o peito. Péssima ideia. Péssima ideia! Ninguém disse a ele que Junior era movido a sangue e que realmente gostava de machucar as pessoas? Ele se envolveu com isso de uma maneira que era terrivelmente necessária em nosso mundo, de forma que ninguém jamais o impediu. Apenas o encorajou.

— Se você a perdesse — O sorriso de Junior era feroz.

— Perdesse? — Xavier parecia genuinamente confuso. — Como eu perderia minha perna? Eu realmente não estou entendendo, cara.

Quase gemi alto.

— Estou tão feliz que você tenha perguntado, cara. — Junior passou um braço volumoso em torno de Xavier, e foi chocante ver quão incrivelmente forte Junior estava quando o vi ao lado de um atleta universitário. — Primeiro, eu lhe

daria uma vantagem. O que você acha, Serena? Talvez uns trinta segundos?

Não adiantava tentar pará-lo, Junior já estava sentindo cheiro de sangue e agora ele iria atacar, e eu tive de manter a cara blasé mesmo que tudo que eu quisesse fazer era dizer a Xavier que saísse correndo. Levantei um ombro e o deixei cair como se não me importasse com nada daquilo.

— Pelo menos trinta.

— Perfeito — Junior disse rouco, gostando do jogo mais do que era natural ou humano. — E depois desses trinta segundos, eu, é claro, iria atrás de você com uma arma na mão direita e uma faca na outra, e você naturalmente entenderia que tem um psicopata te perseguindo, então você iria correr o mais rápido possível, mas isso que é foda, eu sou muito rápido e tenho uma arma. Pergunte a Serena se eu jogo limpo.

Xavier engoliu em seco e fixou os olhos nos meus.

— Ele joga limpo?

— Ele é um trapaceiro, passa tudo e todos para trás — eu disse com veneno, notando algo tremeluzir nos olhos de Junior antes de ele se voltar para Xavier.

— Então... — Junior recuou parcialmente. — Você provavelmente cairia depois que eu atirasse diretamente no seu tendão de Aquiles, e, bem, eu não sou um monstro completo. Quer dizer, eu com certeza iria querer acabar com seu sofrimento, então eu atiraria na sua perna de novo, e então, não sei, cara, às vezes a ambulância leva uma eternidade para chegar ao campus... — Eles estavam frente a frente, peito estufado. — Tá me entendendo?

Xavier não recuou.

— Tenta.

— Beleza. — Agarrei Junior pelo braço, ignorando a flexão de seu bíceps. — Ele entendeu, Junior, nada de flertes.

— Porra. — Xavier balançou a cabeça. — Isso tudo é só porque falei com a sua garota? É só me dizer da próxima vez, cara.

— Ela não é minha — Junior retrucou.

E eu senti de novo, a lenta propagação da dor que começou exatamente

onde meu coração deveria estar, o metal frio da sua lâmina enquanto ele a girava e torcia até que eu sentisse dor para respirar.

Ela não é minha. Ela não é minha. Ela não é minha.

— Então você não tem do que reclamar. — Xavier mostrou o dedo médio para ele e se virou para mim, quase ao mesmo tempo em que Junior atacou.

Bloqueei o primeiro soco com meu próprio corpo, quase me dobrando de dor.

— Junior, ele está certo, vamos embora.

— Se você respirar na direção dela... — Empurrei Junior para fora.

Felizmente ele deixou, provavelmente porque sabia que estava agindo como um escroto petulante.

— Olha a audácia desse filho da puta! — Junior se virou aparentemente para voltar e contar ao cara que iria atirar nele de qualquer maneira.

— Deixa quieto. — Bocejei. — Eu não quero nada com ele.

O peito de Junior se agitou.

— Nixon te mataria se você começasse a dormir com o time de futebol americano.

Parei de andar.

— Eu flerto com um cara e de repente estou dando para o time de futebol? Tá falando sério?

Junior encolheu os ombros.

— Só estou dizendo…

Dei um soco no queixo dele antes que pudesse controlar minha raiva e senti pelo menos dois dedos estalarem. Em instantes, o inchaço tomou conta da minha mão. Eu teria de colocar gelo mais tarde. Mas tinha valido a pena.

Ele caiu no gramado.

Pelo menos cem estudantes viram.

O silêncio tomou conta quando passei por cima de Junior com meus

saltos agulha e depois chamei por cima do ombro.

— Tinha uma coisinha bem aí.

Ele ficou de pé e se lançou sobre mim — essa é outra coisa: se você começar uma briga, é melhor estar pronto para continuar.

Tirei os sapatos e fui para a grama enquanto ele tirava a camisa pela cabeça e jogava a arma e a faca no chão.

Joguei minha bolsa no chão, tirei meus brincos de argola e os guardei, então deslizei minha saia de couro e peguei as duas adagas que estavam amarradas na coxa, as joguei junto com suas armas e encolhi os ombros.

— A arma está na bolsa.

— Vamos mesmo fazer isso? — Seus olhos brilharam com diversão.

— Espera. — Dei dois passos em direção a ele. — Preciso de uma pequena fenda para poder fazer justiça ao meu chute circular.

— Sem problemas. — Ele agarrou minha saia com as duas mãos e olhou para mim com aqueles olhos azul-petróleo; em seguida pegou sua faca novamente e cravou alguns centímetros no couro, e então rasgou até em cima: — Ah, lembranças, lembranças.

— Tenho certeza que você nunca rasgou minha saia desse jeito.

— Só a calcinha. — Ele piscou. — O que, sinto necessidade de lembrar, ela está no bolso. Eu, se fosse você, tomava cuidado para não dar um showzinho para todo mundo. Pelo menos cobre alguma coisa, Serena...

E assim eu quis acabar com ele.

Corpos suados.

Sua língua.

Balancei a cabeça enquanto ele molhava o lábio inferior, e então lentamente me levantei até ficarmos peito contra peito. Eu não era baixa, mas ele era enorme comparado ao meu corpo de um metro e setenta.

— O primeiro a tirar sangue vence? — Ele inclinou a cabeça para o lado, um sorriso malicioso brincando em seus lábios carnudos. Sem responder, dei uma joelhada nas bolas dele.

— Claro, o primeiro.

Ele fez uma careta e caiu de joelhos.

— Sua puta! — Eu me curvei.

— Como é? Você está com muita dor?

— Um dia… — Ele ficou de pé, com os dentes cerrados. — Vou te matar enquanto você estiver dormindo.

— Um dia, querido Junior... — Fiz uma pequena reverência. — Mas esse dia não é hoje.

Ele me atacou, me levantando por cima do ombro e me jogando no chão.

Eu rolei para fora do seu alcance quando ele caiu com o cotovelo na minha direção, então pulei para o lado e dei um chute no seu estômago; Junior agarrou meu pé e me girou de costas, em seguida, montou em cima de mim.

— Desista. — Ele prendeu meus pulsos na grama.

Eu me movi debaixo dele e então percebi que ele não estava armado — pelo menos não com uma arma de fogo —, mas algo extremamente duro pressionava meu corpo.

Respirei fundo enquanto ele pressionava os quadris nos meus, então me inclinei e puxei sua orelha direita com os dentes.

— Acho que você está só sexualmente reprimida. Era só me avisar que eu poderia ser útil...

Afastei minha cabeça dele.

— Eu preferia morrer.

— É uma boa ideia. — Ele riu de um modo sombrio.

Meu corpo respondeu mesmo que eu não quisesse, então fechei os olhos com força, lembrando de todos os anos de treinamento entediantes da minha família, e relaxei sob seu toque.

— Junior?

— Vai desistir?

Meus olhos se abriram enquanto eu me contorcia sob ele, em seguida, consegui mover um pé o suficiente para envolvê-lo.

Ele me virou de volta, mas consegui me prender às suas costas e dar um mata-leão, apertando com força minhas pernas em volta do seu corpo enquanto tentava apagá-lo.

— Deixe-me adivinhar, isso também te excita? — Mordi seu pescoço e percebi vagamente que estávamos sendo observados por um monte de pessoas.

Eu não estava nem aí.

Eu só queria vencer.

Ele começou a puxar meus braços, e então parou e me virou de frente, me jogando de volta no chão e me tirando o fôlego.

— Eu ganhei.

— Você disse o primeiro sangue — eu apontei, um pouco sem fôlego, e então sorri, sabendo que ele veria o sangue em meus dentes.

— Mas que merda…? — Ele tocou o pescoço onde eu o havia mordido. Lambi meus lábios e pisquei.

— Ganhei.

Ele começou a rir e estendeu a mão para mim.

— É justo.

Eu pulei e comecei a pegar minhas coisas enquanto ele vestia a camisa e continuava balançando a cabeça.

— Que porra foi essa? — Ash e Claire correram até a gente, Izzy vinha logo atrás.

Junior apenas deu de ombros e se virou para a multidão.

— Se divertiram?

Aplausos explodiram.

Fiz um *high five* com Junior.

— Desculpa, Ash, ele estava me pentelhando de novo. — Claire riu.

— Então, tudo isso por quê? Tinha um cara te convidando para sair?

Franzi o nariz.

— Não cheguei tão longe porque o infeliz que pensa com o pau aqui ameaçou dar um tiro no tendão de Aquiles do quarterback estrelinha!

— Legal. — Ash cumprimentou Junior.

Suspirei.

— Podemos terminar o primeiro dia de aula agora e ir pra uma festa?

Claire pegou seu telefone.

— Ugh, tenho mais uma aula, mas encontro vocês mais tarde hoje à noite, pode ser?

— Mesmo lugar? — Ash estava claramente seguindo-a para a aula, quer dizer, a perseguindo.

— Isso. — Eu precisava tomar banho primeiro e esfregar pomada em todo o meu corpo já dolorido e machucado, mas, fora isso, eu estava pronta para me soltar.

Os olhos azuis de Izzy procuraram meu corpo antes de ela olhar para Ash:

— Na verdade, tenho alguns trabalhos para fazer em casa, acho que vou voltar. Maksim disse que ajudaria.

Claro que ajudaria, Maksim era a porra de um gênio.

— Iz. — Ash passou um braço em volta dela. — O dever de casa pode esperar. É a primeira festa do ano. Você sabe que eles esperam que sejamos os anfitriões.

Izzy suspirou.

— Que embaraçoso.

— Ficar sentado na porra de um trono? — Junior soltou. — Não, é nosso direito.

— A elite da elite — acrescentei. — É o que se espera, e você sabe o real motivo de tudo isso. Ser tão abertamente arrogante a ponto de atrair nossos

inimigos e matá-los um por um.

— Bem. — Izzy suspirou. — A briga com certeza ajudou!

— Ei. — Junior ficou sério. — Tudo o que importa é manter nossa família segura, e se tivermos que agir como idiotas no processo, bom pra gente.

— Eu sei. — O rosto de Izzy se fechou. — Eu só... às vezes me preocupo que vocês estejam ficando muito distraídos, sem dar a devida atenção. Quer dizer, vocês ao menos olharam a aluna nova hoje?

— Sim — Junior e eu dissemos em uníssono.

— Por quê? — Asher e Claire trocaram um olhar confuso enquanto Breaker, filho de Tex, corria até a gente com seus quase dois metros de altura.

Breaker era enorme e ainda estava na fase de crescimento aos dezenove anos.

— Temos um problema. — Meu estômago se encheu de medo.

— O que aconteceu?

Ele passou as mãos pelos longos cabelos castanho-avermelhados — as garotas a achavam uma versão jovem do Johnny Depp, e ele de fato ficava a cada dia mais parecido, só que de alguma forma mais atraente.

Tex disse que isso acontecia porque seu esperma era o melhor, embora todos soubéssemos que Breaker foi adotado.

Ah, o Capo não podia viver com ele, mas morreria sem ele.

— Então, eu estava dando uns amassos com essa garota que foi transferida… — Ele parou de falar para dar *high fives* nos outros dois caras.

— Desembucha logo, Breaker. Já entendemos, você é um galinha, por favor continue.

— É galinhagem se elas simplesmente se atiram em mim? — ele se perguntou em voz alta, com um sorriso arrogante.

Eu o mirei.

— Ok. — Ele suspirou. — Então, as coisas estavam ficando quentes e pesadas...

— Como sempre — Junior disse em um tom entediado.

Breaker o ignorou.

— E então ela começou a falar sobre como estava tão animada para se transferir para Eagle Elite porque no ano passado ela viu algumas pessoas pelo outro lado da cerca e se perguntou se os rumores eram verdadeiros.

— Espera, volta um pouquinho. — Levantei a mão. — Que cerca?

— Vou chegar lá. — Ele suspirou. — Então eu perguntei a ela que cerca era essa e quem é que ficava olhando para quem.

— Nós. Fazemos isso o tempo todo — apontei. — Mas nosso objetivo é deixá-los cagados de medo e não que fiquem admirando o cabelo alheio.

— Uma vez — disse Breaker, ficando irritado. — De qualquer forma, ela me levou para o lado oposto do campus, onde com certeza uma cerca novinha foi colocada dividindo nossa propriedade e aquela antiga faculdade comunitária que mal consegue se manter funcionando. Ela disse que a faculdade recebeu uma doação no ano passado e conseguiu contratar professores melhores, ofereceram até bolsas de estudo... mas o estranho é que a única razão pela qual ela sabia do que acontecia aqui na EE era porque os panfletos novos dessa faculdade usam os nomes da nossa família para chamar alunos.

— Você conseguiu um…?

— Sim. — Ele revirou os olhos e estendeu um folheto.

Eu o peguei enquanto o resto do grupo se reunia ao meu redor para ler. E realmente, no folheto que anunciava a Comunidade de Chicago, havia uma chamada que dizia: “Localizada ao lado da notória Eagle Elite University, financiada pelas Cinco Famílias tradicionais. Estude lado a lado com a elite da máfia e talvez você tenha a sorte de estudar com um deles!”

Abaixo apareciam vários depoimentos de alunos que não apenas haviam saído conosco, como também com fotos nossas editadas.

Incluindo Breaker.

Minhas mãos tremiam.

— Isto é bem ruim.

— Eles têm fotos da gente — Junior praguejou.

— Como isso passou pela inteligência? — Breaker perguntou.

— Papel — Izzy suspirou.

Eu queria gritar.

— A única pista é o papel — ela elaborou. — Sem pegadas digitais, nada online, isso tudo veio do boca a boca.

— A questão é: eles estão tentando ganhar dinheiro e aumentar o número de matrículas ou isso é outra coisa? — Ash pegou o papel e examinou-o. — O que você acha, Junior?

Junior ficou quieto. Era perturbador.

— Eu acho... — Ele olhou para mim de um jeito que eu sabia o significado: não estava gostando nem um pouco disso. — Acho que somos o alvo. Embora os De Lange não possam se matricular na Eagle Elite sem que suas partes sejam cortadas e vendidas, eles com certeza podem se matricular na faculdade comunitária ao lado, e tudo o que temos como proteção é a porra de uma cerca nos separando.

Meu estômago se contraiu.

— Teremos que verificar cada aluno.

— Merda, isso vai levar uma eternidade. — Ash gemeu com o rosto nas mãos.

— Nós não temos escolha.

Bati meus dedos na minha saia de couro e balancei a cabeça para Junior.

— Vamos fazer nossa habitual festa de volta às aulas.

— E matar todo mundo? — Claire perguntou.

Eu caí na risada.

— Não, não vamos matar todo mundo. Vamos só mudar a primeira festa do ano e convidar nossos novos vizinhos.

— Ahn, essa é realmente a melhor ideia? — Izzy perguntou, seus olhos azuis arregalados. — Quer dizer, e se as pessoas ficarem bêbadas...

— Nada de mais do que uma bebida. — Cruzei os braços. — E todo

mundo precisa estar armado, até você, Claire.

Ash passou um braço em volta dela.

— Acho que tudo o que precisa ser decidido é… — Breaker olhou para todos no grupo.

— Quem vai contar aos pais?

— Eu, não! — todos nós gritamos em uníssono.

Eu gemi.

— Tudo bem, vamos todos juntos. Hora do jantar em família! — Breaker praguejou. — Quase perdi o mindinho na semana passada.

— Então pare de roubar a cesta de pão! — Eu quase gritei. — Temos uma regra! É comunitário e não serei responsabilizada pelo meu garfo se você tentar pegar mais de um pãozinho antes de compartilharem com a mesa!

— Melhor noite de sexta-feira de todos os tempos. — Ash começou a rir. Breaker estreitou os olhos.

— Nossa. Que engraçado. Perder um membro do corpo.

— Vamos, chega de aula, temos que decidir como organizar isso, para que ninguém leve um tiro por causa de frango com parmesão.

— Um ano atrás, eu teria pensado que você estava brincando — Claire disse baixinho.

— E agora? — Eu sorri.

— Agora fico com medo quando ninguém tem uma arma.

— E não é que é verdade? — Junior murmurou enquanto todos caminhávamos em direção ao estacionamento.

Eu estava perdida em meus próprios pensamentos até sentir uma mão na minha bunda. Instantaneamente fiquei imóvel.

Junior apertou e depois sussurrou.

— Não tá esquecendo de nada?

Eu me virei e franzi a testa, e então ele me puxou contra ele e muito

estrategicamente colocou minha calcinha na minha mão.

— Você é um monstro — sibilei.

Ele se inclinou e beijou minha bochecha direita, depois a esquerda, seus olhos azul-petróleo se estreitaram sobre a minha boca.

— Estou interpretando isso como um elogio, já que ambos sabemos que você prefere o monstro ao homem.



Capítulo Quatro

Junior

As pessoas me alertaram desde muito jovem que havia algo contaminado em meu sangue. Eu ri disso. Afinal, meu pai era um dos chefes mais durões do planeta.

Não apenas era poderoso, ele era meu herói.

Ele conhecia os segredos de todos e os usava contra eles, como em um jogo de xadrez cujas regras só ele conhecia.

Magistral seria uma maneira de descrever Phoenix Nicolasi.

Eu não tinha ideia de que, enquanto eu fazia planos, o restante dos chefes agia pelas nossas costas, fazendo uma lista de nossos pontos fortes e fracos, bolavam maneiras de nos destruir, repetidas vezes, até que tudo o que sentíssemos fosse esse desejo de vencer.

Essa intensa necessidade de nos provarmos. Matar por isso.

Desejar sentir cheiro de sangue tanto quanto a nossa próxima respiração.

— Por quê?! — gritei com meu pai, sangue escorrendo da minha boca enquanto ele me dava outro golpe. Eu me abaixei, ele errou por pouco meus dentes da frente.

— Por quê?!

Eu estava gritando.

E pela primeira vez na minha vida, aos quinze anos, meu pai derramou uma lágrima, que se misturou ao sangue enquanto deslizava por seu rosto duro e esculpido.

— Porque — ele finalmente disse num tom áspero — é a única maneira.

— Lutar comigo é o único jeito? Me fazer sangrar? — Ele passou de herói a monstro naquele verão.

— Não, filho. — Ele tirou a camisa, mostrando mais cicatrizes do que eu poderia contar; cicatrizes cobertas por tatuagens e faixas grossas de músculos que eu sabia que poderiam facilmente me deixar inconsciente ou me mandar para o hospital. — É a única maneira de mantê-lo seguro.

O golpe seguinte me derrubou, e a adoração que eu sentia pelo meu pai herói se perdeu na escuridão daquele golpe final e angustiante. Naquele dia, ele nos fez lembrar que éramos peões.

Naquele dia, eu decidi… Eu seria um rei.

Não contei a ninguém, mas chorei até dormir naquela noite. E lá estava ela, meu anjo, Serena.

Ela entrou no meu quarto quando ninguém estava olhando, segurou meu rosto entre as mãos e beijou cada corte e prometeu que um dia tudo ficaria bem.

— Um dia, Junior, a luta acabará.

— Promete? — Eu mal consegui dizer uma palavra. Meu corpo doía em lugares que eu nem sabia que existiam. Ela agarrou minha mão.

— Eu prometo.

Tentei não pensar nas promessas dela, assim como tentei não pensar nos seus beijos; me irritou saber que ela mentiu. Saber que, no fim das contas, ela não confiava em mim do jeito que eu confiava nela, não entendia que ainda estávamos na porra de um tabuleiro de xadrez, no meio de um jogo que tínhamos de vencer.

Tentei deixar meus sentimentos de lado, mas essa é a coisa realmente inconveniente sobre sentimentos: eles tendem a surgir do nada quando você está constantemente perto da única pessoa que tem a capacidade de fazer você se sentir menos mal.

Faltava uma hora para o jantar em família, todos já estavam reunidos na casa do Nixon, o vinho era servido, e eu já estava lamentando o fato de termos de contar para ps chefes o que estava acontecendo.

E não havia como fazer isso com delicadeza, não com aquela turma.

Era barulhento demais para pensar, e eu tinha muitas lembranças terríveis dessa casa, de estar com Serena, de fugir para o quarto dela.

Meu corpo parecia tenso.

Eu precisava lutar com alguém.

De preferência, com ela.

Toquei em meu pescoço, não conseguia acreditar que aquela psicopata tinha me mordido. Mas é aquela história: era Serena, e ela não gostava de perder.

Eu quase sorri, mas me controlei. A última coisa que eu precisava era que ela me visse tocando no pescoço com um sorriso idiota e apaixonado na cara.

Não só ela iria falar sobre o assunto para o resto da vida, como tenho certeza de que apontaria uma faca para mim por fazê-la se lembrar de todos aqueles momentos fugidios que nunca deveríamos ter vivido.

— Ei. — Meu pai entrou na cozinha. Seus olhos castanhos tinham um brilho rígido, embora mamãe estivesse segurando sua mão. Ela se inclinou e deu um beijo na bochecha dele.

Ela era a luz para sua escuridão.

O que apenas me lembrou que não havia nada que me prendesse a qualquer coisa que fosse boa, talvez realmente houvesse algo de errado comigo, de errado com meu sangue, de errado com o modo como meu cérebro funcionava, com o modo como meu coração queria o que nunca poderia ter.

— E aí? — Tentei parecer casual enquanto dava um abraço na mamãe; ela me segurou com força como sempre, mal chegando ao meu ombro enquanto me apertava e depois suspirava. — O quê?

— Quem mordeu você? — Ela só precisou perguntar, fazendo com que todas as conversas cessassem naquela cozinha gigantesca, incluindo a conversa das crianças mais novas, que pareceram parar de brincar e olharam boquiabertas na minha direção.

— É, Junior — Serena mordeu uma maçã que combinava com a cor do seu batom e piscou. — O que aconteceu com seu pescoço? Se meteu em uma briga?

— Eu realmente não chamaria aquilo de briga, já que você nunca joga limpo. — Eu sorri e mostrei o dedo do meio pra ela.

— Você? — A expressão do meu pai era impagável. — Mordeu ele?

— Ei. — Serena mastigou um pedaço da maçã e pulou da bancada. — Ele disse que quem tirasse sangue primeiro ganhava, eu concordei.

— Eu quis dizer com uma faca, sua psicopata. — Cerrei os dentes, e lá estávamos nós, novamente, cara a cara no meio da cozinha.

Perdi a conta de quantas vezes os jantares em família começaram com a gente se encarando, prontos para tirar sangue até que um dos dois cedesse ou implorasse por misericórdia.

— Toca aqui. — Chase passou por nós dois e ergueu as mãos para um *high five*.

Serena bateu na mão dele e depois fez uma careta na minha direção.

— Por que o cérebro de merda ganha os cumprimentos se eu fui a vencedora?

Bati na mão de Chase e balancei a cabeça.

— Ah, princesa, tá com a calcinha socada? — Ela ficou vermelha.

E de repente, me peguei pensando se ela tinha colocado uma nova ou se ainda estava sem nada por baixo.

Merda, eu realmente precisava parar de pensar no que ela estava usando por baixo da saia, isso se ela estivesse usando algo.

— Porque ele brigou com você, uma garota. Nunca tive tanto orgulho de ser tio. — Chase piscou, e então algo sinistro passou por seu rosto. — Sabe o que dizem sobre amor e ódio…

— Já podemos comer? — Tex invadiu o local. — Estou morrendo de fome e Breaker acabou de me dizer que algo aconteceu na faculdade hoje.

— Eu, não! — todos nós gritamos novamente em uníssono.

As mães simultaneamente deram um passo para trás, como se não quisessem participar dessa conversa, caso ela terminasse em banho de sangue.

Suspirei e olhei para Ash, que olhou para Claire, que olhou para Serena com um olhar suplicante.

— É, a gente pode passar o dia todo assim — Ash disse baixinho. — É melhor resolver no palitinho. — Serena sorriu para mim. Soltei uma tosse abafada.

— Tudo bem.

Todos nós contornamos a enorme mesa e nos sentamos; Violet estava ao lado de Asher. Maksim puxou uma cadeira ao lado de Izzy; conhecendo bem esses dois, eles provavelmente iriam passar todo o tempo falando da faculdade. Era desconcertante como o garoto era bonito aos dezoito anos e nojento o fato de que ele já estava no segundo ano da faculdade. Ele me deu uma piscadela. Suspirei e desviei o olhar. Ou ele era bom em ler mentes ou era bom em me ler, provavelmente ambos.

Breaker puxou uma cadeira ao lado de King e observou nossa conversa com um sorriso malicioso. Todos os outros, ou seja, os mais jovens, que não estavam no último ano do ensino médio ou na faculdade, sentaram-se à outra mesa, e de repente fiquei grato porque os novatos não ouviriam o que precisávamos discutir. Embora eu achasse que isso não importava, eles estavam sempre ouvindo, sempre fazendo perguntas, sempre dizendo que mal podiam esperar para entrar em ação.

Nunca conseguia me decidir se estava orgulhoso ou triste quando pensava na violência a qual eles seriam envolvidos.

A mesa deles estava livre de armas, cheia de garfos de plástico e suco suficiente para alimentar um pequeno exército. Graças a Deus nós tínhamos vinho.

— Regras — Tex grunhiu.

Todos nós suspiramos e pegamos nossas armas e as colocamos sobre a mesa para que todos pudessem ver — apenas no caso de outra briga começar, o que quase sempre acontecia, considerando que éramos italianos teimosos e as discussões eram mais como brigas e gritos do que uma tentativa de fato de conversar. Era sempre aquela coisa de um falando por cima do outro até que alguém finalmente se levantasse, pegasse uma arma e puxasse o gatilho.

— Então. — Tex recostou-se na cadeira como a porra do rei da Cosa

Nostra, que ele de fato era, e sorriu. Seu cabelo castanho-avermelhado estava bagunçado, como se ele tivesse tentado arrumar com as mãos mais de uma vez; ele estava com uma camisa preta justa que não escondia nem um pouco o corpo absurdamente musculoso. Em suma, ele era assustador. — Deve ser algo ruim, já que ninguém quer falar sobre isso.

Eu grunhi e então expliquei tudo o que Breaker descobriu, ficando cada vez mais nervoso à medida que a sala foi se tornando mais silenciosa.

— Qual é o seu plano? — Chase interrompeu, desabotoando e tirando o paletó. Sua expressão era rígida; seus olhos azuis brilharam com algo que reconheci na minha alma: a necessidade de vingança, a necessidade de infligir dor. Mas agora ele estava metido com política e não tinha permissão para sujar as mãos tanto quanto gostaria, por isso precisava receber esse tipo de energia indiretamente, por meio da gente.

— Fácil. — Peguei a faca que havia colocado sobre a mesa e a girei com um sorriso na cara. — Nós os atraímos para nossa teia por meio das festas, obtemos o máximo de informações que conseguirmos e mantemos as Famílias em segurança.

Tex olhou para cada um dos chefes: Chase, Nixon, meu pai, Dante, Sergio, Andrei. Todos eles estavam com expressões semelhantes de apreensão.

— Qual é a regra principal?

Dante, o mais novo, foi o primeiro a falar.

— Seja discreto.

Tex soltou uma risada.

— E por discreto ele quer dizer se esforçar para não cortar a cabeça de ninguém, *beleeeza*? Se precisar de limpeza, você sabe para quem ligar.

— Mais uma coisa — Chase falou com uma autoridade sibilante. — Você sabe como os reconhecer no meio de todos, certo?

— Claro — eu disse com confiança. — Eles serão os mais ansiosos.

— Sim. — Meu pai ergueu os olhos do prato. — Junior, você tem certeza que dá conta disso? Talvez seja melhor se...

— Você está me zoando? — eu gritei, ficando de pé enquanto minha

cadeira tombava para trás. — Por que você está perguntando uma coisa dessas?

Meu pai não disse nada.

Foi Andrei quem falou:

— Porque... — Seus olhos azuis brilharam. — Você poderia ser levado a matar um de seus primos a sangue frio. — Ele segurou uma faca na mão e a apontou para a garganta de King antes que alguém pudesse fazer qualquer coisa. — Da idade dele, um deles pode ter a idade dele, e se ele atacar, se ele tentar alguma coisa, você terá que passar esta lâmina na pele macia dele; matar um inimigo é uma coisa, matar um inimigo que se parece com sua família, que têm o mesmo sangue correndo nas veias… é outra bem diferente.

Minha respiração estava pesada.

— E ainda assim, eu estava pronto para matar Serena esta tarde…

Nixon se levantou de um salto.

Meu pai me seguiu, movendo a mão direita para a arma como se fosse eu quem precisasse de proteção.

Revirei os olhos.

— Foi um exemplo, calma, velhote. Só estou dizendo que não é necessário duvidar de mim, de nenhum de nós. É um insulto, especialmente porque você nos criou. — Eu mirei cada um deles com um olhar furioso. — Vocês fizeram isso, então eu realmente ficaria grato se você parasse de parecer culpado por nos forçar a sobreviver em um mundo cheio de pessoas que preferem nos ver mortos.

— Eu acho... — Tex sorriu para mim, como se apreciasse minhas tendências sociopatas — que temos nossa resposta então. Está acordado. Nós comemos, e as crianças... caçam.

Eu me sentei novamente. Meu pai não pegou sua arma, mas algo mudou no olhar de Chase enquanto olhava para mim e depois para Nixon.

Eu estava tentando descobrir por que eles estavam me olhando de forma estranha, até que olhei para Serena e percebi que seus olhos estavam brilhantes.

Merda.

Eu a magoei.

E, por alguma razão, ela escolheu esse momento para se permitir ser tocada, para mostrar a eles que isso mexeu com ela, que eu a afetava, que havia alguma coisa.

Para proteger a nós dois.

Para honrar o amor que já sentimos um dia.

Eu precisaria me tornar seu maior inimigo. “Odeio você enquanto estivermos vivos…”

Estávamos deixando escapar.

E não podíamos. Não agora.

Não quando tínhamos inimigos à nossa porta.

— Tá naqueles dias, Serena? — Levei minha taça de vinho aos lábios e recebi uma careta dela antes que uma faca fosse atirada na minha direção. — Errou.

Ash gemeu.

— Opa, não, ela não errou. Dá para avisar antes da próxima vez?

Ele puxou a faca do braço enquanto o sangue escorria pelo seu bíceps. Todos riram.

— Talvez, se você parasse de tentar apalpar sua namorada por baixo da mesa de jantar — Chase brincou, ganhando um tapa na nuca de Luc. — Ei, doeu!

— Ele é muito jovem para isso! — Seus olhos estavam enlouquecidos enquanto Breaker bufava perto da própria taça. — O quê? Por que você está rindo? Eles são sexualmente ativos?

— Estou amando o dia de hoje. — Eu comecei a rir.

E então Ash lançou o desafio, com os olhos brilhando.

— Ele roubou a calcinha de uma garota hoje!

— Mandou bem — Tex ergueu a mão.

— Como você sabe disso? — eu me perguntei em voz alta.

— Junior! — Mamãe jogou um pãozinho na minha cara. Eu me abaixei, mas por pouco não pegou no meu olho direito. — Isso é tão deselegante!

— Ele é um homem. — Meu pai piscou para mim, e eu retribuí.

— Para com isso! Para de piscar! — Mamãe o silenciou, e de alguma forma isso funcionou. Ele a beijou na bochecha e ficou quieto.

— Vi no bolso do seu casaco enquanto você brigava com Serena no gramado. Na verdade, percebi que a Serena...

— Está com sífilis, é, é muito triste — eu interrompi. O rosto de Serena pegou fogo.

— Você está chapado?

— VOCÊ NÃO USA CAMISINHA? — Nixon rugiu, o rosto parecendo ligeiramente distorcido quando se levantou e pegou uma faca, Trace fazendo a mesma coisa.

Comecei a rir enquanto Serena bebia o restante do vinho, limpava a boca com o guardanapo e o jogava no prato.

— Acabei de perder o apetite, e não, não tenho sífilis, todo mundo sabe quem é o galinha da mesa.

Todos apontaram para mim.

Incluindo Breaker, que apelidamos de destruidor de corações.

— Que mentira! Eu nem tenho namorada! — rugi.

— Jantares em família. — Ash ergueu sua taça de vinho. — Tão divertidos.

— Um brinde. — Dante brindou com ele.

— Não dá corda — El, sua esposa, sussurrou baixinho. Então ela piscou para Ash.

Eles eram os mais jovens dos adultos, ou seja, os com idade mais próxima da nossa; eles pareciam mais nossos irmãos mais velhos, por causa disso poderiam ter encorajado muitos maus comportamentos. Não que nos importássemos.

Eu ainda estava traumatizado com Dante tentando conversar comigo sobre sexo.

E acho que meu pai riu durante uma semana toda vez que eu olhava para uma garota.

Serena estava saindo furiosa enquanto Tempest, filha de Dante, gritava alto.

— Mamãe, o que é sífilis?

— Muito obrigado por isso. — Dante olhou furioso.

— Sempre pronto a ajudar na educação das crianças. — Coloquei a mão sobre o coração, então percebi que Serena havia sumido. Melhor assim.

Foi isso que disse para mim mesmo durante todo o percurso de volta ao campus; eu estava com jeans justos, uma camisa que não escondia minhas tatuagens e munição suficiente para matar quem eu precisasse.

Era melhor assim, ter o seu ódio.

Porque se eu tivesse o amor dela, não seria capaz de me tornar o monstro que meu pai precisava que eu fosse, o monstro que ela precisava que eu fosse, para mantê-la segura.



Capítulo Cinco

Serena

Sempre chegávamos juntos às festas no campus. Para quem era de fora, parecia que queríamos apenas fazer uma entrada triunfal, mas para a gente? Para os novos Eleitos no campus? Era sobrevivência.

Junior seguiu na frente, com Ash à sua direita.

Claire e eu estávamos no meio.

E Breaker atrás de nós, protegendo a retaguarda.

Violet ficou para trás, como de costume, já que estava mergulhada nos estudos. Depois de muita discussão – novidade, eu sei – os chefes decidiram que seria melhor que Izzy ficasse no carro e os atualizasse enquanto passávamos informação por mensagens de texto. Ela não tinha estômago para a violência como a gente, mas adorava mexer no aparato técnico dos bastidores enquanto ouvia as instruções de Sergio.

Nós a deixamos com uma arma, um fone de ouvido e Coca Zero suficiente para que ela ficasse feliz só de assistir ao show. Além disso, se fosse necessário cair fora, precisávamos de alguém que não tivesse bebido uns drinques para ser o motorista da rodada.

Depois do desabafo de Junior à mesa, resolvi vestir uma calça de couro e uma blusa curta que quase deixava à mostra a lateral dos seios.

E se eu acidentalmente esbarrasse nele, de certo modo o fazendo lembrar daquilo que tinha perdido?

Bem, isso seria tão horrível?

Eu ainda estava furiosa por ele ter dito que eu tinha uma IST.

É verdade que eu sabia que aquilo foi para me proteger — à sua maneira masoquista —, mas ainda assim me machucou. Ele era o cara que costumava me abraçar quando eu chorava.

Agora era o motivo das minhas lágrimas. Que coisa mais doentia.

Meus saltos faziam barulho contra o cimento enquanto nos aproximávamos do local.

A festa de boas-vindas já estava rolando, graças aos nossos novos amigos que literalmente deram o sangue pela manhã enquanto as aulas rolavam.

Era trabalho deles garantir que tivéssemos barris de cerveja suficientes e que somente quem havia sido convidado pudesse entrar.

Antes da gente nascer, esse prédio já estava abandonado, houve alguns assassinatos ali, algo pelo qual Dante e Andrei ainda discutiam.

No instante em que fomos forçados a voltar para Eagle Elite, reivindicamos o lugar como nosso. E daí se tinha umas manchas de sangue no concreto? Ou nomes de pessoas que foram torturadas escritos com sangue nas paredes?

Os outros estudantes diziam que era um prédio mal-assombrado.

E eu sempre quis rir e dizer que foram as nossas famílias que assombraram aquele lugar.

Z estava na porta.

— Pessoal. — Ele olhou Ash e Junior e depois focou em mim, começando na altura dos meus peitos e depois descendo pelas minhas pernas, até que ele finalmente se concentrou na minha boca. — Está sexy como sempre.

Eu me inclinei para ele.

— Obrigada, Z.

— Chega. — Junior agarrou meu braço. — Você pode se divertir mais tarde, mas já aviso, irmão, o beijo dela é envenenado.

— Parece ser uma boa... — Z disse calmamente, me fazendo querer cobrir meus seios e me inclinar na direção de Junior, não porque ele me fazia

sentir segura, mas porque Z olhava para mim como se eu fosse um pedaço de carne.

E por mais que eu odiasse Junior, ele me tratava como igual, em todos os sentidos.

Eu estremeci.

— Talvez, se você usasse mais roupas… — Junior sibilou em meu ouvido.

— Você ainda tá aqui? — solto rapidamente.

— Pessoal! — Ash bateu palmas. — Foco.

Nós seguimos para dentro. Z fechou a porta. A festa estava apenas começando; talvez houvesse uns trinta estudantes por ali.

E bem no meio.

Nossos tronos.

A música parou de repente.

De cabeça erguida, esperei que Junior e Ash fizessem a minha escolta e a de Claire até os nossos lugares. Não eram nada de especial, apenas velhas poltronas de veludo roxo com encosto alto em estilo vitoriano. Assim que nos sentamos, com as pernas cruzadas, as coroas metafóricas já ajustadas, os rapazes se sentaram ao nosso lado enquanto Breaker ficava na frente, certificando-se de que ninguém se aproximasse sem autorização.

Meu telefone tocou no meu bolso.

> **Sergio:** E-mail da faculdade ao lado ao lado enviado para todos os estudantes; eles têm quinhentos alunos matriculados no total – isso é pouco, mesmo para uma faculdade comunitária. Pelo menos mais de uma dúzia, na melhor das hipóteses, vai tentar entrar. Fique atenta.

Eu rapidamente respondi.

Eu: Perfeito, execute o software de reconhecimento facial.

Sergio: Pronto, acabei de enviar os que estavam no nosso banco de dados.

Olhei para as duas fotos.

Uma garota e um cara que pareciam ter crescido em uma perfeita casa de subúrbio, com um pai médico e mãe dona de casa.

A garota estava com uma porcaria de uma faixa vermelha na cabeça, tinha cabelos lisos e escuros e olhos verdes e felizes.

Já o cara parecia ter a minha idade, um corpo semelhante ao do Breaker, olhos azuis e cabelo castanho avermelhado. Ele tinha características extremamente marcantes e seria fácil encontrá-lo no meio de todo mundo.

— Ahn... — Junior ergueu os olhos do celular. — Certeza de que estes são os alvos em potencial?

— Um espirro derrubaria essa garota — brincou Ash.

Claire franziu a testa e olhou por cima do ombro de Ash.

— Talvez seja esse o plano.

Estreitei meus olhos em sua direção.

— Você está dando a entender que a ideia é os tornar menos ameaçadores?

Claire encolheu os ombros.

— Você realmente acha que eles virão aqui armados e prontos para começar uma guerra?

— Sim! — todos nós dissemos em uníssono.

Claire apenas riu.

— Talvez há dez anos fosse assim que as coisas acontecessem, mas a guerra não é feita na luz, é feita nas sombras, através das redes sociais,

catfishing; não é tão fácil encontrar seu inimigo como você pensa.

Algo na maneira como ela disse isso me fez parar.

— Claire…

— Serena — Ash me interrompeu —, já falamos sobre isso. Claire provou seu valor, esqueça isso.

Claire mordeu o lábio inferior, os olhos cheios de preocupação.

— Me desculpa, eu estava apenas tentando ajudar.

— Você mandou bem — Ash sussurrou, levantando-se e caminhando para dar um beijo desnecessário na cabeça dela, como se a garota fosse seu bichinho de estimação.

Eu bufei e guardei meu celular assim que a porta se abriu novamente. Z estava liberando a entrada de outros vinte estudantes.

Um por um, eles passaram por nós, prestaram suas homenagens com um aceno de cabeça e depois foram até o bar.

— Acho que precisamos de um aperto de mão secreto no próximo ano — disse Breaker. — Esse aceno de cabeça parece estranho.

— Porque é estranho. — Junior parecia entediado. — E o que nos faz pensar que eles vão entrar aqui e…?

— Bem, então… — Ash riu enquanto Z deixava entrar mais cinco alunos que não eram nossos.

O cara era alto, e não estava em nenhuma das fotos, mas estava com os dois que acabamos de ver em nossos celulares.

— Seguranças. — Xinguei baixinho e então me levantei. A música parou.

Os alunos se aproximaram de nós e esperaram.

— Quem quer festejar aqui com a gente? — eu perguntei com uma voz sensual, e todos gritaram. — Ah… — Dei de ombros. — Só posso escolher cinco, vocês conhecem as regras. — Mãos foram levantadas, elogios e gritos vieram na sequência.

Junior se levantou e se aproximou de mim.

— Que raios está fazendo? Sempre esperamos uma hora.

— Estou entediada — menti. — E eu quero informações, ok?

— Merda, você vai matar a gente.

— Eles parecem ameaçadores? — Eu sibilei baixinho. — Se aquela garota não se chamar Karen, eu realmente não sei mais de nada na vida.

Junior sorriu e depois se virou de costas para a multidão, com a boca perto da minha orelha.

— O que você pretende então?

— Sedução. — Ele estava muito perto.

— Mmm, eles ou a gente?

— Ambos — eu disse antes que pudesse me conter. Qualquer desculpa para tocar nele, para fazê-lo me desejar, para distraí-los e para mostrar como o poder é bom.

Os olhos de Junior brilharam, seus dedos agarraram meu pulso.

— Eu não estou... eu não posso... — Ele lambeu os lábios e repetiu o que sempre fazia quando tínhamos de nos apresentar, quando tínhamos de fazer nosso trabalho. — Não serei gentil com você.

Nossas testas se tocaram, meu peito se movia com esforço, como se fosse difícil respirar quando ele estava tão perto, mas na verdade era a promessa que acabava comigo, uma promessa de que ele nunca mais iria gostar de me tocar, que eu era mais uma maldição do uma cura. Ainda assim, eu sabia que era tudo o que conseguiríamos viver juntos, esses momentos fugazes em que fazíamos nosso trabalho muito bem.

— Então que doa, querido. — Minha voz falhou. — Que doa.

Seus lábios se separaram em um gemido quando ele me girou em seus braços e me beijou com força. Senti em parte dor, em parte prazer, e ele puxou meu cabelo e deslizou a mão pela minha blusa como se ninguém estivesse olhando, seno que todos estavam.

Nós nos separamos, as bocas inchadas, meu lábio inferior sangrava.

Um lembrete para nós dois: isso não era um cessar-fogo, não era real, era

somente um show cuidadosamente construído.

— Mmm... — Eu sorri. — Parece que Junior não está para brincadeiras hoje, meninas.

Os gritos aumentaram quando Junior agarrou minha bunda e apertou com tanta força, que eu sabia que iria ficar marcada. Ele me puxou bruscamente contra seu peito e mordeu o meu pescoço.

Eu disse ao meu corpo que a sensação não era boa. Eu disse ao meu coração que fazer aquilo era seguro.

E me forcei a acreditar nessas mentiras toda vez que nos tocávamos. Porque o contrário me destruiria.

Nós nos separamos novamente. Os olhos de Junior pareciam selvagens.

Eu queria capturar esse olhar em suas profundezas, guardá-lo para mim, fazer com que existisse dentro de mim de uma forma livre e perversa.

Mas não era meu — nunca foi.

— Beleza! — gritei. — Vamos ver, quem mais precisa transar aqui? — Risadas explodiram.

E então apontei para a garota com a bandana.

— Você, você é nova.

Ela ergueu um pouco o queixo.

— Sou estudante de enfermagem no campus do outro lado da cerca.

— Enfermagem… perfeita. — Meu sorriso era tão falso que doía. — Acha que você consegue cuidar da saúde do pobre Junior?

Ela engoliu em seco, olhou para suas amigas e concordou com a cabeça. Breaker a ajudou a subir as escadas.

E Junior a agarrou pela mão.

— Gostou do que viu?

— S-sim.

— E quanto... — Ele pressionou a mão dela no botão da sua calça jeans.

— … ao que você não viu?

Ela empalideceu, mas ainda assentiu.

— Teremos strip poker então — ele anunciou, ganhando aplausos de todos ao nosso redor. As mesas das laterais do prédio foram movidas para o meio, e nosso jogo da noite estava pronto para começar.

— Agora, para a nossa rainha — anunciou Junior. — Quem vai levar chumbo grosso hoje? — Eu queria estrangulá-lo.

Em vez disso, sorri e apontei para o cara de aparência inofensiva que entrou com a garota com a faixa na cabeça. Não tínhamos foto dele, mas estava com ela, o que significava que a conhecia.

— Nome? — Junior perguntou.

O cara olhou para mim como se eu fosse um bife pela metade do preço.

— Mitchell.

— Bem, espero que você esteja preparado, Mitchell. Deixe-o entrar, Breaker.

Ash e Claire assumiram nossas posições e escolheram os dois restantes; cada um de nós desempenhou seu papel de maneira brilhante quando eles se juntaram a nós na mesa principal.

O papel de beber todo o álcool que alguém poderia desejar e ter companhias que as pessoas matariam para ter.

Realeza. Da Porra. Da Máfia.

— Texas Hold ‘Em? — perguntei ao grupo, já embaralhando as cartas.

— Bebezona. — Ash bufou. — Você ainda está puta com o ano passado?

— Tive que andar sem calças e de salto agulha até o carro! — Dei um soco no braço do meu primo, e Ash esfregou o local como se realmente tivesse doído.

— Papai ficou tão puto. — Ash sorriu. — Valeu a pena.

Revirei os olhos.

— Você tem sorte de ser meu favorito.

— Ei, e eu? — Junior provocou.

— Beijar primos meio que responde isso — Claire disse baixinho, me fazendo quase deixar cair as cartas no colo.

Foi golpe baixo.

Um que me fez querer me lançar sobre a mesa. Em vez disso, comecei a dar as cartas.

— Então… — Mitchell esfregou as mãos. Ótimo, ele é sociável. — Vocês são de verdade, tipo, da máfia?

— Sim — todos nós dissemos, em uníssono, num tom entediado.

Eu praticamente podia sentir todos murchando ao redor. Junior murmurou baixinho:

— Estraga-prazeres.

Eu escutei, assim como captei o olhar que ele me deu antes de olhar para suas cartas.

Que os jogos comecem.

— Ugh, está quente. — Comecei a me abanar, os olhos de Mitchell imediatamente dispararam para baixo do meu pescoço e focaram na minha boca.

— S-sim.

— Bebida? — Ofereci meu copo.

O idiota pegou e bebeu sem nenhuma precaução.

Suspirei.

Se ele fosse um De Lange, teria herdado toda a estupidez.

— E qual é o seu nome? — Claire inclinou a cabeça e lançou um olhar sedutor para o outro cara que havíamos convidado.

— Tank. — Sua voz era baixa; ele estava com um gorro preto e uma camisa preta justa. Ele tinha o braço direito fechado de tatuagens e o esquerdo limpo, exceto por um Rolex.

Tinha dinheiro. Mas os De Lange estavam falidos, a menos que tivessem

encontrado outra pessoa com quem fazer parceria, o que era impossível, já que a maioria dos adultos estava morta.

Talvez as crianças tivessem virado órfãos pobres tentando sobreviver na natureza. Mas isso não explicava a faculdade vizinha.

Ou o marketing com as nossas fotos.

— Nome legal, irmão. — Junior balançou a cabeça. — Tem algum significado? — O cara soltou um grunhido.

— Vou considerar isso um não, Junior — provoquei, ganhando um sorrisinho de Tank, que parecia me observar com absolutamente nenhum interesse.

— E aí, garota da bandana. — Peguei a monstruosidade vermelha e gentilmente a tirei da sua cabeça. — Assim fica melhor. Seu nome?

— Annie. — Ela sorriu.

— Lógico. — Eu sorri de volta para ela. — Um nome perfeito.

A última garota ficou em silêncio. Tinha cabelo preto que passava da altura dos ombros, e usava uma blusa de gola alta preta e jeans que se moldavam ao corpo.

Se algum deles era um De Lange, devia ser aquela garota.

— Você está terrivelmente quieta — Ash apontou.

Seus olhos se ergueram e depois se estreitaram como se ela estivesse tentando entendê-lo. Ela olhou para ele como se estivesse fazendo um interrogatório e então virou a cabeça para a direita e olhou nos olhos de Junior.

Ele não conseguiu perceber, porque não estava sentado na minha posição. Mas eu notei.

Eu vi a semelhança. Ela não era apenas uma De Lange.

Ela era parente.

E tudo o que Andrei havia dito no jantar desabou sobre mim. Peguei minha faca e rapidamente me aproximei.

A lâmina prateada marcou seu pescoço e ficou ali, imóvel, enquanto eu a

segurava.

— Você me parece familiar, não? — Suas narinas dilataram de ódio.

— Sou apenas uma estudante.

— Tenta de novo — eu disse educadamente.

Todos ao redor da mesa ficaram em silêncio.

Nossos novos amigos estavam quase se cagando de medo.

— Eu sou uma estudante — ela disse zombeteiramente, com um sorriso, e então esticou a mão para pegar algo nas costas.

Não pensei, apenas reagi.

Porque o Junior... ela iria machucar o Junior.

E eu não suportava a ideia de vê-lo com mais cicatrizes, mais pesadelos. Era como se a vida dele, seus pecados, tudo passasse diante dos meus olhos enquanto eu a chutava com a ponta da minha bota por baixo da mesa e acertava a canela dela; a agulha escondida perfurou sua pele sem dificuldade. Ela se inclinou para frente como se estivesse bêbada.

Mas a Família sabia o que tinha acontecido e olhava em choque. Ela estava morta. E eu, Serena Abandonato, tinha acabado de fazer minha primeira vítima. Eu... fiz a iniciação.



Capítulo Seis

Junior

Tentei manter minha expressão calma – porra, eu nasci para manter essa expressão vazia na cara, não é?

Mas eu sabia exatamente o que tinha acontecido, mesmo que nossos novos visitantes não tivessem ideia.

— Uau — eu brinquei. — Deve ter dado uma boa calibrada antes de vir pra cá, hein?

Serena encolheu os ombros.

— A gente ajuda a garota a voltar para casa mais tarde. Vocês sabem onde ela mora?

Os olhos de Tank se estreitaram em pequenas fendas.

— Na verdade, não, ela só encontrou a gente e disse que viria conosco, já que a maior parte da faculdade foi convidada.

— Certo — Ash disse cuidadosamente, recostando-se na cadeira. — Mas só alguns selecionados são convidados.

— Por que é desse jeito? — Annie perguntou com sua voz inocente que era cem por cento real. Os olhos da garota tinham uma expressão curiosa, como se o mundo fosse tão grande, que ela estava tendo problemas para absorver tudo.

Olhei para o cadáver.

Eles deviam ter entendido... deviam ter notado que o peito dela não estava se movendo, não é?

Serena a viu como uma ameaça, mas nunca na minha vida a vi agir de forma tão impulsiva sem ter nenhum conhecimento dos fatos.

E pagaríamos caro quando chegássemos em casa e contássemos a todos os chefes exatamente o que aconteceu.

— Eu preciso de outra bebida. — Eu me levantei. —Serena, vem comigo?

— Tanto faz. — Ela se levantou e me seguiu até o bar improvisado que ficava no canto mais distante do palco em que estávamos.

Peguei uma garrafa de Grey Goose, virei-a e entreguei a ela, minha expressão calma.

— Precisamos resolver isso.

— Sim. — Sua voz falhou, e então ela piscou para mim, com os olhos cheios de lágrimas. — Eu apenas... reagi. Parecia que ela ia machucar você, ou a nós, ou...

— Ei. — Inclinei seu queixo para cima com a mão. — Nunca peça desculpas por proteger a Família.

Ela estremeceu sob meu toque. Estávamos muito próximos.

Eu podia sentir o cheiro da mistura de vodca e refrigerante em seu hálito, sentir o calor de sua pele em meus dedos.

Era demais.

Quando não tinha sido?

— Mas há algo pelo qual você pode se desculpar... — eu disse com um sorriso provocador. Ela franziu o cenho.

— O quê?

Deslizei minha mão pela frente da sua blusa e puxei seu corpo com força contra o meu, depois me inclinei até que meus lábios tocassem sua orelha.

— Peça desculpas por ficar me atiçando, caralho. Sim, peça desculpas. — Deslizei minha mão por baixo de seu braço e encostei na lateral de seu seio. — Por isto.

Ela suspirou pesadamente, sua respiração irregular.

— Nunca.

— Hum… como imaginei. — Eu me afastei e peguei o Grey Goose da mão dela. — Valeu a tentativa.

Ela piscou.

— Tudo é válido numa guerra, Junior, você sabe disso.

— Sei pra caralho — eu concordei. — Se vale de alguma coisa... — Hesitei e então completei: — Gosto mais de você sem tudo isso.

Ela revirou os olhos.

— Claro que você gosta mais de mim pelada.

— Eu disse pelada? — Inclinei minha cabeça. — Eu quis dizer isso... sem a máscara. Eu gosto mais quando você é só você mesma.

Ela ergueu o queixo.

— Faz muito tempo que não sou eu mesma, e tudo o que você precisa fazer para entender a razão é se olhar no espelho.

— Não — eu sibilei. — Não bota a culpa em mim quando você sabe que sempre foi nossa.

— Você tinha uma escolha. Você a fez. Não tem direito de conviver com arrependimentos, Junior. Vai ter de viver com a dor. — Lágrimas inundaram seus olhos, e ela me empurrou para longe. E então se foi. E a linha foi traçada novamente na areia. Inimigos forçados a trabalhar juntos.

A morrer um pelo outro.

Isso se não nos matássemos primeiro.

Um brinde.

Voltei para a mesa. Breaker já estava tirando a camisa.

— Já está perdendo? — eu brinquei.

Serena estava olhando para um espaço vazio na mesa.

— Nada, cara, chamamos isso aqui de vitória, não é, Annie? — Ele

piscou para ela, fazendo com que suas bochechas ficassem vermelhas antes que desviasse o olhar para Claire, como isso a fizesse se sentir mais segura.

— Então... — Claire se inclinou para frente. — Vocês estão gostando deste semestre?

O rosto de Annie se iluminou e, de repente, fomos todos punidos com muitos fatos científicos sobre um lobo extinto que eu não ligo o suficiente para repetir. Nunca. Nem nos meus piores pesadelos.

Você sabe que a coisa está ruim quando Ash começa a viajar, e olha que ele conseguia fingir interesse tão bem, que poderia ganhar um Oscar com tranquilidade.

Até Mitchell havia saído da nossa mesinha em busca de mais diversão, nos deixando apenas com Tank, Annie e um cadáver.

— Sim. — Serena apareceu vinte minutos depois, nos salvando do que eu tinha certeza ser uma teoria interessante sobre reprodução na natureza. — Então, acabei de receber uma mensagem do papai. Eles precisam da gente em casa.

— Que pena. — Aparentemente, Tank conseguia dizer frases completas, o que era bom para ele. — Foi divertido.

— Sim! — Annie sorriu. — Vamos trocar números de telefone.

Senti todo o meu corpo recuar enquanto o restante de nós tirava no palitinho mentalmente. Por favor, Deus, não me deixe ficar com o curto.

— Por que não? — Claire foi a primeira a falar, embora eu pudesse jurar que Ash murmurou uma oração baixinho enquanto sua namorada anotava os números e dizia que poderíamos sair em outro momento ou que avisaríamos quando seria a próxima festa.

— Obrigada. — Annie sorriu. — Esta foi de longe a coisa mais rebelde que já fiz em toda a minha vida.

Eu franzi o cenho.

— Então por que correr riscos?

— Oh. — Seus olhos piscaram para baixo e depois se voltaram para cima, e foi quando percebi que eles não eram marrons, mas sim azuis, uma ilusão de ótima causada pelas luzes escuras e por minha atenção estar voltada

para o cadáver ainda em nossa mesa. — Na verdade, meus pais morreram quando eu era jovem, fui adotada há alguns anos por uma família muito legal que acabou sendo muito protetora comigo. Fiquei muito doente quando criança e não sei por que, mas isso parece uma segunda chance.

— Uau. — Eu balancei a cabeça. — E você, Tank? Tem uma história semelhante ou você já nasceu pegando duzentos e cinquenta quilos no supino?

Ele realmente riu.

— Minha mãe ainda está viva. Ela é ditatorial. E Annie e eu nos conhecemos no primeiro dia de orientação, fim da história.

Ele parecia estar dizendo a verdade. Hmm, talvez estivéssemos errados.

E sendo extremamente paranoicos.

— Então! — Annie bateu palmas. — Vocês vão para casa agora para torturar as pessoas ou…?

— Sim, nós vamos embora. — Tank já a estava afastando enquanto ela tentava voltar e fazer mais perguntas.

— Eu ia morrer — disse Ash quando eles finalmente foram embora. — Morrer de verdade se eu tivesse que assistir a uma aula ao lado de uma garota assim. Até as perguntas dela continham mais perguntas.

Claire riu.

— Ela é bonitinha.

— Um cachorrinho é bonitinho. — Ash bufou. — Ela parece mais… eu nem sei…

— Qual é o animal mais irritante do planeta? — Breaker perguntou em voz alta.

— Um papagaio?

— Isso, ela parece um papagaio.

— Real, cara, eu entendo direitinho o que você está dizendo.

Ele e Asher bateram os punhos enquanto Serena pegava o celular e ligava para o pai dela. Eu a conhecia como a palma da minha mão. Claro, ela ligaria

para ele para arranjar o serviço de limpeza.

Ele faria isso sem piscar.

Qualquer outra pessoa faria perguntas, não é? Até meu pai.

Eles iam querer saber o motivo.

Mas Nixon não se importaria com o porquê; ele apenas se preocuparia com a nossa segurança.

— Oi. — Seus olhos se fixaram nos meus enquanto ela falava. — Sim, precisamos de limpeza para um. Eu vi uma ameaça e... — Ela ficou quieta. — Sim, fui eu, mas, papai... — Ela fechou os olhos com força. — Eu entendo. Ok. Sim.

— E aí? — perguntei assim que ela encerrou a ligação.

— Vamos voltar para minha casa, Dante está a caminho para fazer a limpeza, então tire todo mundo daqui.

— Quem quer fazer as honras? — Breaker perguntou ao grupo.

Suspirei e pulei em uma das cadeiras roxas.

— A festa acabou, vão para casa! — As pessoas gemeram, mas lentamente saíram pela porta.

O poder que tínhamos sobre eles era quase ridículo.

— Vamos. — Passei um braço em volta de Serena enquanto Ash fazia o mesmo com Claire, Breaker vindo em seguida. Enquanto seguíamos para fora, os alunos abriam caminho como a porra do Mar Vermelho.

Reis entre os mortais, com nosso Escalade nos esperando. A viagem foi tranquila.

Mas Serena não conseguia parar de balançar o joelho, o que me mostrou que havia algo acontecendo. Quando chegamos à casa e vimos os chefes do lado de fora, eu sabia exatamente o que estava prestes a acontecer.

— Não deixe que eles te façam gritar — eu disse baixinho. — E se você precisar desmaiar, me dê o sinal e eu farei as honras.

Ela empalideceu.

— Qual seria o sinal?

Eu sorri e mostrei o dedo do meio.

— O que você acha?

— Lógico que seria isso. — Ela me empurrou e então continuou: — Eu sou a primeira garota a passar pela iniciação.

— Sim. — Suspirei. — Talvez eles peguem leve com você.

Eu a ajudei a sair do carro e fiquei cara a cara com meu pai, que segurava um facão.

Ou talvez não.



Capítulo Sete

Serena

Meu queixo começou a tremer quando olhei para a faca gigante na mão de Phoenix. O tipo de facão destinado a cortar bambu. O que ele não faria com a pele de uma pessoa? O que ele não faria comigo?

E por que raios Phoenix ainda a segurava enquanto saíamos do carro em direção à porta da frente?

Havia apenas Nixon, Phoenix e Chase.

E meu pai, o louco e o raivoso.

Perfeito.

Breaker deu uma olhada para eles ali, ergueu as mãos e voltou para o carro.

— Tô indo pra casa.

— Traidor — Ash murmurou baixinho.

Breaker apenas abaixou a janela e sorriu.

— Eu sou um menino impressionável, tipo o Skywalker do teu Kenobi.

— Pela última vez, é Obi-Wan Kenobi! — Junior gritou de volta para ele. Breaker fez uma pausa e sorriu.

— Essas coisas eu esqueço, Mestre Yoda.

— Filho da puta. — Ash passou as mãos no rosto, enquanto eu permaneci olhando para os caras, me perguntando se Claire iria nos abandonar também.

Não precisei esperar muito para ter uma resposta.

Tudo o que tio Chase teve de fazer foi apontar com o queixo em direção à casa, e Claire passou correndo por eles em uma velocidade vertiginosa, com Izzy logo atrás.

— Os três mosqueteiros. — Phoenix balançou a cabeça. — Os mentores.

Engoli em seco. Provavelmente não era o momento de dizer que minha prima Violet tinha participado tão ativamente de tudo quanto nós.

— E agora — Chase deu um passo à frente. — Um cadáver.

Os intensos olhos azuis do meu pai se estreitaram sobre mim. Por que ele tinha de ser tão assustador nessas horas? Eu queria correr para seus braços e pedir que me livrasse daquela sensação esquisita na boca do meu estômago, a sensação que me dizia que a vida nunca mais seria a mesma.

Que eu tinha tirado uma alma deste mundo e que fiz isso na suposição de que aquela alma e o corpo que a mantinha eram ruins.

Junior deu um passo à frente.

— A culpa foi minha. Eu não estava prestando atenção.

As sobrancelhas de Phoenix se ergueram, e então seu olhar passou do filho para o meu. É isso, foi bom ter conhecido os dois.

— Você a matou? — Phoenix perguntou.

— Ela estava morta no minuto em que representou uma ameaça — Ash disse casualmente. Pelo menos os dois me protegeram.

Tentei acertar minha respiração quando o sorriso cruel de Phoenix pousou sobre mim.

— Serena...

A maneira como ele disse meu nome foi fria, calculada, era a voz de um assassino, a voz de alguém que tinha tanto sangue nas mãos, que as manchas nunca poderiam ser removidas.

— Sim — eu disse asperamente, fixando os olhos nele.

— O que está feito está feito… não importa como ou por qual razão, você

foi a responsável e colocou toda a Família em risco porque agiu mais pela emoção do que pela lógica.

Junior abriu a boca para falar, mas foi interrompido por Chase, que ergueu a mão e caminhou lentamente em direção a nós três. Meu pai o seguiu. Ah cara, isso era péssimo sinal, muito ruim.

Nós éramos filhos deles.

Mas isso não significava que estávamos acima da lei da Família.

Eu estava dolorosamente consciente dos juramentos de sangue que fizemos. Das promessas de nunca namorarmos.

Promessas de que protegeríamos a Família a todo custo.

E promessas de matar apenas quando for absolutamente necessário — quando não houver outra opção.

Naquele momento, não pensei que houvesse.

Eu poderia ter esperado.

Hesitado.

Mas a minha hesitação poderia ter matado Junior. E admitir isso faria uma coisa.

Contaria a eles que eu nutria algum tipo de sentimento por Junior.

Contaria que Junior havia me tornado uma fraca.

E funcionaria do mesmo jeito para ele: contaria que eu enfraquecia Junior. Então eu não disse nada.

E sabia que teria de aceitar qualquer punição que me dessem com a cabeça erguida e sem gritar.

Chase suspirou.

— Todo mundo pra dentro.

Quando comecei a me mexer, ele me agarrou pelo braço e me parou na sua frente. Meu pai parecia querer dizer alguma coisa, mas tio Chase era seu braço direito, ele tinha muito poder. Droga, ele fazia a maior parte dos políticos comer na palma da sua mão e ainda pedir por mais. Ele poderia sair dando

veneno de graça, que teria uma fila de um quilômetro de interessados.

Eu estava convencida de que isso se dava porque ele era o típico cara atraente que fazia você querer ser sua vítima, e como ele era meu tio, eu tinha permissão para dizer isso.

Por toda a minha vida, vi os chefes serem recebidos com olhares arregalados.

Mesmo com trinta e tantos anos, já quase quarentões, eles pareciam como uma versão mafiosa de Jared Leto, com muita testosterona e armas suficientes para montar seu exército.

Deus nos ajude.

Assim que a porta da frente se fechou, ele se inclinou e sussurrou:

— Acabou mesmo? — Eu recuei.

— Tipo, quer saber se ela está de fato morta? Sim, acho que sim…

— Não é sobre isso. — Suas narinas dilataram enquanto seus olhos procuravam os meus. — Quero dizer sobre você e Junior.

Eu não pude evitar o pequeno suspiro que escapou dos meus lábios entreabertos.

— Não tenho ideia do que você está falando.

— Você precisa aprender a mentir melhor. — Ele preguejou e desviou o olhar. — Serena, eu preciso da verdade, agora. Você está... — Ele me agarrou pelo ombro e me puxou para mais perto. — Com ele…

— Não — eu disse honestamente. — Acho que o odeio mais do que me odeio agora.

Ele soltou um suspiro áspero, como se estivesse prendendo a respiração.

— Não preciso lembrar do que aconteceria se descobrissem que a filha de um Abandonato estava transando com o filho de um De Lange... — Foi minha vez de ofegar. — E chefe da Nicolasi.

— Isso não é justo, tia Luciana é meio De Lange — apontei.

— Você o odeia — ele murmurou. — E ainda assim você se mostra

protetora em relação a uma família que quase destruiu seu pai. Eu quero saber por que…

— Eu gosto de ser justa — eu disse com os dentes cerrados.

Ele deu um sorriso de canto.

— Essa mentira foi muito melhor, sobrinha favorita. — Eu fiz cara feia.

— Diga isso na cara da Bella.

— Ei, um pouco de competição é bom para vocês, não é? — Eu me permiti relaxar um pouco.

— Sim, sim.

Ele passou um braço ao redor do meu corpo.

— Você fez um juramento de sangue quando tinha dezesseis anos, Serena, todas as crianças fizeram. A última coisa que precisamos é de um grupo de estudantes universitários cheios de hormônios e raiva achando que seria uma boa ideia espalhar suas sementinhas sob o teto de chefões da máfia que são conhecidos por cortar partes do corpo de sujeitos que olham para suas esposas.

Eu não tinha nada a dizer sobre isso, exceto:

— Você tá brincando, né?

— Por que mais teríamos um facão? — Ele me olhou como se eu fosse a louca.

Olha só para ele.

Eu balancei a cabeça.

— Então, qual será a minha punição? — Ele abriu a porta da frente.

A casa estava silenciosa. Muito quieta.

De repente, eu queria ir para perto de minha mãe, mas não desejava ver a tristeza em seus olhos, não queria ver sua dor pela inocência que permiti que fosse tirada de mim esta noite.

Por causa de um cara que eu supostamente odiava.

Arrisquei tudo pelo ódio que tinha.

Se isso não fosse um tipo de amor doentio e distorcido, o que seria?

Chase não me respondeu; ele apenas me levou até a escada que dava no porão escuro.

Não era um bom sinal.

Meu quarto ficava no andar de cima.

Desci lentamente as escadas me apoiando nos sapatos, os mesmos que guardavam pequenas agulhas nos dedos dos pés que poderiam matar alguém — que mataram alguém — em um instante.

Eu os chamava de meus saltos assassinos por esse motivo.

Um médico presumiria que o coração dela era fraco — e simplesmente parou. Mas sabíamos a verdade.

Eu sabia a verdade.

Eu tinha feito isso.

E faria de novo.

Para potencialmente salvar o homem que eu odiava? Eu mataria todo mundo. E ainda daria um sorriso durante o processo.

Talvez não fosse ele quem tivesse sangue ruim. Talvez, quem sabe, fosse eu.

As luzes no teto se acenderam, e Chase me levou até o fim do corredor e finalmente me guiou até a sala de treino.

Havia um belo ringue de boxe no meio e equipamento suficiente para fazer você suar por dias. Junior e Ash já estavam no meio do ringue.

Meu pai e Phoenix estavam do lado de fora das cordas.

Pelo menos o facão não estava mais nas mãos de Phoenix. Não, Junior é que estava fazendo as honras.

E quando ele olhou para mim, seus olhos estavam vazios, como se sua alma tivesse momentaneamente tirado férias do corpo — e não por exaustão, mas pela necessidade do que ele deveria fazer.

— Serena. — Meu pai estendeu a mão, e eu a segurei. — Quando sangue

é desperdiçado, você precisa ser punida. Me mata que você tenha feito a iniciação antes do tempo, antes de realmente ter tempo de experimentar a vida, mas foi assim que aconteceu. Como herdeira da Família Abandonato, é seu direito de nascença. Como mulher, você é igual aos homens que estão à sua frente, o que significa que a punição terá que ser a mesma.

Sussurrei:

— Eu entendo, senhor.

Seus olhos azuis brilharam de emoção antes que ele olhasse para baixo e passasse as mãos pelos cabelos negros.

— Dois minutos no ringue com cada um deles. Eles não vão pegar leve com você...

— Eles nunca pegaram leve comigo — eu respondi, recebendo um sorriso orgulhoso do meu pai.

— O que acontece aqui embaixo fica aqui embaixo. Quando você sair deste porão, estará iniciada exatamente como Ash e Junior. Você entende o que isso significa?

Significava que minha vida não seria mais minha.

Mas eu sabia disso desde muito jovem.

Eu dei a ele um aceno brusco e tirei os sapatos, depois peguei um casaco com capuz que estava largado em um dos bancos, para não mostrar peitos para ninguém.

Respirando fundo, cruzei os braços.

— Quem quer levar uma surra primeiro?

Ash sorriu e ergueu o punho.

— Vamos, garotinha.

Entrei no ringue.

E tremi quando cada um dos chefes lentamente me deu as costas, porque, no final das contas, eles acima de tudo eram pais, só depois chefes, e seus instintos eram sempre de proteger, nunca de prejudicar.

Mas esta não era mais apenas a guerra deles. Era nossa.

Então, mantive a cabeça erguida e mandei um beijo para Ash.

— Vamos ver se seu *roundhouse* melhorou.

Junior conteve uma risada e saiu do ringue para assistir.

As únicas regras?

Dois minutos, sem intervalo, sem matança, mas sangue deveria ser derramado.

Que a loucura... comece.



Capítulo Oito

Junior

Eu não tinha permissão para demonstrar emoção, então toda vez que Ash acertava um soco em naquele odioso rosto perfeito, eu juro que chorava um pouco por dentro, lamentava a perda de um lábio sem cicatrizes, chorava pelo fato de que ela nunca mais seria a mesma depois disso. Que a última parte restante da sua alma, aquela que ainda estava agarrada ao sonho de uma vida fora disso tudo, seria esmagada, e que eu ajudaria a fazer isso.

Sempre me perguntei se Nixon encontraria uma desculpa, uma maneira de tirá-la disso, mas agora... agora não tínhamos escolha, porque ela havia matado alguém... por mim. Ela fez isso por mim, independentemente do que suas palavras significassem, seus olhos... suas ações, tudo isso falava por si.

Suas palavras diziam eu te odeio, enquanto sua alma chorava para não me perder. Eu não sabia digerir essas duas realidades.

Eu não sabia como protegê-la e machucá-la simultaneamente.

E era isso que eu teria de fazer em trinta segundos.

Apertei o punho do facão.

Apenas um de nós poderia ter uma arma.

Então, quando meu pai me entregou, tive de parecer animado por ter sido escolhido, quando tudo que eu mais queria era correr para o banheiro e botar para fora até a última gota de vodca no estômago.

Serena deu um bom soco, fazendo Ash cambalear para trás, mas ele tinha quinze quilos de músculos a mais do que ela; nós dois tínhamos.

Nós fizemos por onde conquistar corpos fortes e saudáveis.

Onde tínhamos músculos duros e fortes, ela tinha suavidade e sensualidade.

Porra.

O som de ossos se partindo fez meus dedos ficarem brancos de tanto segurar o facão.

Ash tinha acabado de fraturar dois dedos de Serena. Ela teria de lutar comigo com dedos quebrados. O cronômetro apitou.

Ash entregou a ela uma toalha e a puxou para um abraço. O sangue se misturou enquanto ele beijava a testa dela com a boca ensanguentada e sussurrava:

— Sangue dentro, não fora, bem-vinda à Família.

— Sangue dentro, não fora — ela disse num tom áspero, acertando mais um soco no ombro dele, o que o fez sorrir, apesar de sua boca estar sangrando.

Pelo menos ela conseguiu alguns bons golpes. Ash saiu do ringue e então chegou a minha vez.

Ela teve permissão para pegar uma arma para lutar comigo, e não fiquei surpreso quando ela abaixou a calça de couro o suficiente para pegar uma faca que estava presa à sua coxa.

Ela não seria a Serena se não estivesse carregando uma faca.

Quase sorri enquanto ela se esforçava para vestir as calças com a mão inchada. E então me lembrei que teria de lutar com ela.

Por dois minutos.

Serena se destacava quando o assunto era combate corpo a corpo. Mas contra mim?

Seria uma piada.

— Pronta, princesa mimada? — Minha voz falhou.

— Sim, seu babaca, pode vir — ela provocou.

Do lado de fora do ringue, Ash riu.

Serena atacou primeiro. Desviei da faca com facilidade e cortei um naco de carne quando o facão atravessou seu capuz. O sangue escorria de seu braço e manchava o tatame.

Tinha sido um corte profundo.

Um facão não produz cortes superficiais. Eu poderia cortar partes de seu corpo com aquilo.

Ela botou a mão machucada na lateral do corpo e atacou novamente. Dessa vez, ela me atingiu no braço — e eu deixei.

Então começou a me chutar, me jogando contra o tatame enquanto se inclinava e sibilava:

— Que porra você tá fazendo?

— Lutando. — Eu cerrei os dentes.

— Não, você está perdendo de propósito. — Ela enfiou a faca no meu ombro direito; penetrou pelo menos sete centímetros. — Eu não pego leve com você, não pegue leve comigo.

— Então você quer morrer? — eu sussurrei.

— Algum problema? — Chase gritou.

Eu a empurrei para longe de mim.

— Não.

— Falta um minuto — Ash gritou.

— Você quer sangrar? — Travei a mandíbula. — Vou fazer doer.

— Pode vir! — ela gritou.

Fui até ela com o facão, acertando a parte traseira de seu braço antes de empurrá-la, apenas para atacá-la novamente e fazer um corte na sua coxa direita, um corte grande o suficiente para deixar uma cicatriz generosa.

Eu nunca me odiei tanto.

— De novo! — ela gritou.

E então percebi que era o grito de uma garota que estava apavorada, o

grito de uma garota que precisava sentir, um grito de uma garota que ainda estava entorpecida depois de tirar sua primeira vida.

Então, eu dei a Serena o que ela precisava. Eu dei a ela a dor.

Tirei a faca da sua mão dela e depois dei um chute na sua barriga, fazendo-a tombar para trás. Foi forte o suficiente para que eu pudesse montar nela sobre o tatame e enfiar a ponta do meu facão diretamente em seu braço esquerdo, atravessando a pele e a prendendo ao tatame, não tocando no osso por pouco.

Seu peito pesou quando nossos olhos se encontraram, e então ela sussurrou:

— Obrigada.

— Vou te odiar enquanto nós dois vivermos. — Dei um beijo em sua testa.

— Vou te odiar enquanto nós dois vivermos — ela respondeu e então: — Sangue dentro, não fora.

— Sangue dentro, não fora. — Eu balancei a cabeça. — Bem-vinda à Família.

Os chefes se viraram a tempo de me ver arrancando o facão de seu corpo imóvel. Nixon estava pálido, me observando pegá-la nos braços e entregá-la a Ash. E, juntos, nós três nos afastamos dos chefões, ensanguentados e machucados.

Iniciados.

Serena gemeu contra o peito de Ash enquanto sangue escorria da sua boca. A ferida mais profunda foi a que fiz no braço. Ia doer muito, mas felizmente tínhamos bons médicos em casa, e eu sabia que Sergio estaria esperando em algum lugar lá em cima para suturá-la.

Nós o encontramos na cozinha com seu kit médico; ele já estava preparando agulha e linha.

— Segure-a, por favor — disse ele, sem sequer olhar para cima.

Ash a colocou na mesa da cozinha enquanto eu pressionava seus braços.

Sergio pegou álcool e derramou sobre as feridas enquanto ela gritava;

senti meu coração estalar no peito quando ele rapidamente inseriu um acesso no dorso da mão dela e começou a administrar morfina.

Ela apagou em segundos.

Eu a deixei apagar e observei Sergio costurá-la.

Eu não tinha certeza de quanto tempo havia passado, mas, depois de um tempo, Ash disse que precisava ir embora, me deixando com a princesa ferida.

— Como foi? — Sergio suturar o último ferimento, o mais superficial, na lateral do corpo de Serena.

Tentei ignorar sua pele marcada e o fato de que era minha culpa que tivesse ficado desse jeito.

— Ótimo — eu disse com os dentes cerrados. — Tomamos chá e contamos fofocas sobre os meninos. Como você acha que foi?

Sergio soltou uma risada.

— Às vezes, esqueço que você é filho do Phoenix, não do Chase.

— Não consigo entender se isso é um elogio ou um insulto — eu respondi.

— Depende do meu humor. — Sergio sorriu quando viu o resultado o seu trabalho e finalizou o último ponto. — Você sabe que a nossa loucura tem método, certo?

— Sim. — Não. Quer dizer, eu sabia, mas algumas das regras não faziam sentido.

— Posso sentir sua irritação aumentando, Phoenixzinho. — Sergio tirou o acesso do soro e começou a limpá-la.

— Então me diz… — Comecei ajudando-o a junta toda a gaze ensanguentada. — Por que raios estava tudo bem para todos vocês pularem na cama uns dos outros, mas temos que fazer juramentos de sangue aos dezesseis anos de que não vamos nos beijar atrás da porra da árvore do meu quintal?

— Tantas lembranças boas daquela árvore. — Sergio tirou as luvas e ergueu os olhos. Seus olhos eram de um azul impressionante que me lembrava que ele era mais do que outro homem da Família. Ele era poderoso e era tio de Serena.

Eu estava cercado por homens Abandonato que cortariam meu pau e o enfiariam na minha boca se soubessem que eu estava me aproximando da sua princesinha.

Literalmente.

— Triângulos amorosos podem parecer divertidos na televisão ou nos livros, mas eles começam guerras na máfia, e a história dá sempre um jeito de se repetir. Você conhece todo o drama de Nixon, Chase e Tracey. — Ele revirou os olhos. — Quase acabou com a família Alfero. Foi como a nossa própria versão de Romeu e Julieta. Aí você tem toda a linhagem da família De Lange, que não apenas traiu a todos nós, como também traiu o Chase. Imagine se casar com alguém próximo e descobrir que o equilíbrio de poder era desigual? Foi assim que a primeira esposa de Chase se sentiu. Achávamos que casamentos entre todos nós manteria as famílias fortes. Em vez disso, quase nos destruiu. Então, quando você pensa por esse lado, faz sentido.

Suspirei.

— Então, o que você está dizendo é que o amor causa guerras, o ódio acaba com elas?

— Não, estou dizendo que quando as emoções são vorazes, e vocês têm armas, bem, não é a melhor combinação, sabe? — Ele encolheu os ombros. — Aprendemos uma lição importante com a nossa história. Às vezes, quando vocês se aproximam muito, como qualquer jovem se aproximaria, isso acaba produzindo ciúmes, brigas, e precisamos que vocês sejam fortes, não que se distraiam com todas as possibilidades sexuais que gostariam de pôr em prática.

Eu comecei a rir.

— Ah, eu não me preocuparia com o sexo que não estamos fazendo. Quero dizer, você viu quantos elásticos de cabelo que Breaker usa no pulso?

Sérgio estreitou os olhos.

— Achei que isso era só para irritar o Tex.

— Não. — Eu ri. — Dá uma conferida no Snapchat dele, cara. Tantas meninas, tantas, que perdi a conta. Se ele não tiver dormido com metade do Eagle Elite até se formar, é porque não quis.

— Poderia ter vivido uma vida inteira sem ter a imagem mental de

Breaker, com dezenove anos, pelado e recebendo elásticos em vez de fazer risquinhos na cabeceira da cama.

— Ah, quanto a isso, não se preocupa, ele também faz. — Dei um tapinha no ombro dele.

— Se Tex perguntar, não sabemos de nada sobre esse assunto. Ele cairia duro se aquele garoto engravidasse alguém.

— Ele é fã da Trojan, então eu com certeza não me preocuparia com...

— Tá, parei de ouvir quando você citou a Trojan.

— Homem sábio. — Eu balancei a cabeça.

— O mais sábio — ele concordou com um sorriso lento. — Você precisa de ajuda para levá-la para o quarto?

— Deixa comigo. Vou capotar em um dos quartos de hóspedes. Já tá tarde, e Trace sabe fazer ovos melhor que a minha mãe.

Sérgio fez uma careta.

— É como se ela estivesse tentando envenenar as pessoas.

— Não é? — Eu joguei minhas mãos para cima. — É porque ela se esforça demais.

— A comida que o diga. Se revolta de propósito — brincou ele.

Dante entrou na cozinha como se tivesse acabado de fazer um passeio agradável pela estrada afora.

Ele havia tomado banho, não havia resquícios de sangue, e estava com um sorriso enorme.

Cara, o sujeito adorava cuidar de cadáveres, era um doente do caralho.

— Tudo certo? — Sérgio perguntou.

— Adorei o cimento. — Ele estalou os nós dos dedos. — Só preciso atualizar vocês sobre algumas coisas. Todo mundo ainda está no porão?

— Tex foi para casa, mas o restante está aqui.

— Que bom. — Seus olhos brilharam por um minuto e então ele olhou

para Serena. — Caralho, é ponto pra cacete.

Eu estremeci.

— Foi necessário.

— Mas não ajuda em nada quando você acorda de madrugada morrendo de dor — ele pontuou. — Serg, você terminou?

— Sim. — Eles começaram a conversar em voz baixa, me deixando com a tarefa de carregar Serena para o quarto dela no andar de cima.

Eu gentilmente a peguei nos braços e subi os degraus, um de cada vez, um pé na frente do outro, até que finalmente cheguei ao seu grande quarto no final do corredor.

Acendi as luzes, a deitei na cama e procurei por uma camiseta que pudesse deixar perto dela.

— Você parece ter se perdido. — ela murmurou, sem abrir os olhos. — Acho que já faz um tempo.

— Ah, a morfina tá fazendo efeito. Ótimo. — Finalmente decidi por uma camiseta branca lisa e segurei a peça para ela. — Acha que consegue se mover o suficiente para vestir isso?

Ela gemeu e então abriu o olho direito já inchado para olhar para mim.

— Mal consigo enxergar, o que você acha?

— Esqueci o quanto você é divertida quando está chapada.

Seu sorriso indicava que estava meio fora do ar enquanto levantava os braços para que eu pudesse vesti-la.

Resmungando, tirei o que restava do moletom e da regata, deixando-a completamente sem camisa.

— Espera. — Ela tombou para frente. — Chuveiro. Estou toda suja de sangue, preciso de um banho.

Suspirei de irritação.

— Serena, você mal consegue manter os olhos abertos, provavelmente vai se afogar de pé.

— É por isso que você está aqui, meu amigo.

— Tá, não sou seu amigo, e mesmo se eu fosse, não correria o risco de levar um tiro dentro da sua casa só porque sangue te deixa grogue.

— Você estava me ajudando. — Ela ergueu os dois dedos que Sergio havia imobilizado com fita adesiva, os dois que estavam fraturados. — Dois. — Do que ela estava falando? — Eu realmente quero esquecer esta noite, não só o sangue, eu só... por favor?

Eu cerrei os dentes.

— É estranho ver você sendo educada..

— Não se acostume com isso.

— Nem sonharia — Decisão tomada, fui até a porta dela, fechei e estendi as mãos. — Beleza, vamos nos apressar e deixar você nua e limpa.

— Que romântico. — Ela tombou para frente e estremeceu quando tentei tirar sua calça de couro.

Serena estava seminua quando eu a levantei do chão; e então tive a difícil tarefa de tirar sua calcinha de renda vermelha.

Limpei a garganta e rapidamente a joguei de lado, depois peguei a garota que se recusava a me olhar e entrei no banheiro.

Coloquei-a de pé e liguei o chuveiro. Serena se apoiou na parede enquanto eu me certificava de que a água estava quente.

E então ela tropeçou em mim, quase me jogando na água com roupa e tudo. Com uma reclamação, balancei a cabeça.

— Você não consegue fazer isso sozinha?

— Não tenho certeza se consigo segurar sabonete. — Seu lábio inferior tremeu.

Merda. Serena raramente chorava.

Provavelmente era por causa da medicação, do cadáver, das circunstâncias... Porra, escolha um motivo.

— Não chora. — Eu a abracei forte.

— Eu ainda te odeio. — Ela se apoiou no meu peito.

— Bem, eu também não sou sua maior fã, princesa.

— Vamos logo antes que meu pai dê um tiro em você.

— Amo histórias com finais felizes. — Tirei minha camisa e, em seguida, a calça jeans enquanto ela se recostava na pia, depois os sapatos e as meias. Eu estava completamente nu e tentando ao máximo pensar em qualquer coisa que não fosse sua pele rosada.

— Ai. — Ela sibilou quando entramos sob a água quente. — Dói.

— Os pontos já estão limpos, então vamos limpar o restante, ok?

— Você vai lavar meu cabelo agora e depois fazer uma trança? — Ela tombou para frente, me forçando a segurar seu corpo escorregadio contra o meu.

Eu travei o maxilar.

— Você sabe que sou péssimo em trançar o cabelo de qualquer pessoa, menos da Izzy.

— É verdade. — Ela riu, e então a risada de alguma forma se transformou em um soluço enquanto eu a segurava com força. — É tudo tão errado. Eu fiz tudo errado.

— Você não fez nada de errado. — Eu fiz um carinho no seu rosto. — Estávamos todos lá. Você agiu por instinto, e ninguém pode te culpar por isso, muito menos eu, já que provavelmente eu era o sortudo que seria o alvo. Além disso, não podemos confiar em ninguém.

— Nem mesmo um no outro. — Seus olhos procuraram os meus.

Engoli em seco.

— Não é verdade. Podemos confiar um no outro. Confiança não tem nada a ver com gostar de alguém e tudo a ver com saber que, no final das contas, essa pessoa vai te proteger.

— Essa é a sua maneira indireta de dizer que confia em mim, apesar do seu ódio? — Serena pelo menos não estava mais chorando.

Eu disse a única coisa que podia, a única coisa que a manteria segura e que me manteria vivo.

— Meu amor não é importante, não quando você tem minha confiança. Você é como a guardiã das almas, Serena, você mantém a minha em segurança, assim como eu mantenho a sua em segurança. Para que serve o amor quando temos isso?

Ela assentiu.

— Você tem razão.

— Eu sei que tenho. — Peguei o sabonete líquido e comecei pelos seus ombros. — Agora, tente não desmaiar.

Não falamos mais nada durante o banho, e embora eu tentasse ao máximo não ficar excitado, era impossível.

Eu só esperava que Serena estivesse muito chapada de morfina para não lembrar que meu pau queria muito mostrar como poderia ser acolhedor em cerca de um bilhão de posições e maneiras diferentes.

Não importava quantas vezes meu cérebro e meu coração dissessem ao meu corpo para se controlar, ele simplesmente ignorou e continuou desejando, se esforçando, implorando para que ela prestasse atenção.

Estávamos nos enxaguando quando sua mão roçou em mim.

Fiquei imóvel.

Ela agiu como se tivesse sido um acidente, e talvez tenha sido. Mas então a outra mão dela se moveu.

E antes que eu percebesse o que estava acontecendo, eu a prendi contra a parede do chuveiro.

— Não faça isso.

— Fazer o quê? — Seu olhar sonolento encontrou o meu. — Tocar?

— Serena.

— Você botou a mão no meu peito esta noite.

Ela me pegou nessa.

— Eu estava te sacaneando.

A sua mão boa desceu e apertou meu pau com tanta força, que quase

terminei ali mesmo.

— Considere-se sacaneado.

— Então estamos quites, Serena? — Minha voz falhou.

— Acho que sempre lutaremos para ter mais poder, não é?

— A guerra é chata quando os lados estão sempre em pé de igualdade.

— Hum. — Sua mão se afastou lentamente.

Nossas testas se tocaram enquanto a água escorria entre a gente. As bocas estavam a centímetros de distância, seu peito arfava.

Fechei os olhos com força e balancei a cabeça, esperando que a realidade se instalasse.

Serena não era minha.

Eu não era dela.

Ela desviou o olhar como se não quisesse que eu visse a verdadeira dor em seus olhos.

E eu a deixei fazer isso porque não podia confiar em mim mesmo, não podia confiar que não iria puxá-la contra mim e consertar tudo.

Consertar a gente.

Desliguei o chuveiro, peguei uma toalha e a enrolei com o máximo de gentileza possível.

Nenhuma palavra foi dita enquanto eu a arrumava para dormir, e quando fui abrir a porta, vi Trace parada do outro lado, com uma expressão de preocupação, não de acusação.

— Como ela está?

— Dormindo, ela queria um banho, eu tentei...

Trace me interrompeu com um abraço.

— Obrigada. Você pode ficar com ela, o que acha? Os homens ainda estão lá embaixo se reunindo e sua mãe passou aqui para conversar sobre algumas coisas. — Eu queria perguntar quais coisas, mas em vez disso balancei

a cabeça e disse:

— Vou manter a porta aberta.

— Não. — Ela sorriu. — Eu confio em você.

Ela se afastou, e quando fechei a porta, sussurrei:

— Você não deveria.



Capítulo Nove

Serena

Eu não queria acordar.

Não porque desejasse morrer.

Mas sim porque Junior estava dormindo ao meu lado, e mesmo estando numa posição hilária, fora das cobertas, ele estava lá.

E há tempos que ele não fica assim, ao meu lado. Há muito tempo.

Engoli em seco, sentindo o nó na garganta, e coloquei de volta a máscara de ódio, porque era tudo que eu tinha.

E eu aceitaria o que viesse dele em qualquer momento. Se não fosse seu amor, que assim seja.

— O cessar-fogo acabou? — Sua voz saiu rouca, profunda, carregada por causa do sono, um som que faz qualquer garota estremecer em todos os lugares certos. Odiá-lo era um trabalho de tempo integral, especialmente tendo uma voz como essa, o corpo de um deus e a porcaria daqueles olhos azul-petróleo que sempre pareciam ver além das minhas máscaras.

Pela primeira vez em muito tempo, admiti a verdade, admiti minha fraqueza e sussurrei:

— Só mais dois minutos. — E então minha mão passeou pelo edredom e agarrou a dele.

Eu podia sentir seu pulso sob a minha pele. As lembranças vieram com força total.

— Isso — Junior me agarrou pelas coxas e então apertou minha mão e a

pressionou contra seu peito nu. — Sempre será seu.

— Mesmo sendo errado? — perguntei.

— Às vezes, o coração não consegue evitar disparar pela pessoa errada, e quem sou eu para negar o que meu coração deseja, mesmo que isso acabe me matando?

— Não brinca com isso.

— Eu morreria pelo seu amor — ele sussurrou. — E as últimas palavras que eu diria valeriam a pena, valeriam a pena pra caralho.

Lágrimas encheram meus olhos.

— Eu te amo muito.

— Enquanto nós dois vivermos — ele murmurou contra meus lábios.

— Enquanto nós dois vivermos — eu devolvi, me agarrando a ele como se Junior fosse minha vida, minha alma.



Dois dias depois, ele pegou o coração que eu entreguei tão generosamente e jogou na minha cara.

Eu não estava esperando por isso.

Talvez Junior já estivesse se preparando porque, segundos depois, ele lentamente tirou a mão da minha. Senti no peito o afastamento, a dor era muito forte – muito pior do que as feridas da noite anterior, porque não havia morfina para esse tipo de dor.

Afinal, não havia como dar pontos fortes o suficiente para um coração partido como o meu.

Melhor que ficasse partido, para que nunca precisasse sentir esse primeiro corte.

A dor nunca vem nos primeiros dias depois de alguém partir o seu

coração.

A dor surge no momento em que você percebe que o seu “para sempre” não faz mais parte do seu futuro, mas sim do seu passado.

Junior se levantou lentamente da cama e vestiu a camisa ensanguentada da noite anterior. Eu o observei se movimentar pelo quarto e juntar suas coisas, e então o observei caminhar até a porta e hesitar, como se quisesse olhar para trás — mas, e em vez disso, apenas acertou a postura, abriu a porta e seguiu em frente.

Ele não viu a lágrima que escorreu pelo meu rosto. Para todo mundo, as minhas dores eram físicas.

Mas minha alma sabia: a dor vinha de todos os sentimentos que Sergio nunca seria capaz de costurar.



Dez minutos depois, eu já tinha vestido um moletom e descido lentamente em direção à cozinha.

Pisquei, surpresa.

Todo mundo estava lá?

Quer dizer, a gente costumava fazer aqueles jantares em família, não cafés da manhã em família.

As crianças estavam na sala, e pelo que dava para perceber, Frozen II estava passando pela milionésima vez.

Breaker e King estavam sentados com eles, junto com Violet, Claire e Izzy. Isso significava que não tínhamos sido convidados para o café da manhã?

Risadas altas me fizeram seguir lentamente para a cozinha. Ash estava quase sentando no colo de Junior, numa vã tentativa de impedi-lo de roubar todo o bacon.

Tex estava segurando um prato com ovos mexidos enquanto Chase gritava alguma coisa sobre deixar cair cabelo de homem na comida.

As esposas estavam fazendo mimosas, como se estivessem prontas para sair de férias, e eu estava genuinamente confusa.

— O que está rolando? — Bocejei.

— Querida? — Meu pai se virou, com uma expressão preocupada, e em um segundo eu estava em seus braços, descansando a cabeça em seu peito. Ele sempre estava perfumado e sempre parecia tão forte, que era como se pudesse me salvar do mundo, e eu nunca duvidei que ele pudesse fazer isso.

Nem uma vez.

— Como você está se sentindo? — Ele beijou a minha cabeça.

— Como se eu tivesse passado um fim de semana em um spa — provoquei e então fiquei na ponta dos pés e dei um beijo na sua bochecha. — Desculpa por ter feito besteira ontem à noite...

— Não. — Ele segurou meu queixo. — Lamento que você tenha passado por isso. Mas não posso lamentar que um dia você vá liderar essa família, isso meio que faz o velho aqui querer chorar.

Tio Chase começou a rir.

— Igual a quando você estava vendo Frozen II?

Eu não conseguia ver, mas imaginei que meu pai estava mostrando o dedo médio para ele pelas minhas costas.

Como sempre.

Mamãe se aproximou e nos abraçou.

— Tirando esse olho, você não parece tão ferrada.

— Olha, eu vou ficar me achando depois de tanto elogio. — Eu a abracei de volta.

Tio Tex levantou sua mimosa e bateu nela com o garfo.

— Temos novidades.

Minha tia Mo pegou uma garrafa de champanhe e levantou com ele.

— Você está grávida de novo! — chutei.

Mo me lançou um olhar horrorizado.

— Eu pareço grávida?

— Não, diga que não — disse Tex rapidamente, ganhando um tapa na nuca. — O que eu fiz?

Ela tomou um gole da garrafa.

— Ok, então… Dante chamou nossa atenção para algo ontem à noite, depois de se livrar de outro corpo, que, a propósito, ouvi dizer que ela não apenas estava armada com uma faca e duas pistolas, mas também era uma De Lange. Muito bem, Serena...

— Mandou bem! — Ash ergueu sua mimosa.

Chase balançou a cabeça para ele. Então Ash baixou a mão e piscou. Suspirei.

— De qualquer forma... — Tex pigarreou. — Mesmo que as coisas estejam um pouco tensas, já passamos por coisas muito piores...

Andrei escolheu esse momento para entrar na cozinha junto da esposa.

— Quem comeu todo o bacon?

— Ei, dá licença? — Tex rosnou. — Estou tentando fazer um anúncio.

— Tem aqui, cara. — Ash entregou a ele o prato.

Andrei piscou e depois fez uma careta para as mimosas; depois tirou da jaqueta o que todos sabíamos ser uma garrafa de vodca e despejou um pouco em um copo com suco de laranja. Ele tomou um gole e passou para Alice como se estivesse testando a bebida antes dela ou algo do tipo. Bem, muitas pessoas queriam que eles morressem, então talvez essa não fosse uma ideia tão descabida.

— Como eu estava dizendo... — Tex se levantou. — Dante nos alertou que Phoenix e Bee acabaram de comemorar o vigésimo aniversário de casamento e não fizeram uma viagem nos últimos quinze anos. Por mais malucas que as coisas tenham estado ultimamente, já estiveram piores, então votamos e decidimos que cada um dos casais fará uma viagem. E como eles acabaram de comemorar o aniversário, vão primeiro, duas semanas para qualquer lugar do mundo. Somos grandes o suficiente para proteger tudo. O

único problema é aquele bosta ali.

Tex apontou para Junior.

Junior mordeu um pedaço de bacon.

— Tá falando de mim, não é?

— Sim, de você — eu disse docemente, ganhando um dedo do meio e uma piscadela que senti em todos os lugares errados.

— Votamos ontem à noite e queríamos contar às crianças hoje. Todos nós vamos fazer turnos, e, bem, parece que chegou a hora, especialmente agora que nossos filhos estão crescendo e sendo capazes de assumir parte das funções.

Percebi que ele se referia a nós.

E parte de mim se perguntava se o fato de nós três termos sido iniciados fazia parte dessa decisão.

Ou seja, eu fui a última, portanto eles se sentiam seguros sabendo que a Família tinha um chefe em potencial caso o pior acontecesse.

Só de pensar nisso, meu estômago embrulhou.

Phoenix agarrou a mão de Bee e a beijou.

— Vamos para Fiji.

Bee ficou chocada, em seguida o atacou com beijos e carícias, e então precisamos desviar o olhar.

— Mãe, ah, cara! — Junior jogou um pedaço de bacon. — Não na frente dos ovos!

— Guarda isso aí para o jatinho. — Tex riu. — E estou feliz por vocês, mas quem vai cuidar desse bosta?

— Poderíamos parar com os xingamentos? — Junior olhou feio e sorriu, com a mão contra o peito. — Eu sou sensível.

— Teu cu — Ash murmurou baixinho.

Eles começaram a brigar como melhores amigos fazem, e então meu pai selou um destino que ele nunca poderia imaginar que estava escrito nas estrelas ao dizer:

— Ele pode ficar aqui.

Mantive minha expressão calma, mas não deixei de notar o olhar de pânico de Ash ou o de advertência do tio Chase.

Ninguém disse nada.

Porque era um segredo nosso, não deles.

Mas eu tinha a sensação de que precisaria trabalhar com muito mais afinco para lidar com meu ódio, para acidentalmente não perdê-lo de vista em detrimento do meu amor do passado.

E nos condenar para sempre.

Porque o nosso amor não seria apenas um problema. Nosso amor destruiria as Famílias.

Separaria as Famílias.

Eu sabia disso no fundo da minha alma.

No fundo, eu sabia que Junior estava certo, embora tudo isso fosse muito errado.

Eu sabia que deixar de o amar era a única maneira de coexistirmos.

E agora, ele ficaria no quarto de hóspedes, por perto, porque eu sabia que meu pai o queria mais perto da sala de estar, bem como do cofre de armas no lado oeste da casa. Tudo era estratégico quando se tratava de dormir.

Deus ajude a todos nós.

Porque meu pai o mataria se soubesse que Junior me tocou.

E Phoenix nunca perdoaria o próprio filho por fazer a única coisa que jurou nunca fazer: tocar em uma herdeira Abandonato, desejá-la, estar com ela, do jeito que ele fez com a mãe.

Eles namoraram então? Não era comentado, mas eu sabia que havia algum tipo de mágoa. E por isso eu sabia como fazer as coisas, embora toda vez que o fizesse, soubesse que era errado. A questão é que eu nunca soube quão errado era, ou quão horrível tudo se tornou. Talvez, se eu soubesse disso, nunca teria feito nada, mas eu não sabia, e minha ignorância foi uma sentença de morte.

Engoli em seco e dei um olhar preocupado para Ash, e isso foi suficiente para ver Junior se levantar e sair da cozinha com seu jeito irritado de sempre.

E fiquei grata por pelo menos um de nós ser sensato o suficiente para fazer a coisa certa. Ir. Embora.

Pelo menos o ódio dele permaneceria intacto, solidificando o meu. Nós só precisávamos continuar desse jeito.

E ficaríamos bem.

Então por que meu coração estava martelando no peito? Por que meus olhos estavam procurando outro ponto focal? E por que de repente senti necessidade de confessar tudo?

Tio Chase olhou para mim novamente, a expressão curiosa estava lá, e então em um movimento lento de cabeça me disse tudo que eu precisava saber. Seus olhos azuis criaram rugas nas laterais quando ele me deu um sorriso triste e cruzou os braços.

Nosso segredo.

Isso seria bom.

Seriam apenas duas semanas.

Éramos inimigos há mais de um ano; de jeito nenhum duas semanas poderiam mudar um ano de dor.

Era impossível.

E, ainda assim, meu estúpido coração acelerava e me dizia: talvez não seja.



Capítulo Dez

Junior

— Você está animado com a viagem dos seus pais? — Ash perguntou alguns dias depois, quando estávamos no campus, sentados na área externa tomando café antes da aula.

Eu bufei antes de levar o copo à boca.

— Nem sabia que minha mãe tinha tanta roupa de banho. Se aparecer mais um biquíni na minha frente, meus olhos vão começar a sangrar, assim como minha alma se desfaz toda vez que papai agarra a bunda dela.

Ash começou a rir.

— É, não vou mentir, não consigo imaginar o taciturno Phoenix Nicolasi agarrando a bunda da sua mãe sem que Tex corte fora sua mão. Quer dizer, eles são casados e tudo mais, mas juro que os olhos dele ainda tremem quando seus pais se beijam.

Eu sorri, e então meu sorriso esmaeceu porque mais uma vez lembrei de que minha mãe era irmã de Tex, o que a deveria ter deixado fora do alcance do meu pai, mesmo assim ele obviamente ignorou o problema do namoro dentro das Famílias.

— Quando eles vão? — Ash perguntou, me tirando do meu momento de autocomiseração. Eu estava triste desde que saí do quarto de Serena.

Tudo o que eu queria fazer era me virar, puxá-la para os meus braços e beijar cada centímetro do seu corpo.

Provavelmente, ela teria me dado uma joelhada nas bolas, já que a morfina tinha praticamente evaporado de seu sistema. Isso a deixou irritada a

manhã toda. Mas teria valido a pena a tentativa, não é?

— Irmão! — Ash acenou com a mão na frente do meu rosto. — O que tá pegando?

— Nada — eu rebati. — Eles viajam hoje de manhã.

Outra razão pela qual eu estava indo para a aula em vez de faltar era que eu precisava de todas as desculpas possíveis para ficar no campus até ter que ir para a casa de Serena.

— Bacana. — Ele colocou os óculos escuros e acenou para Claire. Ela estava mandando mensagens de texto enquanto caminhava, típico dela.

Quando ela finalmente olhou para cima, sorriu e veio até a gente saltitando.

— E aí pessoal, estão liberados?

— Mais uma aula ainda — anunciei e pedi a Deus para que Serena não aparecesse. Desde que roubei sua calcinha e tivemos aquela briga no gramado, ela evitava a disciplina que fazíamos juntos. Eu considerava isso uma benção dos céus.

Claire torceu o nariz, depois olhou de volta para o telefone e sorriu.

— Você já está traindo o Ash? — provoquei.

Ela revirou os olhos.

— Hilário.

— Qual é… — Ash me empurrou.

— Ei! — Eu levantei as mãos. — Talvez você devesse aprender a deixar a garota feliz, para que ela não pule cercas.

— Ash, não cai na pilha. — Claire colocou o celular de volta na bolsa. — Na verdade estou mandando uma mensagem para Annie. Ela é muito gentil e pensei que seria legal se todos saíssemos juntos novamente.

A mandíbula de Ash travou, embora seus olhos não revelassem nada.

— Você acha que essa é a melhor ideia? Festejar com eles é uma coisa, armar para eles e tentar descobrir se querem nos pegar é uma coisa, mas ir

pentear o cabelo uma da outra?

— A gente não faz isso, Ash. — Ela deu um tapinha na cabeça dele. — Desculpa te desapontar, mas também não dançamos usando só calcinha nem fazemos guerras de travesseiros.

— Por que você tá contando essa história tão triste? — Breaker interrompeu, sentando-se à mesma mesa de piquenique e jogando uma sacola em cima.

Claire suspirou.

— Breaker, você está com dois chupões, e esses são só os visíveis. Acho que você consegue lidar com isso.

— Tá dando pra ver?! — ele repetiu com um sorriso malicioso.

Claire revirou os olhos.

— E, Ash, pensa direito, de que outra forma poderíamos nos aproximar e fazer com que eles confiem na gente? Até agora Sergio não encontrou nada sobre nenhum aluno, exceto aquela...

Eu dei um balançar mínimo de cabeça.

Claire franziu os lábios como se estivesse irritada e continuou falando.

— Eu só estou dizendo que não é a pior ideia do mundo sair para curtir ou fazer algo do tipo. Talvez a gente pudesse ir comer pizza? Beber alguma coisa? Alguma coisa, qualquer coisa.

Ash franziu o cenho.

— O que há de errado com a diversão ser só entre a gente? Você não está curtindo ou algo do tipo?

Breaker e eu trocamos um olhar desconfortável enquanto Claire engolia em seco e olhava para baixo.

— Não, eu adoro sair com vocês, é só que... às vezes a pessoa quer... ser normal.

Ash se encolheu como se tivesse levado um tapa na cara.

— Tá na minha hora. — Eu me levantei e me preparei para me despedir.

— Vejo vocês mais tarde. Me digam o que decidirem, e, só para constar, por mim tanto faz o normal ou o insano, ok?

Saí antes que eles começassem a brigar. Eu odiava que Claire tivesse razão.

Quase tanto quanto eu odiava a sensação de que isso machucava Ash. Ela não entendia que ele estava tentando protegê-la o máximo que podia.

Não éramos como os outros estudantes universitários.

Normal podia ser algo bom, mas não era pra gente. Nunca seríamos desse jeito.

E se ela quisesse o normal, precisava sair agora, antes que fosse impossível escapar.

O que, pensando nisso de novo, provavelmente já era tarde demais.

Ash sabia disso.

Eu sabia.

Eu me perguntei se Claire entendia isso ou se ela simplesmente se apaixonou tanto pela porcaria do charme de Ash que não tinha ideia de que haveria consequências ao aproveitar o abdômen sarado, as covinhas e orgasmos múltiplos, tudo num mesmo pacote.

Coloquei minha bolsa no ombro, fui à aula de história e sentei no meu lugar nos fundos da sala.

Primeiro senti seu perfume.

Esse perfume me assombrava noite e dia.

Às vezes, era baunilha; outras vezes era doce como abacaxi, mas com um aroma que me fazia cerrar os punhos; notas que faziam meu sangue esquentar a temperaturas ridículas quando me lembrava de todas as vezes em que ela foi minha.

E todas as razões pelas quais ela não era mais.

Merda. Eu não teria sossego nas próximas duas semanas. Não havia escapatória.

Seria Serena, seu perfume e aqueles olhos cheios de ódio quando as pessoas estavam olhando, mas tão tristes quando ninguém estava por perto que eu não sabia mais no que acreditar.

— Estou surpreso que você não tenha matado aula — eu disse, sem tirar os olhos do meu telefone. A cadeira dela se virou na minha direção.

Levantei o olhar.

Seu rosto ainda estava um pouco machucado, mas a maquiagem especial deu conta do pior. Havia pequenas manchas roxas sob seus olhos, mas Serena continuava linda. Uma rainha entre os homens.

Suas costelas provavelmente ainda estavam doloridas, e eu sabia o motivo pelo qual ela estava usando a jaqueta da Eagle Elite quando odiava usar o uniforme — porque, segundo ela, escondia seus melhores atributos.

A bunda e os peitos.

Eu poderia atestar que eram impressionantes.

Ok, tudo bem, mais do que impressionantes. De outro mundo. Nixon e Trace fabricaram a porra de uma modelo internacional.

— Sim, bem, mais uma aula perdida... — Ela estremeceu como se falar isso causasse dor. — …e eu reprovo. Eu pedi para o papai para me tirar dessa aula, já que tenho que ficar ao seu lado sofrendo, mas ele não aceitou.

Eu zombei.

— Pobre princesinha linda, tá dizendo que o papai disse não? Para você? Estou absolutamente chocado.

Seus olhos azuis se estreitaram em pequenas fendas.

— Diz o cara que comprou um carro novo porque, e eu cito, “a tecnologia estava totalmente defasada”.

— Eu tinha dezesseis anos — respondi na defensiva. — E para um carro tão caro, estava tudo dando errado.

— Tanto faz. Só estou dizendo que não sou a única mimada aqui. Como você vai fazer sem a mamãe preparando seu almoço, ou dando tapinhas na sua cabeça quando você aparecer com um arranhão ou te colocando na cama à noite? Ah, e antes que eu esqueça, acabou o macarrão com queijo.

Ignorando-a, me inclinei e sussurrei em voz baixa:

— Você está se oferecendo para fazer tudo isso, Serena? Porque acho que gostaria de te ver de joelhos, beijando meus machucados.

Ela me deu um sorriso largo, o que me chocou um pouco, e então se inclinou e murmurou:

— Prefiro perfurar meu crânio com esta caneta. — O som dela apertando a caneta poderia muito bem ser um convite.

Agarrei sua mão e puxei, e a cadeira de Serena se aproximou da minha.

— Engraçado, porque não me lembro de nenhuma vez em que você tenha preferido a morte ao meu pau.

Seus olhos brilharam.

— As coisas mudam. Além disso, eu era jovem, não tinha com o que comparar, mas agora... — Ela encolheu os ombros. — Digamos apenas que não me impressiona.

— Porra nenhuma — eu sibilei.

— Ah, por favor. — Ela revirou os olhos e afastou a mão. — A gente ameaça um ao outro de morte, mas você vai ficar bolado por causa disso?

O professor estava falando sobre alguma merda inútil. E Serena estava olhando para mim como se eu tivesse vindo de outro planeta.

Meu corpo estava dormente e quente, tudo ao mesmo tempo. Outro homem. Houve outro cara? Quantos? Ela dormiu com outra pessoa?

Eu não conseguia respirar.

Eu nunca tive um ataque de pânico, mas se fosse parecido com aquilo, acho que preferiria dar com a cabeça na parede. Meu peito parecia travado, o coração batia forte demais e eu tinha dificuldade para engolir a saliva.

Agarrei a borda da mesa e tentei retomar a respiração, sem sucesso.

— Junior? — ela perguntou com uma voz calma, estendendo a mão para mim com preocupação.

Eu me levantei, peguei minhas coisas e saí.

Eu tinha acabado de sair do prédio quando Serena apareceu correndo atrás de mim, e com o típico estilo Serena de ser, jogou a bolsa nas minhas costas.

— Junior! Qual é o seu problema?

Cambaleei um pouco para frente com o impacto, mas continuei andando.

— Você tá falando sério? — ela gritou, me perseguindo o mais rápido que conseguia, já que ainda estava bem machucada. — Tudo bem — ela gritou mais alto. — Seu pau é enorme, o melhor da minha vida, Junior Nicolasi tem um pau de mel…

— Calada. — Eu me virei e a segurei pelo ombro bom, meus dedos deixando sua pele branca. — Continue falando, e vou pegar no outro braço, então Sergio vai ter que te costurar de novo.

— Você é insano. — Ela cerrou os dentes. — Eu não consigo acreditar que você saiu da aula por causa de algo tão estúpido...

— Não é estúpido! E não estou com raiva por causa do lance do meu pau! — eu rugi e recebi olhares estranhos das pessoas que passavam correndo pela gente.

— Hum, estávamos então discutindo sobre coisas diferentes? — Seus olhos se arregalaram. — Você saiu por…?

— Saí porque você me comparou! — gritei. — O que significa que você tem transado por aí. Quantos, Serena? Hein? Quantos caras você chupou enquanto…?

Sua mão boa veio voando em direção ao meu rosto, e o tapa foi tão forte, que tombei para o lado.

— Não. — Ela cerrou os dentes. — Não se atreva a me desrespeitar desse jeito.

Esfreguei minha bochecha.

— Quantos?

— Isso é estúpido. — Ela empurrou meu peito. — Você realmente quer entrar nessa? Hein? Vamos comparar nossos parceiros sexuais? Dar números? Como diabos isso vai ser melhor para a gente?

Por fora, eu parecia completamente recomposto, mas a respiração e a dor no peito quando ele subia e descia continuavam aumentando. Ela não esperou. Ela não era minha.

— Vá em frente, pergunta.

Ela revirou os olhos.

— Eu já sei que você andou se divertindo por aí, Junior, então vou assumir algo além de duas mãos, que é mais do que o dobro do meu número.

— Errado — sussurrei enquanto uma névoa sufocante descia sobre mim.

— Uau! — Ela riu. — Mais ainda?

Balancei a cabeça, magoado demais para falar, irritado demais para formar palavras.

— Essa conversa acabou.

— Você não pode simplesmente começar e não terminar. Não me faça bater em você de novo, Junior. — Seu tom era mais provocador. Ela não tinha ideia de que a sensação era do coração estar sendo arrancado do peito.

Ela não sabia que eu me sentia sozinho. Perdido.

Esquecido.

Tão sem importância, que eu tinha me tornado uma piada colossal para ela; que meus sentimentos eram motivo de riso.

— Um — eu finalmente disse. — Meu número é um.

Ela empalideceu, seus lábios se separaram, mas nada saiu. E então Serena estendeu a mão para mim.

Eu me afastei e balancei a cabeça.

— Mas aparentemente eu tenho que mudar isso para fazer algumas comparações também... — Comecei a me afastar.

— Junior, espera! — Ela agarrou meu braço novamente. — Para onde você está indo?

— Encontrar algumas garotas que estejam a fim. — Eu zombei. — Talvez eu tenha sorte e faça um ménage à trois.

— Você não quer fazer isso. — Sua voz falhou e seus olhos se encheram de lágrimas não derramadas.

— Mas eu tenho, Serena. — Eu a mirei. — E eu realmente quero. Porque como caralhos eu vou esquecer essa conversa? Isso agora existe. Está na minha cabeça. Sua confissão poderia muito bem vir como um tiro na cabeça, bem como faria um carrasco, ou pelo menos no coração. — Eu respirei fundo. — Vai. Se. Foder.

— Junior. Não! — Ela gritou. — Você não pode apenas

— Eu posso. Eu vou. Desculpa, Serena, vou procurar minha nova rainha. Deus sabe que esperei o suficiente para encontrar uma substituta.

— Você nunca vai me substituir. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Nunca.

— Veremos.

E assim voltamos ao ponto onde as coisas se partiram.

E ficou dolorosamente claro que, embora eu estivesse cumprindo meu papel, nunca esqueci minha promessa de amá-la para sempre.

E Serena?

Ela obviamente não falava sério.

— Eu vou te amar enquanto nós dois vivermos.

— Eu vou te amar enquanto nós dois vivermos.

— Não importa o que aconteça? — Ela perguntou: — Mesmo que dê errado?

— Uma promessa de sangue é uma promessa feita na minha alma. — Peguei nossas mãos e pressionei as palmas ensanguentadas. — Não importa o que eu diga, o que você pense, o que eu faça, você é minha dona, Serena Abandonato, e um dia serei seu, assim como você já é minha.

Bati a porta do meu carro. E gritei.



Capítulo Onze

Serena

Eu deveria saber que o cessar-fogo com Junior não chegaria a lugar algum. Na verdade, depois da nossa briga, quando lavamos a roupa suja no gramado do campus na frente de todo mundo — de novo —, as coisas pareciam tão tensas, que eu queria dar um soco na cara dele só para me sentir melhor em relação ao modo como me tratou.

Ele fez tudo parecer verossímil, as mentiras, o harém que havia formado, se esfregando toda hora em uma diferente, às vezes bem na minha frente com aquele sorriso malicioso no rosto.

— Jantar! — mamãe gritou no corredor.

Ele já estava em casa; eu tinha ouvido sua voz, senti a tensão saindo dela junto com toda aquela raiva equivocada.

Talvez ele não devesse ter me induzido a achar que estava pegando geral se era para ficar tão chateado por eu fazer a mesma coisa.

Não que eu tenha feito isso.

Quer dizer, eu fiz, transei com outras pessoas, mas não com várias; aconteceu uma semana depois que ele partiu meu coração em um milhão de pedaços.

Eu achei que isso faria com que eu me sentisse melhor.

Não fez; na verdade, só me irritou ainda mais.

Quando encontrei com o cara no campus, me senti suja por causa daquela noite, foi tudo tão corrido e tão oposto ao que eu tinha construído com Junior,

que me perguntei se eu estava com algum defeito de fábrica, se havia algo errado comigo ou se meu corpo simplesmente se recusava a me deixar sentir prazer com qualquer pessoa. Eu só respondia a ele, e isso só me irritou ainda mais. Afinal, como esse corpo burro ousa me fazer comparar cada beijo, cada toque, cada gemido?

Balancei a cabeça e lentamente saí do meu quarto; segui pelo corredor em direção à enorme cozinha que parecia profissional.

A longa mesa de madeira provavelmente tinha comida suficiente para alimentar um país de pequenas proporções. Mas é aquilo, somos italianos; não é como se fôssemos de fato muito fãs de controlar o tamanho das porções.

Coração partido? Pega um pedaço de pão!

Dedo quebrado? Prova esse vinho; é um Malbec! Quase morrendo? Um pratinho de macarrão vai ajudar!

Meus olhos passaram pela mesa. Papai já estava sentado à cabeceira, olhando para o telefone enquanto mamãe se movia ao redor dele e lhe dava um beijo na cabeça.

Ele a agarrou pela cintura e a girou, até que ela sentasse em seu colo.

— Senti sua falta hoje — ele disse em um sussurro áspero antes de beijá-la.

Ela suspirou.

— Também senti saudade.

— Arranjem um quarto, pessoal, arranjem um quarto — eu disse entre risos.

— Olha aí a que está querendo outro irmão! — papai brincou enquanto Bella se sentava no extremo oposto da mesa, dando a eles um enorme sorriso. Ela estava naquela fase de “Eu quero uma irmãzinha” só para poder cuidar de alguém.

Fingi uma ânsia de vômito só para fazer graça e puxei uma das poltronas pretas e pisquei para Bella.

A porta da frente bateu, e então Junior entrou com uma garota a tiracolo.

A primeira coisa que notei foi que pude ver pelo menos duas extensões

loiras, em seguida deu para perceber que as unhas dela poderiam fazer estrago se chegassem muito perto, e por último?

Ela estava dando risadinhas. A parte divertida?

Ninguém disse uma porra de uma palavra.

E no minuto seguinte, ela estava apenas preenchendo o ambiente com sua risadinha irritante sem motivo algum. E Junior? Ele parecia gostar disso, embora meus ouvidos estivessem sangrando. Se uma cabra pudesse rir, sua risada seria igual à da fã de mega-hair ali.

Segurei minha faca com a mão direita antes mesmo de me dar conta do que estava fazendo, então lentamente a coloquei de volta na mesa e contei até três.

O volume da risada aumentou.

Bella fez uma careta em minha direção. Estou contigo, garota. Estou contigo.

— Desculpa o atraso, pessoal — anunciou Junior. — Coco e eu precisamos conversar um pouco... — Ele sorriu para ela. — … e nos perdemos na hora.

Ela, juro por Deus, tocou no pescoço dele, onde um chupão já estava se formando, e soltou outra risada ensurdecedora.

— Coco. — Eu balancei a cabeça. — Nome legal.

Ela era uma stripper? Quer dizer, sério... Ela estava com um tubinho preto, batom vermelho-vivo e salto alto. Não me fode, cara.

— Obrigada — Suas pálpebras cobertas por uma sombra bem forte se fecharam. — Você é irmã do Junior?

Respire fundo, Serena, respire fundo.

— Mais ou menos, sou tipo uma das várias esposas que são irmãs entre si.

Seus olhos se arregalaram.

— Uau, eu não tinha ideia de que ele gostava...

— Ela está brincando.

Coco franziu a testa.

— Ah, então vocês não estão…?

— Não! — Eu respondi um pouco mais alto do que deveria. — E aqui, na verdade, não é a casa do Junior; esses aí não são os pais dele. Ele é nosso convidado por algumas semanas, enquanto os pais farão uma viagem missionária à América do Sul, para resgatar uma espécie de porcos em extinção.

Seu queixo pareceu ir ao chão quando ela virou a cabeça para Junior.

— Você deve estar tão orgulhoso deles!

— É, estou sentindo alguma coisa mesmo — Junior me lançou um olhar furioso enquanto minha mãe bufava uma risada trás da taça de vinho.

— Serena. — A voz do meu pai tinha um tom de advertência, mas pude ver sua boca se contorcer.

— Que piercing legal. — Coco olhou para meu pai como se ele estivesse no cardápio ao lado de Junior. Lutei para não vomitar; ela provavelmente teria um derrame se viesse para um de nossos jantares em família.

Papai deu a ela uma expressão fria que me fez querer me esconder debaixo da mesa.

— Minha esposa também acha.

Mensagem enviada.

Infelizmente, a risadinha de cabra não a recebeu.

Ela riu de novo, pegou sua taça de vinho vazia e estendeu para Junior, como se ele fosse seu servente.

Revirei os olhos enquanto ele servia vinho para ela e então começava a colocar comida em seu prato.

— Vai cortar o macarrão dela também? — murmurei baixinho.

— O que foi? — Coco perguntou, enrolando uma mecha de cabelo que parecia estar a poucos minutos de se separar de sua cabeça.

Suspirei.

— Nada não — respondi rapidamente. — Então, onde vocês se conheceram?

— Ah, é a história mais engraçada do mundo! — Coco tomou três goles de vinho. — Meu carro quebrou na beira da estrada, ele parou para ajudar, e o resto é história, não é, querido? — Ela pegou a mão dele.

Junior segurou o dela e a beijou enquanto eu ainda esperava pela conclusão da sua história “mais engraçada do mundo”.

— Uau. — Ele era muito idiota. — Quando foi isso?

Tomei um gole de vinho enquanto ela soltava:

— Duas horas atrás.

Engasguei com o que restava de vinho na boca.

— Uau, vocês são rápidos. Quando será o casamento?

— Serena. — Mamãe balançou a cabeça para mim, como se a louca fosse eu. — Não vamos provocar nossa nova convidada.

Coco acenou para mamãe.

— Ah, tá tudo bem, eu sei lidar com provocação. Na verdade, alguém pode me dizer onde fica o banheiro?

— No final do corredor — respondi antes de todo mundo. — É só virar e seguir em frente, primeira porta à direita.

— Obrigada! — Ela ficou de pé e praticamente pulou nos sapatos de salto alto pelo corredor.

Usei isso como uma oportunidade para jogar minha colher na cabeça de Junior.

— Você está de sacanagem comigo? Duas horas? Espero que você pegue gonorreia!

— Serena! — Mamãe me silenciou. — Eu acho que é... hum... legal que vocês estejam saindo. — Eu soltei uma risada.

— Eles não estão saindo!

— Claro que estamos — argumentou Junior, recostando-se na cadeira,

com o rosto sério. — Além disso, ela é muito interessante, inteligente...

— Pode parar aí. Vai ser surpreendente se ela conseguir soletrar a palavra “gato” ou se souber amarrar os sapatos sem pesquisar no Google!

— Diz a garota solteirona. Na verdade... — Junior estalou os dedos. — É engraçado, eu nunca vi você namorar ninguém. Mas, é aquilo, você não precisa namorar para fo…

— Termine essa frase, Junior, e vou ter que dar um soco na sua cara — disse papai, todo calmo, como se estivessem conversando sobre clima.

— Desculpa — Junior resmungou e me ergueu o dedo o meio. Suspirei e respondi com dois dedos do meio.

— Bem, que ocasião... especial — mamãe resmungou, pegando o vinho. De repente, lembrei das regras dos meus pais.

— Papai?

Papai me lançou um olhar que dizia: eu sei exatamente o que você está tentando fazer com essa sua vozinha.

— Sim, querida?

— Não deveríamos informar ao Junior sobre as regras da sua casa? Quer dizer, já que ele vai ficar aqui por duas semanas, não seria justo que ele pudesse ter companhia feminina quando as regras determinam especificamente que nenhum namorado, namorada ou vadia pode ficar depois das dez da noite.

Se olhares pudessem matar, eu estaria morta. Junior estaria abrindo buracos no meu corpo.

— Por mais que me doa dizer isso em voz alta... — Papai suspirou. — Serena está certa. Temos certas regras da casa. Sua, hum, amiga pode ficar até o fim do jantar, mas depois ela precisa ir para casa.

— Se ela conseguir achar a própria casa — resmunguei, ganhando outro olhar de repreensão da minha mãe.

Coco cambaleou pelo corredor, fazendo tanto barulho com os saltos, que fiquei preocupada com a madeira do piso. Ela cambaleou um pouco ao se aproximar da cadeira e depois se deixou cair.

Eu fiz uma careta.

Junior se inclinou.

— Ei, você está bem?

— Mmm. — Ela bambeou em direção a ele e deu um tapinha em sua bochecha, mas errou, quase caindo em seu colo. — Tão bom.

Eu comecei a rir.

— É, ela tá totalmente chapada.

— Eu estava nervosa. — Coco deu uma risadinha e depois olhou para Junior, piscando os olhos tão devagar, que tive medo de que ela desmaiasse. E então ela apagou, bem no colo dele.

— Bem. — Peguei meu vinho. — Pelo menos você se divertiu, não é, Junior?

Com um grunhido, ele a colocou de lado, levantou-se e jogou-a por cima do ombro.

— Eu vou colocá-la para dormir para o efeito passar. Depois, vou levá-la até em casa. Desculpa, pessoal.

— Boa, campeão. Quero dizer, sério, parabéns. — Levantei meu copo em comemoração.

Suas sobrancelhas subiram até a linha do cabelo.

— Ei, Nixon, quase esqueci. Aconteceram umas coisas na escola hoje. Eu sugiro fortemente que você tenha uma conversa sobre sexo com Serena. A última coisa que precisamos é que ela engravide.

Com isso, ele me deu as costas e desfilou pelo corredor com Coco desacordada jogada sobre o ombro.

Eu ia estrangular esse infeliz quando ele estivesse dormindo.

Lentamente, eu me virei e dei de cara com a expressão fechada do meu pai. Esquece a coisa de sufocar; eu o faria sofrer lentamente. Porra, Junior!

— Pai, é só o Junior sendo... Junior.

Papai pegou a garrafa de vinho e começou a beber direto do gargalo; não é um bom sinal, nem um pouco.

— Você já..?. — Ele respirou fundo. — Serena, sempre confiei em você, mas os caras pensam diferente das garotas. Eles... merda. — Ele esfregou os olhos com as costas das mãos. — Eles têm certos pensamentos!

Olhei para minha mãe em busca de ajuda, mas ela parecia estar gostando do show enquanto soltava uma risada.

— Sim, Nixon, os meninos têm certos pensamentos. Gostaria de compartilhar os seus a meu respeito quando tinha a idade dela?

— Mãe, não! — Quase gritei. — Ouvido não tem pálpebra!

Papai olhou para nós duas e ergueu a mão.

— Olha, os caras são... eles são ruins. — Esperei por mais.

Mas foi só isso.

Aparentemente, ele tinha terminado.

— Espera. — Eu me inclinei. — É isso? Essa é a sua conversa sobre sexo?

— Sim. — Papai apontou um dedo em minha direção. — Ah, tem também o seguinte: se eu descobrir que você está fazendo sexo com garotos, vou arrancar a língua, cortar o pau e depois deixarei o infeliz sofrendo enquanto implora pela morte, e isso, querida, será um peso para a sua consciência.

Com os olhos arregalados, balancei a cabeça uma vez.

— Bela conversa, pai, bela conversa.

Ele relaxou.

— De verdade? Porque me parece que peguei um pouco pesado.

— Não, que isso… — Eu acenei para ele enquanto mamãe ria e entregava a garrafa de vinho novamente, como se ele precisasse de um pouco de conforto. — Eu particularmente gostei da parte de arranca a língua e cortar o pau… clássico chefe da máfia.

— Gosto de cortar coisas. — Ele encolheu os ombros. — Mas estou falando sério. Nada de meninos. Foco na universidade; nossa vida já é difícil o suficiente sem ter que trazer alguém para o grupo.

Eu queria dizer que ele essa pessoa já estava lá. Aquele que fora meu.

Aquele que eu queria.

Que estava atualmente junto de uma viciada desmaiada chamada Coco.

Suprimi um rosnado, peguei meu garfo e abocanhei mais macarrão. Se Junior estava tentando exibir suas fãs para me fazer perder o controle e sair cometendo uns crimes, estava dando certo.



Capítulo Doze

Junior

Quando voltei para casa, já passava da meia-noite. Graças a Deus não tive aula no dia seguinte, porque estava exausto depois de ter de levá-la de carro para seu apartamento em uma viagem de pelo menos quarenta minutos.

Quando finalmente chegamos lá, Coco teve dificuldade para encontrar as chaves, e então se encostou em mim e beijou meu nariz. O motivo, nas palavras dela: “É tão perfeito”. E em seguida ficou me perguntando se eu estava em estado de alerta.

Acho que ela quis dizer algo sexual com isso.

Mas eu realmente estava em estado de alerta: cheio de adrenalina.

Aquelas horas com Coco eu nunca teria de volta, mas ver a raiva no rosto de Serena? Valeram cem por cento.

Era o único plano de ataque que eu tinha.

Machucá-la do jeito que ela me machucou — não, do jeito que ela ainda estava me machucando.

Entrei em casa silenciosamente e joguei as chaves no balcão; parecia uma segunda casa para mim, já que éramos todos muito próximos. E todas aquelas noites em que entrei no quarto dela, bem, vamos apenas dizer que eu sabia como entrar na fortaleza que era a casa de Nixon Abandonato de olhos vendados.

Fui até a geladeira pegar uma água e quase me caguei quando uma voz muito doce disse:

— Se deu bem?

— Satanás pelo menos ofereceu algo em troca quando levou sua alma, ou você apenas a entregou livremente para que pudesse se esconder nos cantos escuros e amaldiçoar as pessoas? — Peguei a água e fechei a geladeira. — Estou genuinamente curioso.

Ela fez uma careta.

As luzes estavam apagadas, exceto pelo brilho vindo dos sensores de movimento da área externa que eu havia ativado.

E então, escuridão absoluta.

— Eu dei a ele minha alma, e, em troca, ele disse que quando eu morrer, posso vir te assombrar, então achei que era um negócio bastante bom, sabe? — ela disse docemente.

Revirei os olhos.

— Sim, ok, e para responder à sua pergunta, não, não me dei bem porque não gosto de transar com garotas desmaiadas...

Serena deu um passo na minha direção e sussurrou:

— Ahn, isso é estranho, considerando sua linhagem.

Eu a empurrei com tanta força, que ela cambaleou para trás.

E então ela logo estava em cima de mim, com as pernas em volta da minha cintura, as mãos lutando para me agarrar num estrangulamento bem-feito.

Eu a joguei de costas, enquanto ela tentava me prender numa chave de braço. Pena que seus dedos ainda estavam quebrados ou ela pode ter me pegado.

— Filha da puta — eu gemi, passando o braço ao redor do dela; então saí da posição e bati minha cabeça contra a dela.

Serena praguejou e se soltou o suficiente para eu me mexer e prender seus braços no chão. A respiração dos dois estava entrecortada; tentei ignorar o fato de que sua blusa branca era quase transparente e que ela estava com um short minúsculo que não escondia quase nada das suas pernas saradas.

Seu cabelo estava puxado para trás, e ela nunca pareceu tão zangada — ou tão linda.

— Que raios deu em você? — Eu sibilei. — Isso foi baixo, até para você.

— Seus olhos se desviaram.

— Eu sei.

E então foi como se nossos corpos percebessem em que posição perfeita estávamos, as pernas dela enroladas na minha cintura.

Minhas mãos a mantendo refém contra o chão. Seus seios rígidos.

Éramos um emaranhado de respiração errática, ódio e milhões de pedaços quebrados e raivosos.

Pude sentir o calor das suas pernas enquanto meu pau pressionava o tecido do jeans. Um redemoinho erótico de tensão denso, doce, pulsava entre nós de uma forma que só poderia levar a uma catástrofe.

Abaixei a cabeça uma fração de centímetro para poder sussurrar em seu ouvido, minha língua molhando a ponta externa do seu lóbulo.

— Admite: você gosta de brigar comigo.

Ela tentou escapar do meu aperto.

— Eu consigo sentir você… então talvez seja você quem goste de lutar comigo, não?

Eu empurrei meu corpo contra ela, sentindo sua pulsação na minha pele.

— E o que é isso aqui, hein, princesa?

Ela se arqueou embaixo de mim.

Uma luz acendeu no corredor.

Nós nos levantamos e nos desvencilhamos. Fiz o meu melhor para esconder a ereção enquanto ela cruzava os braços e pegava a garrafa de água que eu tinha acabado de tirar da geladeira.

A luz se apagou, nos cobrindo de escuridão novamente. Dei um passo para longe dela.

E então Serena me agarrou pelo braço e me empurrou contra a geladeira, sua boca contra a minha antes que eu pudesse pedir que se aproximasse.

No segundo seguinte eu estava enfiando minha mão dentro do seu short, agarrando sua bunda nua com tanta força, que era capaz de deixar marca.

As línguas se enredaram em uma confusão feita de desejo. Eu morreria a qualquer momento por um beijo desses.

Eu cometeria um assassinato.

Eu tacaria fogo no mundo.

Deixei escapar um gemido enquanto minha outra mão se perdia em seu cabelo, puxando-o, mantendo-a prisioneira, nossas bocas se fundiam avidamente com mais força.

O som da garrafa de água caindo nos separou novamente.

— Considere isso um favor, Junior. — Ela parecia confiante, mas também abalada.

— O beijo? — perguntei asperamente, a boca inchada por causa dela.

— Sim. — Serena encolheu os ombros como se não fosse grande coisa, quando nós dois sabíamos que sangue poderia ser derramado por nos beijarmos daquele jeito. — Apenas um amigo ajudando o outro. Eu não poderia deixar você ir para a cama com o gosto dela na sua língua. Melhor você adormecer com o sabor de alguém que odeia, não acha?

— Talvez seja melhor para meus pesadelos, com toda certeza — concordei e, sem dizer mais nada, peguei a garrafa de água e fui embora. No caminho, apertei o plástico com tanta força, que ele marcou minha mão; eu sabia que nunca mais olharia para água ou para garrafas de plástico sem ficar dolorosamente excitado.

Quase destruí a porta do quarto de hóspedes quando me virei para fechá-la.

E quando os passos de Serena soaram no corredor e sua porta se fechou, sussurrei baixinho.

— Vou te odiar enquanto nós dois vivermos.



Capítulo Treze

Serena

Junior estava tomando café da manhã, quando Ash e Claire entraram batendo porta. Nós não tínhamos aula, e normalmente quando isso acontecia, saíamos juntos, lutávamos, fazíamos compras, limpávamos nossas armas — falo sério —, mas hoje Ash parecia irritado. Deu para notar isso desde o momento em que ele puxou uma cadeira e enfiou um pedaço de bacon na boca com um grunhido.

— Eita, que fome — cantarolei.

— Ash, não é isso tudo — Claire disse calmamente. Ela estendeu a mão para ele, então pareceu pensar duas vezes e se afastou. — Quer dizer, a gente saiu só por uma hora.

— Uma hora — ele repetiu. — Sem proteção. Sem mim.

Ela olhou feio.

— Olha, eu entendo que preciso de proteção, mas você está me ensinando, e tenho quase certeza de que posso desmontar dez tipos diferentes de armas e montá-las novamente de olhos fechados.

Ele bufou de desgosto. Assim como se acalmava num instante, no seguinte poderia perder o controle. Bastava chegar no limite para tudo começar.

Ele era uma versão em miniatura perfeita de Chase, tinha um cabelo escuro e grosso lindo que enlouquecia as garotas, já que era um pouco comprido, tatuagens aparecendo por baixo do colarinho, algumas na mão direita, e a porra daqueles olhos azuis da família Abandonato.

Não ajudava que ele fosse arrogante pra cacete.

Mas ultimamente ele andava nervoso, especialmente quando se tratava de Claire.

— Gente, não briga — disse Junior sem tirar os olhos do telefone. — Isso só deixa Ash com raiva, o que o deixa com mais fome, o que significa que ele vai roubar o último pedaço de bacon, e eu vou ter que passar a faca na garganta dele, e eu prometi a Nixon que não haveria derramamento de sangue esta manhã. Garanti antes da oração e tudo mais.

Ash escolheu esse momento para pegar o último pedaço e enfiá-lo na boca, em seguida, engoli-lo

Suspirei.

— Que maduro, Ash.

— Ela quem começou. — Ele apontou para Claire, de boca cheia. Ele deu mais algumas mordidas e continuou: — Ela achou que seria uma boa ideia sair com Annie e Tank, então entrou sozinha no carro deles, desapareceu por mais de uma hora sem nenhum segurança e caminhou de volta para casa enquanto eu quase tive um ataque de pânico pensando que encontraria o corpo dela no porta-malas!

Eu fiz uma careta.

— Você entende que Annie provavelmente desmaiaria se visse uma arma de verdade?

— Você não sabe... — Seu rosto empalideceu. — …do que as pessoas são realmente capazes.

— E você sabe? — Junior perguntou, desta vez finalmente olhando para cima. — O que tá pegando de verdade, cara? É sobre Claire não estar segura ou você não estar no controle?

— Não. — Ash colocou as mãos na cabeça e puxou os cabelos — É uma sensação realmente horrível de que algo ruim vai acontecer. Desde aquela noite, não consigo me livrar disso. Continuo tendo pesadelos sobre algo acontecendo conosco. Primeiro, com a Claire, e depois com você, Junior. — Ele travou o olhar no de Junior. — Ontem à noite foi com Serena e Breaker. Violet viu tudo. Eu só... não se trata de controle. É sobre não saber de nada e ter que acordar todos os dias preparado para o pior.

Claire começou a esfregar as costas dele com a mão.

— Foi mal, eu só... vejo isso tudo a partir da minha perspectiva. Isso tudo é realmente novo para mim, a maneira como vocês vivem, e foi bom tomar um café, conversar sobre filmes em vez de falar sobre pessoas planejando nossas mortes sangrentas.

— Decepcionante — Junior disse secamente. — Que você não goste de falar sobre mortes. Quero dizer, é a coisa que mais gosto de fazer.

— Qual é a segunda? — Claire franziu a testa.

Os olhos de Junior passearem pela mesa e pousaram em mim por alguns momentos, trazendo um calor que me fez apertar as coxas.

— Beijar, adoro falar sobre beijar e ver o rosto de uma garota passar de um branco fantasmagórico a vermelho de vergonha e depois de excitação. Gosto de ver as pupilas dilatarem; a língua deslizando para fora e molhando o lábio em antecipação. Você sabe, coisas de menino. — Ele piscou.

Enquanto isso, eu estava quase tendo um colapso nervoso à mesa. Ele só precisava mencionar o beijo.

E eu só precisava estar alguns metros afastada de onde tivemos nossa sessão de amassos na noite passada.

Eu não poderia perder o controle novamente. Mas foi tão bom.

Tão sexy, que eu só queria fingir que não tínhamos esse poço de raiva e desconfiança nos separando.

Eu não esperava que Junior me beijasse de volta. Mas, cara, ele beijou!

Senti aquele beijo na minha alma.

Pela primeira vez em anos, fiquei absolutamente apavorada, porque seria muito fácil dar a ele o que restava de mim.

E eu sabia que ele partiria esse pouco que sobrava novamente.

— Por que você não diz coisas assim? — Claire cutucou Ash, mas ele apenas balançou a cabeça para Junior.

— Valeu, cara.

— Disponha. — Um sorriso deslizou por seu rosto.

Tive de desviar o olhar daquela boca para não correr o risco de me jogar sobre a mesa, segurar seu rosto entre as minhas mãos e implorar pelo seu beijo.

— Normal — Ash repetiu. — Você quer uma vida normal? — Ela assentiu. — Com pessoas normais?

— Ei, eu sou normal! — eu retruquei na defensiva, sem perceber que estava segurando minha faca na mão direita, já que gostava de tê-la sempre comigo.

Ash e Junior olharam para a faca e depois para mim.

Ash foi o primeiro a falar.

— Você literalmente matou alguém com a porra de um dardo envenenado que você guarda no sapato, Serena, então...

— Para você, realmente é um grande não — Junior concordou. — Boa tentativa, assassina, mas, por favor, vai em frente, acho que você deixou uma mancha de sangue na ponta.

Fiz uma careta para os dois.

— Deixou. — Claire saltou em seu assento.

— Ok. — Ash apontou com a cabeça para mim. — Acha que podemos trazer algumas pessoas para cá?

— Ah, trazer convidados para o covil, legal. — Eu sorri. — Sim, sabemos onde estão todas as armas, só de garantia, e não é segredo onde moramos. Mamãe e papai vão ficar fora durante o dia, mas temos cerca de quinze sujeitos de terno andando por aí entediados.

— Certo. — Ash soltou um suspiro áspero e segurou o rosto de Claire entre as mãos. — Nós os convidamos, assistimos alguns filmes, bebemos um pouco de vinho, conversamos sobre o que as pessoas normais conversam e então vamos para casa, e você para de sair sozinha porque acha que é forte o suficiente para matar alguém à sangue frio quando nós dois sabemos que você não é.

Ela passou os braços ao redor dele, enquanto Ash a puxava para seu colo, então Claire montou nele e começou a beijá-lo.

— Ok, tá na minha hora. — Peguei minha faca e me levantei.

Claire riu e se afastou.

— Mandou uma mensagem para eles virem em uma hora?

— Acho que funciona. — Bocejei e depois os deixei na cozinha para poder trocar de roupa no meu quarto. Empurrei a porta do banheiro e deixei minhas roupas caírem no chão.

— Cai fora!

Junior me lançou um olhar vazio enquanto continuava escovando os dentes.

— Não. — Sua boca estava cheia de espuma.

— Esta casa tem cinco banheiros, escolhe outro!

Ele cuspiu a pasta de dente.

— Seu pai disse especificamente para usar este porque, a partir de hoje, sua mãe decidiu que vai destruir os outros três, daí parte do motivo do passeio de hoje; acho que passar na Home Depot faz parte do plano. Além disso, por que eu levaria todas as minhas coisas para um banheiro novo só para ter que tirá-las logo em seguida? Usa a cabeça, Serena.

Cerrei os dentes.

— Você vai me forçar a fazer um cronograma para nós, não é?

Seu sorriso era sexy e parecia me devorar enquanto ele se apoiava no balcão.

— Depende. Estamos falando mesmo de obedecer a um cronograma todo certinho? Porque eu realmente poderia me beneficiar de algum reforço... — Seus olhos vagaram livremente pelo meu corpo, como aquelas monstruosidades azul-petróleo tivessem esse direito. — …positivo.

Eu sorri e dei dois passos em direção a ele, então bati em sua nuca.

— Considere-se positivamente estimulado.

Quando puxei minha mão, ele me atacou, agarrando meu pulso e segurando-o com firmeza, sua expressão transmitindo diversão.

— Vamos lá, Serena, seja adulta, você pode tomar banho tranquilamente

enquanto estou aqui me preparando. Não vou olhar.

Fiquei boquiaberta.

— Você é um mentiroso! — Eu empurrei seu peito. — O boxe é de vidro! Você pode ver através dele!

— Posso, e por mais chocante que possa parecer, eu tenho bastante autocontrole.

Cruzei os braços.

— Não se trata de autocontrole, trata-se de recompensa versus punição. Por que eu deveria recompensá-lo com um show grátis quando você merece ser punido?

Ele se inclinou para frente e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Tentei não me concentrar em seus olhos azul-petróleo e em seu queixo anguloso. Tudo em Junior gritava uma perfeição perigosa.

— Confia em mim, querida, você nua, a poucos metros de mim, quando eu sei que você está fora dos meus limites, não é uma recompensa, é a porra de um inferno.

Dizendo isso, ele saiu do banheiro.

Eu estava muito confusa e atordoada para fazer qualquer coisa, exceto lentamente tirar minhas roupas, entrar no chuveiro e tentar esquecer quão perto seus lábios estiveram dos meus.

A água estava quente, e o vapor subia ao meu redor.

Deixei escapar um gemido enquanto colocava a cabeça sob a água quente, deixando-a deslizar pelo meu rosto. Era disso que eu precisava: relaxar, pensar em qualquer coisa que não fosse Junior me provocando. De novo.

Eu estava tão calma e relaxada que não percebi que ele tinha voltado. A porta de vidro se abriu.

E um tanquinho muito musculoso me cumprimentou como uma bomba prestes a detonar.

— Ei. — Ele nem piscou quando estendeu a mão. — Você pode me passar o sabonete líquido?

Xingando, peguei a garrafa de plástico e joguei em seu corpo perfeito, obviamente de propósito. A minha torcida era que acertasse bem no saco e o deixasse incapaz de dormir com outras, como eu supus que ele vinha fazendo esse tempo todo.

Escondi bem minha dor porque a coloquei atrás do escudo da raiva, que podia jurar que era alimentado por um soro intravenoso de pura raiva.

Ele pegou o sabonete líquido com uma mão e sorriu.

— Devia ter jogado beisebol, princesa.

— Não sou muito boa com bolas, você sabe disso. Quando vejo algo pequeno quero apertar. — Baixei o olhar e encolhi os ombros como se ele não estivesse completamente nu.

Junior começou a rir.

— Engraçado, porque me lembro de você pegar muitas bolas antigamente, até lambê-las...

Eu me recusei a tremer de raiva.

— Vá ser nojento em outro lugar, cara. — Acenei para ele e peguei meu xampu, tentando ignorar a forma como meu corpo pulsava. Ele estava tão perto, debaixo do outro chuveiro, fingindo que não nos odiávamos. Era como se não tivéssemos problemas sérios.

Era quase como se ele estivesse fingindo que éramos amigos. E isso me confundia mais do que seu ódio era capaz de me afetar.

Porque eu não sabia como lidar com isso. Essa coisa me dava esperança, e, no fundo, eu era uma romântica. Eu cresci vendo relacionamentos quase obsessivos de tão amorosos.

Eu queria uma espécie de amor obsessivo, do tipo que se recusa a desistir, mesmo que não seja saudável — era o que eu conhecia, o que estava no meu entorno.

Então, quando Junior me provocou, tive uma ideia nada acertada.

— Me faz um favor? — eu sussurrei enquanto passava xampu no cabelo.

— Qual?

— Não... — Respirei fundo. — Não finja que somos amigos só porque estamos tomando banho juntos, não finja que a nossa relação não está fodida quando está, porque não é justo comigo e não é justo com você, especialmente quando você for embora. Você vai voltar para casa em menos de duas semanas, e ainda teremos que trabalhar juntos sem nos matarmos. Na verdade, eu posso te matar se você passar do Junior meu amigo para o Junior meu inimigo nesses treze dias restantes, entendeu?

Ele pareceu pensar no que eu havia dito, e então agarrou meu ombro e me virou, de modo que fiquei de costas para ele; então ele me colocou debaixo da água e enxaguou meu cabelo.

Meus lábios tremeram.

Meu coração se partiu no peito. Era tão errado, mas parecia certo.

Eu o odiei por fazer eu me sentir vulnerável, por me fazer desejar essa proximidade que tanto sentia falta.

Foi tão difícil saber o que era amar alguém, e tudo isso para agora o ver desrespeitar e trair esse sentimento na minha cara e agir como se isso não importasse, como se eu não importasse.

Junior estava enviando tantos sinais contraditórios, que me perguntei se ele realmente estava enlouquecendo.

— E se eu for apenas seu amigo agora, e se nós dois largarmos as armas e tentarmos uma tática diferente? Eu vou ficar aqui por duas semanas, e independentemente da nossa amizade, ainda temos que trabalhar juntos até morrermos. Podemos muito bem tornar esta uma situação agradável sem um voar na garganta do outro.

Eu abri os olhos.

— O grande Junior Nicolasi está erguendo uma bandeira branca?

— Eu nunca ergueria primeiro. — Ele encolheu os ombros. — Só estou dizendo que isso já dura mais de um ano, talvez seja hora de tentarmos não nos odiar.

Engoli o nó na garganta e disse baixinho:

— Junior, meu ódio é tudo que tenho. Por favor, não me tire isso também.

Seu rosto se fechou completamente.

— Serena…

— Vou pensar sobre isso — sussurrei apressadamente, e então saí do chuveiro e agarrei uma toalha, mas não antes de uma batida soar na porta do banheiro.

— Serena? — A voz do meu pai preencheu o banheiro; ele estava claramente parado do outro lado da porta, pronto para nos expor, para trazer à superfície todas as mentiras. Isso não poderia acontecer. Nem agora, nem nunca.

Meus olhos se arregalaram.

— Oi, pai, estou tomando banho, o que houve?

— Ah, eu só estava procurando pelo Junior. Você viu ele?

— Ele é… hum... — Olhei por cima do ombro.

Junior me deu um sorriso arrogante. Ugh, ele sabia que eu era a pior mentirosa do mundo.

— Ele está por aí em algum lugar, pai. Encontrei com ele no café da manhã. Conhecendo Junior, provavelmente foi em busca de uma Coco número dois, para poder estragar o jantar de novo e sair comendo alguém.

— Serena, tenha um pouco de empatia. Junior não teve uma vida tão fácil como o resto de vocês.

Senti Junior ainda atrás de mim.

— O que você quer dizer?

— É que… Não importa, apenas saiba que a máfia não esquece. Não falamos sobre isso, mas isso não significa que não sabemos, então, sim, as coisas têm sido mais difíceis para ele porque ele tem que provar que não será como os da sua linhagem, e eu não desejaria isso a ninguém.

— Mas... — Eu segurei minha toalha com mais força. — Phoenix é incrível, ele é seu melhor amigo.

Papai ficou quieto e então disse:

— Querida, vamos conversar sobre isso mais tarde.

— Ok.

— Amo você — disse e então foi embora.

Eu me virei.

— Junior, do que ele está falando?

Os olhos de Junior pareciam assombrados. Ele cerrou os dentes, sua mandíbula estava travada como se ele estivesse pronto para perder o controle.

— Nada.

— Junior?

— Eu já disse, não é nada! — Ele passou por mim e pegou a outra toalha. E então abaixou a cabeça. — Desculpe, eu não queria explodir. Saiba que é algo sobre o qual eu não quero falar, nunca, especialmente com alguém que possa me olhar do jeito que você está olhando agora.

— E de que modo eu estou olhando para você?

Ele ficou quieto e então respondeu:

— Como se eu fosse imprevisível. Como se eu pudesse explodir a qualquer momento. Como se algo estivesse errado comigo.

— Não é isso que minha expressão disse. — Eu balancei a cabeça. — É uma expressão de preocupação. — Respirei fundo e continuei. — De uma amiga preocupada com outro amigo.

Sua cabeça se ergueu; cabelos longos, molhados e castanhos estavam grudados em sua testa enquanto seus olhos azul-petróleo se fixavam nos meus.

— Promete?

Eu sabia naquele momento que deveria ter corrido na direção oposta. Nada de bom viria com essa amizade

Na verdade, quase parecia um mau presságio estender a mão e apertar a dele, como se nós dois tivéssemos acabado de selar nosso destino.

Nós estávamos seguindo por um caminho sem volta. Mas eu completei:

— Eu prometo.

— Vou te odiar enquanto nós dois vivermos. — Ele disse isso com um sorriso.

Eu sorri e devolvi.

— Somos dois.

Não percebi o quanto estava sorrindo até voltar ao meu quarto e ver meu reflexo.

E tudo que meu coração gritava comigo era: *estamos tão ferrados...*



Capítulo Quatorze

Junior

Nada como acalmar a excitação com a lembrança do passado da sua família, a lembrança do seu sangue, de onde você veio, das escolhas que foram feitas.

No minuto em que Serena saiu do banheiro.

No minuto em que soube que Nixon havia partido.

Dei um soco no azulejo, uma e outra vez, até que a dor deixou os dedos dormentes.

Ela sabia que havia um passado.

Ela não sabia o que meu pai tinha feito.

Ela não sabia o perdão que sua mãe havia concedido, ou seu pai, aliás.

E ela com certeza não sabia a vergonha que eu sentia quando pensava no sobrenome que eu carregava.

Não era Nicolasi, mas sim De Lange, o braço amaldiçoado e esquecido das Cinco Famílias; meu pai adotou o nome Nicolasi no minuto em que herdou o cargo de chefe de Luca Nicolasi, tornando o caminho ainda mais difícil para os De Lange, um nome ligado a traidores, assassinos e estupradores.

Mas há algo sobre esse nome.

Algo que as pessoas não falam. Não importava que eu fosse um Nicolasi sob o governo do meu pai, porque eu sabia, no meu coração, na minha cabeça, qual era o sangue que bombeava pelo meu corpo; sabia que eu ainda era um De Lange, que fazia parte do Família original que a Cosa Nostra desprezava.

Não importava que Nicolasi cobrisse uma infinidade de pecados. Meu sangue ainda era ruim.

Serena não sabia de toda a história, nenhuma das crianças sabia, mas nunca poderia esquecer o dia em que meu pai sentou comigo e explicou por que era essencial se tornar um Nicolasi e não voltar ao que era natural — existir de acordo com aquilo que era para ser: um De Lange.

A porra do mal encarnado.

Eu não entendia direito; bem, eu tinha doze anos. E então ele me mostrou as fotos.

Fotos de prostitutas acabadas, fotos de morte, fotos do meu avô, dos negócios sujos e, por fim…

Dele e de seus amigos. Os primeiros Eleitos.

Todos os quatro parados ao lado de outra garota, a esposa de Nixon, Trace; todos sorrindo, exceto meu pai, que na foto estava olhando diretamente para a inocente garota de cabelos escuros — sua expressão cheia de ódio.

Uma pessoa não esquece a primeira vez que vê esse tipo de ódio, esse tipo de lavagem cerebral. Mesmo meu pai garantindo que essa lavagem acontecesse, os pecados não foram totalmente perdoados.

Naquele dia, entrei inocente no escritório do meu pai.

Saí com os pecados do meu pai nas mãos, o que tem me feito tentar corrigir isso desde então. Aprendi naquele dia que nenhuma quantidade de banho e sabonete me limparia dos nossos pecados, do legado da nossa família, então eu tinha de ser melhor, fazer melhor. Mas então olhei nos olhos dela.

Serena.

Lembro do dia em que as coisas mudaram.

O dia em que passamos de rir juntos e subir na nossa árvore favorita, para dar uns amassos atrás da garagem gigante do pai dela. Passamos dos beijos para nadar nus, até a nossa primeira vez, quando ela disse que me amava, quando eu disse a ela que não tinha ideia do que estava fazendo, e quando ela me disse que não importava, porque estávamos juntos.

J & S.

Apertei os olhos enquanto as memórias vinham como uma inundação.

Peguei uma toalha e rapidamente a enrolei na cintura, em seguida fui para o meu quarto pegar algumas roupas. Porém encontrei Ash e Breaker sentados na minha cama como se fossem os donos do lugar.

— Uhm, oi? — Deixei cair a toalha.

— Irmão… — Breaker começou a rir. — Banho gelado?

Ash o empurrou.

— Se é assim quando está encolhido, você deveria estar muito grato. Além disso, para de olhar para o pau dele, que bizarro.

— Quase tão bizarro quanto um banho bem longo com Serena?

Comecei a gargalhar; foi duro, de propósito, afinal que escolha eu tinha? Deus, eu estava tão tenso quanto era humanamente possível.

— Bem, é divertido provocar a Serena. Além disso, ela sabe que a última coisa que vai provar é isso aqui. — Eu pisquei.

— Que nojo. — Breaker estremeceu e então cobriu os olhos teatralmente, como se minha nudez o ofendesse.

Ash limpou a garganta.

— Olha, que bom que a gente tá acompanhado, porque eu estava passando para perguntar se poderia chupar seu pau. Droga, imagina a vergonha que eu ia passar? — Serena entrou no meu quarto completamente vestida.

E lá estava eu, sem toalha e envergonhado.

— Você se vestiu rápido.

— Eu estava motivada. — Suas sobrancelhas arquearam.

Ela estava falando de mim?

No minuto em que deixei o pensamento tomar conta, Ash jogou para ela um Snickers.

Com reflexos relâmpagos, ela ergueu a mão e a barra de chocolate bateu em sua palma. Ah, então uma barra de chocolate é mais interessante que meu corpo nu, legal.

Ash limpou a garganta.

— Você poderia se vestir para a gente poder conversar sobre esta noite?

— Essa noite? — Caminhei casualmente até minha cômoda, sentindo os olhos de alguém em mim. Talvez o Snickers não tenha sido suficiente? Com um sorriso, peguei um jeans rasgado e me virei a tempo de notar Serena me olhando como se eu fosse uma barra de chocolate.

— Serena, coloque a língua de volta na boca, não sou um pedaço de carne, cacete!

Ela fez uma careta.

— Isso aí é uma IST?

— Eu te odeio — resmunguei enquanto vestia meu jeans e cruzava os braços. — Então, sobre hoje à noite?

Ash cerrou os dentes.

— Olha, Claire quer debater algo com todo mundo. Não sei o que raios está acontecendo, mas...

— Ela não nasceu nesse meio como a gente — Serena disse calmamente. — Nós meio que demos um empurrão nela para o poço da máfia e gritamos “sobreviva!”.

Ash soltou um suspiro.

— Eu sei, mas nós nos amamos, deveria ser... mais fácil.

— O amor não torna as coisas mais fáceis, cara. — Eu balancei a cabeça. — Na verdade, faz as coisas doerem mais, torna tudo mais difícil; te faz questionar tudo e desejar estar morto pelo menos metade do tempo. O amor, na verdade, não é uma bênção, é uma maldição.

Todos os olhos se voltaram para mim. Merda, falei demais.

Eu não sabia como sair daquela situação.

— Já se apaixonou antes, hein, Junior? — Breaker riu.

Olhei para o piso de madeira do quarto e depois para o tapete preto ao lado da cama de hóspedes.

— Uma vez, mas foi algo condenado antes mesmo de começar.

— Você é Junior Nicolasi. Se você está condenado, então estamos todos condenados. — Ele bufou como se não acreditasse em mim.

— É, bem. — Passei as mãos pelo cabelo. — Só estou dizendo que às vezes não é mais fácil. Ash, se ela quiser a vida normal, podemos tentar fazer soar assim enquanto continuamos pesquisado. Sergio não encontrou nenhum vestígio no mercado ilegal ou no underground, nenhum sinal, nada a respeito dos nossos nomes, mas não se engane, há uma razão pela qual eles estão tentando fazer parecer interessante ir para a faculdade ao nosso lado.

— Isca — Serena murmurou. — Somos iscas, o que significa que eles também são. Na verdade, qualquer pessoa que ande conosco é.

— Merda. — Ash se levantou e começou a andar. — Tudo bem, não há necessidade de ir até os chefes. Podemos lidar com o fato de sermos iscas; basicamente nascemos pequenos vermes.

— Significa que somos os peixes agora? — Breaker se perguntou em voz alta. Cada um lançou um olhar irritado e depois o ignorou.

— Tudo bem, podemos fazer então algo normal com Tank e Annie esta noite, assistir a um filme, comer pipoca. — Serena parou de falar enquanto seus olhos se estreitavam. — Espera, temos que deixar nossas armas no quarto?

Breaker soltou:

— Serena, normal não significa levar sua faca e depois arremessá-la para impressionar os convidados.

Ela fez beicinho.

Eu tive de rir.

— Temos homens suficientes do lado de fora da casa, ficaremos bem aqui dentro. São duas pessoas, e mesmo que elas conseguissem passar... bem, nós temos o Breaker Quebra-Ossos.

Ele fez uma pequena reverência.

— E Ash Nervosinho.

Recebi mais um gesto obsceno.

— E Serena Sexualmente Reprimida. — Eu pisquei.

— Perfeito. — Ela fez uma careta.

Eu meio que gostei que ela não tivesse negado.

E então meu coração me lembrou que isso não importava, não é?

— Legal. — Breaker se levantou. — Então, eles vão chegar em uma hora. Vou pegar alguns doces e pedir uma pizza. E, Junior, certifique-se de colocar uma camisa. Não seria bom se Annie tivesse um ataque cardíaco.

— Eu não me preocuparia com ela perto do Junior. — Serena riu. — Ela só quer saber do Ash. — Ela agitou os cílios enquanto Ash visivelmente empalidecia.

— Cara, parece que você está prestes a vomitar.

Eu ri.

Ash balançou a cabeça.

— Mano, se eu tiver que ficar ouvindo essa garota falar da faculdade, ou de plantas, ou de insetos mais uma vez…

— Ela é nerd! — Serena argumentou, piscando para mim.

— É, cara — eu concordei. — Mulheres inteligentes gostam de homens inteligentes, você deveria se sentir lisonjeado. Sabe como é, já que você é um idiota.

— Eu vou nessa. — Ash nos ignorou e seguiu Breaker porta afora, deixando Serena e eu em uma estranha guerra de olhares.

Se eu desviasse o olhar, significava que perdi ou ganhei? Engoli em seco e olhei para ela.

Serena mordeu o lábio inferior e deixou escapar:

— Quero experimentar.

— O quê? Não levar suas facas para a noite de cinema?

Ela balançou a cabeça lentamente.

— Não, essa coisa toda... de sermos amigos — Seus ombros murcharam.

— Com sinceridade, Junior, eu te odeio tanto…

— É literalmente assim que você quer começar essa conversa sobre amizade? — Eu comecei a rir. E então ela se juntou a mim.

— Hm, basicamente sim.

— Bem, acho que seria estranho se você me abraçasse.

— Muito estranho. — Ela engoliu em seco.

Porra, de repente, isso era tudo que eu queria. Seus braços me envolvendo com força. As lembranças da nossa primeira vez trouxeram o passado com tanta força, que tive dificuldade para respirar.

— Sim. — Minha voz estava rouca; dei um passo em direção a ela. — E você me odeia mais do que qualquer pessoa que eu conheça.

— Isso foi um elogio? — Ela inclinou a cabeça e sorriu.

Deus, eu costumava receber tantos desses sorrisos que quase esqueci como era bom. Foi como sentir o sol na pele pela primeira vez, como experimentar a vida em vez da morte — amor, não a guerra.

— Foi. — Eu finalmente disse enquanto ela dava mais um passo em minha direção.

E então estávamos quase colados quando ela olhou para mim com seus olhos azuis brilhantes, cabelos sedosos molhados.

— Cuidado, você vai acabar virando um molengão nas próximas duas semanas. — Ela cutucou meu abdômen.

Peguei a mão dela e segurei.

— Duvido muito que haja qualquer chance de existir algo mole em mim, Serena.

Seus olhos foram para minha boca, mas logo ela desviou o olhar enquanto suspirava.

— Me promete uma coisa?

— O quê?

— Eu prefiro que você me chute para fora do que me deixe entrar. — Ela

cutucou meu peito com uma unha comprida. — Pode ser? Escudos vão ficar erguidos?

Eu desanimei um pouco e depois balancei a cabeça.

— Escudos erguidos.

— Pela família. — Seu queixo levantou.

Eu me inclinei e sussurrei em seu ouvido.

— Pela família. — O que nós dois queríamos dizer era: por nós.

Por nós.



Capítulo Quinze

Serena

Ele estava me afetando, e mesmo que eu tivesse dito aquilo dos escudos, quase um troço dos Vingadores, sério mesmo, eu realmente disse escudo? Eu balancei a cabeça. Não importava; só olhar para Junior era difícil. Estar no mesmo ambiente. Ter a consciência que tudo o que eu tinha de fazer era dar alguns passos e me jogar em seus braços, porque Junior nunca me negou seu abraço. Isso quase me matava. Eu podia fazer isso. Eu sobrevivi ao treinamento; com certeza eu daria conta de lidar num tom mais amigável com o cara que tirou minha virgindade, certo?

Moleza.

Respirei fundo e entrei na sala de TV. Annie e Tank havia chegado há quase vinte minutos, ouvi todos conversando na cozinha, mas ainda não me sentia pronta, então, em vez disso, fiquei sentada no meu quarto me olhando no espelho.

Se todo mundo ia tentar agir de forma normal, então eu sabia que precisava baixar o tom, por isso, em vez de usar algo escandaloso ou com saltos pontiagudos, coloquei um par de tênis cinza junto com uma camisa preta com capuz da Adidas. Seria doloroso de fazer, e mesmo assim peguei um lenço umedecido e tirei toda a maquiagem, menos o rímel.

Eu parecia mais jovem, mais inocente, o que era quase uma piada, fazia um tempo que não era inocente. Para ser totalmente sincera, a garota que olhava para mim me incomodava, porque essa garota sem batom parecia petrificada; ela parecia fácil de ferir, ela parecia sensível, vulnerável.

E eu não poderia mais ser nenhuma dessas coisas. Especialmente perto de Junior.

Mas isso era importante para Claire, e independentemente do relacionamento dela e de Ash, ela era uma amiga. Nunca admiti isso em voz alta, mas ser normal, às vezes, parecia algo parecido com ganhar na loteria.

A última vez que fui ao cinema sem segurança… nunca fui.

Sempre tivemos gente de terno nos observando, observando todos os outros, então pizza e algum tempo livre, em que eu não tinha facas amarradas nas coxas, pareciam coisas legais.

Que Deus os protegesse se eles tivessem comido toda a pizza. Eu sorri enquanto seguia pelo longo corredor que levava à sala de TV. Eu não precisava das minhas facas para causar uma boa impressão.

As risadas tomaram conta da sala enquanto Claire e Annie provocavam Tank, que parecia preferir estar em qualquer lugar, menos na casa do meu pai.

Ele estava sentado entre elas com um pedaço de pizza de pepperoni quase encostado no rosto, seu olhar passando de uma para a outra enquanto elas conversavam sobre algo que ele obviamente não achava interessante.

— Você provavelmente deveria ir salvá-lo — Ash disse enquanto se aproximava. Ele olhou para mim e então seus olhos se arregalaram. — Uau.

— O quê? — Toquei meu rosto. — Tem alguma coisa errada? — Ele engoliu em seco e depois desviou o olhar.

— Não.

— Ash.

Ele ergueu as mãos.

— Olha, eu não sou estúpido. Não faz nenhuma diferença que a gente seja primo, você ainda me mataria.

— Verdade. — Eu pisquei.

Ele apenas revirou os olhos.

— Você não acha que já muito na corda bamba?

— Hein?

— Merda — ele murmurou. Eu sabia o que Ash estava pensando; que eu

estava com a mesma aparência de antes do dia em que Junior e eu começamos uma guerra. — Só... espero que você saiba o que está fazendo, Serena. — Ele beijou a minha cabeça e se aproximou de Tank, que parecia tão grato por ter sido resgatado, que parou de mastigar por tempo suficiente para dar atenção a Ash.

Eu quase ri.

Pelo que eu percebi, Tank não gostava muito de ir para a faculdade, pelo menos de acordo com o que Annie havia dito, o que tornava meio estranho que eles fossem amigos, mas quem poderia julgar? Eu fazia parte da máfia.

Eu nunca percebi o quanto Tank era grande até que ele veio à minha casa. Ele estava com uma camiseta preta justa e tinha músculos suficientes para que, ao lado de Junior, parecesse que poderia ficar por perto sem morrer. Tinha um cabelo castanho-escuro que lembrava chocolate e olhos verdes. Talvez eu não tenha percebido que ele era atraente porque estava destruída. Por outro lado, eu sempre estive cercada por alguns dos homens mais ridiculamente bonitos do planeta desde que nasci. A maioria dos caras não conseguia nem se comparar aos chefes, muito menos aos filhos.

Tank se mexeu e soltou um suspiro, ele batia o pé enquanto as garotas continuavam conversando animadamente.

Pobre Tank. Ele parecia preferir estar andando de moto por aí ou lutando em um ringue do que comendo pizza e falando das últimas provas.

Quem diria que o normal poderia ser tão maravilhosamente chato?

Como se sentisse meu olhar, ele olhou para mim; um sorriso confiante se abriu por seu rosto. Um sorriso que dizia que ele sabia exatamente como sorrir para uma garota para fazê-la se apaixonar instantaneamente.

Hmmm, quais são suas intenções?

Retribuí com um sorriso educado e olhei ao redor da sala.

A tela grande exibia Trolls, um filme tão inocente, que quase ri; as caixas de pizza estavam empilhadas no canto, ao lado de algumas garrafas de vinho, porque, dã, italianos. Embora eu tenha notado um engradado de seis latas de cervejas que atribuí aos dois normais que decidiram vir à nossa casa sabe-se lá pra quê.

Junior soltou uma risada no corredor. Quando foi a última vez que ele riu

comigo? Deixei escapar um suspiro.

Meu primeiro erro foi me distrair com a normalidade do que estava acontecendo. O segundo foi baixar a guarda e realmente aproveitar o fato de que todos os músculos do meu corpo não estavam tensos, prontos para atacar.

E o meu terceiro?

Não entender que uma batalha totalmente diferente estava prestes a acontecer.

Entre meu coração.

E sua alma.

— Ok, tem mais pizza chegando. — Junior entrou na sala com Breaker logo atrás. Ele deu uma olhada em mim e parou, fazendo com que Breaker esbarrasse nele.

Os olhos de Junior encontraram os meus.

E eles disseram tudo. Eles se alargaram e depois se estreitaram, como se ele me odiasse mais do que amava a minha aparência de antes de ser forçada a me tornar a Serena Abandonato, a mulher com seus saltos altos e maquiagem perfeita.

Talvez eu tenha crescido rápido demais, mas não é como se ele não fosse culpado por parte disso, não é?

— Junior, sério? — Breaker foi direto em direção a Tank e Ash, enquanto Junior continuava me olhava como se nunca tivesse me visto antes. Mas é aquilo, ele não via essa versão de mim há muito tempo. Eu me senti nua, mais exposta do que o normal, mas, ao mesmo tempo, não queria desviar o olhar.

A sala estava cheia de tensão enquanto ele lentamente se aproximava de mim, parando a centímetros do meu corpo.

Enquanto seus olhos me absorviam, eu sentia medo de piscar, medo de que essa versão do Junior desaparecesse.

— Tudo bem? — eu perguntei com uma voz fraca.

— Não. — Ele balançou a cabeça e ergueu a mão como se quisesse segurar meu queixo, sentir minha pele e dar um beijo em meus lábios nus.

— Hora do filme! — Ash quase gritou, e Junior puxou a mão. Meu olhar em direção a Ash era capaz de perfurá-lo.

— Já começou?

— Aquele outro era só para esquentar. — Ele apontou para a tela. — O filme escolhido para esta noite, votado por todos menos você, já que você leva uma eternidade para se arrumar… — Mostrei o dedo do meio para ele. — Foi Closer!

Eu me encolhi.

— Por que esse filme? É antigo. — Engoli em seco e me virei para Ash, que já estava acessando nossa Apple TV para dar play.

— Porque... — Ash sorriu. — Ninguém viu, e é um clássico. Além disso, Tank é cinéfilo e nos convenceu completamente de que precisávamos de algo sombrio e distorcido, com um pouco de triângulo amoroso para completar.

Minha respiração escapou dos pulmões.

— Ótimo.

— Ótimo. — Junior sibilou ao meu lado.

Eles notaram como estávamos próximos? Eles se importavam com isso?

Eles sabiam que cada parte do meu corpo estava pulsando de necessidade, morrendo lentamente a cada segundo que Junior não me tocava?

Merda, eu nunca deveria ter concordado com esse cessar-fogo.

Rapidamente me juntei às meninas e me sentei.

Não tinha nem mesmo quarenta minutos de filme e eu já estava enlouquecendo. Era sensual. Era quase erótico. Era tudo que eu não precisava assistir com Junior a poucos metros de mim.

— Preciso fazer xixi. — Eu fiquei de pé.

— Quer que a gente pare o filme? — Tank perguntou, me dando um olhar de preocupação genuína.

Coitado, eu o comeria vivo. Por outro lado, talvez ele simplesmente estivesse gostando disso tudo, pela forma como olhava para mim.

— Não, deixa rolar. — Eu dei a ele um sorriso genuíno que o fez sorrir de volta, era como se quisesse me conhecer melhor, o que eu sabia que Junior iria impedir completamente.

Dei um suspiro.

E marchei para fora da sala enquanto todos voltavam a assistir ao filme. Rapidamente corri em direção à cozinha. Servi um copo de água gelada e bebi tudo, depois limpei o rosto com as costas da mão antes de me segurar na bancada.

— O banheiro não é aqui. — A voz de Junior flutuou em minha direção como uma carícia. Eu imediatamente olhei para ele.

Eu podia ver o seu reflexo na janela da cozinha enquanto ele se movia lentamente atrás de mim, então, sem dizer nada, Junior segurou na minha cintura e lentamente passou os polegares sobre a pele exposta acima da minha calça.

Tremendo, me inclinei para frente, para não encostar nele, para não o sentir – meu corpo lutava comigo porque se lembrava do gosto da sua boca. Já que éramos amigos agora, eu não deveria me concentrar no jeito que ele tinha me beijado ou no seu gosto, mas era isso que meu cérebro estava fazendo, criando um vídeo com todas as vezes que ele mordeu meu lábio, todas as vezes que ele entrou em mim, todas as vezes que ele sussurrou seu amor, jurou sua fidelidade.

O gigantesco relógio de pêndulo na sala continuava a marcar as horas, mesmo assim o mundo parecia ter parado, ou talvez nós dois estivéssemos nos movendo em câmera lenta.

— Podemos conversar? — Junior disse asperamente.

— V-você acha uma boa ideia? Nós conversarmos? — Ele suspirou.

— Provavelmente não, mas acho que deveríamos.

— Esta conversa inclui palavras ou é apenas a sua maneira de me levar para a cama? — eu tentei provocar.

Ele agarrou o cós da minha calça de moletom e deu um pequeno puxão.

— Isso seria bem fácil, Serena, e você sabe disso.

— Babaca — eu sibilei.

— Você está nervosa. Que bom.

— Estou sempre nervosa.

— Não minta.

Levantei a cabeça e olhei para ele através de nossos reflexos.

— Sobre o que você quer falar?

— Tank. Ele gosta de você. — Fiquei imóvel.

— Como é?

— Ele fica de olho em você — ele continuou. — Como um falcão.

Meus lábios tremeram e o coração disparou.

— Então, você veio aqui só para falar comigo sobre o Tank?

Ele não respondeu, apenas deu de ombros e continuou encostando em mim como se tivesse esse direito.

— Se ele souber de alguma coisa, vai deixar escapar. E por isso você deveria dar mais atenção a ele e ver no que dá.

Se um coração pudesse se partir várias vezes, o meu estaria em frangalhos. Juro que o senti se estatelar no chão; eu me vi de joelhos no chão, numa bagunça frenética e sangrenta, tentando juntar os pedaços novamente antes que ele percebesse. Mas era o Junior. Ele não precisava ver; ele sentiu isso só pela maneira como eu fiquei tensa. Ele sentiu o clima que nos cercava. Ele sabia que tinha acabado de me machucar, e eu mostrei mais uma vez que, enquanto procurava por todas as partes vulneráveis do meu coração — ele ainda era dono daquelas que importavam.

E eu o odiaria para sempre por isso.

— Então... — Soltei um suspiro pesado. — Você quer que eu dê mais atenção a ele, flerte com ele, descubra seus segredos… Mas e se ele for apenas um cara normal fazendo faculdade?

A cabeça de Junior descansou nas minhas costas.

— Então ao menos disso teremos certeza.

— Certo. — Eu definitivamente iria matá-lo enquanto estivesse

dormindo; o Junior, não o Tank. — E isso é mais importante do que todo o resto, não é?

Ele parou no mesmo instante.

— Manter a Família segura, te manter segura é a coisa mais importante agora, Serena, você sabe disso.

— Ok, vou fazer isso — consegui dizer.

— Beleza. — Eu podia sentir sua tensão atrás de mim ao dizer isso.

— Ótimo — acrescentei e tentei me afastar, mas Junior me agarrou pelo braço e me arrastou em direção à despensa.

Ele nem acendeu a luz enquanto me empurrava contra as prateleiras e colava sua boca na minha, me invadindo com a língua, explorando tudo que havia pelo caminho. Seu beijo era cheio de raiva, cheio de dor, mas o calor explodiu entre nós mesmo assim; ele agarrou meu cabelo e puxou, me trazendo para perto, seus dentes roçando na minha pele, mordendo meu pescoço, logo abaixo da orelha, antes de subir novamente e me manter prisioneira sob seu corpo rígido como pedra. Estendi a mão para ele, tentando retribuir, mas ele se afastou antes que eu conseguisse tocá-lo. Seus olhos estavam selvagens.

— Pronto, agora você parece preparada.

Dei um tapa na sua cara e agarrei minha mão dolorida.

— Te odeio.

— Eu sei. — Ele suspirou.

Limpei uma lágrima perdida com a mão e saí da despensa, fingindo ignorar suas palavras; fingindo ignorar as palavras na minha cabeça, “eu também me odeio”, enquanto voltava para a sessão de cinema “normal”.

E quando Tank me viu entrar com os olhos arregalados e a boca inchada, notei que parecia faminto.

Com fome de mim, não de pizza.

Caminhei lentamente até ele, me sentei, coloquei os pés em seu colo e pisquei.

— Tudo bem?

— Sim. — Ele assentiu lentamente, seus olhos verdes brilhando de luxúria. — Mais do que bem. — Eu sorri; era falso.

E quando Junior finalmente voltou para a sala de cinema, sentou bem atrás da gente enquanto eu flertava com o cara que ele havia jogado na minha direção.

Sacrifícios, sacrifícios.

Pelo menos Tank era bonito.

E pelo menos ele não partiria meu coração. Ninguém, exceto Junior Nicolasi, tinha esse poder. E pela expressão culpada em seus olhos, ele sabia disso.



Capítulo Dezesseis

Junior

Bastou apenas uma decisão, uma noite, e nós voltamos ao que considerávamos normal. De volta às aulas, de volta à Serena me odiando em público, de volta a ela pelo menos conversar comigo na privacidade da sua própria casa.

Mas, pensando bem, contava ela me pedir para passar o leite, depois que os pais dela saíram para tomar café da manhã, nos deixando sozinhos de novo?

Talvez esta fosse a razão pela qual os chefes proibissem namoros, porque quando era necessário tocar o terror, o ciúme atrapalhava.

Ele ficou ontem à noite depois do filme.

Eu ouvi.

Eu os ouvi.

Não que estivessem gritando ou gemendo — não, eles estavam fazendo algo muito pior: ela o fez falar, se abrir. Eles estavam se conectando, e eu odiei cada risada que ele arrancou dela assim como odiei cada vez que imaginei que estava quieto porque a estava abraçando ou dizendo a ela que consertaria tudo que eu havia quebrado tão perfeitamente com minhas próprias mãos.

Tank não ficou para o café da manhã, o que foi bom, já que eu teria cortado a garganta dele. Eu tive de reforçar mentalmente que aquilo tudo tinha sido ideia minha; ele estava na dela, e Serena poderia conseguir informações.

Claire e Ash assumiram o trabalho de dar atenção a Annie, embora a situação mais parecesse que era a Claire querendo algo normal na vida. E então Serena se aproximou de Tank.

E Breaker e eu fingimos ser melhores amigos, as pessoas tranquilas e não ameaçadoras que divertiam todo mundo.

Merda, às vezes eu odiava essa vida.

Fazer as pessoas ficarem bêbadas e dormirem juntas para obter informações estava longe de ser algo normal.

— Você ficou acordada até tarde — Ash disse quando todos saímos dos carros e nos encontramos no nosso lugar habitual no campus.

Serena apenas pestanejou.

— Garotas não se gabam de suas noites.

Eu franzi o cenho. Embora tenha sido minha ideia, eu não precisava gostar dessa história. Cerrei os punhos e os mantive presos ao corpo para me impedir de fazer algo perigoso, como empurrar os dois contra uma árvore ou contra a primeira pessoa que aparecesse.

— Você quer falar alguma coisa, Junior? — Ela me deu um sorriso enquanto eu procurava com afinco no seu pescoço qualquer sinal de chupão, para que eu pudesse ter uma razão para acabar com ele e com toda essa história. Não que os chefes fossem me dar ouvidos.

Meeerda.

— Não. — Eu sorri. — Como foi com o Tank? Eu ouvi que vocês conversaram. Você está ensinando a ele como soletrar palavras longas ou está na fase da alfabetização ainda?

Breaker engasgou com uma risada, Claire deu um soco no braço dele.

— Pega leve. Ele é inteligente, só não é muito de falar. E ainda é um gato!

— Um homem de poucas palavras, mas que pode ser de muita ação — Serena deu de ombros. — De qualquer forma, não consegui nenhuma informação interna, mas ele disse que a faculdade era muito legal e se ofereceu para me mostrar.

Eu olhei, incrédulo. Será que ele nem percebia o que tinha em mãos? Por que raios ele estava pensando em passeios ao ar livre quando poderia apenas levá-la para o quarto mais próxima e venerá-la como ela merecia? Em vez de

dizer o que pensava, comentei:

— Ele quer fazer um tour pela faculdade com você? Tem como ele ser mais sem graça do que já é.

— Na verdade, não é uma má ideia — disse Izzy, olhando para cima de seu computador, uma raridade para ela, falar e desviar o foco de seu trabalho. — Quer dizer, temos uma planta do campus, mas poderia ser bom para Serena dar uma olhada, especialmente quando outros alunos estiverem no campus.

— Concordo — disse Ash. — Por que você não pergunta a ele se podemos ir com você e depois podemos todos sair para jantar ou algo assim?

— Boa ideia. — Eu embarquei na ideia. Não queria que eles ficassem sozinhos. O plano era que ela entrasse nessa história, saísse e fizesse o que tinha de fazer, não que começasse a namorar o cara mesmo. — Manda mensagem para ele e veja se podemos nos encontrar hoje à tarde.

— Que pressa — Serena resmungou baixinho enquanto pegava o celular.

Quase morri quando vi um emoji de coração dele. O filho da puta perderia o olho esquerdo se tocasse nela de uma forma que ela não gostasse.

Por outro lado, e se ela gostasse?

E se eu tivesse acabado de empurrá-la para o único cara que poderia ajudá-la a superar tudo? Superar a gente?

Meu peito se apertou. Não importava.

Porque nunca poderíamos ficar juntos. Não é?

— Feito. — Serena olhou para cima e sorriu para nós. — Nos encontramos aqui às cinco, e ele disse que a Annie vem junto.

O rosto de Ash murchou.

— Ela usa cardigãs.

Eu franzi o cenho.

— Cara, você está usando uniforme. Qual é a diferença? — Ele me encarou, os dentes cerrados.

— Ela. Usa. Por. Escolha. Própria.

Breaker e eu trocamos um olhar divertido, e coloquei a mão no ombro de Ash.

— Você precisa de reforço? Ou vai conseguir lidar sozinho?

Ash encolheu os ombros para se desvencilhar de minha mão, enquanto Claire observava tudo, parecendo pensar bastante a respeito.

— Ela é uma nerdona. É isso, pronto, falei — ele disse e levantou as mãos.

Claire passou um braço na cintura de Ash e comentou:

— Gostar de falar sobre ciência não faz dela uma nerdona. Os interesses dela se resumem a outras coisas que não são armas. Chocante, eu sei.

Ash puxou Claire para perto.

— Que bom que você realmente gosta de falar sobre armas, hein?

Claire engoliu em seco e assentiu quando lhe deu um sorriso.

— Eu realmente sei desmontar e montar, graças a você.

Ele piscou.

Meus olhos se estreitaram quando olhei para os dois. Eles pareciam perfeitos, e ainda assim algo estava errado.

Serena inclinou a cabeça na minha direção, e eu captei: ela queria conversar. E lá vamos nós.

— Tenho que ir para a aula, pessoal — avisei a eles. — Serena, vem comigo?

— Sim.

Começamos a caminhar juntas.

Ela esperou até estarmos longe o suficiente do grupo para falar.

— O que foi aquilo?

— Não faço ideia. — Balancei a cabeça. — Ela está estranha. Todo mundo vê, mas não é só isso. Tem essa súbita necessidade de ser normal, e o fato de que ela parecia animada para falar sobre ciência, e não sobre armas, o que,

tanto faz. Não tem problema, mas Ash não parece notar

— Ele não percebe. — Serena parou de andar e colocou as mãos nos quadris. — Ele está apaixonado demais por ela para ver. — Mas que merda. Ela fez um pequeno giro. — Liga para o Sergio, peça para ele colocar um rastreador na Claire.

Eu agarrei o braço de Serena.

— Por que raios a gente deveria fazer isso?

— Porque... — Serena engoliu em seco e prendeu o olhar no meu. — Ela está com medo, tem alguma coisa errada. Eu já notei.

— Como você sabe que é medo? — perguntei.

— Medo reconhece medo — ela disse calmamente. — E eu vejo isso no reflexo todos os dias no espelho. — Ela empurrou meu peito e disse com os dentes cerrados: — Coloque um rastreador nela agora.

— Serena…

— Não. — Ela apontou um dedo para mim. — Você não pode ser meu amigo na universidade, ok? Você pode me perguntar mais sobre essa decisão quando estivermos em casa, mas provavelmente não vou te responder porque me recuso a deixar entrar uma pessoa que só causa estrago em tudo.

Abaixei a cabeça.

— Está no meu sangue; meu sangue é defeituoso.

— Não. — Ela engoliu em seco e desviou o olhar. — Não é o seu sangue que está defeituoso.

— Se não for meu sangue, então é o quê? — Soltei uma risada de descrença; eu queria contar a ela, dizer o quanto é ruim, dizer a ela que tive sorte de não ter sido morto só por ter olhado em sua direção, que dirá por pegar o que não era meu.

— Seu coração — ela finalmente disse.

Olhei para Serena por um minuto e então sussurrei:

— Bem, você sabe bem disso, né? Já que ainda é dona dele.

Eu me afastei antes de causar mais estrago.

E fui embora antes que tivesse a chance de puxá-la para os meus braços e estragar tudo.

Porque foi isso que os De Lange fizeram. Eles arruinaram vidas. E senti meu relógio interno apitando como se fosse uma bomba pronta para explodir.

Eu a destruiria.

E eu sabia que, destruindo-a, aniquilaria o que restava de bom em mim. Então fui embora.

Naquele momento, fiz um juramento pessoal de que seria necessário um milagre divino para que eu me aproximasse dela novamente.



Capítulo Dezessete

Serena

Encontrei Junior cerca de quinze minutos antes de nos encontrarmos com o pessoal para que pudéssemos ir ao outro campus.

Nós trocamos um olhar enquanto um Escalade preto estacionava no grande semicírculo em frente à reitoria.

Era mais privado do que parar na frente à secretaria ou qualquer um dos dormitórios. Nenhum dos chefes conseguiria escapar de ir parar em vídeos no Instagram ou Snapchat de alguém ou, Deus me livre, no TMZ.

— Quanta coisa vamos contar a eles? — murmurei baixinho.

— O suficiente. — Junior cruzou os braços e conseguiu parecer gostoso e casual ao mesmo tempo. Minha respiração já estava um pouco irregular, porque para que a gente precisasse perguntar isso, significa que a situação não somente era perigosa, como também colocava um alvo gigante nas costas de Claire.

Mas eu tinha um pressentimento, e meu pai me ensinou que havia uma razão para termos instintos. Meus instintos diziam que tinha algo muito, muito errado acontecendo com ela.

Sergio abriu a porta do passageiro e saiu lentamente do SUV. Seus óculos pretos estilo aviador e o queixo forte o faziam parecer um irmão de Henry Cavill. Seu longo cabelo estava preso em um coque masculino. Ele desabotoou o paletó cinza, revelando uma tatuagem no peito escrito “Duas Voltas”, com uma letra A próxima a um pôr do sol. Todos conheciam a história do cara, como todos conhecem contos de fadas no meio de uma guerra. Engoli em seco quando pensei em suas outras tatuagens, as marcas que ele gravava na pele sempre que expulsava uma alma deste plano. Nós paramos de contar alguns anos atrás,

porque estava ficando um pouco ridículo.

Ele era um pouco bom demais no que fazia.

Respirei fundo quando outro chefe saiu do carro.

Andrei Petrov-Sinacore.

Merda.

— Por que Andrei veio com ele? — eu perguntei com os dentes cerrados.

— Porra. — A postura de Junior não mudou. — Provavelmente porque Sergio não quer que os outros chefes saibam, e Andrei é tecnicamente parente de Claire, já que ela é sobrinha de Nikolai.

Nikolai, tipo O Doutor. A máfia russa o usou porque ele era o melhor, mas o cara trabalhou para ambos os lados, assim como Andrei. Eles sozinhos assumiram o controle da máfia russa e a fundiram com os italianos. Foi o cessar-fogo mais estranho que o mundo já viu, e eu sabia que, se Andrei estava junto de Sergio, eles estavam levando a situação toda muito a sério.

Os olhos azuis de Andrei chamaram minha atenção; as tatuagens no pescoço pareciam em destaque sob o terno de três peças, enquanto o piercing no nariz brilhava ao sol. Ele tinha quase trinta anos e parecia a porra de um modelo internacional. Era estupidamente irritante como era fácil para ele deixar as pessoas sem fôlego.

Parecia que eles estavam andando em câmera lenta, mas quando finalmente pararam na nossa frente, tudo aconteceu rápido demais.

— Toma — Sergio estendeu um pequeno dispositivo de rastreamento que parecia uma daquelas baterias que quando a gente é criança nos alertam de não botar na boca pelo risco de engolirmos. Era prateado.

Junior pegou com a mão direita.

— Agradeço que você tenha mantido isso em segredo.

— Me diz — Andrei falou. — Existe uma razão sólida para você estar desconfiado ou estamos apenas baseando isso no fato de Serena estar com dor de barriga?

Eu olhei.

— Hilário.

— Eu não estava fazendo piada — disse ele, o leve sotaque russo ficando ligeiramente mais espesso. — Estou falando sério, Serena. Isto é... — Ele balançou a cabeça. — Chase não pode saber.

Junior soltou uma risada.

— Puxa, obrigado pelo aviso, não conte ao assustador senador dos EUA que gosta de ver pessoas sendo assassinadas. Que excelente conselho!

Sergio e Andrei nos deram sorrisos ofuscantes.

Sergio inclinou a cabeça e lançou um olhar avaliador.

— O que você sabe que nós não sabemos?

— Um monte de coisas? — soltei com um evidente sarcasmo.

— Eu já fui um jovem assim? — Sergio se perguntou em voz alta.

— Não. — Andrey bufou. — Você sempre foi velho pra caralho.

— Obrigado — Sergio retrucou.

— De nada. — Andrei sorriu.

— Vou perguntar de novo. Há algo que precisamos saber? — Sérgio cruzou os braços.

Mordi o lábio inferior e troquei um olhar com Junior. Ele me deu um leve aceno de cabeça.

— Parece que ela está querendo sair — eu disse calmamente. — Mas não é só isso. Ela está se distanciando em um momento em que precisamos estar juntos. Quem eu quero enganar? Se isolar é a melhor forma de morrer.

— Isolamento é exatamente o modo dos nossos inimigos nos destruírem — concordou Andrei. — Mantenha o rastreador na bolsa dela. Você sabe o que fazer, coloque dentro do brilho labial preferido dela. E rastrearemos seus movimentos.

— Vocês dois? — Junior riu. — Vocês dois estão trabalhando juntos nisso?

Sérgio olhou furioso.

— Não por opção, mas já que ela é sobrinha de Nikolai...

— Certo, jurisdição russa e tudo mais... — Junior assentiu.

— Vocês dois deveriam ir andando. — Andrei apontou com a cabeça. — As aulas estão quase acabando, e a última coisa que precisamos é que Sergio seja perseguido novamente.

Eu ri da expressão horrorizada de Sergio.

— Admita, você tem mais medo de universitárias do que de morrer.

Seu tremor era tudo que precisávamos.

Andrei piscou para mim antes de os dois irem embora. Havia força em cada movimento, em cada passo, enquanto voltavam para o carro e seguiam pela estrada que os trouxe até aqui.

Soltei um suspiro áspero.

— Droga, ele é intimidador.

— Os dois são. — Junior me deu uma cotovelada de brincadeira. — É o trabalho deles ser assustador. Mas a gente sabe a verdade

— Ah, sim, e qual é essa verdade? — Começamos a caminhar em direção ao nosso ponto de encontro.

— Que Andrei usa suéteres de Natal porque não tem coragem de dizer à esposa que os odeia, e o jogo favorito de Sergio era Operando quando éramos pequenos. Ah, e ele prometeu a você um pônei quando você tinha dez anos, e de fato comprou.

Eu sorri.

— Tá com ciúme?

— Não, porque no meu aniversário ele me deu uma stripper. — Eu tropecei em uma pedra ali atrás.

Ele segurou meu cotovelo e riu.

— Tô zoando. — Eu me afastei.

— Tinha um buraco ali.

— Uhm-hum. — Junior sorriu. — Ei, não precisa ter ciúme, tenho umas notinhas trocadas aqui, é só fazer um strip, que eu coloco algumas na sua saia.

— E eu estou com uma faca amarrada na minha coxa. Bota qualquer coisa perto da minha bunda, e eu corto seu pau.

Ele encolheu os ombros.

— Talvez possa valer a pena treinar com você.

Quase parei de andar.

— Quer dizer que você gosta de levar uma surra?

— Eu gosto... — Ele pronunciou as palavras e enfiou as mãos nos bolsos. —... de lutar com você porque pelo menos significa que estamos fazendo algo produtivo com nosso ódio; pelo menos, quando brigamos, posso fazer você suar de uma maneira totalmente diferente, te fazer gemer de dor em vez de prazer sabendo que essas duas coisas vêm de mãos dadas. Te fazer gritar meu nome com ódio e me lembrar como foi quando você gritou em êxtase. Então, sim, eu gosto de treinar com você.

Eu arregalei os olhos e lhe dei um empurrão forte.

— Seu doente pervertido, eu não tinha ideia de que brigar era sua forma de preliminar.

Ele parou de andar e ergueu o queixo para mim.

— Mentirosa. — Minhas bochechas esquentaram.

— Estou falando sério!

— Pare com essa babaquice, Serena.

— Você acha que sabe tudo de mim?

— Acho que se eu colocasse minha boca entre suas coxas, você ficaria envergonhada com o quanto está pronta para mim.

Engoli em seco enquanto minhas pernas tremiam.

— Arram, tá.

— Outra mentira.

— Junior.

— Porque nós dois sabemos que são suas preliminares também. Na verdade, aposto que você está ansiosa para pegar aquela faca e mirar no meu coração. Pena que estamos sem tempo. — Ele estava olhando por cima da minha cabeça; todos estavam caminhando em nossa direção. Olhei para Junior e o encontrei a um centímetro de distância do meu rosto. — Não se preocupa, quando chegarmos em casa, vou deixar você me bater.

Eu olhei para ele e então sorri.

— Promete?

Ele soltou uma risada.

— Droga, até o seu ódio me deixa de pau duro.

Bati meus cílios, depois rocei na frente das suas calças antes de sussurrar:

— Eu sei.

— Continue fazendo isso, e eu vou te imprensar na árvore mais próxima. Você deveria estar sendo legal com Tank, lembra? — Sua voz baixou. — Só lembra que ninguém nunca vai te pegar do mesmo jeito que eu.

— Você tem certeza disso? — Minha voz vacilou.

— Você precisa tanto quanto eu. — Seus olhos brilharam. — Você não está mais aguentando lidar com isso.

Ele não estava errado. Eu odiava quando Junior mostrava que sabia onde tocar para me deixar acesa. Já sentia meu corpo queimando de desejo pelo dele, ansiosa para dar um soco, e depois agarrá-lo pela nuca e forçar nossas bocas uma contra a outra enquanto nos esfregávamos no corpo um do outro, até que ambos encontrassem algum alívio sem nem mesmo tirar a roupa.

— Hoje à noite — eu disse em um desafio. — Vou treinar com você hoje à noite.

Seus olhos se arregalaram de surpresa, e então todo o seu rosto pareceu escurecer.

— Não faça promessas que não pode cumprir.

— Meia-noite — eu sussurrei. — Prepare-se para levar um chute na

bunda.

— Eu vou em busca de sangue — prometeu Junior.

— O único sangue que você vai achar é o seu.

— Veremos — ele resmungou, e então todos se aproximaram, conversando sobre as aulas e fingindo tanto uma normalidade, que até deu dor de cabeça.

— Vocês estão prontos? — Claire ficou de pé como se estivesse se preparando para correr para a outra faculdade e cantar a plenos pulmões. É, definitivamente tinha algo de errado.

— Vamos lá — Junior se virou, mas não antes de eu vê-lo ajustar a calça, como se precisasse se lembrar de que andar desfilando com uma ereção poderia causar sérios danos se tropeçasse.

Reprimi uma risadinha e ganhei uma cotovelada na lateral do corpo, vinda de Junior, enquanto caminhávamos pelo campus em direção à faculdade ao lado; estávamos prontos para conhecer nossos amigos normais e encontrar o cara que eu deveria partir o coração.

Com o relacionamento doentio e distorcido entre mim e Junior oscilando entre nós como um fio inquebrável.

Que ótimo.



Capítulo Dezoito

Junior

Assistir a garota que você ama e odeia flertar com alguém que pode ser um inimigo por duas horas é um inferno.

Tank falava da mesma maneira como andava.

Absurdamente devagar.

Se fôssemos mais devagar, provavelmente teríamos de engatinhar; ele queria que Serena visse tudo.

Novo centro estudantil? Visto. Novos dormitórios para calouros? Visto. Refeitório? Visto.

Por fim, terminamos em seu dormitório, e aguardar foi como ouvir unhas em um quadro-negro enquanto ele passava o cartão-chave na fechadura e explicava que eles haviam aumentado a segurança durante a reforma.

— Por que será…? — Breaker disse baixinho enquanto todos nós entrávamos na parte principal do dormitório. Parecia um alojamento de veteranos, o que nos fez ter uma ideia de quantos anos Tank tinha, já que ele não havia nos contado.

Ele passou um braço em volta de Serena e a guiou em direção ao elevador. Ela se inclinou para ele e esticou os lábios em um sorriso que eu sabia que não era real, mas ele ficou tão animado, que parecia que ela tinha acabado de dar uma punheta para ele.

Cerrei os dentes.

— Calma, garoto — Ash disse baixinho. — Não era esse o seu plano,

lembra?

— Ela nunca me escuta — resmunguei.

— Ela gosta de te provocar. Você realmente acha que ela recusaria uma chance de te irritar? De novo? — Ash riu e me deu um tapa nas costas. — Olha, tá tudo indo bem. Conseguimos informações privilegiadas e não houve necessidade de matar ninguém.

— Certo, até porque já fizemos isso na frente deles.

À minha direita, Breaker estremeceu.

— Tecnicamente, foi Serena quem fez isso.

— Sim, porque culpar outra pessoa além de si mesmo ressuscita a pessoa do mundo dos mortos — eu disse secamente enquanto todos entrávamos no elevador.

Claire e Annie estavam juntas, olhando para o celular de Annie. Quando olhei por cima dos ombros, meus olhos se estreitaram.

Elas estavam olhando para um par de botas Wyn.

Sério? Era esse o interesse em comum delas? Um par de botas que qualquer um de nós podia arrumar de graça e dar para elas.

O pai de Ash era dono da Wyn, dentre outras coisas. Dei uma cotovelada nele e abaixei a cabeça.

Ele olhou e sorriu largamente.

— Você gosta dos novos sapatos da Wyn?

Annie empalideceu como se ele tivesse acabado de perguntar se poderia lamber seus peitos.

— Hum, sim, quer dizer, eu não posso pagar por elas, então nunca poderia ter uma, mas…

— Claro que poderia — Claire se animou. — Ash pode arrumar uns pares para você.

Ash cerrou os dentes e forçou um sorriso aterrorizante para Annie, o que a fez dar um passo em minha direção. Porém, no minuto em que nos tocamos,

ela deu um pulo.

Tá, se ela for uma De Lange, eu boto ketchup no pé de Ash e dou uma lambida. A menina tinha medo de tudo.

— N-não, tudo bem. Eu não tenho como pagar.

Claire fez um barulho.

— Não precisa. O pai dele é dono da empresa.

— Surpresa — Ash disse secamente.

Breaker deu uma cotovelada nele mais uma vez e pigarreou.

Ash então lançou a Breaker um leve olhar irritado e depois voltou sua atenção para Annie.

— Qual é o seu tamanho?

Os olhos de Annie se arregalaram, e o elevador abriu no último andar.

— 36.

— E você gostou da bota de stripper preta acima do joelho?

Ele precisava falar daquele jeito?

Prendi a respiração quando Annie se encolheu e depois escondeu o telefone na bolsa.

— Bem, sim, quer dizer, minha mãe adotiva vai surtar, mas...

— Eu gosto delas — disse Ash com uma voz um pouco rouca. O que raios estava acontecendo entre aqueles dois? — Quero dizer... — Ele balançou a cabeça. — Um pouco de rebeldia é bom. Mas prometa que não vai usá-los com uma porra de um cardigã.

Claire olhou para os dois e sorriu.

— Ela não vai, não é, Annie?

— Não. — Annie mordeu o lábio inferior e seus grandes olhos olharam Ash por alguns segundos antes de sussurrar. — Obrigada por ser tão legal.

Tenho certeza de que Ash teve um derrame. Ninguém nunca o tinha chamado de legal em dezenove anos.

Ele era um assassino a sangue frio.

E ainda assim ela apenas fez um elogio verdadeiro que eu sei que teve impacto bem no centro da sua alma gelada.

— Eu não sou legal — ele disse com uma voz entrecortada antes de seguir Tank pelo corredor.

O prédio era novo; tudo parecia novo.

Em todas as portas havia pequenos quadros brancos nos quais você podia escrever alguma coisa; parecia um típico dormitório de faculdade.

Mas enquanto seguíamos pelo corredor, notei que as portas começaram a se abrir lentamente, como se a notícia a respeito da nossa presença lá estivesse circulando.

Meu telefone vibrou.

E, claro, eu tinha sido marcada no Twitter. Serena foi marcada no Instagram.

De repente, estávamos em todas as redes sociais, nos perfis de pessoas que haviam tirado fotos nossas, então foi como andar em câmera lenta enquanto as pessoas abriam as portas e olhavam descaradamente.

Algo parecia estranhamente familiar, pelo menos os alunos pareciam. E foi então que percebi.

Cada um desses estudantes poderia ser meu primo. Serena ficou tensa, Tank parou na frente da porta do seu dormitório.

Ela olhou por cima do ombro, lentamente tocando na faca presa à sua coxa, ao mesmo tempo que eu peguei minha arma e a segurei casualmente ao meu lado.

Breaker fez o mesmo. Seguido por Ash.

Eles precisavam ver que estávamos armados, mesmo que estivéssemos em desvantagem numérica de cinco contra quinze. Uma das garotas deu um berro e fechou a porta.

Era um dormitório misto. Ótimo.

Um cara que parecia ter a minha idade saiu do quarto e cruzou os braços,

ódio transbordava do seu olhar. Ele fixou os olhos nos meus e de repente senti vergonha.

Mas que porra era essa?

Ele balançou a cabeça lentamente e depois pronunciou sem som a palavra “traidor.” Agarrei minha arma com tanta força, que quase puxei o gatilho.

Praguejando, fui até ele e o joguei contra a parede. As pessoas começaram a gritar ao nosso redor.

— O que foi que você disse?

— Você ouviu! — ele rugiu, seus olhos brilhando. — Você é um traidor do seu próprio sangue! — Ele cuspiu no chão entre nós.

Eu soltei uma risada.

— Não tenho ideia do que você está falando. — Eu lentamente o soltei. — Mas eu no seu lugar teria cuidado, sou eu quem está com a arma, e não é sensato foder com a realeza da máfia, é?

— De qualquer forma, já estou morto — disse ele com uma voz calma. — Que diferença faz se você me matar agora ou mais tarde?

Suspirei.

— Eu não vim aqui para te matar.

— Então por que você está aqui? — Ele cerrou os dentes. Droga, esse cara parecia da família.

Era difícil até mesmo olhar para ele.

Mais difícil do que me olhar no espelho, mesmo que ele nunca fosse saber o que eu verdadeiramente enfrentava todos os dias.

Se eu pudesse me sangrar até secar, eu o faria.

— Vamos embora — Ash disse com uma voz calma atrás de mim enquanto colocava a mão no meu ombro. — Não ligue para o Junior. Ele não gosta de ser insultado.

Soltei a arma e recuei.

O cara acenou com a cabeça em direção a Ash.

— Você é filho do senador Abandonato?

— Sou. — Ash cruzou os braços. — Por quê? Você quer arranjar confusão comigo também?

— Não. — Ele engoliu em seco. — Você não fez nada para me ofender.

— Ainda. — Breaker sorriu.

— E você... — Ele olhou para Breaker. — … o mais velho do Capo?

— E o mais brilhante. — Breaker fez uma pequena reverência. — Mas é aquilo: você já devia saber disso.

— Nixon. — Ele olhou para Serena e depois para Claire. — Mas você eu não conheço.

— Sim, e eu não olharia para ela se quisesse continuar vivo — rosnei com uma voz áspera. — Ela está sob a proteção da Família Petrov-Sinacore.

Ele empalideceu um pouco e recuou.

Claro, o nome russo fazia isso com as pessoas.

— E você? — Eu precisava perguntar. — Qual o seu nome? — Ele não respondeu. — Como eu imaginei. — Dei um tapa no ombro dele e depois dei as costas.

No segundo em que virei de costas para o cara, ele murmurou baixinho:

— De Lange.

Eu me virei para atacar, mas Ash me segurou.

— Aqui não, agora, não, cara.

Eu me afastei dele.

— Vamos embora. Desculpa, Tank, outra hora a gente se fala. Vamos, Serena. — O rosto de Tank murchou.

— Desculpa, pessoal, eu não sabia que seria um problema.

Minha risada saiu ácida.

— Não seria um problema? Você entende que acabou de sentenciar a morte daquele cara? Tudo porque você queria que Serena visse sua cama?

O cara já estava voltando para o quarto. Eu troquei um olhar com ele e suspirei.

— Arrume suas coisas.

Seus olhos se estreitaram.

— O quê?

— Eu disse... — Cerrei os dentes. — Arrume suas coisas.

— De jeito nenhum! — Ele balançou sua cabeça. — Não vou arrumar nada, não para você vir me dar um tiro atrás do prédio!

Eu fiz uma careta e depois comecei a rir.

— Isso é hilário. Ash, quando foi a última vez que atiramos em alguém no campus?

— Acho que… nunca. — Ash sorriu. Ele nivelou o olhar com o do cara. — Mas no seu lugar, eu faria o que ele diz.

— Estou morto se fizer, morto se não o fizer.

Breaker suspirou.

— Não vamos matar você.

— Mentira! — ele cuspiu.

— Porra, quem criou você para ficar tão ressentido com as Cinco Famílias? Você deveria estar de joelhos, me agradecendo por essa gentileza. — Eu o agarrei. — Pegue suas coisas e venha conosco.

— Para onde você vai me levar?

Olhei ao redor dos rostos assustados e suspirei.

— Para o lugar onde você pertence.

— Uma cova?

— A Eagle Elite University — eu disse calmamente. Um silêncio se fez presente na multidão.

Algumas daquelas pessoas olharam para mim como se talvez pudessem depositar alguma confiança, acreditar que seríamos capazes de manter nossa

palavra.

E manteríamos nossa palavra.

Porque por mais que os De Lange tivessem uma sentença de morte já determinada, percebi uma coisa naquele momento: não era justo que eu estivesse vivo só porque ganhei um novo nome quando eles ficaram presos ao deles.

— Qualquer um que queira vir: vocês têm dez minutos. — Eu me encostei na parede enquanto várias pessoas corriam de volta para seus quartos.

— Que diabos está fazendo? — Ash sibilou.

— O que nossos pais deveriam ter feito. — Suspirei. — Mantenha seus inimigos mais próximos e tudo mais…

Serena e eu trocamos um olhar, ela balançou a cabeça uma vez, como se aprovasse minha decisão de não matar todo mundo. Pela primeira vez em meus vinte e um anos, me senti como o homem da máfia que era. Eu senti que era a nova geração da máfia e que meu pai ficaria orgulhoso da minha escolha de manter a batalha em nosso próprio território.

— Se eles vierem para cima... — Breaker olhou em volta enquanto as pessoas começavam a arrumar as mochilas.

— Eles não vão fazer isso — eu disse. — Porque eles sabem o que acontece se o fizerem.

— E aí, o que faremos? Voltamos para Eagle Elite e avisamos que eles agora têm mais quinze alunos?

— Lógico. — Eu sorri. — Porque nós comandamos a porra do mundo, e já é hora de todo mundo saber disso, inclusive os chefes.

Em poucos minutos, todos estavam arrumados; doze De Lange vieram, incluindo o cara que tentou arranjar uma briga estúpida, que ele teria perdido.

Eles ficaram em silêncio, desconfiados, enquanto os conduzíamos pelo seu campus até os portões pretos de ferro da Eagle Elite; em alguns momentos, parecia que tínhamos trazido o diabo para o campus, só de prestar atenção na maneira como os outros estudantes olhavam.

Eu sei o que eles estavam vendo: mais máfia.

O ponto é que não tínhamos nem ideia se esses caras sabiam lutar. Só

sabíamos que todos foram adotados e que os pais morreram.

Eu era o único contato que eles tinham.

Merda.

Parei em frente ao dormitório dos veteranos e deslizei meu cartão. A governanta do dormitório veio correndo atender às minhas necessidades, e graças a Deus ela estava na casa dos trinta e sabia o que fazer.

— Trouxe carne nova para você. Acomode-os, libere todas as taxas de inscrição e peça um horário para eles. — Eu me virei para o cara mal-humorado. — Nome?

— Lance. — Ele engoliu em seco. Seus olhos pareciam nebulosos de incerteza.

— O Lance aqui... — Eu dei um tapinha nas costas dele. — Fará a ponte com o resto do grupo. Tudo o que ele disser é lei, a menos que seja ilegal ou cause a morte de alguém. — Eu estava realmente dando a eles muito poder. — E, Lance?

— Sim. — Ele engoliu em seco.

— Se me trair, eu corto sua garganta enquanto seus amigos assistem, e então, um por um, eles terão o mesmo destino, você me entendeu?

— S-sim.

— Bom. — Suspirei. — Vou deixar alguns homens do lado de fora do prédio para sua proteção. Não para manter vocês aqui dentro, mas para deixar os outros fora. Tank vai ficar com vocês e entrar em contato comigo se precisarem de alguma coisa. Entraremos em contato novamente.

Dito isso, eu fui embora.

Não me passou despercebido que Serena caminhava ao meu lado como minha rainha, com Ash e Claire, muito silenciosa, atrás da gente. Breaker estava na sua posição de sempre, na retaguarda.

Quando chegamos ao carro, Izzy estava no computador, digitando, enquanto Maksim estava no banco traseiro, digitando algo no telefone.

— Preciso fazer carteiras de estudante para todos eles mesmo?

— Sim? — Eu sorri.

Ela revirou os olhos.

— Tudo bem, ficarei acordada a noite toda, nada de novo. Que bom que nenhum de vocês morreu. Agora alguém pode me levar para casa?

— Deixa comigo. — Maksim interrompeu com uma piscadela. Ela corou um pouco e então sussurrou:

— Tudo bem.

Quando eles se foram, dei um olhar para Ash.

— Tá rolando alguma coisa ali?

— Bem, se for o caso, um ou os dois vão morrer, então vamos torcer para que não esteja, porque sou muito apegado à minha irmã. E se Maksim tocar nela da maneira errada ou mesmo respirar de maneira errada perto dela, corto o pau dele.

— Que imagem mental ótima — Claire murmurou ao lado dele.

— O quê? — Ash encolheu os ombros. — Ela é muito nova.

— Ela é sua irmã gêmea, idiota. — Isso veio de Breaker.

A conversa sobre idade apenas me fez lembrar do quanto Serena e eu éramos jovens. Então eu apenas murmurei um “pois é” e entrei no carro.

Quando cheguei à casa de Serena, estava nervoso, a adrenalina pulsando, porque em algumas horas eu iria começar a fazer algo para me livrar desse nervosismo, e, por Deus, eu só podia torcer para que ela estivesse pronta para mim.

Porque eu com certeza estava pronto para ela.



Capítulo Dezenove

Serena

Vesti uma legging preta e um top esportivo rosa choque, depois coloquei uma regata branca solta e puxei meu cabelo para trás, em uma trança apertada. A última coisa que eu precisava era que ele agarrasse meu cabelo enquanto estávamos lutando.

Meu sangue corria sob a minha pele enquanto eu descia para a academia.

Meus pais estavam dormindo; eu chequei um bilhão de vezes e rezei para que meu pai não ouvisse o clique leve da porta do porão enquanto eu descia para encontrar Junior.

A escuridão me envolveu enquanto eu descia as escadas e entrava no ringue, onde Junior já estava se preparando.

Claro que ele chegou cedo.

E parecia que não estava usando luvas, fantástico. Ele realmente queria tirar sangue.

O engraçado disso é que eu meio que queria beijá-lo pelo que ele fez mais cedo, queria dizer a ele que achei corajoso, que tudo poderia explodir na cara dele, mas o fato de ter aproveitado a oportunidade foi algo muito grandioso.

Embora eu realmente não quisesse estar na pele dele quando todos os chefes descobrissem, dali a algumas horas.

Se Junior queria sangue, só o que precisava fazer era esperar Phoenix descobrir que seu filho não só não conseguiu matar os De Lange que sobreviveram, como também os convidou para morar conosco.

Quase ri disso.

Ele era muito arrogante e estúpido ou tinha um ponto fraco que se recusava a deixar qualquer um ver — qualquer um menos eu, porque eu sempre soube que existia. A música vinha direto do sistema de som; eu sabia que meu pai não ouviria porque a masmorra, como gostávamos de chamar o local, era à prova de som — por motivos muito óbvios.

— Você está atrasada. — Ele não olhou para cima, o que me deu tempo suficiente para analisá-lo com atenção. Junior estava com uma calça jogger da Nike, preta e de cintura baixa e estava sem camisa. Sua pele bronzeada e seus músculos estavam à vista. Observei algumas tatuagens no braço direito, enquanto a maior, o brasão dos Nicolasi, ficava bem no meio do peito, assim como em todos os jovens da Família.

Eu fiz a minha nas costas, porque meu pai quase teve um ataque cardíaco quando eu disse a ele que teria de ficar com os peitos de fora para poder tatuar. Falei brincando, mas valeu a pena ver a expressão que ele fez. Ele apontou a arma para o tatuador. Foi um dia incrível.

— Você vai ficar olhando para mim o dia todo ou vem lutar? — Junior ficou de pé e me lançou um olhar que significava que ele realmente precisava desabafar.

— Vou lutar. — Tirei a regata, depois peguei a fita que ele havia jogado e comecei a enrolar meus dedos e pulsos. Fui rápida, rasgando a fita branca com os dentes quando terminei. Eu ainda não estava com as fraturas nos dedos totalmente curadas, então era importante não piorar tudo.

— Pronto.

Ele me olhou de cima a baixo.

— Eu quase me sinto culpado por você estar lutando comigo com um sutiã esportivo rosa. Você sabe que é uma merda tirar mancha de sangue, não é?

Eu sorri e me curvei com o punho pressionado na palma da mão.

— Duvido que vá ter qualquer mancha.

Ele devolveu:

— Digamos apenas que estou me desculpando antecipadamente; se eu quebrar um dente seu, não vá até Nixon, ok? Ele vai cortar as minhas bolas,

mesmo que tenha sido uma luta justa.

Eu sorri e me movi na ponta dos pés.

— Que fofo, você acha que ainda tem as bolas.

Ele soltou um rosnado baixo. Deus, Junior ficava devastador quando me olhava daquele jeito. Aqueles olhos azul-petróleo poderiam muito bem me manter em transe, ainda mais com aquele jeito de me prender no lugar, uma precisão cirúrgica.

Ele se moveu primeiro.

Eu esquivei e larguei meu roundhouse perto de sua orelha direita. Ele tirou minha perna do caminho e quase acertou meu tornozelo quando recuei.

— Você só sabe fazer isso, princesa?

Mostrei os dentes e ataquei, desta vez visando um chute na canela enquanto soltava um gancho de direita.

Meu gancho não o acertou, mas meu chute na canela, sim. Ele cambaleou, mas logo deu um soco de direita e em seguida uma cotovelada. Seu cotovelo acertou em cheio o meu queixo, abrindo um corte. Bem, ia precisar de uns pontos.

— Opa. — Ele piscou.

Ataquei a base dele novamente e consegui fazê-lo tropeçar. Então me prendi a ele, derrubando-o no chão na tentativa de conseguir uma reversão.

Junior me rolou de costas e conseguiu dar uma cotovelada na minha lateral, antes de ficar de pé e murmurar:

— Zuffa.

Merda, esse era o termo italiano para lutar sem regras. Eu apontei meus dedos para ele e sussurrei:

— Bora.

— Ei, Serena, estou vendo um pouco de sangue bem aqui. — Ele apontou para o queixo.

Eu dei um golpe no lado direito do seu rosto, mas logo recebi um soco

como contragolpe. Eu me esquivei e enquanto ele tentava me pressionar. Eu conhecia essa manobra; ele queria me fazer cair de costas ou de lado para me prender em um mata-leão, seu favorito. Todos nós tínhamos nossas preferências, assim como todos tínhamos fraquezas.

Eu me afastei e dei outra pancada em seu nariz. Mas foi quase como se ele deixasse. Eu fiz uma careta quando seu peito enorme se ergueu, então seus olhos brilharam enquanto ele corria na minha direção, mergulhando para agarrar minhas pernas e me jogando de costas com um baque enorme.

Ele montou em mim, enganchando as pernas em volta do meu corpo enquanto me imobilizava no chão, os rostos a centímetros de distância.

— Pede arrego.

— Não. — Eu me contorci embaixo dele.

— Pede antes que você se machuque, princesa.

Dei uma cabeçada nele, fazendo-o perder o controle, e então usei meu peso para jogá-lo de bruços; tentei colocar meu braço sob seu queixo, mas Junior já estava me puxando como se eu não pesasse nada, e olha que treinei muito para poder lidar com os meninos grandes.

Praguejei quando ele me jogou de costas pela segunda vez; o ar escapou dos meus pulmões enquanto tentava respirar e ainda me recusava a bater.

Em seguida, houve um soco, mas foi um golpe brando, eu sabia disso, ele sabia, o que só me irritou.

— Você costumava bater com mais força.

— Porra, Serena, sério. — Sangue escorria de sua sobrancelha direita. Minha torcida: ter quebrado seu nariz… de novo.

Nós dois estávamos ofegantes. Ele prendeu meus braços acima da minha cabeça. Eu me contorci embaixo dele, tentando virá-lo; cravei os calcanhares no seu torso, mas encontrei apenas os músculos.

Junior soltou um gemido estrangulado quando empurrei meus quadris para cima novamente, na tentativa de conseguir alguma distância que me desse condição de colocar minhas mãos entre nós.

Ele estremeceu.

— Para de jogar sujo.

— Eu nunca prometi jogar limpo. — Dei um sorriso sedutor e então empurrei meus quadris contra sua ereção já crescente. Ele normalmente se afastava, esse era meu movimento secreto, quase como se ele estivesse com medo de que eu partisse seu pau ao meio, só que desta vez ele me prendeu com mais força contra o tatame.

O pânico tomou conta do meu peito. Ele deveria se afastar, não me pressionar com mais força.

Seus olhos procuraram os meus enquanto o sangue descia do seu rosto até o meu peito.

— Posso passar o dia todo aqui, princesa.

— Eu… — Eu balancei meus quadris. — Também.

Ele abafou uma série de reclamações, mas se manteve firme. Junior claramente não estava usando protetor. Eu me contorci embaixo dele.

— Alguém está se sentindo corajoso.

— Alguém não achou que você escolheria uma tática tão suja.

— E eu não escolhi nada.

— Como diabos você chama isso então? — Ele cerrou os dentes. O pau de Junior estava duro como uma rocha e pressionava meu abdômen; então ele se afastou apenas o suficiente para pressionar exatamente onde desejava.

— Ok, então vou entrar nesse jogo também.

— Merda — murmurei quando ele começou a pressionar minha legging, entre minhas coxas, onde eu estava ficando cada vez mais excitada.

Eu não sabia se era o meu suor, o dele ou qualquer outra coisa enquanto ele continuava com suas estocadas lentas e dolorosamente fortes entre as minhas pernas.

Com os olhos selvagens, ele cerrou os dentes. A última vez que estivemos assim foi antes de perder minha virgindade; como adolescentes excitados, fazíamos exatamente isso, usando nossas roupas como uma espécie de proteção frágil. No fim, a roupa era mais irritante do que útil.

Essa lembrança me trouxe de volta.

Eu arqueei o corpo para receber sua próxima estocada, e devo ter perdido a cabeça porque desta vez ele me encontrou no meio do caminho, um gemido de satisfação irrompeu de sua garganta enquanto apressava seus movimentos. Eu estava presa embaixo dele, como se fosse seu brinquedo sexual. Não conseguia mexer as mãos, mas conseguia mexer o corpo, e a tortura era tão grande, que acabei abrindo mais as pernas, convidando-o a se aproximar mais.

— Porra, Serena. — Ele parecia aço quente se chocando contra meu centro. Era como se não tivéssemos escolha a não ser seguir em frente. Lambi os lábios enquanto ele aumentava o ritmo, avançando com tanta força contra mim, que o prazer quase igualava a dor. Junior moveu uma perna entre as minhas, e eu enganchei meu pé direito na sua cintura, trazendo-o para mais perto.

Eu estava perdendo a cabeça. Nós dois estávamos.

Nós nos odiávamos.

Nada de bom resultaria disso. Nossos pais poderiam nos matar.

Mas tudo o que eu pensava era no olhar selvagem de Junior e na maneira como seus quadris se mexiam contra mim.

— Estou quase lá.

— Eu também. — Apertei os olhos e senti algo encostando meu rosto quando ele balançou a cabeça.

— Abra, sempre abra, para mim — ele ordenou.

Mordi meu lábio e então a mesma mão se moveu para baixo, enquanto ele se esfregava com força entre minhas coxas. Foi muito intenso; com a palma da mão e o pau, eu não aguentei mais e desmoronei contra o meu inimigo.

De alguma forma, totalmente vestida.

Ele se afastou e então tirou o pau de dentro as calças. Observei sua mão se mover para cima e para baixo apenas uma vez antes de se derramar em cima da minha barriga.

Eu ficaria insultada se não estivesse tão excitada. E com raiva.

E confusa.

Então, eu simplesmente fiquei lá enquanto ele cambaleava para trás e sentava, com a cabeça entre as mãos.

Parecíamos dois viciados voltando para buscar mais, não importa quantas vezes soubéssemos do risco, não importa quantas vezes a gente tivesse magoado um ao outro, era algo para o qual sempre voltávamos, não era?

Suspirei e lentamente me apoiei nos cotovelos.

— Eu venci.

Sua cabeça se ergueu.

— Porcaria nenhuma!

— Nós dois estamos sangrando, mas... — Eu sorri. — Eu cheguei lá primeiro…

Ele começou a rir e se recostou no tatame.

— De nada.

Eu bati na perna dele e rastejei até a borda do ringue, agarrando minha camisa e limpando minha barriga.

Um vazio se espalhou pelo meu peito quando percebi o que isso significava; significava que voltaríamos a não ser amigos. A fronteira havia sido ultrapassada, o que significava que iríamos recuar como sempre fazíamos quando brincávamos com fogo.

Abaixei a cabeça.

A música parou de repente, quando meu pai entrou pela porta com nada além de calça de pijama e uma careta na cara.

— Vocês vieram treinar no meio da noite?

— Bem, já é meia-noite e meia, senhor — disse Junior de seu lugar no tatame, ele havia se sentado direito, por razões óbvias.

Meu pai apenas revirou os olhos.

— Não se matem.

— Não prometo nada! — Eu ri, embora todo o meu corpo estivesse em choque. Se ainda estivéssemos fazendo aquilo, meu pai teria visto, teria visto o

que fizemos, teria sabido.

Quase passei mal quando papai sorriu para mim e foi embora.

Com as pernas duras, pulei do ringue e comecei a tirar a fita adesiva. Junior fez o mesmo.

Eu estava esperando a conversa de sempre.

Isso não pode acontecer novamente.

Ou isso é um erro.

Ou vou te odiar enquanto nós dois vivermos.

Em vez disso, ele disse:

— Amanhã, meia-noite.

Respondi por cima do ombro.

— Você realmente acha que dá conta de mim por duas noites seguidas? — Seus olhos estavam tranquilos quando ele sussurrou:

— A questão é: você consegue lidar comigo?

Uma sobrancelha se arqueou.

— Claramente eu já fiz isso.

— Isso não é lidar comigo, você jogou sujo. Amanhã, use mais roupas.

Eu mostrei a língua.

— Você estava sem camisa, sobre isso não fala nada.

— Eu consigo ver seus mamilos duros daqui, e consegui enxergá-los perfeitamente na última meia hora, de novo te traindo.

— Você nunca foi cara de ligar para peitos — eu apontei.

E então dei um grito quando ele agarrou minha bunda com as mãos, de uma forma que poderia deixar hematomas.

— As coisas mudam.

— Pega na minha bunda de novo, e eu te boto pra dormir. — Eu me

afastei.

Engraçado, nós dois sabíamos que era uma ameaça vazia enquanto nos limpávamos e subíamos para nossos quartos.

E, como antes, quando entrei no chuveiro e ouvi o barulho familiar da porta do seu boxe se fechando, joguei o sabonete líquido para ele e ignorei a tensão entre nós.

E quando nós dois seguimos caminhos separados, fiz algo que não fazia desde que ele partiu meu coração.

Deixei minha porta aberta.

E esperei.

Demorou cerca de cinco minutos até que eu o vi parado na porta. E então Junior veio andando até minha cama enquanto eu puxava as cobertas e permitia que ele ficasse ao meu lado.

Uma lágrima deslizou pela minha bochecha enquanto ele me puxava contra seu peito, e como se soubesse que eu estaria chorando, um polegar enxugou a lágrima enquanto ele sussurrava:

— Pelos velhos tempos, mas, Serena, isso não pode acontecer, não podemos…

— Eu sei — eu rebati. — Apenas durma.

— Nunca consegui dormir quando você está em meus braços, Serena.

— Então, o que você fazia a noite toda?

Ele hesitou e então respondeu:

— Esperava você adormecer e desejava que eu não estivesse apaixonado pela minha melhor amiga…



Capítulo Vinte

Junior

Acordei na manhã seguinte com minha inimiga deitada em meus braços. Como algo tão errado... tão proibido... poderia parecer tão certo? As vozes na minha cabeça estavam quietas, a agitação, a ansiedade da minha alma para lutar, para sangrar, para fazer alguma coisa, havia desaparecido. Tudo que eu tinha era a perfeição em meus braços. Estendi a mão e enrolei uma mecha de seu cabelo loiro entre meus dedos.

Com um gemido, Serena se virou para mim. Nossos olhos se prenderam.

Meu peito se agitou como se eu tivesse acabado de correr três quilômetros e depois pulado de volta na cama com ela.

Nossos olhares não desgrudavam.

— Serena! — A voz de Nixon era alta o suficiente para me assustar enquanto ele batia. — Você já acordou?

Fiquei imóvel.

Serena engoliu em seco.

— Não, pai, não estou vestida, então não há necessidade de invadir meu quarto.

Ele riu.

— Nada de repetir aquela cena de quando você tinha dezesseis anos e apontou uma arma para mim, né?

Eu dei a ela um sorriso questionador, mas Serena apenas deu um tapa no meu peito. Eu agarrei a mão dela e segurei firme, mesmo tendo prometido a ela

que tínhamos chegado ao fim, que não poderia acontecer de novo, eu já estava voltando atrás, disposto a vender minha alma só para tocá-la.

— O que você quer, pai? — ela perguntou, seus olhos não deixando os meus.

— A universidade ligou — disse ele depois de alguns segundos. — E tenho certeza que você sabe por que eles ligaram. Junior não estava no quarto, mas eu mandei uma mensagem para ele. Estou convocando uma reunião agora e preciso que você esteja pronta.

Meu coração bateu forte contra o peito.

— Tudo bem — ela finalmente disse. — Me dê dez minutos.

— Ok. — Passos soaram enquanto ele se afastava.

— Merda. — Caí com as costas contra o colchão e a puxei para cima de mim no processo. Serena não protestou, apenas montou em mim, cabelo caindo como uma cortina macia sobre o ombro direito. — Ou ele vai me matar ou vai me matar.

Serena sorriu e então afundou as unhas em meu peito e raspou até chegar à minha calça de cintura baixa.

— É, basicamente é isso mesmo.

— Escrota. — Eu ri. — Você nem vai mentir por mim, vai?

— Não. — Ela enfiou os dedos na minha calça e a puxou para baixo. Eu me encolhi.

— O que você está fazendo?

Ela encolheu os ombros.

— Só para o caso de ele atirar em seu pau, pelo menos terei essa memória para me concentrar sempre que estiver sozinha no meu quarto com a companhia somente dos meus dedos.

Eu estremeci quando ela me agarrou com a mão direita, dividido entre dizer para ela parar ou se apressar.

— Serena — eu sibilei enquanto ela se inclinava sobre meu pau. — Nós não deveríamos…

Perdi toda a linha de pensamento quando sua língua deslizou sobre mim.

— O que você estava dizendo?

— Nada. — Agarrei os lençóis com as mãos enquanto ela me sugava até secar, sua língua rodando em volta da cabeça do meu pau como se eu fosse o seu sorvete favorito.

— Que delícia, sempre é uma delícia com você. Puta merda, sua boca é gostosa pra…

Ela se afastou.

— Você voltará para a posição de meu melhor inimigo depois disso, Junior, então é melhor aproveitar agora.

— Não precisa ser assim. — Mesmo que eu soubesse que era mentira, não tínhamos escolha. Havia muitos pecados pairando entre nós para que fosse possível construir algo parecido com um relacionamento saudável, e eu nem sabia o que era isso. Um dia estaríamos bem, no dia seguinte nosso sangue mancharia o chão, depois que fôssemos pegos e passássemos dessa para uma melhor.

Meus quadris estremeceram quando ela voltou à tarefa. Seus lábios se apertaram em volta do meu pau enquanto Serena me olhava. Esse olhar era todo meu, assim como aquela boca. Ela roçou os dentes em meu membro, então dei um tapa na sua bunda antes de eu agarrar sua cabeça e forçá-la mais fundo. Minhas bolas se apertaram quase dolorosamente enquanto eu me movia contra sua língua.

Cerrei os dentes e tentei afastar sua cabeça, mas, em vez disso, ela chupou com mais força. Eu vi estrelas quando o orgasmo me atingiu, e quando ela se afastou, agarrou o lençol e enxugou os lábios inchados e disse:

— Café da manhã dos campões.

Eu gemi e me sentei.

— Vou te odiar enquanto nós dois vivermos? — Ela segurou minha mão e apertou.

— Vou te odiar enquanto nós dois vivermos.

— Perfeito. — Soltei a mão dela e a empurrei para fora da cama, a

jogando no chão; só não contava com Serena me fazer tropeçar quando tentei passar.

Sorri enquanto ia até o quarto de hóspedes.

Bem, se Nixon me matasse, pelo menos eu teria uma vantagem sobre ele.

Porque minutos antes da minha execução, eu tinha a boca da filha dele no meu pau, e nada iria tirar isso de mim.

Nem mesmo a morte.

Era um FODA-SE gigante direcionado a um dos chefes mais poderosos do mundo, e parte de mim gostou de ter um trunfo desses, algo que o faria sentir raiva, porque não haveria melhor maneira de destruir sua sanidade do que o fazer descobrir antes de dar meu último suspiro. Nada melhor do que mostrar que toda vez que ele pensava que estava mantendo a filha segura durante todos os nossos jantares em família...

Eu estava indo para cima dela, a fim de comer minha sobremesa.

Olhei minha arma na mesa de cabeceira e suspirei. Eu me vesti em minutos; coloquei meu uniforme da Eagle Elite, calça preta, camisa branca de botão e jaqueta preta com o nosso brasão.

As pessoas achavam estranho que uma universidade tivesse uniforme. Mas isso é porque não entendiam que o uniforme servia apenas como um distintivo que dizia “propriedade da máfia”. O uniforme era nosso modo de proteger os alunos.

Dei um suspiro, porque com certeza esse uniforme não iria me proteger naquele momento, não é?

Enfiei a arma nas costas da calça e fui ao banheiro escovar os dentes e tentar dar um jeito no cabelo.

Enquanto me olhava no espelho, notei que parecia que tinha acabado de gozar. Meus olhos gritavam que eu me dei bem.

Na boca de Serena.

Passei as mãos pelo meu cabelo castanho-dourado e achei que estava legal. Serena se juntou a mim e me empurrou para o lado com o quadril.

— Tem como sua saia ficar mais curta do que isso? — eu perguntei em

voz alta.

Ela estava com uma meia-calça que me dava vontade de a inclinar sobre a pia, bater na sua bunda e depois dizer algo estúpido como “vá ao meu escritório, está de castigo, espere com as pernas abertas”.

— Provavelmente. — A máscara estava de volta no lugar, o que significava que ela estava usando maquiagem, provavelmente para cobrir o machucado no queixo que eu havia feito. Eu me perguntei se isso me tornava uma pessoa horrível, gostar do fato de ela ter algo no rosto que havia sido produzido por mim.

E não, tipo, eu ficando com tesão por bater nela. Eu ficava com tesão por ela retribuir.

Eu já estava tendo problemas para controlar meu tesão perto dela, e não estava ajudando o fato de Serena estar se curvando para se aproximar do espelho enquanto passava um batom roxo que certamente deveria parecer que ela estava se vestindo para o Halloween; em vez disso, me mostrou como era deliciosos aqueles lábios, e como eles se ficavam ótimos quando me sugavam até secar.

— É melhor parar de olhar. — Ela terminou a maquiagem, depois esfregou os lábios e me olhou no espelho. — A última coisa que você precisa é confrontar meu pai e soltar um “caralho, mesmo depois da sua filha ter me dado o melhor boquete da minha vida, ainda não consigo botar a cabeça no lugar”.

Suspirei.

— Te odeio.

— Eu sei. — Ela deu uma piscadela.

Eu sorri e depois suspirei.

— Deixa que eu cuido disso.

— Do seu tesão?

Outro suspiro.

— Não, Serena, quero dizer com seu pai, deixa que eu cuido disso. É culpa minha.

Seu olhar suavizou.

— Todos nós fomos responsáveis.

— Eu sei, mas essa é por minha conta, eu simplesmente não posso deixar meu sangue... — Fechei os lábios com força. Ela franziu o sangue.

— Seu sangue o quê?

— Você sabe — eu sussurrei.

Ela olhou por cima do ombro como se houvesse uma câmera ou algo assim e depois baixou a voz.

— Não.

Foi a primeira vez que vi medo em seus olhos.

Ela estava com medo do que aconteceria se eu tocasse no assunto. E eu sabia que não havia escolha a não ser tocar no assunto.

— Nós precisamos ir. — Ignorei o olhar suplicante que vi.

E quando ela me empurrou pelas costas, dei boas-vindas à dor de quase quebrar a cara contra a porta fechada.

Ela queria começar uma briga. Brigar a fazia se sentir melhor. Eu a conhecia muito bem.

— Junior! — Ela sibilou meu nome, então agarrou meu cotovelo e me virou, olhos suplicantes. — Prometa.

Suspirei, me inclinei e deu um beijo em sua testa, antes de sussurrar:

— Não.

Ela me xingou o caminho todo. Caramba, até fiquei surpreso por ela não ter tentado me segurar ou cortar uma artéria minha para que eu não pudesse confessar nada.

Os chefes, todos, exceto aquele que me protegeria, meu pai, estavam todos na cozinha.

Intimidador, mas de um jeito que me deixava com tanta raiva, que tinha vontade de brigar. Afinal, como eles ousavam nos pedir para consertar alguma coisa, como ousavam pedir, pedir, pedir, pedir, e depois ficar putos quando nós fazemos o que é melhor para proteger a Família?

A raiva encheu minhas veias.

Pulsava nos meus ouvidos enquanto meu sangue ganhava vida.

E deve ter ficado claro, porque Nixon deu um passo para trás e depois trocou um olhar com o Capo.

Tio Tex sorriu.

— Finalmente cresceu um pentelho no seu pau minúsculo ou veio só fazer birra?

Eu não respondi. Eu fui pra cima dele e dei um soco, acertando seu queixo.

Ele caiu no chão, provavelmente porque não esperava que eu o acertasse.

Imediatamente Nixon e Chase me seguraram enquanto Tex se levantava.

O sangue jorrou dos lábios de Tex, e então ele jogou a cabeça para trás e riu.

— Ah, merda, eu queria que seu pai estivesse aqui para ver você agora. Ei, alguém conseguiu gravar?

Sério?

Meu peito se agitou.

— Não? — Tex perguntou e então se aproximou de mim. Nós dois éramos altos, mas ele ainda tinha mais músculos do que eu, apesar de eu punir meu corpo por horas a fio na academia. — Poxa, que lamentável, talvez devêssemos só abrir um FaceTime?

Chase me segurou com força enquanto as mãos de Nixon apertavam meus bíceps.

Ótimo, ele iria simplesmente arrancar o músculo do meu corpo? Isso era possível?

Ash, Breaker, Izzy e Claire estavam a poucos metros de distância, provavelmente esperando que eu dissesse alguma coisa.

E Serena.

Ela estava atrás de mim.

Eu pude sentir o choque em todos, que ficaram em silêncio.

— Desembucha. — Tex encolheu os ombros e se encostou no balcão da cozinha. — Porque é melhor que haja uma boa razão para termos matriculado doze órfãos De Lange suspeitos no Eagle Elite.

Dei de ombros para Chase e Nixon e mantive minha posição.

— Vocês fizeram isso, não a gente.

Os olhos de Tex se arregalaram enquanto ele trocava um olhar com todos os chefes. Andrei estava no canto, me observando, parecendo se divertir, e o restante dos chefes se sentaram ao redor da mesa como se estivessem esperando minha execução. Dante Alfero era o único que parecia tenso, como se quisesse estar em qualquer lugar menos aqui. Por outro lado, ele era jovem como Andrei, tinha quase trinta anos e foi um dos caras que se ofereceu para incendiar o Eagle Elite quando frequentou o local.

Se alguém pudesse entender meus motivos, seriam Andrei e Dante, mas os dois permaneceram em silêncio.

E meu pai não estava presente, então expliquei da melhor maneira que pude, mesmo que tivesse de repetir.

— Vocês fizeram isso, vocês partiram pra cima da família De Lange. Odeio ter que dizer isso, mas como pais, vocês são uns hipócritas. Você nos ensinam a honrar o sangue, dizem que esse sangue é tudo, mas, ainda assim, estão pedindo a mim, um estudante universitário de 21 anos, para sair por aí matando pessoas inocentes só porque têm medo do que poderia acontecer se eu não os matasse.

— Posso matá-lo agora? — Chase perguntou com uma voz calma.

Revirei os olhos.

— Você sabe que estou certo. O fato de eles estarem no prédio ao lado assustou todo mundo, então você queria que eles fossem executados, mas, em vez disso, eu os convidei para o único lugar onde podemos observá-los. Se eles fizerem algum movimento errado, serei o primeiro a puxar o gatilho, mas, até lá, estou fazendo o que vocês não fizeram. Estou fazendo o que você nos ensinou desde que começamos a andar. Estou protegendo meu sangue. — Um silêncio tomou conta da sala. — Sangue De Lange.

Tex fechou os olhos com força e depois os abriu.

— Você lembra que cortamos a Família De Lange da Cosa Nostra. Eles deixaram de existir.

Eu sorri.

— E ainda assim, eles existem, porra. Ele é casado com uma. — Apontei meu queixo em direção a Chase, à minha direita. — Vocês dão desculpas porque lhes convém, mas e quando se trata de garotos que cresceram sem pais porque esse cara matou todos eles? — Mais uma vez apontei para Chase.

Ele me mostrou o dedo do meio.

Enfim, eu estava acostumado com isso. Para um senador, ele parecia tudo menos calmo e reservado.

Não, ele parecia estar a segundos de arrancar minha cabeça.

Fantástico.

— Temos a chance de recomeçar, é isso que estou dizendo. Não nos peça para repetir essa história fodida. Você nos pediu que fôssemos os novos Eleitos da Eagle Elite, então nos deixe fazer o nosso trabalho e pare de nos questionar quando as coisas não saírem do jeito que vocês planejaram. Somos adultos agora. Somos homens da máfia. — Suspirei. — E mulheres. Então confie na gente e deixa a gente em paz, cacete.

Tex ficou em silêncio por alguns minutos e então sorriu.

— Você ouviu isso, Nixon?

— Acho que Phoenix derramou uma lágrima. — Nixon sorriu.

Eu me virei e vi que Nixon estava com o telefone apontado para mim, e que meu pai estava me olhando com muito orgulho; eu senti vontade de ir me esconder e vomitar.

— Isso... — Meu pai acenou com a cabeça. — É por isso que temos sido tão duros com vocês. E você está certo. Vocês estão prontos. Perdoe a gente por... como você disse? Fazer vocês pagarem o preço das merdas que fizemos. — Ele sorriu. — E, filho…

— Sim? — eu resmunguei.

— Nunca estive tão orgulhoso de você. — Ele sorriu, um sorriso genuíno, o que era raro, e minha mãe me mandou um beijo com lágrimas nos olhos.

— Então. — Breaker limpou a garganta. — Isso significa que meu pai não vai te matar no café da manhã?

Tex suspirou e deu um pequeno empurrão em Breaker.

— Não é permitido matar na frente do bacon.

— Graças a Deus, porque comi uns pedaços durante todo esse discurso, tô com a maior fome.

Breaker roubou outro pedaço e Tex tentou o arrancar de sua mão.

Relaxei um pouco, mas então percebi que não poderia relaxar.

Porque isso significava que eu havia enfrentado os chefes mais poderosos da história sem ter a cabeça decapitada.

E, além disso, meu pai disse que estava orgulhoso.

O que significava que Serena e eu nunca ficaríamos juntos, não poderíamos, porque finalmente consegui aquilo que desejei a vida toda.

Liberdade e autorização para fazer as coisas do meu jeito. E amá-la tiraria isso de mim.

Nixon levou o telefone à orelha.

— Você o criou bem, Phoenix, apesar de todas as probabilidades... — Ele olhou para mim. — Sim, ele tem sido ótimo, exceto quanto a brigar com Serena à meia-noite e deixar o queixo dela todo marcado. — Ele soltou uma risada. — Sim, é verdade, ela deveria ter esquivado direito.

Esquisita. Nossa vida era muito esquisita.

Eles desligaram, e então Nixon colocou as duas mãos em meus ombros e me encarou com seus olhos azuis gelados.

— Você fez bem, filho. Mantenha seus inimigos por perto… e você fez exatamente isso enquanto salvava vidas. — Eu fiz uma careta quando ele enfiou a mão no bolso e tirou um anel. — Cada chefe tem um subchefe na organização, um segundo no comando. Chase é o meu, embora ele seja péssimo nisso, agora

que joga golfe com o presidente...

— Por sinal, ele mandou lembranças. — Chase riu e se afastou da gente.

Nixon continuou falando.

— É seu agora. — Ele colocou o anel pesado em minha mão, tinha o brasão Nicolasi. Eu sabia o que aquilo significava e o motivo pelo qual parecia tão pesado: porque de fato, era.

Nixon Abandonato, pai da garota por quem eu estava apaixonado, mas que precisava odiar, acabara de me coroar rei.



Capítulo Vinte e Um

Serena

Nada fora do normal aconteceu durante as aulas. Na verdade, parecia que os novos estudantes De Lange eram mais tímidos do que os vindos do ensino médio. Quando nos viam, davam bastante espaço para que passássemos.

Tank mandou uma mensagem dizendo que queria levar um café para mim, e embora eu quisesse negar a oferta, porque sabia que o estava enganando, eu aceitei.

Foi por isso que Junior nos encontrou juntos uma hora depois, com Tank me perguntando o que eu queria fazer da vida, e eu lutando contra o tédio enquanto mentia sobre querer ser professora. Minha vida já estava determinada, e se Tank soubesse quão cruel eu poderia ser, ele provavelmente se borraria nas calças.

— Que legal. — Tank tomou um gole de café. — Eu meio que sempre quis trabalhar com aplicação da lei.

Eu engasguei com o café.

— Tá brincando, né?

— Não. — Seu sorriso era a mistura perfeita de sexy e fofo. Pena que eu gostava de letal e proibido. — É só uma ideia interessante. Um amigo da família trabalhou para o FBI até se aposentar.

— Que bom que temos o FBI sob controle, então — murmurei, meio de brincadeira, porque eu sabia que era verdade. Eles nos amavam, porque nosso crime era organizado e mantinha o dinheiro dentro dos Estados Unidos. Portanto, eles não tinham queixas.

Tank sorriu novamente e balançou a cabeça.

— É, que bom.

— Essa é a parte em que você me diz que na verdade é um agente secreto e que tem trinta anos, mas parece jovem? — eu perguntei em voz alta, fazendo-o rir tanto, que as pessoas olharam pra gente.

Junior se aproximou.

E, de repente, Tank parou de rir e ficou tenso, como se estivesse se preparando para uma briga, mesmo que Junior não tenha sido nada além de gentil com ele, tratando-o como um amigo.

Que estranho.

— Oi, pessoal. — Junior sentou-se à mesa de piquenique à nossa frente. — Serena, estou indo para casa. Eu sei que você veio com Ash, mas...

— Ash teve que ir fazer alguma coisa para o Chase — Tank soltou. — E Annie e Claire pegaram o carro para ir fazer compras ou algo assim. Acho que mencionaram algo sobre um vestido para combinar com as botas.

Fiquei imóvel.

— Quando elas foram embora?

Ele franziu a testa.

— Não sei direito, acho que faz uma hora?

O pânico me atingiu bem no peito. Eu nem sabia por que algo parecia fora do lugar; simplesmente tinha essa impressão. Quero dizer, com todas as possibilidades de companhia, Claire estava com a Annie, e não era como se Annie fosse de repente puxar uma faca de dentro do cardigã.

Lancei uma olhada para Junior, que já estava ao telefone.

Há momentos na vida que te pegam de surpresa. Eu gostaria de pensar que eu era o tipo de pessoa que ficava tão envolvida com o que minha família fazia, que não me impressionaria com facilidade.

Mas ver o telefone cair da mão de Junior, ver seu rosto visivelmente pálido ao cair de joelhos e gritar foi o suficiente para me traumatizar para o resto da vida.

— Junior? — Eu fiquei de pé. — Junior, fala comigo, o que há de errado? O que aconteceu?

Eu me lembraria desse momento pelo resto da minha vida, eu sabia disso, o meu corpo e a minha alma sabiam disso, pela maneira como ele balançava a cabeça como se não pudesse acreditar.

Éramos da máfia; nada poderia nos chocar. Mas eu sabia que não estava preparada para o que tinha acontecido.

E rezei para que não fosse com os nossos pais; rezei para que algo terrível não tivesse acontecido com eles.

Agarrei Junior pelos ombros e o sacudi.

— Junior, fala agora! — Ele engoliu em seco e olhou para mim.

— É a Claire.

— Claire? — Eu odiei o quanto me senti aliviada. — O que aconteceu com a Claire?

— Os freios do carro foram cortados. — Ele lentamente se levantou e passou a mão pelos cabelos. — Foi um acidente premeditado, queriam o Ash, mas ele emprestou o carro para ela... — Seus olhos brilharam de raiva. — Ela está no hospital, mas não acham que ela vá sobreviver.

— Não. — Eu balancei a cabeça. — Não… Isso não é verdade. Ela é forte, ela vai aguentar, ela não pode...

Junior me puxou contra seu peito enquanto eu tentava processar o que ele tinha acabado de contar. Tank, atrás de nós, praguejou.

— Annie estava com ela?

Junior soltou um suspiro pesado.

— Sim, ela estava no banco do passageiro, Claire jogou o carro de lado para impacto ser todo do lado do motorista… Ela salvou a vida da Annie.

Entramos no carro de Tank depois de perceber que não apenas alguém tinha mexido nos freios de Ash, mas também nos de Junior.

Claire não apenas salvou a vida de Annie, como a nossa também.

Lágrimas encheram meus olhos enquanto Tank dirigia sua caminhonete até Mercy West, no centro de Chicago. Já havia repórteres do lado de fora do pronto-socorro, junto com uma quantidade de homens de terno que daria conta de fazer o lugar parecer pronto para sediar um comício do tio Chase.

No minuto em que paramos, Axe, um dos homens de Andrei, se aproximou, pegou as chaves de Tank e disse:

— Pra dentro.

Não precisamos ser avisados duas vezes.

Breaker estava sentado com Izzy e Violet enquanto os chefes andavam de um lado para o outro, a maioria deles ao telefone, gritando… e então vimos Ash, no canto, sentado sozinho, olhando para as mãos como se o sangue dela estivesse impregnado em sua pele.

Junior e eu fomos até ele em uma velocidade vertiginosa. Ash nem sequer olhou para cima; apenas olhava para as próprias mãos.

— Ash — Estendi a mão para tocar seu ombro, mas ele se encolheu e se afastou.

Merda.

Junior sentou-se ao lado dele.

— Como ela está?

Ash suspirou e depois olhou para cima. Seus olhos estavam injetados, como se ele estivesse chorando. É claro: ele a amava. Ele a amava fielmente, fez tudo que pôde para protegê-la. Ash sabia que ela tinha sangue Petrov, sabia que ela precisaria da proteção do seu nome; para nossa sorte, ele se apaixonou por ela, mesmo que tenham armado contra ele.

Ele não tinha ideia desse detalhe, que Nikolai Blazik basicamente fez com que Ash ficasse obcecado por Claire no minuto em que a viu na formatura do ensino médio.

Era um segredo que meu pai me fez prometer levar para o túmulo, o fato de que Ash nunca teve chance de escolher quem ele amaria.

Claire foi escolhida para ele.

Eu nunca pensei que acabaria assim.

Ele respirou fundo e se recostou, apertando a ponte do nariz.

— Ela está em coma.

Dei um suspiro de esperança.

— Induzido? — Ele engoliu em seco lentamente e soltou com a voz rouca.

— Não.

Peguei a mão de Ash e segurei firme.

— Ela está em cirurgia?

— Não faria diferença. — A voz de Ash falhou. — Há muitos danos, mesmo que ela acorde… eles fizeram tudo que podiam. Estamos apenas esperando Nikolai chegar.

Quase tive medo de perguntar.

— Por que estamos esperando por Nikolai?

Seus olhos encontraram os meus; eu nunca tinha visto tanta dor em outro ser humano na minha vida.

— Para que ele possa dizer adeus.

— Mas... — Meus olhos se encheram de lágrimas, eu queria gritar com Ash, atacá-lo e dizer que ele tinha que lutar por ela! Que ele a amava, e que é isso que você faz quando ama alguém! Você luta, porra!

Mas não conseguia falar nada. Eu não conseguia respirar.

Tinha de haver algo que alguém pudesse fazer. Éramos intocáveis, não é? A grande Cosa Nostra?

Pressionei a mão no peito quando uma dor aguda me atravessou como se eu estivesse sendo cortada ao meio.

Pela primeira vez, Junior me puxou contra ele enquanto eu tentava engolir o nó na garganta. Claire fazia parte da família.

E eu havia colocado um rastreador nela. Eu duvidei dela.

E agora eu nunca seria capaz de pedir desculpas a ela. Nunca.

Arranhei a camisa de Junior, até perceber que estava tentando encostar na sua pele, porque se ele estivesse quente, respirando, eu saberia que ele ainda estava lá.

Eu saberia que ainda estávamos abraçados.

Porque se Claire não tivesse entrado naquele carro, poderia ter sido qualquer um de nós, poderia ser Junior naquela cama de hospital.

Poderia ter sido eu.

A dor, como eu nunca havia sentido, bateu quando percebi que faria qualquer coisa, qualquer coisa no mundo para manter Junior em segurança, mesmo que isso significasse mantê-lo protegido do meu amor.

Porque ele era tudo para mim.

Eu o amava tanto, que isso se transformou em uma forma de ódio letal, um ódio capaz de me deixar doente. Porque se eu não pudesse receber seu amor, eu queria algo igualmente forte. Seu ódio seria tudo que eu poderia ter.

Mas, pela primeira vez desde a nossa briga, há mais de um ano, eu queria arriscar tudo por mais.

Ele me segurou forte contra seu peito.

Abri os olhos e prendi a respiração quando meu pai olhou para Junior e depois para mim com curiosidade — pelo menos foi o que pensei até ver seus punhos cerrados.

Por que ele o odiava tanto, mas Phoenix tinha sua absoluta confiança? Não fazia sentido.

Naquele momento, ignorei as perguntas e mantive Junior perto de mim; aspirei seu perfume e pressionei meu rosto contra seu peito, enquanto dizia a mim mesma que já estava perto o suficiente de seu corpo quando meu coração implorava por mais.

O tempo passou.

Eu não tinha certeza de quanto. O que eu sabia era que me sentia fora do meu corpo quando um silêncio tomou conta do local, e Nikolai Blazik, um homem da máfia e um dos médicos mais famosos do mundo, entrou no pronto-socorro com lágrimas nos olhos e caminhou em direção a nós.

O clima na sala mudou.

Todos os homens uniformizados baixaram a cabeça enquanto os chefes se separavam, demonstrando o respeito que ele merecia, cada um fazendo o sinal da cruz sobre o peito.

Nikolai não parou até estar na frente de um estoico Ash.

Ele ficou de joelhos e segurou as mãos de Ash, depois beijou cada uma delas e sussurrou:

— O sangue dela não está nessas mãos.

Ash balançou a cabeça.

— Era para eu estar lá.

— Se você estivesse lá, estaria morto — Nikolai disse com uma voz áspera. — E os Abandonato precisam de mais de um herdeiro. — Ele suspirou. — Os pais dela acabaram de desembarcar. Eles vão querer vê-la, mas para facilitar as coisas para eles, eu vim primeiro.

Os olhos de Ash se voltaram para os dele.

— O que você quer dizer?

Nikolai se levantou e estrategicamente puxou uma agulha de dentro de sua jaqueta e sussurrou.

— Um presente para seus momentos finais. Me siga.

Eles foram para a sala privada.

A porta se fechou silenciosamente atrás deles. E esperamos.

Dez minutos depois, a porta se abriu. E eu vi Ash diante de mim, parecendo muitos anos mais velho. Ele não era mais o estudante universitário despreocupado que fazia piadas bobas ou revirava os olhos quando as coisas ficavam muito sérias.

Ele estava mudado.

Alterado de uma forma que eu não conseguia explicar.

E então ouvi tio Chase dizer algo que quase fez meu coração parar.

— O coração dele talvez não sobreviva a isso.

Meu pai assentiu e disse:

— Você está dizendo isso por que o seu não resistiu?

Chase fechou os olhos e abaixou a cabeça.

— Ele é mais Luc do que eu, e agora a morte dela vai trazer à tona todas as partes ruins que eu tentei tanto esconder dele. Meu filho… se tornará um monstro.

— Annie — Tank sussurrou o nome dela, ganhando a atenção de todos. Seu rosto estava enfaixado e o braço direito, apoiado em uma tipoia. Havia algumas marcas nas suas bochechas quando seus olhos se concentraram no movimentado pronto-socorro. — Eu sinto muito. — Tank puxou-a para seus braços, mas ela balançou a cabeça e se afastou dele, seus olhos pousando em Ash.

Ash travou a mandíbula quando ela se aproximou, lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Ela disse... — Suas palavras foram abafadas por seus próprios soluços. — Ela disse “diga a ele que eu o amo”.

Lágrimas escorreram pelo meu rosto quando Ash fechou os olhos como se não suportasse olhar para Annie, e então eles se abriram quando ele levantou a cabeça e olhou, os punhos cerrados. Em seguida, caminhou até seu pai, pegou a arma de sua mão e saiu do pronto-socorro.

— Para onde ele está indo? — eu sussurrei.

Junior suspirou e lentamente me afastou de seu corpo.

— Ele vai matar todos eles.

— E o que a gente vai fazer? — Meu peito doeu quando Junior se endireitou e puxou a arma, soltando a trava.

— Faremos aquilo que fomos treinados desde criança — disse ele com um tom duro na voz. — Nós vamos apoiá-lo.

— Ok — Balancei a cabeça e olhei para Breaker, que já estava se juntando a nós, e lado a lado, passamos pelos chefes, nossos olhos fixos à nossa frente.

Nosso sangue foi derramado. Então nós derramaríamos o deles.

Parei na frente de Tank e apontei a arma em sua cabeça.

— Foi você? — Ele empalideceu.

— Não.

— Você sabe quem foi?

Ele ficou em silêncio e depois soltou um suspiro.

— Sim.

— Me dê um bom motivo para não atirar em você. — Eu rangi os dentes e aguardei; os homens ao meu redor se mantiveram em silêncio.

Ele me olhou e disse:

— Porque sou um agente do FBI infiltrado.

Quase comecei a rir do quanto essa possibilidade era ridícula. Talvez eu estivesse à beira de pirar. Olhei por cima do ombro.

— É verdade?

Chase respondeu primeiro.

— É. A gente soube ontem.

— Legal. — Afastei a arma de sua têmpora e o empurrei em direção à porta. — Você dirige.

Ele suspirou e murmurou:

— Foi o que pensei.



Capítulo Vinte e Dois

Junior

Chegamos ao Eagle Elite quando estava começando a escurecer. Eu não escondi o fato de que minha Glock estava na mão, assim como Serena não escondeu o fato de que ela parecia estar a poucos minutos de executar Tank se ele piscasse errado em sua direção.

Ele puxou um calibre cinquenta, que tenho certeza que estava com ele o tempo todo, e caminhou conosco em direção ao dormitório.

— Antes de entrar, escuta... — Ele colocou a mão no meu ombro. — Nem todos estão envolvidos; a maioria é inocente.

— Inocente. — Eu bufei. — Eles são tão inocentes quanto eu.

Ele engoliu em seco e desviou o olhar.

— Eu também sou um De Lange, sabe?

Xinguei baixinho quando vi que Serena parecia prestes a arrancar os olhos dele.

Ele continuou falando.

— Seu pai nos deu opções — disse ele com a voz rouca. — Ou eu ficava a favor ou contra a Família, e como eu tinha doze anos quando perdi ambos os pais numa limpeza urbana, escolhi trabalhar com a lei e manter o FBI ao nosso lado. — Ele lançou um olhar para Serena. — Eu sou bom em fingir.

Ela se aprumou toda para cima dele, o que me fez rir.

— Puta que pariu, e por que meu pai não nos avisou?

— Era informação confidencial. Só que aí você convidou todo mundo para o Eagle Elite, o que foi brilhante, por sinal.

— Obrigado.

— E eu soube que meu disfarce estava prestes a ser descoberto. — Ele suspirou. — Ontem à noite, recebi uma mensagem de um dos caras. Dizia que ele estava cansado de ser digno da pena alheia e que alguém precisava dar um exemplo. Mandei uma mensagem para Serena oferecendo um café como desculpa para poder entrar aqui e conversar com ele, mas o colega de quarto do cara disse que ele ia passar o fim de semana fora. — Um espasmo de emoção torceu seu rosto por um breve momento. — Eu presumi erroneamente que ele tinha mudado de ideia, que era tudo garganta. Se você quer culpar alguém, pode me culpar.

Deslizei meu cartão-chave e abri a porta de vidro.

— A culpa não é de ninguém individualmente, somos todos passíveis de culpa. Vamos torcer para que Ash ainda não tenha matado todo mundo, já que saímos uns quatro minutos depois dele.

Entramos no prédio e pegamos o elevador até o último andar. Ouvi um tiro e depois um grito.

Merda.

No minuto em que as portas se abriram, vi Ash, parado com a arma apontada para cima e poeira saindo do teto.

— Quem foi? — ele gritou.

Uma das meninas começou a chorar, enquanto os rapazes cercavam todas as meninas, abraçando-as, protegendo-as.

Não era assim que eu esperava passar minha sexta-feira. Nós entramos atrás dele.

Ele olhou rapidamente para todos nós, e então sua expressão suavizou.

— Vocês não precisam fazer isso.

— Nem você — disse Serena em voz baixa. — Foi uma pessoa, Ash, não foram eles todos.

— Isso não importa, porra! — ele rugiu.

— Importa, sim. — Eu dei um passo à frente e parei ao seu lado. — Porque não somos nossos pais, e você, Asher Abandonato, não é seu pai.

Minhas palavras o atingiram como um golpe no peito. Ele abaixou a arma muito lentamente. Lágrimas encheram seus olhos enquanto ele olhava para frente.

— Está doendo.

— Então deixe que doa — eu murmurei. — Mas machucar alguém que não fez merda nenhuma pra gente não vai tornar a sua dor menos intensa. Você está sangrando, cara, às vezes a única maneira de se curar é deixar o sangue fazer o seu trabalho: limpar o veneno que corre por dentro.

— Você é um De Lange — Ash disse amargamente. — Você é tecnicamente o herdeiro deles!

— Então atira em mim. — Dei um passo para trás e levantei as mãos. — Se isso vai te fazer se sentir melhor, atira em mim!

Mais gritos irromperam ao meu redor quando Ash levantou a arma novamente.

— E se eu fizer isso?

— Então você prova a todos ao nosso redor que estamos danificados demais, que o sistema está danificado demais, que a história só pode se repetir continuamente. — Eu balancei a cabeça. — Somos melhores que isso tudo, Ash. Somos melhores que nossos pais. Precisamos resolver as coisas. Não piorar.

— Merda, eu odeio quando as coisas que ele diz fazem tanto sentido — Breaker murmurou baixinho, enquanto Serena me lançava um olhar de pânico.

Balancei a cabeça lentamente em sua direção e murmurei:

— Banana.

Era o nosso código para que ela ativasse seu modo psicótica paqueradora. Era infernal, mas impressionante de assistir.

Com um sorriso chocado, ela foi até Tank e pressionou a arma contra suas costas, depois deu um beijo em sua bochecha, encostando de leve a língua.

— Qual deles?

Tank soltou um pequeno gemido, que com certeza veio de uma sensação que emanava do pau até os dedos dos pés e subia pelo corpo.

— Eu ia te contar de qualquer maneira.

— Mas isso é mais divertido. — Ela sorriu, beijando a lateral do pescoço dele, distraindo-o o suficiente para pegar a arma de sua mão e apontá-la para ele. Ele tinha duas armas apontadas em sua direção. Ou ele tomava um tiro ou o responsável tomaria.

— Bacana — Tank disse com uma voz divertida. — E o nome dele é Benji. — Ao dizer isso, seus olhos se desviaram do rosto de Serena e se fixaram nos meus. — E ele está atrás de você agora com uma arma na mão.

— Olha, que divertido — eu murmurei e lentamente me virei para encarar o cara que se achava forte o suficiente para tentar acabar com Ash, comigo e com a minha família, com o meu sangue. Uma raiva como eu nunca senti percorreu meu corpo inteiro quando o merdinha do calouro apontou uma arma, que eu tinha cem por cento de certeza que era roubada, na minha cara.

Ele era jovem demais até para ter um bigodinho.

— São sempre os garotos mais quietos.

Ele ajustou os óculos no rosto.

— É culpa sua!

— Minha culpa? — Minhas sobrancelhas se ergueram em surpresa. — Minha culpa por você ter decidido sabotar o carro de Ash? Minha culpa que o amor da vida dele morreu enquanto você fica aqui todo mijado de medo? Você ao menos sabe como atirar com essa arma aí? Porque a trava está ativada.

Ele olhou para a arma que segurava. E foi esse segundo que eu precisava: dei um chute no estômago dele e arremessei a arma da sua mão. Ash a pegou imediatamente.

E assim, Benjizinho estava de mãos vazias.

Ele ergueu as mãos trêmulas e cuspiu no chão.

— Valeu a pena. Todos vocês merecem morrer pelo que fizeram aos nossos pais!

— É aí que você se engana — disse Serena com uma voz assustadora. —

Porque não fizemos nada, assim como você não fez nada. Nós apenas nascemos. Alguns de nós no lugar certo e na hora certa, alguns de nós no lugar errado. Podemos lutar uns com os outros ou nos unir. Benji fez a escolha dele. E vocês?

Ela olhou ao redor, para as expressões atordoadas. Ninguém disse nada.

E então ela olhou de volta para Benji.

— Parece que você é o único estúpido o suficiente para tentar ferir o que é nosso. — Ela ergueu a arma e sussurrou: — Ash, vou deixar você fazer as honras, já que o luto maior é seu. — Ela se afastou, e Ash deu um passo à frente. Ele agarrou Benji pela camisa e o jogou contra a parede.

A cabeça de Benji fez um barulho alto com o baque, e ele começou a chorar.

— Não. — Ash cerrou os dentes. — Você não pode chorar. Você não pode implorar por misericórdia. Minha alma gêmea morreu porque você pensou que tinha algo a provar. Vingança não te leva a lugar nenhum, se quer saber, é só perguntar para os nossos pais. — Ele o empurrou para o chão. — É uma pena que você não vai ter chance de fazer isso.

Fiquei chocado que Ash tenha feito tudo tão rápido.

Dois tiros direto na testa, e pronto. Sem tortura.

Sem gritos.

Ash pegou o celular e deu ordens.

— Limpeza no campus. Um morto.

Encerrou a ligação e se voltou para os outros alunos no chão.

— Se alguém tiver um problema para resolver, que fale agora.

Eles ficaram em silêncio.

— Ótimo. — Ele guardou a arma. — Não se esqueçam do toque de recolher à meia-noite e que o período de testes da faculdade começa daqui a três semanas.

E assim ele foi embora. E, com isso, nós seguimos.

O silêncio pairava pesado no elevador enquanto descíamos.

No minuto em que saímos, um dos Escalades estacionou, Dante saltou do veículo e suspirou.

— Um corpo só? Tem certeza?

— Ele tem — eu disse rapidamente. — Ei, avise aos pais que vamos todos dormir na casa de Nixon, e nada de encher o saco sobre a gente enchendo a cara, ok?

Dante assentiu solenemente.

— Duas voltas, cara.

— Duas voltas — eu repeti e olhei para Ash.

Depois de alguns segundos, Ash finalmente repetiu:

— Duas voltas.

Tank entrou em sua caminhonete conosco e ligou o motor.

— O que significa “duas voltas”?

— Significa tudo — disse Serena, com lágrimas nos olhos. — É uma longa história, mas basicamente significa que você precisa capturar cada momento quando conseguir, não desperdice a vida dando apenas uma volta quando pode dar duas. — Ela olhou para frente, mas deslizou a mão em direção à minha e agarrou. — A vida é muito curta para se preocupar com a quantidade de voltas. Dê quantas quiser e agradeça por ter a oportunidade de dar essas voltas.

Apertei a mão dela de volta.

Tank entrou no trânsito.

— Mas por que especificamente “voltas”?

— É uma longa história — respondi. — A questão é que perdemos alguém hoje, então não vamos voltar para casa e ficar tristes lá. Nós nos vingamos. Agora vamos encher a cara.

Ash estava em um silêncio mortal o caminho todo, sua mandíbula apertando e soltando a cada poucos segundos, como se ele estivesse prestes a perder o controle, então, quando chegamos à casa de Nixon, peguei uma garrafa de uísque e o empurrei em direção à porta do porão.

— Só não me mate.

— Não prometo porra nenhuma — ele disse enquanto descíamos para a academia. Ele estava machucado, então precisava causar dor nos outros.

E eu seria o saco de pancadas. Tomei um gole de uísque e estremeci.

Dedos cruzados. Com sorte, eu manteria todos presos ao meu corpo.



Capítulo Vinte e Três

Serena

Quase todo mundo pulou o vinho e foi direto para as paradas mais pesadas, optando por dormir em nossa enorme sala de cinema enquanto filmes alegres passavam ao fundo.

Breaker fez Tank tomar shots suficientes para que o cara abandonasse todas as suas inibições e tentasse dar em cima de mim de forma adorável, como se soubesse o que fazer comigo depois que me conquistasse.

A maioria dos homens não sabe.

Junior sabia, uma voz me lembrou.

Minhas mãos tremiam enquanto eu bebia o resto da minha dose de vodca. Poderia ter sido ele. Poderia ter sido qualquer um de nós.

Eu não sentia medo com frequência, mas estava apavorada, e nenhuma bebida ou filmes da Disney poderiam apagar esse sentimento.

Ele poderia ter sido tirado de mim. Ele era meu.

Meu, droga!

O mundo parecia denso ao meu redor enquanto eu caminhava em direção à porta.

Tank a bloqueou com seu corpo enorme e então me deu um sorriso de lado que era adorável demais para ser sexy.

— Vai a algum lugar?

Suspirei.

— Tank, Tank, Tank. — Dei um tapinha no ombro dele. — Eu comeria você vivo.

— Talvez eu goste disso — Ele se inclinou um pouco, erguendo meu queixo em direção a ele.

— Talvez você sangre até morrer. — Eu pisquei.

Ele soltou uma risada.

— Eu gosto do seu senso de humor.

— Eu não estava brincando. — Eu o puxei para um abraço. — Nós vamos encontrar uma garota legal para você, não se preocupe. Agora me dê suas chaves.

Ele enfiou a mão no bolso da frente da calça jeans e fez pelo menos cinco tentativas antes de erguer o molho de chaves.

— Pronto.

— É, você precisa se hidratar. É difícil sair para beber com italianos que bebem vinho no café da manhã. — Eu o encaminhei para um dos sofás de couro. — Durma.

— Eu não estou com sono! — ele argumentou, mas seus olhos já estavam fechados quando ele caiu no sofá de bruços.

No canto, Breaker riu, com uma garrafa de gim na mão.

— Fraco.

— Você bebeu tudo isso? — Apontei para a garrafa.

Ele fez uma careta e depois ergueu os dedos, em seguida escondeu a garrafa atrás de si. Como se eu fosse esquecer do fato de que ela estava pela metade, e só ele tinha bebido aquilo.

Algo brilhou em seu olhar, uma emoção que eu conhecia bem. Uma emoção com a qual eu estava lidando agora.

Medo do futuro.

Medo por Ash.

E medo de que os caras ainda não tivessem voltado do andar de baixo.

Com um suspiro, assenti para Breaker.

— Fique com a galera aqui. Vou ver como eles estão, ok?

— Tá — Breaker resmungou assim que Dom entrou na sala, deu uma olhada em todos os primos mamados de álcool e sorriu para si mesmo.

— Certifique-se de que ninguém morra — provoquei.

Meu irmão sorriu.

— Servir de babá, adoro.

— Como foi? — eu perguntei quando estava quase passando por ele.

Seus olhos desviaram e sua mandíbula se apertou.

— Ele tinha dezenove anos, tinha o mundo inteiro pela frente e estava no sistema de adoção desde os oito. Como você acha que foi?

Fechei os olhos com força e sussurrei:

— Os chefes erraram com eles, Dom.

Seu olhar ficou imóvel, mas eu precisava dizer aquilo tudo.

— Eles eram só uns moleques.

— Você não tem ideia do que raios está falando, ou a que inferno os chefes foram submetidos. Eles deram para aqueles meninos a oportunidade de escolher inúmeras vezes, Serena, saia dessa droga de pedestal e dê uma olhada ao redor. Você está viva porque eles fizeram a parte mais difícil de todas. Agora é sua vez de fazer o que precisa ser feito, não importa o quanto doa. — Ele colocou a mão no meu ombro. — E acredite em mim, dói o tempo todo.

Desviei o olhar.

— Este é o seu reino agora — ele murmurou. — Seu, de Ash, de Junior, mas não pense nem por um segundo que os chefes não vão pegar as chaves de volta se vocês amolecerem.

— Nós nunca amoleceremos.

— Então não há razão para você ter medo, não é? — disse em um tom cortante antes de entrar na sala de cinema.

Breaker começou a cantar.

— Dom, Dom, Dom.

E o pavor encheu meu estômago enquanto eu caminhava pelo corredor em direção ao porão.

Parei quando ouvi a voz baixa do meu pai. Ele parecia puto da vida. Quando virei a esquina, ele disse algo com raiva ao celular.

— Conversaremos mais tarde, Phoenix. Sim, ok. Você também.

— Tudo certo? — perguntei assim que meu pai guardou o celular no bolso da calça preta.

— Depende. — Meu pai relaxou um pouco. — Quanto você bebeu?

Revirei os olhos.

— Gosto de controle, você sabe disso. O que me torna a pior companhia de festa do mundo.

Meu pai praguejou baixinho e então, em uma demonstração de fraqueza totalmente incomum, me puxou contra seu peito e beijou minha testa.

— Eu nunca estive tão aterrorizado em toda a minha vida.

Eu me agarrei a ele.

— Pai, estou bem; estou aqui.

— Eu mandaria você para bem longe de tudo — ele murmurou. — Se eu soubesse que isso não derrubaria um reino inteiro.

Relaxei contra ele e depois recuei.

— Não tire meu único propósito na vida, pai. Eu sou boa nisso; você me tornou boa nisso. Não sou mais sua princesa, sou sua assassina, sou seu braço direito e nasci para ser implacável, assim como meu pai.

Sua expressão suavizou.

— Tem razão. Você seria uma médica horrível. Provavelmente deixaria os pacientes sangrarem porque ficaria irritada por eles terem levado um tiro.

Eu comecei a rir.

— É por isso que Violet vai fazer medicina, e Izzy, direito, e eu, bem... — Eu sorri. — Me sinto mais confortável com uma arma em mãos do que com um bisturi.

— Deus nos ajude. — Ele piscou. — Prometa que você virá até mim quando as trevas dominarem, Serena, e saiba que isso vai acontecer, mas eu nunca vou sair do seu lado. Eu tacaria fogo no mundo inteiro, arrancaria meu próprio coração e o entregaria a você se eu soubesse que isso te faria feliz. Você, Dom, Bella, sua mãe: vocês são meu mundo.

Eu me inclinei e beijei sua bochecha.

— Shh, não vou contar para a Bella que sou a favorita.

— Estranho como você herdou minha arrogância e meu amor pela violência.

Dei de ombros.

— Eu sou especial, eu acho.

— Você é — ele disse, sério. — Você é tudo.

— Para. — Senti meus olhos começarem a se encher de lágrimas. — Você vai me fazer chorar, e princesas da máfia não choram, nós brigamos.

— Sim, bem, pelo que parece que está acontecendo lá embaixo, você talvez fique sem seu parceiro de lutas por um tempo.

Senti um frio no estômago.

— Junior está levando porrada?

Ele franziu a testa.

— Pareceu meio que um empate, embora eu tenha visto um dente voando. Vamos torcer para que não seja um da frente.

Eu estremeci.

— Ok, então vou ver se eles precisam de substituição.

Papai suspirou.

— Eles te machucam de qualquer maneira, eu os machuco de volta. Garanta que eles recebam essa mensagem.

— Pai, você cortou a mão de uma pessoa e a enviou para a família dela como um aviso. Vai por mim, eles sabem que você está falando sério.

— Ei, eu estava dando uma mensagem.

— Sim, tenho certeza que eles entenderam! — Eu ri e desci as escadas.

O som de Rage Against the Machine encheu a academia, Killing in The Name era uma das músicas preferidas de Ash. Normalmente, eu ignorava seu gosto musical, mas hoje havia um certo teor mortal que era difícil de ignorar.

Os caras estavam lá havia duas horas.

Vi uma garrafa vazia de uísque no banco, e outra vazia estava completamente quebrada contra uma das paredes do outro lado do ginásio.

Meu coração bateu forte quando vi o sangue escorrendo, manchando o rosto e o peito de Junior. Seu olho esquerdo já estava machucado, e o sangue estava manchando seus braços quando ele se esquivou, fugindo por pouco de outro golpe de Ash.

Ambos eram como deuses irados na Terra, dando socos como se não tivessem bebido todas há pouco tempo.

Eu conhecia bem aquele modus operandi.

Era cheio de raiva.

Era necessário.

Também era cheio de álcool, a julgar pela maneira como os dois cambaleavam um em torno do outro. Mas é aquilo: eles estavam sangrando profusamente, se bobear, foram muitos ferimentos superficiais.

Senti mãos me envolverem por trás, e então Breaker descansou o queixo bêbado em meu ombro, embora parecesse totalmente sóbrio novamente. Ele cheirava a gim.

Ele suspirou contra mim.

— Eles estão vivos, que bom.

Eu me agarrei a seus braços musculosos e estremeci quando Ash acertou um golpe na barriga de Junior, que, logo em seguida, tirou as pernas de Ash debaixo dele enquanto o jogava no chão e acertava um soco em seu rosto.

Breaker assobiou baixinho.

— Isso vai doer para caralho amanhã de manhã.

Eu sorri, apesar do fato de que eles estavam batendo um no outro.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Depende. Vou poder ver você pelada se responder certo?

Revirei os olhos, embora ele não pudesse ver. Breaker sempre foi um namorador, mas nunca cruzamos essa linha, e ele estava muito ciente de que eu a cruzei com Junior. Ash, bêbado, contou isso para ele.

Primos.

Basicamente, ele estava em busca de informações da única maneira que sabia: oferecendo seu corpo divino em troca.

Mas eu tinha outro deus para adorar.

E não era o de bronze que me segurava contra seu peito musculoso. Era aquele com sangue escorrendo do queixo.

Aquele com vingança nos olhos.

— Você não quer me ver nua — respondi com sinceridade, finalmente desviando a atenção de Junior e olhando por cima do ombro. — Vai arruinar todas as mulheres do mundo para você.

Ele soltou uma risada. Eu sempre adorei a risada de Breaker, já que mesmo fazendo parte desse mundo sombrio, ainda ria como se fosse capaz de encontrar um pouco de luz. De onde raios esse cara veio, afinal?

— É por isso que você é uma das minhas pessoas favoritas. Não se preocupe, não vou manifestar sentimentos... — Ele ficou quieto enquanto seus lábios roçavam minha orelha. — Às vezes, acho que nem sou capaz disso...

Eu me agarrei a ele com mais força enquanto ele me puxava de volta contra si. Era muito jovem para estar tão massacrado. Mas é aquilo: todos nós estávamos.

— Você tem sentimentos; só que é forçado a ignorá-los por um bem maior.

— E o bem maior é o quê? Sobrevivência? — A voz dele saiu áspera, cheia de raiva bem reprimida porque, afinal, Breaker era o calmo do grupo, certo?

— Sangue — eu disse rapidamente, tentando distraí-lo da explosão. — Você vai me deixar falar ou não?

Sua mão deslizou pela minha lateral e agarrou meu quadril, prendendo-me contra seu corpo aquecido enquanto seus dedos tamborilavam contra minha pele nua.

— Então fala.

— Junior vai matar você — eu cantarolei.

— Ah, então ela finalmente admite a situação em voz alta.

— Você já sabia — eu rebati.

Seu peito era quente, forte, e ele me apertava cada vez mais.

— Ash estava bêbado. Ele poderia estar falando merda.

— É, pois é. — Lambi meus lábios repentinamente secos. — Digamos que você acidentalmente manifestou sentimentos, você poderia...? — Mordi o lábio. — Você arriscaria sua vida para continuar experimentando esses sentimentos? Você desistiria de tudo, sabendo que poderia morrer?

Lentamente, Breaker me virou em seus braços. Seus olhos brilhavam quando ele segurou meu rosto.

— Serena... — Ele fechou os olhos com força e os abriu novamente. Ele tinha traços lindos, era quase belo demais, com a pele quase morena e cabelos mais claros. Sua mandíbula ficou tensa. — Eu realmente gostaria de te dizer para parar de pensar o que eu acho que você está pensando, mas depois de hoje, perdi completamente minha capacidade de censura. Com sinceridade, não acho que uma pessoa deva viver a vida só indo pelo lado seguro. Deus sabe que só o presente é garantido. Quem sabe o que vai acontecer amanhã?

— Obrigada. — Suspirei. — Eu acho.

Seu sorriso ficou bobo.

— Junior parece pronto para me matar; fez toda a minha noite de merda valer a pena. Eu adoraria que ele me fizesse pagar por isso.

Antes que eu pudesse perguntar do que diacho ele estava falando, Breaker agarrou minha cabeça e deu um beijo na minha boca, deslizando a língua pelos meus lábios de uma forma dominante que me deixou pronta para apontar minha arma para ele. Ele apertou minha bunda e então interrompeu o beijo com um sorriso provocante.

— O que foi? Eu queria uma recompensa pela minha honestidade!

— Você é um bosta! — Eu ri e o empurrei. — E está com gosto de gim! Eu odeio gim!

Ele começou a rir e depois se curvou.

— Eu sei!

— Vá pentelhar outra pessoa. — Eu o enxotei, ainda sorrindo.

— Acho que você quer dizer: vá seduzir outra pessoa. — Ele piscou. — Ah, e diga ao Junior para não tentar me matar quando eu estiver dormindo. Beleza? — Ele estendeu o punho.

Eu bati nele com o meu, e então Breaker saiu correndo em zigue-zague do porão; Junior já havia sacado a arma e estava tentando mirar.

— A técnica não serve de nada se ninguém estiver atirando em você! — gritei para ele, então senti Junior parar atrás de mim.

Lentamente me virei e fiz uma careta.

— Você está bem? — Seus olhos brilharam com fúria desenfreada.

— Não.

— Você precisa que eu...?

Ele me jogou por cima do ombro e dispensou Ash, que estava enxugando o rosto com a camisa descartada, quer dizer, estava mais espalhando o sangue na cara toda do que realmente se limpando.

— Me bota no chão! — Eu bati nas costas de Junior.

Ele me deu um tapa na bunda com tanta força, que cerrei os dentes.

— Não.

— Junior!

Ele subiu os degraus comigo em seus braços como se não tivesse acabado de lutar por um bilhão de rodadas com Ash. Entrou no quarto de hóspedes, certificando-se de trancar a porta, e então me carregou até o banheiro. Quando ele se convenceu de que todas as portas estavam trancadas, caminhou comigo, ainda jogada por cima de seu ombro, como se ele tivesse enlouquecido, e então, sem aviso prévio, me levou para o chuveiro ainda vestida.

— Que é isso, Junior? — rugi, pronta para lutar com ele enquanto minha camisa encharcava minha pele, meu moletom da Nike favorito estava começando escapar pela minha cabeça. — O que você tem?

— Eu vou matar aquele cara! — ele se enfureceu. Seus olhos estavam selvagens quando ele puxou minha camisa pela cabeça e a jogou no chão. — Se eu sair daqui, vou matar aquele cara!

Sangue e água escorriam pelo rosto de Junior enquanto ele puxava minha calça de moletom até os tornozelos, depois separava dolorosamente minhas coxas, seus dedos apertando minha carne sensível enquanto sua mão direita encontrava minha sempre presente adaga.

Ele não desviou o olhar enquanto enfiava a ponta da adaga entre meus seios e rasgava meu sutiã esportivo. Ele deslizou a faca pela minha barriga até a frente da minha calcinha, fazendo a mesma coisa de antes, até que ela caiu no chão molhado junto de meu moletom.

— Você é de quem? — ele gritou a centímetros do meu rosto.

Eu nunca tinha visto esse lado dele antes, nunca o tinha visto tão solto, tão selvagem. Meu peito se agitou enquanto eu tentava recuperar o fôlego.

— S-sua.

— De quem? — ele rugiu, batendo as mãos no azulejo ao lado de minha cabeça, sua boca pressionada contra a minha enquanto continuava seu descontrole. — Porra, de quem?

— Sua! — Eu o empurrei e depois dei um tapa no rosto dele por me assustar. Sua cabeça virou para o lado, seu peito subia e descia. Junior não estava nem um pouco calmo. Ele estava pronto para cometer assassinato.

— Minha. — Seus dentes morderam meu lábio inferior, em seguida o puxaram dolorosamente.

Ele me virou, de modo que o azulejo frio atingiu minha bochecha e a barriga, meus seios doeram pelo frio que quase queimava minha pele.

— Minha — ele repetiu, percorrendo meu corpo com as mãos trêmulas, segurando meus seios e descendo as mãos até meus quadris.

Ofeguei quando ele me puxou de volta contra si. Em um impulso forte, ele estava dentro de mim. Engasguei ao buscar ar quando ele saiu e enfiou tudo de novo.

— De quem? — ele disse asperamente, sua voz rouca enquanto bombeava em mim, cravando as mãos em meus quadris para me puxar de volta, apenas para me chocar contra o azulejo a cada movimento brusco. — De quem?!

— Sua. — Lágrimas escorriam pelo meu rosto de prazer, de dor, tristeza, medo, mas acima de tudo, por causa do coração partido que se recusava a curar. — Eu sempre fui sua.

— Eu preciso de você. — Sua voz falhou. — Sinto muito, preciso de você assim, sinto muito...

— Junior Nicolasi, eu sou sua, do jeito que você precisar de mim... — Senti o gosto salgado das minhas lágrimas enquanto olhava para o sangue escorrendo pelo ralo. — Mesmo se for assim, Junior, mesmo se for assim.

Ele gemeu, seus movimentos eram selvagens enquanto me aproximava, para me soltar em seguida. Quando eu o apertei dentro de mim, tentando cravar minhas unhas no azulejo, tentando agarrar alguma coisa, qualquer coisa, ele entrou mais uma vez e ficou lá. Sem fôlego, com a cabeça apoiada na minha, os braços em volta do meu corpo como se estivesse com medo de que eu fosse desaparecer.

Ele nunca pegou pesado comigo antes.

Assim, não. Na verdade, sempre achei estranho quão carinhoso ele era durante o sexo, já que era exatamente o oposto de como acontecia na vida real. Agora eu entendia. Ele estava se contendo. Ele me deu as partes mais bonitas de si, guardando as irregulares.

Eu me perguntei se aquilo ali era uma parte dele que Junior havia escondido de propósito ou se a morte de Claire não danificou apenas Ash, mas todos nós também.

Afinal, de um dia para o outro, tudo ficou muito mais real, não é?

Porque sempre nos disseram para aceitar o monstro que havia em nós — eu sabia que o medo número um de Junior era se perder neste monstro.

E agora, me perguntava se era tarde demais. Se ele já não estava totalmente perdido.

E eu fosse a única coisa que o mantivesse são?

— Desculpa. — Junior beijou meu pescoço. — Sinto muito, não posso... — Ele se afastou e então se foi, me deixando com minhas roupas esfarrapadas no chão e meu coração ainda mais partido do que antes.

Inexpressivamente, peguei uma toalha e senti mais lágrimas quando percebi que a porta dele estava fechada.

E pior, quando testei a maçaneta, ela estava trancada do lado dele. O que foi isso?



Capítulo Vinte e Quatro

Junior

Eu era um monstro.

Apertei meus olhos até ver pontos pretos. Mesmo assim, nada me fez esquecer a raiva que tomou conta de mim quando Breaker a tocou e a beijou. Breaker era um dos meus melhores amigos, era da família, mas eu surtei, algo em mim tinha se partido.

Com o que houve no hospital e a luta com Ash, quando o vi engolir o uísque e depois começar a chorar antes mesmo que eu pudesse dar o primeiro soco, eu me tornei perfeitamente consciente de que as últimas partes humanas que havia em mim tinham se partido ao meio. Eu não sabia como consertá-las, como me consertar, quando tudo que via era uma parede vermelha de raiva.

— Estou perdido pra caralho. — Ele caiu de joelhos no meio do ginásio e jogou a garrafa de uísque pela sala, quebrando-a na parede. Seu grito atingiu meus ouvidos. Foi tão alto, que fiquei surpreso que o prédio não desabou ao nosso redor. — Porra! — Ele bateu as palmas no chão e depois o socou, rompendo a pele imediatamente, fazendo com que o sangue pingasse pelas pontas dos dedos.

— Ash! — Eu o puxei de volta contra mim.

Ele nem lutou no começo; apenas me deixou segurá-lo enquanto ele soluçava em meus braços.

— Eu te amo. — Eu o segurei com força. — Eu te amo e estou com você.

Seu corpo inteiro tremeu em meus braços.

Não sei quanto tempo o abracei daquele jeito.

Ele finalmente me soltou e caminhou até o ringue, tirando a camisa e sentando na beira do tatame, com a cabeça baixa.

— Eu ia me casar com ela — ele sussurrou.

Foi um momento horrível, senti meu coração despencar quando pegou com cuidado uma caixa azul da Tiffany's. Pedi a Deus que fosse um anel de compromisso, um colar, uma bala — qualquer coisa.

Ele abriu. Três quilates.

A bile subiu pela minha garganta quando peguei a caixa e olhei. Havia uma inscrição nele: "Meu coração pelo seu".

— Leva. — Seus dentes trincaram como se ele estivesse pronto para perder o controle. — Leva. Eu não consigo olhar para isso. Eu não consigo...

— Acabou — eu disse com a voz calma, colocando a caixa em cima da minha camisa descartada no banco.

— Ela se foi — ele sussurrou. — E eu também.

Meu corpo gelou quando ouvi sua admissão.

Porque eu sabia que uma parte dele nunca mais seria a mesma e que a morte dela iria desencadear algo de outro mundo em nossa família.

— Eu queria que tivesse sido eu — admiti, tomando um gole da outra garrafa de uísque e entregando a ele. — Quero que saiba disso. Eu teria morrido para que vocês pudessem ficar juntos. Eu morreria agora se fosse possível.

Ash bebeu o uísque e me olhou com uma expressão amarga.

— Se você soubesse a verdade, não diria isso.

— A verdade? — Franzi o cenho enquanto ele me devolvia o uísque. — Que verdade? — Arrepios surgiram na minha pele com sua expressão sombria.

— Fui eu. — Sua voz era vazia de emoções. — Fomos nós, Claire e eu. Recebemos instruções para separar você e Serena. Meu pai sabia sobre vocês, sabia que era apenas uma questão de tempo até que o resto dos chefes descobrisse e matasse os dois por conta de uma de suas maiores regras. E de modo egoísta, eu não queria perder meu melhor amigo. Eu queria deixar meu pai orgulhoso. Naquele primeiro dia na Eagle Elite, quando fizemos nosso depoimento aos alunos e funcionários, eu incitei você a beijar aquela garota na

frente de Serena. Eu pressionei você quando começou a despi-la na frente do corpo docente, e então Claire provocou Serena. Sabíamos muito bem que, para fazer a declaração, vocês não poderiam escolher um ao outro, mas também sabíamos que você fingir que não ama Serena ia partir seu coração. Claire era muito obediente, concordava com tudo, mesmo que aquilo a matasse por dentro. Mas vocês quebraram as regras, então a única maneira de te manter em segurança, de manter vocês dois em segurança, era colocá-los em uma posição em que não tivessem escolha a não ser escolher a Família em detrimento um do outro. — Ele levantou o queixo. — Eu sabia que você morderia a isca porque não sabia como recuar, sabia que precisávamos fazer aquela declaração e sabia que Serena não demonstraria fraqueza.

Minha mente se voltou para aquele dia, quando escolhi a Família em vez de Serena, quando seus olhos me imploraram para escolhê-la, para deixar a garota que eu estava seduzindo só para provar algo.

— Era para você ser meu melhor amigo — eu disse asperamente.

— E era para Claire estar viva — ele retrucou para mim.

Soltando um rugido, acertei um soco bem no rosto de Ash. Ele sorriu mesmo sangrando. Eu bati nele novamente, arrancando um dente.

Ash apenas sorriu ainda mais e então disse.

— Você está puto. Que bom. Agora me bata com mais força.

Ele fez isso de propósito.

Ele me contou seu segredo para que eu viesse com tudo. Para que minha raiva correspondesse à dor dele.



Eu me sentei na cama e passei as mãos machucadas pelo cabelo. Eu tinha enfaixado três dedos e sabia que estava tão péssimo quanto parecia. Não era para ser assim.

E eu descontei minha raiva em Serena. Tudo que consegui enxergar foi seu rosto desanimado naquele dia em que assumimos o Eagle Elite novamente.

A forma como os olhos dela me imploravam para dizer que era tudo uma palhaçada, que não precisávamos provar nada. Em vez disso, concordei exatamente com o que Ash queria que eu fizesse. E minha parte insana, que gostava de irritar Serena, que gostava do controle que eu tinha sobre ela, ficava orgulhosa quando eu encostava em outra mulher na frente dela. Foi a primeira vez que percebi que tinha algo de errado comigo. Foi a primeira vez que percebi que era igual à minha linhagem: insano, com um caráter distorcido. E eu não fiz nada além de envolver Serena em uma insanidade fodida naquele banheiro.

Eu não conseguia sentir nada além da dor de todos os anos que poderíamos ter passado juntos, e não conseguia sentir nada além da dor da traição de Ash; eu não conseguia ver nada além do medo da morte se tivéssemos continuado naquele caminho.

Mas agora que Claire se foi, tudo em que eu pensava era... Eu mereço ter algo meu, certo? Só uma única coisa que me traga alegria em um mundo tão escuro e solitário.

E minha única coisa era Serena. Eu precisava possuí-la.

Precisava que ela sentisse a falta de controle que aparecia quando eu estava com ela e precisava marcá-la como minha, para que ela nunca se esquecesse disso.

Em vez disso, perdi completamente a cabeça assim que encostei em sua pele macia, quase vi teto preto durante o sexo porque já havia passado muito tempo que eu não transava.

Deixei marcas em seus quadris.

Eu não a avisei.

Eu não a beijei.

Eu só queria. Então eu peguei.

Monstro.

Eu provei uma coisa.

Eu merecia a mesma sentença de morte que pairava sobre a cabeça de cada um dos meus primos.

— Merda! — Soquei o travesseiro repetidas vezes. Não satisfeito, peguei

minha faca e o rasguei. Penas voaram em uma nuvem branca.

— Sexo geralmente acalma você. — A voz de Serena interrompeu meu ataque de raiva.

Olhei para cima e pisquei. Ela estava deslumbrante, sempre tão deslumbrante, que doía olhar diretamente para ela.

— Como raios você entrou aqui?

— Magia. — Ela suspirou. — Ah, sim, eu arrombei a fechadura.

Engoli em seco, sentindo um nó na garganta.

— Eu não tô podendo, não agora, Serena. Não posso lutar, não quero falar com você, então, a menos que você esteja aqui para chupar meu pau, vá embora.

— Ah, olha ele aí. — O sorriso de Serena era triste. Eu precisava que ela fosse embora antes que eu a machucasse. Antes que destruísse o que restava de nós dois com a minha raiva. — O charme de Junior Nicolasi. Essa é a parte em que você me afasta para me deixar com raiva, para que você não se machuque? Ou devo gostar desse tipo de coisa e cair de joelhos? Devo me vestir mais ou me despir mais? — Ela olhou para sua regata e seu short.

Caí de costas na cama e gemi.

— Por que você nunca me escuta?

— Porque eu conheço você. — Senti Serena caminhando em direção à minha cama e engatinhando por cima da confusão de penas. — E eu sei que você precisa de mim agora, e eu não me importo com quão doloroso, quão terrível, quão intenso for. Estou aqui porque é isso que os amigos fazem, e não importa o que aconteça entre nós, você sempre foi e sempre vai ser meu melhor amigo.

Uma lágrima deslizou por sua bochecha e pingou na minha barriga enquanto ela esperava que eu dissesse alguma coisa.

Mil palavras e frases lotaram minha cabeça, palavras românticas, promessas, juramentos, mas tudo que eu pensava era em quão linda ela era e como eu não a merecia, nunca a mereceria. Eu só conseguia imaginar um final feliz para esse cenário em que ficássemos juntos, e ele envolvia a minha própria morte.

E eu sabia... valeria a pena. Para tê-la comigo.

Para possuí-la.

Para amá-la.

Mesmo que isso significasse que eu a teria por alguns dias, ou talvez, se tivéssemos sorte, eu a teria por algumas semanas.

Serena Abandonato era minha perdição. E meu coração não podia fazer nada além de bater, me dizendo: sim.

Nada de bom resultaria disso, mas, talvez, no final, pelo menos os chefes entenderiam que tínhamos de nos apegar ao que era bom, para que o mal não nos destruísse. E ela era tudo de bom na minha vida.

Desta vez, eu não ia deixar que ela fosse embora.

Desta vez, eu assinaria meu próprio contrato de morte.

Desta vez, seria nos meus termos.

— Amo você. — Fechei os olhos, porque doía olhar para ela. — Enquanto nós dois vivermos.

E no que pareceu um instante sagrado, Serena Abandonato, meu primeiro e único amor, inclinou-se e deu um beijo na minha testa e depois ficou de pé. Lentamente, ela tirou cada peça de roupa até ficar nua, e então sussurrou:

— Pegue o que precisar, porque eu sempre fui e sempre serei... Sua.



Capítulo Vinte e Cinco

Serena

Foi a coisa mais estúpida que já fiz, ou talvez tenha sido a mais corajosa. Prendi a respiração quando ele disse que me amava e então fiquei imóvel.

Eu não tinha certeza do que ele precisava.

Eu não tinha certeza se conversar ajudaria.

Mas algo no rosto de Junior escureceu enquanto seus olhos vagavam lentamente sobre mim. Sua expressão era tudo menos calma enquanto seu olhar baixo se fixava nos meus seios e depois descia pelo meu corpo.

As cobertas da cama estavam puxadas até os quadris, revelando uma beleza tão divina, que meu peito se apertou.

Os músculos do abdômen tensionaram quando ele colocou as mãos atrás da cabeça, observando, esperando, parecendo pronto para atacar.

— Junior? — Dei um passo em direção a ele, sem saber o que ele realmente queria que eu fizesse, agora que estava nua na frente dele, agora que íamos fazer aquilo... espera, íamos fazer aquilo?

A confusão deve ter mexido com minha expressão, porque ele finalmente falou alguma coisa:

— Você se lembra do seu aniversário de dezesseis anos?

Um calor abrasador inundou meu rosto.

— Sim, encurralei você no corredor e pedi meu presente mais cedo.

Seu sorriso era sombrio, perverso, e ele se sentou e estendeu a mão,

roçando meu seio direito com as costas dos dedos. Foi um contato breve, mas ainda assim senti como se estivesse levando um choque.

— E o que eu te dei?

Engoli em seco. Meus olhos foram para sua boca, e depois para seu torso nu, e então para seu colo.

Fechei os olhos com força quando um arrepio percorreu meu corpo.

— Você me deu o que eu estava implorando.

— E o que foi? — ele disse com um rosnado. — Pelo que você estava implorando?

Lentamente, eu me abaixei sobre o colchão. Ele afundou sob meu peso, nossos corpos tombaram lentamente um em direção ao outro.

— Por você.

— Qual parte de mim? — Sua mão pegou no meu ombro e ele lentamente me puxou para ficar sobre seu corpo.

Montei nele e movi meus quadris. Junior estava completamente nu debaixo dos lençóis. Eu podia senti-lo pulsando contra a minha bunda enquanto ele me observava, esperando que eu contasse.

— Você disse que eu poderia chupar seu pau, e então me deu feliz aniversário que nem um cuzão, como se eu devesse agradecer o seu presente. — Lembrei bem do dia. Eu estava tão puta, tão envergonhada, que dei um tapa na cara dele e depois um soco no estômago. — Eu empurrei você contra a parede, o que só pareceu te encorajar a dar mais risadas... E então eu beijei você.

— Você me beijou — ele repetiu. — Tão forte, que meus dentes doeram por dois dias.

Bati em seu peito. Ele pegou minha mão e levou as pontas dos dedos à boca, e então lentamente a puxou até que eu tocasse entre as minhas coxas. Estava pingando, pronta para que ele fizesse algo além de me fazer lembrar de eventos do passado.

Soltei um gemido rouco quando ele me fez tocar, e então Junior levantou minha mão e lambeu as pontas dos dedos.

— Eu gozei muito vezes naquele dia, sozinho no meu quarto, só

pensando naquele beijo, em como foi agressivo, em quanto mais eu queria que fosse.

Eu me mexi contra ele.

Ele estremeceu, e então lentamente me virou de costas, pairando sobre mim.

— E o que aconteceu mais tarde naquele dia, Serena?

Soltei um suspiro instável.

— Você me pegou.

— Peguei você. — Ele prendeu meus pulsos acima da minha cabeça e moveu os quadris nus contra mim. — Fazendo o quê?

Que delícia. Sua pele estava tão quente, que quase doeu.

Minhas bochechas esquentaram.

— Pensando em você... imaginando como seria se pudéssemos finalmente... — Mordi meu lábio inferior. — Eu estava me dando prazer.

— Mmm... — Ele me provocou um pouco roçando em mim. — Me conta, você se arrepende? Daquele dia? Daquela noite? Daqueles anos? De saber quem eu era. Quem eu sou. De saber que só teríamos aquilo?

— Nunca — respondi. — A única coisa que lamento é que tenhamos que fingir que não...

— Não o quê?

Decidi botar para fora.

— Que tenhamos que fingir que nos odiamos porque o ódio é a única coisa tão intensa quanto o nosso amor.

Ele se inclinou.

— Resposta correta.

— Foi uma pergunta? — Minha cabeça tombou para trás contra os travesseiros enquanto Junior beijava a lateral do meu pescoço.

— Não — ele disse entre beijos. — Eu só quero ter certeza de que não

haverá arrependimentos, não importa o que aconteça. Prometa que você se lembrará disso para sempre. Que Serena Abandonato era o veneno mais tentador do mundo, e que eu, Junior Nicolasi... — Seus lábios permaneceram contra os meus por um momento de parar o coração enquanto ele aprofundava o beijo. E então murmurou no canto da minha boca — ...bebi.

— Junior... — Eu me agarrei às suas costas enquanto ele começava a intensificar as estocadas. — Você está me assustando.

— Fica comigo. — Ele deu um beijo dolorosamente lento na minha boca. — Lembre de mim para sempre, ok?

— Ok. — Lágrimas encheram meus olhos enquanto eu me agarrava a ele. — Te amo enquanto nós dois vivermos?

Ele engoliu em seco e então respondeu:

— Enquanto nós dois vivermos.

— Você não disse que me amava. — Tentei provocar, mesmo que meu corpo já estivesse à beira de explodir enquanto ele se movia dentro de mim.

— Disse, sim. — Ele finalmente sorriu. — Em cada briga, cada provocação, cada insulto, eu disse que te amava, e com meu corpo agora. Eu sempre te venerei.

Cravei minhas unhas nas suas costas enquanto ele me penetrava, fazendo com que a cabeceira da cama batesse na parede.

— Não para, não para! — Eu me esforcei para abraçar seu corpo musculoso enquanto ele me amava, como ele sempre mostrou que me amava.

E quando senti seu gozo dentro de mim, enganchei meus tornozelos em volta do seu corpo, mantendo-o preso exatamente onde eu precisava que ele estivesse.

Porque a ideia de me separar dele era a coisa mais assustadora que eu poderia imaginar, e parte de mim se perguntava por que parecia que Junior estava se despedindo, sendo que finalmente decidimos ficar juntos novamente.

Enquanto ainda estávamos conectados, ele virou o rosto na minha direção, seus olhos azuis brilhando enquanto sussurrava:

— Você sempre valerá a pena, Serena. Sempre.

Ele beijou minha testa e xingou baixinho enquanto nós dois nos entreolhávamos, ofegantes.

— O que vai acontecer agora? — perguntei.

— Bem, minha princesa acabou de dizer que eu poderia tê-la do jeito que eu quisesse. O que você acha que acontece agora?

Eu sorri.

— Acho que precisamos de um golinho de Red Bull.

— Fale por si. — Ele deu um tapa na minha bunda. — Tenho mais de um ano de fúria sexual reprimida para sair.

— Foi apenas uma vez! — Eu deixei escapar. Junior franziu o cenho.

— O quê?

— Foi só com um cara, e foi uma vez, e foi horrível, e eu só fiz aquilo para te irritar e...

Ele pareceu engolir minhas palavras.

— Jura?

— Sempre foi você, sempre. — Eu o beijei mais profundamente, com mais força, guerreando com sua língua enquanto ele tentava dominar o beijo, seus dedos agarrados aos meus quadris.

Ele se afastou, sem fôlego.

— Nunca pensei que veria o dia em que a princesa implacável se renderia ao dragão.

— Dragão? — Eu sorri. — Não, a princesa implacável acabou de se render ao seu rei.



Capítulo Vinte e Seis

Junior

Eu não queria nada além de adormecer com Serena em meus braços, já que era sábado, mas a última coisa que precisávamos era um flagrante antes mesmo que o relacionamento realmente começasse, porque, vai por mim, eu ia fazer coisas com ela que deixaria seu corpo todo latejando por horas.

Meu corpo doeu quando me sentei. Eu me inclinei e dei um beijo na sua testa. Ela gemeu durante o sono, então cegamente me alcançou, roçando no meu pau.

— Não é seu celular, Serena — eu sussurrei.

— Não. — Ela bocejou. — Meu celular é maior.

Eu a deitei de costas enquanto ela começava a rir.

— Retire o que disse... — Fiz cócegas em sua pele sensível.

— Nunca! — A risada dela era tão despreocupada, que meu coração se partiu no meio das trevas, desejando poder manter essa risada, essa versão dela para sempre. Ele odiava que tivéssemos tantos papéis a desempenhar, máscaras para usar.

Uma batida soou na minha porta. Graças a Deus estava trancada.

— Junior! — Nixon latiu. — Se Serena descobrir que você trouxe outra prostituta para casa, ela vai cortar suas bolas, cozinhar e te servir no teu prato preferido no café da manhã.

— Isso, Junior — Serena murmurou com um sorriso malicioso. — Vou pegar essas... — Ela pegou no meu pau, mas eu a impedi de prosseguir com a

mão. — O que foi? Está com medo de eu ter algum objeto pontiagudo aqui?

— Você sempre tem objetos pontiagudos — sussurrei. — Mas não se preocupe, tenho tara nessas coisas.

— Tem mesmo. — Seus olhos se concentraram na minha boca.

— Junior! — Nixon gritou novamente. — Estou falando sério, faz com que a piranha saia pelos fundos e vá se arrumar para o café da manhã. Precisamos conversar.

— Desculpa, Nixon, já vou. — Na verdade, eu já ia montar nela.

Abri a porta e dei um beijo acalorado em sua boca antes de me afastar de sua pele nua e depois caminhar em direção ao banheiro.

Ouvi Serena correndo atrás de mim, senti o tapa na minha bunda e comecei a rir enquanto a perseguia até o chuveiro.

— Mmm…— Ela se ensaboou lentamente. — Você precisa de sabonete?

— Nem. — Agarrei seus seios e apertei levemente, então massageei seu abdômen, usando o sabonete líquido como desculpa para deslizar a mão por seu corpo nu.

Sua respiração ficou presa na garganta quando nos puxei para baixo da água e capturei sua boca em um beijo molhado que nos deixou sem ar.

Serena se agarrou a mim, os braços em volta do meu pescoço, o cabelo grudando no queixo enquanto nossas testas se tocavam.

— Você está dolorida? — perguntei com a voz calma.

— Mesmo se estivesse... — Ela estendeu a mão para mim e me acariciou. — Você realmente acha que eu diria não a estar com você de qualquer maneira que pudesse?

Xinguei quando ela passou a perna no meu quadril, se prendendo ao meu corpo enquanto eu a pressionava contra a parede, a penetrando sob a água quente e cobrindo seus gemidos com minha boca. Ela estava úmida no corpo inteiro. Eu agarrei mais sua bunda, inclinando-a para mim. Sempre pareceu uma experiência sagrada estar com ela, talvez porque Serena fosse tudo para mim.

Minha alma gêmea.

Meu tudo.

A outra metade do meu coração sombrio e doentio.

Ela agarrou minha cabeça com as mãos e lambeu um rastro de água pelo meu pescoço, enquanto suas coxas se apertavam em volta de mim. Ela estava perto de gozar. Eu podia sentir isso na maneira como ela se inclinava contra mim a cada penetração, na maneira como seus olhos brilhavam selvagens, embora ela tentasse fingir que estava calma.

— Está quase lá comigo? — eu disse com uma voz gutural.

Ela me deu um aceno brusco.

— Sempre, com você.

Eu poderia tê-la preenchido com meu prazer naquele momento, mas de repente pude jurar que seu corpo estava me curando, e nós dois atingimos o orgasmo juntos enquanto nos encarávamos.

— Eu nunca vou deixar você ir embora. Você sabe disso, né?

Eu lentamente saí de dentro dela e a deixei se mover.

Ela se virou de costas, e eu a puxei contra mim. Seus seios roçaram no meu antebraço.

— Acho que morreria se você fizesse isso.

Ficamos em silêncio durante o restante do banho, ainda que ela tenha agarrado minha bunda um monte de vezes. Depois, fui para o quarto me vestir.

Eu não tinha certeza do que Nixon queria, mas a última coisa que ele precisava era me ver com cara de quem comeu sua filha.

O problema? Quando me olhei no espelho, parecia animado demais para ir tomar o café da manhã.

Minha sorte foi que Ash havia me dado umas boas porradas, e eu estava cheio de feridas na bochecha e no olho direito.

Acrescente isso aos cortes nos nós dos dedos, e eu poderia fingir que estava dolorido, poderia tentar fingir que estava deprimido. Tudo o que eu precisava fazer era focar no fato de que um dos meus melhores amigos estava sofrendo e que meu amor pela outra pessoa que eu considerava minha melhor

amiga um dia me mataria.

Zero. Felicidade.

Abri a porta do quarto de hóspedes e, quando uma figura sombria se afastou da parede, por instinto, peguei minha arma no bolso da calça.

Nixon franziu a testa.

— Você vai atirar em mim?

— Depende. Você vai continuar me dando esses sustos do caralho?

Ele olhou por cima do meu ombro.

— Onde está a garota?

Abri um sorriso maroto e dei um tapinha em seu ombro.

— Todos nós temos nossos segredos, Nixon, não é mesmo?

Seus olhos se estreitaram.

— Eu a ouvi.

— Sim, eu também. — Comecei a andar pelo corredor. — A nooooite toda.

— É mesmo? — Nixon fez uma careta. — Onde você encontra essas garotas?

— É, você ficaria surpreso... — Guardei a arma na calça. — Há quem diga que elas vão lá e se jogam na minha cama, sem hesitar.

— Quem se joga na cama dele? — Breaker perguntou da cozinha, segurando um copo de suco de laranja em uma mão e fatias de bacon na outra.

— Uma garota. — Nixon suspirou. — Mas ela já foi embora. De acordo com o Romeu aqui.

Ele apontou a mão na minha direção.

Breaker engasgou com o suco de laranja e depois disse com a voz rouca:

— Sim, com certeza ela foi embora, porque é tão fácil fazer isso nesta casa, entrar e sair furtivamente, né, Junior?

Eu o ignorei, sabendo exatamente onde ele queria chegar com isso. Como ainda estava puto com ele, resolvi cobrar o fato de que ele me devia uma.

— Ei, Nixon, você sabia que o Breaker enfiou a língua na garganta da Serena ontem à noite por três vírgula dois segundos?

— TRAIDOR! — Breaker jogou seu bacon em mim. — Depois de tudo que faço por você!

— O QUÊ? — Nixon rugiu. Breaker correu para o outro lado da mesa e ergueu as mãos. — Você fez o quê?!

— Eu estava brincando com ela! — Breaker argumentou. — Além disso, Junior só está tentando...

— Por que todo mundo está gritando? — Serena entrou na cozinha, ficou na ponta dos pés e beijou o pai na bochecha.

Sua raiva desapareceu, e ele a puxou para um abraço.

— Nada, só não deixe a boca suja do Breaker chegar perto da sua.

— Eca, tinha gosto de gim.

— Viu só?! — Breaker realmente precisava parar de falar. — Se eu realmente quisesse beijá-la, beberia uísque. Você sabe que ela prefere o gosto de uísque, né, Junior?

Eu olhei feio para ele.

— Como caralhos eu vou saber o que Serena coloca na boca?

Serena começou a avançar em minha direção.

E lá vamos nós, de volta ao ódio. Esperei que ela me desse um soco na cara.

Em vez disso, ela pegou um garfo e segurou-o perigosamente perto do meu pau.

— O que você disse, Junior?

Eu sorri. Ela tinha de ser tão bonita? Seus olhos estavam selvagens, delineados, seu batom era claro, o cabelo loiro estava preso em um rabo de cavalo apertado, e ela usava o jeans preto mais justo que eu já vi, sem mencionar

uma regata que mostrava o abdômen.

— Nixon, você não acha que ela deveria vestir um suéter ou algo assim?

Seus olhos se arregalaram ainda mais quando ela abaixou o garfo.

Nixon suspirou.

— Serena, não o castre. Podemos precisar dele mais tarde. E ele tem razão: vá botar um cardigã ou algo assim.

— Porra! — A voz de Ash soou de algum lugar da sala. — Vocês poderiam, por favor, falar baixo? Estou tentando morrer em paz!

Eu vi um flash de cor; ele estava na sala, deitado no sofá com uma garrafa vazia na mão enquanto olhava para o teto.

Breaker, Serena e eu trocamos um olhar antes de Nixon suspirar e dizer:

— Temos que esperar os outros.

— Para quê? — Serena perguntou.

Nixon engoliu em seco e então:

— Para começarmos os preparativos para o funeral. Merda.

Em um rompante, levantei e fui até Ash. Ele estava destruído, com os olhos inchados, um deles quase completamente fechado, graças ao meu golpe de direita. Havia alguns hematomas perto do ombro, e os nós dos dedos estavam cobertos de sangue seco. Ele deve ter caído no sofá sem tomar banho ontem à noite.

— Mano… — Breaker sentou no chão ao lado dele. — Você está podre.

— Vá embora. — Ash cobriu o rosto com as mãos. — Por favor.

— Não posso fazer isso, primo. — Serena ajudou Ash a se apoiar nos cotovelos, em seguida, passou o braço por baixo dele, embalando sua cabeça no colo. — Do que você precisa? O que vai fazer você se sentir melhor agora?

— Morrer.

— Além de morrer — eu rebati. A última coisa que eu precisava era perdê-lo também; a última coisa que ele precisava era perder outra pessoa.

Quando as coisas ficaram tão complicadas?

E como raios iríamos sobreviver, não apenas à morte de Claire, mas também à minha, se chegasse a esse ponto? Como?

Esse pensamento me assombrou durante toda a manhã, enquanto os chefes se aproximavam para fazer os preparativos. Era um fluxo constante de ternos pretos entrando e saindo da casa.

E Ash se recusou a se levantar.

A certa altura, Tank finalmente apareceu na sala de estar. Breaker ofereceu emprestar algumas roupas para ele e mostrou onde ficavam os chuveiros.

Tank ainda não sabia, mas ele estava na jogada, fazia parte disso agora, então a ideia de ele ir para casa e ter uma vida normal agora?

Provavelmente não iria rolar.

Mas nós o deixamos escolher, sempre deixamos.

— Eu a amava. — A voz de Ash mostrava o quanto ele estava danificado. — Não era para terminar assim.

— Não é o fim. — Serena continuou afastando o cabelo da testa com movimentos calmos. — Você tem que viver por ela. O que ela gostaria que você fizesse? Definhasse?

Eu tinha visto Ash com raiva. Eu o tinha visto machucado.

Mas eu nunca tinha visto o tipo de dor em suas feições como naquele momento. Era desconfortavelmente intenso, como se ele estivesse danificado para além de qualquer forma de conserto.

Ele abriu a boca, mas nada saiu. Depois de um momento, finalmente confessou algo que eu não esperava.

— Ela estava grávida. — Um soluço escapou da sua garganta, e ele disparou a falar. — Estávamos brigando muito porque ela tinha medo de trazer um bebê para essa vida. É por isso que ela queria tentar uma vida normal, é por isso que ela pressionava tanto por isso. Ela não tinha ideia de que a porra da qual ela tanto queria fugir ia acabar a mantando. — Com os olhos selvagens, ele me agarrou pela camisa e implorou. — Por favor, não posso viver assim, não posso.

Não me faça...

Seus olhos se reviraram antes que ele pudesse terminar, e quando olhei para cima, vi Nikolai espetando uma seringa do pescoço de Ash.

— Que porra foi essa? — Eu rugi, ficando de pé em um salto.

Nikolai suspirou.

— Deixe-o descansar. — Seus olhos estavam sem vida. — Ele passou por muita coisa.

— Você sabia? — Serena perguntou.

Nikolai assentiu.

— O pai dele está a caminho.

— Você acha que Chase Abandonato, aquele cara sempre furioso, vai ajudar nesta situação? Você está louco? — Eu protegeria Ash mesmo que isso significasse o proteger do seu pai.

— Ele precisa da família, e as únicas pessoas nesta sala que sabem o que é amar e perder a pessoa que ama são Sergio e Chase. Acho que o pai deveria ajudar Ash a se curar... se ele puder.

Dito isso, Nikolai foi embora.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Serena enquanto ela sussurrava:

— Não consigo imaginar, Junior, não podemos...

Eu agarrei a mão dela. Eu sabia o que ela queria dizer. Não poderíamos deixar que aquilo acontecesse conosco. Precisávamos ter cuidado. Para além disso. Precisávamos um do outro.

— Deixe-o dormir — eu sussurrei, ajudando-a a afastar a cabeça de Ash para poder se levantar.

E, sem pensar, passei um braço em volta de Serena e puxei-a contra o peito, porque aquilo era tão natural quanto respirar.

Infelizmente, foi o pior timing do mundo, porque foi bem nessa hora que Chase apareceu na esquina, seu olhar calmo, calculado, focado em nós dois.

Ele se aproximou da gente e sussurrou:

— Espero que vocês dois saibam o que estão fazendo.

— Diz o homem que disse ao filho para nos separar — retruquei baixinho. — Me perdoe por não me sentir muito grato agora.

— Você deveria estar. — Os olhos de Chase estavam tristes. — Eu estava tentando salvar a vida de vocês.

— Não briguem — Serena sussurrou. — Ash precisa de você.

A postura de Chase ficou tensa. Ele era um filho da puta letal que mal conseguia conter a raiva que guardava em sua alma, a vingança que se escondia sob a superfície onde seu coração deveria estar.

— Eu afastaria essa dor dele se pudesse.

— Eu sei — respondeu Serena. — Me faça um favor?

— Qualquer coisa. — Serena tinha todos os chefes na mão, não é?

— Não conte ao meu pai. — Ela tocou no braço dele. — Ash precisa de você. — Seu lábio inferior tremia enquanto ela lançava um olhar para mim. — Mas eu preciso dele.

— Porra. — Chase mordeu o lábio. — Essa conversa nunca aconteceu, certo?

— Certo — eu concordei.

Chase estendeu a mão.

Eu apertei, me perguntando o que raios ele estava fazendo, e então percebi quando os olhos de Serena se encheram de mais lágrimas.

Ele estava nos dando a bênção... que o pai dela não daria.



Capítulo Vinte e Sete

Serena

Todos fomos em direção à academia no andar de baixo, talvez porque o clima lá em cima estivesse cheio de tristeza. Desde o minuto em que a mãe de Claire chegou, não parou de chorar, o que me deixou subitamente agradecida por Ash estar apagado.

Nós agarramos seu corpo mole e o levamos lá para baixo, preocupados que ele acordasse em choque e atirasse em qualquer coisa que aparecesse na sua frente.

Phoenix e Bee decidiram encurtar a viagem, então já estavam a caminho para comparecer ao funeral dali a dois dias.

Ser forte por Ash era uma coisa, mas ser forte por todos os primos mais novos, que nós havíamos levado para a sala de cinema, sem mencionar minha irmã mais nova... era mais difícil.

Violet e Izzy desceram conosco, e Breaker, um tanto relutante, deixou seu irmão mais novo, King, se juntar a nós, embora King parecesse realmente interessado na pessoa com quem estava trocando mensagens. O cara estava no último ano do ensino médio, e digamos que seu principal feito foi deixar um belo rastro de corações partidos pelo caminho.

— Namorada nova? — provoquei, bagunçando seu cabelo dourado enquanto ele batia na minha mão. — Quero ver!

— Primeiramente... — Ele gentilmente arrumou sua bagunça de cachos. — E, em segundo lugar, eu não namoro. As garotas são muito pegajosas.

— Que nojo. — Breaker estava sentado ao lado dele, jogando uma bola de futebol americano para o alto. — Por favor, não dê detalhes das suas

aventuras sexuais, irmãozinho. Além disso, só há espaço para um comedor nesta família.

— Vocês dois. — Eu balancei a cabeça. — Que nojentos.

— Mas somos tão bonitos. — Breaker piscou e depois lambeu o lábio inferior. Por Deus, eu esperava que ele em algum momento se visse diante de uma garota ainda mais sedenta por poder do que eu; seria extremamente gratificante ver alguém colocá-lo em seu lugar.

Junior estava vigiando Ash, enquanto Izzy e Violet cuidavam de suas mãos ensanguentadas.

Eles não eram tão próximos de Claire quanto eu, mas não importava. Aos olhos deles, não tinham perdido apenas a futura cunhada — também tinham perdido a futura sobrinha ou sobrinho.

Não perguntei em que estágio a gravidez estava, porque parte de mim não queria saber; eu estava com medo de que isso me machucasse ainda mais, tornasse tudo mais real do que já era. Ela não parecia estar engordando, então presumi que estivesse no primeiro trimestre.

Todos nós decidimos que precisávamos fazer algo para Ash se lembrar do bebê também, então Violet e Izzy disseram que pensariam em algo assim que limpassem todo o sangue que havia em sua pele.

— Você sabe o que está me incomodando? — Tank parecia completamente diferente agora com jeans skinny e o moletom preto do Breaker. Ele já era bonito, mas ali parecia ainda mais. Ele parecia pertencer à Família. Eu não tinha certeza se estava aliviado ou preocupado. Ser o agente disfarçado do FBI nem sempre funcionava bem em nossas famílias, era só perguntar ao pai de Junior como isso costumava terminar.

— O que está te incomodando? — perguntei, já que ninguém respondeu.

— Provavelmente não é nada. É que todos os garotos De Lange que conhecemos estão agora na Eagle Elite, mas isso não explica o movimento que a faculdade fez. Quando investiguei, não consegui encontrar nada rastreável. Nem o seu cara, Sergio, encontrou algo suspeito. Alguém fez uma oferta em dinheiro pela escola, ofereceu bolsas de estudo a vários filhos dos De Lange, mas ninguém consegue encontrar essa pessoa. Acho que estou só refletindo sobre o que faremos quanto a isso.

— Nós vamos esperar. — Junior foi o primeiro a falar. — E vamos cuidar da nossa proteção como sempre.

— Parece a escolha mais segura — Breaker resmungou baixinho.

Tank franziu a testa.

— Se esperarmos, outra pessoa poderá morrer.

— Nós vamos esperar — Junior ficou de pé. — Não temos escolha a não ser ficar na defensiva, especialmente porque não temos informação suficiente sobre esse ataque. — Os olhos de Junior brilharam quando ele tirou a Glock da calça jeans e apontou para a cabeça de Tank.

Poder irradiava do corpo de Junior enquanto a camiseta da Henley branca se ajustava ao corpo musculoso, combinada com jeans apertados e rasgados e coturnos pretos, que, de alguma forma, pareciam mais roqueiros do que qualquer coisa; eu estava no céu com esse visual, lambendo os lábios, esperando que ele acabasse com aquela história logo, para que eu pudesse cair de boca nele.

— Uau! — Tank ergueu as mãos. — Que porra é essa?

— Precisamos que você permaneça disfarçado. — Junior suspirou como se estivesse entediado. — Isso é óbvio, mas também precisamos que você jure fidelidade à Família.

— Agora? — O olhar de pânico de Tank só me irritou.

— Não, imbecil. — Eu bocejei. — Amanhã. Podemos marcar às três da tarde? — Junior sorriu.

— Está assustado, Tank?

— Não. — Suas mãos pararam de tremer enquanto ele olhava para Junior. — Me diga o que preciso fazer.

Junior coçou o queixo com o cano da arma. Arrogância e prepotência escorriam da sua postura. Breaker e King lentamente se levantaram, pegaram suas próprias armas e, em seguida, pararam atrás de Tank, vigiando tudo, como guardas, enquanto Junior falava:

— Renuncie a linhagem da Família De Lange, e sangue deverá ser derramado para provar que você sangrará pela Família, por qualquer um de nós. A única saída é a morte; a única maneira de entrar é o sacrifício. — Ele ergueu a

arma novamente. — Então você pode escolher. Perna ou ombro?

Tank se ergueu lentamente e depois disse:

— Ombro.

— Boa escolha — disse Breaker atrás dele.

— Sério? — King encolheu os ombros. — Acho que uma bala na perna tem mais chances de ser de raspão por causa da mira de Junior.

— Ah, verdade. — Breaker riu. — A mira dele é uma merda, Tank, eu rezaria para que ele não acertasse acidentalmente no seu coração.

— Você tá me zoando, né?! — Tank rugiu no momento em que Chase, Phoenix, meu pai, Sergio, Dante, Andrei, Nikolai e Tex entraram no porão.

A maioria estava de calças pretas e camisas brancas enroladas acima dos antebraços, como se estivessem prestes a se sujar. Havia tantas tatuagens em seus braços, mãos e pescoço, que eu precisei balançar a cabeça e desviar o olhar.

Junior estava no processo de se marcar, assim como Ash e Breaker.

Mas acho que Chase ganhava a parada pela quantidade de arte que cobria seu corpo. Meu pai provavelmente ficaria em segundo lugar.

Balancei a cabeça em sua direção e ganhei uma piscadela enquanto os chefes esperavam que Junior terminasse.

Não tínhamos planejado que eles assistissem a isso. Mas era necessário, e eu sabia que Junior terminaria com essa história antes do funeral.

— Ele está mentindo — eu finalmente disse. — Junior é um excelente atirador.

O rosto de Junior se abriu num sorriso cruel.

— Ela só diz isso porque me deseja.

— Nos seus sonhos, babaca — retruquei.

Os chefes apenas riram. Eles estavam acostumados com os nossos entraves verbais.

— Perna, mudei de ideia, atira na minha perna. — Tank gaguejou enquanto Junior abaixava a arma.

— Ah, cara. — Breaker estremeceu. — Isso vai doer muito, não é, pai? — Tex sorriu.

— Pode até ter sorte e acertar algum osso.

— Qual é o teu problema? — Tank rugiu. — Termina logo com isso...

Junior atirou na perna dele e depois disparou outro tiro no ombro antes de guardar a arma; Tank berrava e se contorcia no chão de tanta dor.

Dinheiro passou de mão em mão entre os chefes. E eu revirei os olhos.

— Vocês apostaram o quê? — Chase sorriu.

— Se ele ia gritar.

— Eu botei cem dólares nele chorando. — Tex suspirou enquanto entregava seu dinheiro a Andrei.

Notei Nikolai parado ao fundo, se divertindo com tudo aquilo antes que seus olhos se voltassem para Ash descansando no canto ao lado de Izzy e Violet, as duas completamente imperturbáveis.

Eu conhecia aquele olhar.

Significava que ele iria acordar em breve. Significava que teríamos de conversar sobre tudo o que descobrimos.

Significava que eles contariam a Ash sobre o funeral.

Significava, como sempre acontecia quando um dos nossos caía, que ele teria de fazer o discurso fúnebre de Claire.

Fiquei puta por Ash, e sentida, tão sentida, que quis machucar outra pessoa, então quando Tank gemeu no chão, eu dei um chute nele e me inclinei.

— Relaxa, você poderia ter morrido. Pelo menos Sergio e Nikolai podem te consertar.

Os chefes caminhavam lentamente pelo local; um silêncio recaiu sobre todos quando Chase tirou a camisa e a jogou no chão.

— Quem vai ser o primeiro?

— Eu. — O sorriso de Andrei era de pura maldade.

E assim o dinheiro passou de mão em mão novamente.

Eu lentamente saí do porão e rezei para que Junior me visse fazer isso, que Junior me seguisse — porque enquanto meu pai estivesse no ringue, eu iria lutar com Junior na cama, ou talvez até contra a parede. Eu não me importava mais.

Eu só precisava dele.



Capítulo Vinte e Oito

Junior

Eu a observei passar pela porta e subir as escadas. Olhei por cima do ombro, para ter certeza de que todos os chefes estavam ocupados assistindo a luta, e então caminhei lentamente até a saída do porão.

Bem quando eu estava quase do lado de fora, senti um tapinha no ombro. Merda. Lentamente me virei e os vi: Breaker e King.

— E aí, galera?

Eles trocaram olhares, e então Breaker sussurrou:

— Precisa que a gente dê cobertura para você? — Eu suspirei de alívio.

— Se alguém perguntar, ela estava com dor de cabeça e foi se deitar.

— Ahhh, uma dor de cabeça, que bonito. — King sorriu. — E seu pau é o que, o Advil dela?

— Olha, com sua ajuda ou não, eu estou indo nessa. — Meu peito se agitou quando um frenesi tomou conta de mim. A sensação paralisante de precisar de outra dose de Serena era quase minha ruína.

— Nós te damos cobertura — Breaker disse calmamente. — Por favor, só não se mata, nenhuma boceta vale isso.

— Não é só sexo — eu rebati, sentindo meu sangue ferver. — Eu amo a Serena.

— Eita, que merda então. — King empalideceu. — Só não seja pego. Não quero planejar outro funeral.

Meu coração batia forte, balancei a cabeça e subi as escadas de dois em dois degraus, correndo ansioso para sentir o gosto dela.

A porta dela estava fechada. Eu bati.

— Serena?

— Você está sozinho? — Ela perguntou do outro lado da porta.

— Sim.

— Entre e tranque a porta.

Abri rapidamente a porta, fechei e tranquei, mas quando me virei, quase morri do coração.

Ela estava completamente nua, exceto pela sempre presente faca amarrada à coxa. Seu cabelo estava solto, cobrindo ambos os seios, e chegava quase até a cintura.

Eu nunca quis tão desesperadamente agarrar o cabelo de alguém em toda a minha existência. Eu queria enrolar na mão e puxar até que seus olhos se enchessem de lágrimas, até que ela gritasse meu nome.

Seus lábios se abriram em um amplo sorriso enquanto Serena colocava as mãos nos quadris, as unhas pretas contrastando com a pele branca.

— Bora treinar?

— Hmm... — Fui até ela e passei a ponta do dedo pelo seu braço, depois olhei para trás. Algo pareceu brilhar perto da sua prateleira. — Espera um minuto.

Fui até lá e peguei a tiara prateada brilhante, a mesma que ela usou quando foi a rainha do baile. Eu fiquei puto porque o pai dela a deixou ir, então mesmo formado, eu entrei na festa de penetra.

Nunca vou esquecer a expressão em seu rosto quando colocaram a coroa em sua cabeça: não era uma expressão de entusiasmo ou de felicidade; era cansaço, e eu sabia o motivo.

Usar uma coroa era a sua realidade.

E essa coroa… era pesada pra caralho.

Tirei-a da prateleira e levei até ela, depois coloquei-a delicadamente em sua cabeça.

— Sua Majestade.

Com as mãos trêmulas, agarrei seus quadris e fiquei de joelhos. Então respirei fundo, olhei para ela e sussurrei:

— Com minha boca, eu lhe venero.

E não hesitei. Eu, um mero servo. Fiz a festa.

Ela segurou minha cabeça para se equilibrar, mas eu precisava prová-la, precisava que minha língua deslizasse mais fundo, queria minha boca umedecida com tudo que viesse da minha rainha.

Seus quadris se moveram contra mim enquanto eu a mantinha no lugar, e então, irritado por não estar conseguindo o ângulo perfeito para saciar minha fome, me levantei e a segurei pela bunda, antes de jogá-la na cama.

Ela caiu no colchão, e a coroa escorregou para o lado, mas seus olhos estavam fixos em mim, se recusando a desviar do meu olhar.

Rastejei para a cama, agarrando suas coxas sem aviso. Eu as coloquei sobre meus ombros enquanto Serena cedia, os olhos semicerrados pelo desejo.

— Olha pra mim — eu sibilei. — Olhe para mim enquanto reivindico você com minha boca.

Um pequeno gemido escapou dos seus lábios entreabertos quando abaixei a cabeça, me curvando sobre ela, amando-a, dando-lhe cada pedaço sombrio e doentio que restava da minha alma.

Seu sabor era meu veneno. Meu vício.

E minha bênção.

E eu nunca teria o suficiente.

Seus dedos se prenderam em meu cabelo enquanto eu a chupava, e quando seu corpo ficou completamente rígido, parei abruptamente.

— Junior. — Ela balançou a cabeça de um lado para o outro. — Por quê? Por que você parou?

— Por… — Belisquei sua pele sensível e sorri. — Eu quero assistir. — Ela não se conteve.

E não parei de olhar.

Ficou gravado em meu cérebro a maneira como ela respondia à minha boca, às minhas mãos.

Após estremecer, ela finalmente se sentou, tirou a coroa da cabeça e colocou na minha, me dando um sorriso maroto antes de dizer:

— É a minha vez de servir.



Capítulo Vinte e Nove

Serena

Disse a mim mesma que não dormiria nos seus braços.

E fiz exatamente isso depois que nos exaurimos fisicamente.

O braço de Junior pesava em volta do meu corpo enquanto ele me prendia possessivamente com o esquerdo; o direito estava sob sua cabeça, como um travesseiro. Seu cabelo estava despenteado como uma auréola ao redor da cabeça. Embora fosse raspado nas laterais, em cima era tão grande, que caía para o lado. Isso o deixava tão absurdamente sexy, mesmo dormindo, que eu queria dar um soco na garganta dele.

Seus lábios carnudos se abriram, ele deu um suspiro e me puxou para mais perto.

A tatuagem de águia em seu pescoço parecia mais escura vista de perto; na verdade, todas as suas tatuagens pareciam. Comecei a passar o dedo sobre o brasão de Nicolasi em seu peito, quando de repente ele agarrou minha mão, seus olhos se abrindo.

— Merda.

— O quê? — Meu coração quase parou.

— Nós caímos no sono. — Seus olhos procuraram os meus. — Me desculpa — ele gemeu e depois esticou os braços acima da cabeça, fazendo os músculos de seu abdômen se contraírem; caramba, eu queria lamber tudo aquilo enquanto o levava a outro frenesi sexual.

— Pare de me olhar desse jeito. — Seu tom era grave, sonolento, tão sexy, que não pude deixar de passar as mãos em seu peito e depois cravar as

unhas.

O som de alguém limpando a garganta chegou até a gente.

Sem pensar, peguei a arma na mesa de cabeceira quase ao mesmo tempo que Junior, nós dois mirando na origem do pigarro perto da porta.

— Porra, cara. — Junior baixou a arma. — Há quanto tempo você está parado aí?

Ash encolheu os ombros, passando as mãos pelos cabelos grossos da cor de uísque antes de se apoiar na cômoda.

— Eu estava sentado em determinado momento… eu acho.

— Você acha? — eu perguntei, incrédula. — Ash, você está…?

Seus olhos azuis brilharam para os meus. Machucado. Dolorido. Havia tanta dor, que eu queria desviar o olhar, queria livrar Ash daquilo tudo.

— Não. Pergunta. Se. Eu. Estou. Bem.

Eu levantei as mãos e engoli em seco enquanto seus brilhantes olhos azuis se fixavam em Junior, como se algum tipo de conversa estivesse rolando entre eles, algo que só os dois pudessem compreender.

— O que está acontecendo? — Junior finalmente perguntou, recostando-se na cabeceira da cama. Parecia muito mais relaxado do que eu, tendo em vista que o assassino do grupo, também conhecido como filho de Chase, tinha acabado de nos pegar nus na cama.

Se isso tivesse acontecido antes, eu teria levado um tiro na cabeça. Eu não era estúpida; imatura, sim, estúpida, não. Só que eu não tinha ideia de que Ash faria qualquer coisa para nos manter em segurança, inclusive dar ouvidos a Chase quando ele disse para nos separar.

Os olhos de Ash mostravam que estava agitado quando ele se afastou da cômoda e começou a andar de um lado para outro. Eu não percebi que ele tinha uma faca na mão até que ele a usou para coçar a nuca, como se fosse normal usar a ponta de uma faca para fazer esse tipo de coisa.

Junior agarrou minha coxa sob os lençóis, como um aviso. E eu sabia que aviso era esse.

Ash estava prestes a enlouquecer ou a pedir de ajuda. Ambos não eram

bons presságios para a nossa atual situação: os dois pelados na cama.

Olhei fixamente para frente. Precisava mascarar o medo ao pensar que meus últimos momentos neste mundo seriam com meu primo me vendo nua nos braços do meu melhor amigo enquanto ele cortava minha garganta.

Ash finalmente parou de andar e abaixou os braços. Ele não olhou para cima.

— Eu preciso de um favor.

Não era o que eu esperava. Quase dei um suspiro de alívio.

O aperto de Junior em minha coxa se aprofundou.

— Qualquer coisa que você precisar, irmão.

Ash levantou lentamente a cabeça. Seus olhos, antes selvagens, de repente, como se um interruptor tivesse sido acionado, se acalmaram. Seus ombros relaxaram, enquanto seus lábios estavam travados em uma linha firme.

— Eu preciso que vocês jurem fidelidade a mim. Lealdade a mim e somente a mim como herdeiro da Família Abandonato.

Eu parei.

— O quê?

Nós dois éramos herdeiros, mas tecnicamente o sangue de Ash era mais puro que o meu, porque há muito tempo... pessoas se apaixonaram, depois se odiaram e se traíram, e o resultado? Meu pai e Chase eram praticamente mais próximos do que primos.

Ash suspirou.

— Todos nós seremos chefes ou subchefes um dia, de uma forma ou de outra. Mas preciso que vocês jurem lealdade a mim como seu líder. Preciso que façam um juramento de sangue para se sacrificar por mim. Para manter nossos segredos. — Ele ficou quieto e então continuou: — Para criar uma nova linhagem familiar dentro das famílias.

Era a morte. Não era coisa que se faça.

E não era somente algo malvisto, era um tapa na cara dos chefes, dos nossos pais que nos protegeram, sangraram por nós.

Era um tapa na minha cara, já que eu era a herdeira. Mas isso não era exatamente verdade, porque todos nós sabíamos que o verdadeiro herdeiro sempre foi Chase, o que significava que Asher seria o próximo na linha se eu escolhesse entregar minha coroa.

Uma paz tomou conta de mim quando percebi que era exatamente o que precisava ser feito para me proteger — para proteger nosso futuro. Era necessário um líder, e eu já liderava há tanto tempo, que estava cansada disso.

Pela primeira vez na minha vida, eu queria obedecer.

E eu queria escolher ficar com o Junior, apesar de todas as expectativas que todos tinham sobre nós dois. Mesmo que fazer aquilo não fosse o certo, sabia que seria a minha escolha. Porque se eu guardasse os segredos de Ash, ele guardaria os meus.

Proteja o reinado a todo custo, certo?

A coroa que Ash usaria era pesada, mas ainda mais pesados eram os segredos que os novos reis carregariam.

Junior deve ter pensado a mesma coisa, porque suas próximas palavras foram:

— Você armou para a gente? Queria nos encontrar assim para não termos escolha?

— Sim. — Ash nem sequer hesitou, travou a mandíbula e ergueu o queixo em desafio. — Mesmo que eu não tivesse feito isso. Me devem uma. Vocês me devem, porra. E devem isso a Claire!

— Você tem razão — eu sussurrei enquanto a culpa dava voltas no meu pescoço e apertava até quase me fazer parar de respirar. — E quanto aos outros?

— Esperando pela minha mensagem — ele murmurou.

— Então os jovens, a próxima geração... — Junior mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça como se estivesse tentando juntar as peças. — Nós criaremos nossa própria aliança.

— Os Eleitos — Ash sussurrou. — Somos o que eles nos fizeram ser. E nós protegemos os nossos. Esta é a nossa maneira de fazer as nossas promessas, o nosso vínculo, tão poderoso quanto esse, para cada uma das nossas famílias. E, no final, se você tiver que escolher, você escolhe um ao outro.

Era uma loucura.

Era uma blasfêmia. E era o certo.

Uma lágrima deslizou pela minha bochecha.

— Você pede que a gente jure nossa vida a você e que isso deve estar acima das nossas promessas de sangue a nossos pais?

— Elas podem coexistir — disse Ash com uma voz áspera. — Eu só preciso saber que não importa o que aconteça, você não vai foder comigo.

— Não importa o que aconteça — Junior repetiu com voz rouca — estamos com você.

Os minutos seguintes passaram como um borrão enquanto eu rapidamente me vestia e prendia meu cabelo em um rabo de cavalo.

Ash se virou em direção à porta e mandou uma mensagem para King, Breaker, Maxim, Violet, Kartini e Izzy.

E, um por um, todos vieram ao meu quarto. Um quarto onde eu tinha acabado de transar.

Era irônico que minutos depois começaríamos uma guerra.

Ash segurou uma lâmina sobre a mão e cortou, enquanto gotas de sangue caíam no piso de madeira em câmera lenta.

— Nosso reino — ele disse com os dentes cerrados. — Nossas regras.

— Nosso reino. Nossas regras — todos repetimos.

Ele passou a faca, e cada um fez um corte nas palmas das mãos.

E enquanto todos nós ficávamos lá com as nossas mãos ensanguentadas, Ash olhou para todos e disse:

— Este é nosso recomeço. Que os pecados de nossos pais... — Ele compartilhou um olhar com Junior. — Sejam perdoados. Amém.

— Amém — murmurei.

Cada um apertou a mão dos outros, nossas feridas se encontrando.

E quando tudo havia terminado…

Eu me virei para o meu primo e fiz a porra de uma reverência.



Capítulo Trinta

Junior

Ninguém perguntou nada aos primos mais velhos quando pedimos para passar a noite na casa de Nixon pelo segundo dia consecutivo.

Eles não sabiam que tínhamos feito um juramento de sangue para deixar Ash nos guiar para o futuro, para o nosso futuro.

Os chefes não sabiam que os próprios monstros que eles tentavam manter afastados tinham acabado de ser libertados pela ponta da faca de Ash, pelo sangue de Claire.

Precisávamos uns dos outros.

Mas também precisávamos de um plano de ação porque, por mais que eu soubesse que Ash estava enlouquecendo, ele estava certo. Não poderíamos continuar carregando os pecados dos nossos pais e não poderíamos continuar punindo pessoas inocentes só por medo.

Sempre fomos conhecidos como os Eleitos. Alguns acreditavam que éramos uma sociedade secreta; outros sabiam que éramos da máfia.

Ontem à noite, nós nos tornamos ambos.

Uma experiência quase religiosa aconteceu entre todos nós quando percebemos que não poderíamos fazer isso sozinhos, e não poderíamos fazer isso com os chefes constantemente fungando no nosso cangote.

Precisávamos de nossas próprias regras. Nossos próprios termos. Ou não sobreviveríamos.

Acabaríamos como Claire.

Naquela manhã, o percurso até a escola pareceu diferente.

Pela primeira vez desde que fomos para a Eagle Elite, fomos em dois SUVs. Pela primeira vez desde a matrícula, todos nós fomos de peito aberto, não importava o que fosse acontecer.

E pela primeira vez desde que pisei no campus, eu segurei a mão da minha namorada.

Porque o vínculo de sangue entre todos nós superava aquele que eu tinha com meu próprio pai.

Eu tinha minha família.

Eu estava olhando para ela.

Eu tinha meu futuro.

Eu estava segurando a mão dela.

Fizemos nossas próprias regras.

Porque a morte faz com que você não dê mais a mínima para porra nenhuma.

Pela primeira vez em muito tempo, sorri enquanto caminhava para a aula com a minha princesa ao meu lado.

Estava sendo um dia perfeito — até que a hora do almoço chegou, e Annie, como sempre fazia com Claire, tentou se aproximar de Ash e conversar com ele.

— Ei! — Afastei Ash dela. — Se acalma, cara, fica calmo.

— É sua culpa! — Ash rugiu.

Annie se encolheu, e então se escondeu atrás de Tank, que estava tentando mediar a situação fora de controle; o restante de nós esperava pelo inevitável, achávamos que em algum momento Ash ia explodir e Annie ia começar a chorar ou simplesmente sair correndo.

Em vez disso, ela me surpreendeu, se afastou de Tank, marchou até Ash e deu um tapa no rosto dele, gritando:

— Você não sabe o que está falando! Ela era minha amiga! Era a única

pessoa que se ofereceu para me ajudar!

— Ajudar? — Ash rugiu. — No que raios ela te ajudou?!

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Annie tirou o cardigã e jogou-o no chão, pisando nele como se isso a irritasse.

Eu queria fazer uma piada sobre quão aliviado Ash deveria estar, mas fiquei imóvel quando vi os hematomas em seus braços, hematomas que estavam cobertos pelas mangas do cardigã.

Ash empalideceu.

— Annie, que porra é essa?

— Não. — Seu lábio inferior tremeu. — Você não tem direito de me olhar desse jeito. Ela estava me ajudando. Tentando me proteger deles! E agora... — Ela fungou. — Agora...

Ash ficou parado enquanto Tank puxava Annie para abraçá-la. Eu não conseguia entender o que tinha causado tantos hematomas nela, mas estava pronto para matar alguém.

E pela cara de Ash e de todo mundo... o desejo era coletivo.

Alguns dos garotos De Lange testemunharam a conversa com medo nos olhos, e então me perguntei o que estávamos fazendo com a nossa vida se não estávamos protegendo aqueles que não conseguiam se defender.

Bati no banco do parque com a mão antes que pudesse me conter e gritei:

— QUEM FOI?

Annie deu um pulo.

— O quê?

— Quem fez isso com você?

Ela engoliu em seco, o rosto branco.

— Deixa isso pra lá.

— Não. — Ash deu um passo hesitante em direção a ela e então, com uma voz estranhamente possessiva, sussurrou: — Me diz quem tocou em você, para que eu possa quebrar as mãos dessa pessoa. Me diz quem estragou sua pele

para que eu possa estragar a cara dele. Me diz, para que possamos consertar isso; caso contrário, vou começar a surrar aleatoriamente pessoas que aparentem ser merdinhas que sentem prazer em machucar mulheres inocentes.

Ela engoliu em seco e pareceu tentar se recuperar enquanto sussurrava.

— Meu pai adotivo sempre foi legal com minha mãe adotiva, muito legal, mas aí…

Ash balançou a cabeça, pegou a arma, entregou-a a Annie, confusa, e disse:

— Você tem o direito de matá-lo. Nós damos cobertura.

— O quê? NÃO. Eu jamais conseguiria! — Annie tentou devolver a arma. Mas Ash não aceitou; em vez disso, ele a puxou para seus braços e sussurrou algo que nunca esquecerei:

— Para ser quem você deveria ser, você precisa fazer isso. Quando o poder é tomado, deverá ser roubado de volta.

Em minutos, dois Escalades estavam parando o campus.

Doze dos De Lange nos observaram enquanto nos preparávamos para a guerra. Eu me perguntei se eles entendiam o que estava acontecendo.

E então, um por um, cada um caminhou até Asher, colocou a mão trêmula em seu ombro e beijou sua bochecha direita, passando por ele para entrar nos SUVs que os esperavam. Não tínhamos espaço para todos, o que Tank resolveu liberando sua caminhonete.

Ash entendia o quanto essa nova aliança seria perigosa se seu pai descobrisse? Quão perigoso seria para todos nós quando os jovens percebessem que não havia saída depois que entrassem?

O orgulho encheu meu peito a cada garoto De Lange que entrava. Eles nem estavam armados, mas tinham seu orgulho, o usavam como uma armadura.

E sem dizer nada...

Eles juraram aliança, sua lealdade.

Para a próxima geração.

Para os Eleitos.

Para nós.

Tínhamos feito com sucesso algo que nossos pais falharam. Tínhamos dado a eles algo pelo que lutar.

Em primeiro lugar, tínhamos dado a eles um motivo para lutar. E nós demos a eles um líder.

Eu só esperava que, quando nossos pais descobrissem, eles não nos vissem como uma ameaça, mas como salvadores.

Annie nos deu instruções para chegar à casa dela, e depois de discutir com Ash, ficou no carro tremendo enquanto Serena a abraçava. Algumas garotas De Lange deram a ela lenços de papel enquanto Ash entrava para explorar a casa com Tank.

Quando eles voltaram, ambos estavam com expressões vazias.

Eles simplesmente entraram no carro e, sem dizer nada, levaram todos de volta para a casa de Nixon.

Segurei a mão de Serena e observei admirado os portões se abrirem, enquanto deixávamos entrar em casa o próprio “mal” que nossos pais tentaram destruir. O próprio mal que vivia em minha alma.

Dentro do reino.

Por um breve momento, tive esperança. Esperava que, talvez, apenas talvez, o rei que acabara de me coroar se ajoelhasse em vez de desembainhar a espada.



Capítulo Trinta e Um

Serena

A casa estava silenciosa. Os homens de terno que sempre circulavam pela casa nos observavam com horror estampado no rosto, mas não fizeram nada.

Porque eles não conseguiam levantar um dedo para a realeza da máfia, a menos que os patrões permitissem.

Então, marchamos, com o inimigo dos nossos pais tremendo ao nosso lado.

Sem dizer nada, Junior e eu fomos na frente e abrimos o porão.

— Lá embaixo — Junior rugiu.

Acenei para ele enquanto todos desciam, nosso próprio exército particular, nossa nova família. A Família dos Eleitos.

Um por um, eles foram até o porão, perto do ringue; Asher e King protegendo a retaguarda do grupo.

A porta do porão foi trancada com um clique retumbante.

E lá ficamos, alinhados diante deles, como os generais que éramos. Ash, eu e Junior no meio. Maksim, Breaker, King e Tank atrás, com Izzy, Annie e Violet no meio.

— Vocês sabem por que estão aqui — Ash disse com uma voz áspera, seu rosto contorcido de dor enquanto olhava para cada um deles, quatro garotas, oito garotos.

Peguei minha arma e segurei-a abaixada na minha frente.

— Sim. — Um deles deu um passo à frente; ele parecia ter a minha idade, seus olhos se voltaram brevemente na minha direção e depois retornaram para Asher. — Queremos entrar.

— No minuto em que você entrou naquele carro... — Junior disse com um sorriso malicioso. — Você já estava dentro… — Ele deu um passo à frente e estendeu a faca. — Ajoelha.

Merda.

A mandíbula do cara travou, e então ele lentamente se ajoelhou enquanto Junior segurava a faca sobre sua cabeça. Com uma careta, Junior enfiou a faca na palma da mão e borrifou o sangue na cabeça inclinada do cara.

— A quem você responde? — Junior rugiu.

— Você — o cara gritou.

— A QUEM? — Junior gritou, dessa vez ficando cara a cara com ele. Foi um momento que nunca esquecerei, um momento em que um interruptor foi acionado, talvez um momento em que o sangue reconheceu o sangue.

O cara olhou para o rosto de Junior e sussurrou:

— Ao verdadeiro herdeiro e nosso verdadeiro chefe.

Junior respirou fundo, e num instante, vi uma linhagem familiar passar de ser eliminada… para renascer.

E assim, a traição final aos nossos pais… começou.

Cada um jurou lealdade à linhagem De Lange-Nicolasi e depois a Ash como nosso líder.

Eu estava emocionalmente exausta quando tudo acabou. Quer dizer, como alguém explicava as regras da máfia para crianças que cresceram sabendo que tinham de se esconder daquilo que as criou? O próprio sangue que os chamava? Este gritava por vingança.

— Temos um pequeno problema — disse Breaker depois que fizemos as apresentações formais e basicamente lhes dissemos que éramos donos do sangue que corria em suas veias.

— Pequeno? — Eu quase ri.

— Ah, isso? — Ele acenou. — Este é um grande problema, não estou falando sobre isso. Estou falando do fato de nenhum deles saber lutar.

Fiquei boquiaberta.

— Espera, nenhum deles?

— Olha. — Ele assobiou para um dos caras. — Matt, me dê um soco.

Matt tinha o cabelo curto, pele de bebê, sem tatuagens, e olhos verdes que pareciam tão inocentes, que me perguntei se ele iria chorar.

— Ahn... — Ele ficou de pé e descuidadamente soltou um gancho de direita.

Breaker esquivou e o empurrou no chão, em seguida, suspirou.

— Viu? Para que serve um exército se ele não sabe dar um soco?

— Talvez, se eles tivessem pais que os ensinassem... — Tank disse, todo passivo-agressivo ao nosso lado.

Eu o encarei.

— Já sei.

Ele ergueu as mãos.

— Só um comentário…

— Vamos treiná-los — eu disse como se fosse simples assim, e recebi como resposta um monte de olhares irritados. — O quê? Não podemos treinar aqui, obviamente, mas podemos treinar no Spot, transformá-lo de casa de festa em base da máfia.

— Ash? — Junior olhou para ele. — O que você acha?

— Acho que quando os pais descobrirem que fizemos isso, talvez precisemos nos esconder por alguns dias. — Ele suspirou. — Até então, vamos tirar todo mundo daqui antes que Nixon chame todos os chefes e aconteça um banho de sangue. É melhor falar na cara do que deixar que outros…

O som da porta do porão se abrindo nos chamou atenção. E então passos.

Diversos.

Eles eram duros. Com propósito.

Nervosos. E lentos.

Junior me empurrou para trás dele enquanto Ash fazia o mesmo com as meninas. Os De Lange pareciam prestes a se cagar, como é de se esperar, e ficaram bem no fundo. Quer dizer, não era como se pudéssemos nos esconder por muito tempo, além disso, dava para sentir o cheiro do medo, tinha um aroma metálico no ar que parecia de alguma forma tornar mais difícil respirar à medida que os passos se aproximavam.

Meu pai foi o primeiro. Suas mangas enroladas até os cotovelos, as calças pretas pareciam quase casuais, enquanto seus olhos se voltavam em minha direção.

Parte de mim quase riu, porque se ele achou que isso era irritante, então, bem, era só me perguntar em quem eu botei a boca ontem à noite.

Ou foi pela manhã?

Junior pigarreou antes de mim.

Phoenix foi o próximo. Eu sabia que ele já tinha voltado. Ele passou a mão pelos cabelos enquanto olhava para a gente com tanta decepção e raiva, que pude sentir Junior se encolher ao meu lado.

Tex e Sergio entraram em seguida.

E então Dante e Chase se posicionaram, um de cada lado. Foi um pouco alarmante que Andrei também tivesse aparecido com Vic, um dos homens de Chase. E o que era ainda mais alarmante?

Meu avô Frank estava com eles, e, ao lado dele, meu tio Luca Nicolasi, que não víamos há pelo menos uma década. Ele se escondeu anos atrás junto com Frank. Mas eu sabia que meu avô ainda estava por perto; ele me enviava cartões no meu aniversário, mesmo tendo desaparecido.

— Olha, que reunião de família feliz — disse Breaker baixinho. Eu o encarei.

— Tem como não agir como você age normalmente agora?

Ele piscou.

— O que é que eles podem fazer? Atirar na gente?

— Sim — Junior e Asher disseram em uníssono, o que não me ajudou a lidar com a raiva dirigida a nós.

O funeral de Claire aconteceria no dia seguinte. E eu precisava me perguntar: nossos caixões se juntariam ao dela?

— Serena! — meu pai rugiu meu nome tão alto, que sobressaltei. Mas eu não me mexi.

Levantei meu queixo em desafio.

— Sim?

— Venha aqui agora.

Eu dei a ele um sorriso triste.

— Eu não posso fazer isso.

— Me faria atirar em você então? — ele perguntou inocentemente.

— Se for necessário — eu disse com uma voz forte. — Mas não estou aqui para bancar o escudo humano. Eu devo obedecer a outra pessoa agora.

— Obedecer. A. Outra. Pessoa — ele repetiu lentamente. — E quem é essa outra pessoa?

— Eu. — Asher deu um passo à frente, e o choque que atravessou o grupo de homens teria sido hilário se não estivessem todos armados.

Os olhos de Chase mostravam ira.

— O que caralhos você fez?

— O que você não fez — ele retrucou. — Eu dei a eles uma escolha.

Chase rugiu:

— Você não tem ideia... — E então se conteve. — Não faz ideia de que tipo de traição é essa. Trazer essa sujeira para a casa de Nixon! Para dentro dos nossos muros seguros! Você não tinha o direito de pedir a eles para se juntarem! Esse direito é apenas do chefe! E essa linhagem está oficialmente morta!

— Você não pode matar o sangue que ainda flui — Junior falou. — Vai por mim, eu tentei.

Uma sombra cruzou o rosto de Phoenix, mas Junior continuou falando:

— Certo, pai? Você não pode esquecer quem você é, de onde você veio, não importa quantas vezes você mude de nome.

— Chega! — Chase retrucou.

— Você quer que sejamos independentes, mas apenas se seguirmos suas regras. Bem... — Ash encolheu os ombros. — Suas regras são uma merda. Então criamos as nossas. Permaneceremos leais à Família, às nossas linhagens, a todas as nossas linhagens.

— Todas elas — Junior ecoou, e então, em um movimento que eu não esperava, ele apontou e cravou a ponta da sua faca no antebraço, o sangue vermelho escorreu em torrentes enquanto ele fazia corte após corte, até que a faca caiu no chão.

Eu ofeguei quando ele tirou a camisa e limpou o sangue. Ele havia estragado sua pele perfeita.

Criou uma cicatriz sangrenta de uma fênix. O brasão De Lange.

Phoenix deu um passo adiante e depois outro, até ficar na frente de Junior, agarrar seu antebraço e puxá-lo.

Eu nunca fiquei tão apavorada em toda a minha vida quando Phoenix tocou a testa de seu filho, depois beijou cada uma de suas bochechas e sussurrou:

— Você tem razão.

Exalamos quando ele olhou para cada um e depois balançou a cabeça.

— Fico fora por duas semanas... — Ele se virou. — E tudo isso sob o seu teto, Nixon?

— Ele estava muito ocupado despindo a esposa — Dante disse baixinho.

— Eu só tenho uma pergunta. — Phoenix largou o braço de Junior. — De quem foi essa ideia?

Ah, a merda estava prestes a ser jogada no ventilador. Ash deu um passo à frente e disse com uma voz séria:

— Todos eles juraram fidelidade. Cada um deles... — Ele olhou para o pai e estreitou o olhar. — A mim.

Chase avançou, mas foi parado por Nixon e Dante.

— Como você ousa? — Chase rugiu. — VOCÊ SABE o que eles fizeram conosco! VOCÊ SABE!

— Chase... — Tex o empurrou de volta. — Controle-se.

Mas o estrago estava feito, não estava?

A confiança entre pai e filho… quebrada.

Tudo porque o coração de Ash não era mais seu — ele estava enterrado no chão frio e duro. Ele não tinha mais nada a perder.

Então, Ash escolheu se vingar da única maneira que sabia.

Abraçar o inimigo e subir ao poder de uma forma que tornaria impossível os chefes o desafiarem.

Porque eles não matariam seus únicos herdeiros. Não quando eles precisavam da gente tão desesperadamente. Não quando estávamos unidos, e não separados.

— Os pecados dos nossos pais… — Ash falou calmamente. — Não estão mais sobre os nossos ombros. Nós os repreendemos. Não cometeremos seus erros, então não nos peça para fazer isso, porque nos obriga a dizer não na cara de vocês. Vocês querem que a gente lute por sangue. — Ele apontou para Junior. — Bem, parabéns, nós acabamos de fazer isso.

Lentamente, Junior e Ash começaram a se aproximar; os chefes se separaram, a maioria com sorrisinhos no rosto ou olhares de orgulho.

Na verdade, todos pareciam bem satisfeitos, o que era confuso; todos menos Chase.

Não, ele tinha assassinato escrito nos olhos, e por uma fração de segundos me perguntei se haveria um banho de sangue, já que seu único trabalho durante um bom tempo foi caçar os De Lange e matá-los. Ele foi o único responsável pela limpeza familiar após a traição da sua falecida esposa.

Mas Tex o segurou com firmeza, sussurrando algo baixinho que deixou Chase imóvel. E então ele sussurrou outra coisa.

— Líder.

Chase fechou os olhos com força e franziu o rosto; em seguida, com um aceno firme na direção de Ash, ele os deixou passar. Junto com toda a massa de crianças De Lange, que tremia.

Nós os levamos para a sala de cinema e fechamos a porta. Minhas mãos tremiam quando rapidamente fui até Junior e o abracei.

Asher pigarreou, e eu imediatamente dei um salto.

— O quê?

— Não em público. — Seus olhos procuraram os meus. — Já estamos na corda bamba. Se eles descobrirem sobre vocês, isso pode nos derrubar.

Eu queria mandá-lo para o inferno, mas não consegui. Não mais. Então eu sussurrei:

— Eu entendo.

E tentei conter as lágrimas.

Lágrimas de orgulho por Junior ter defendido sua família, seu sangue, por mais triste que fosse.

E lágrimas de estresse por ele ter sido tão facilmente tirado de mim, num piscar de olhos; em poucos segundos, acabou.

— Você precisa botar alguma coisa nisso — eu disse, apontando para seu antebraço, que não tinha parado de sangrar. O que era assustadoramente preciso quando se tratava do brasão da família. — Vem.

Havia um banheiro que dava para o corredor, mas que também tinha uma porta para a sala de cinema. Agarrei sua mão e o puxei para dentro daquele banheiro, depois fiz questão de fechar e trancar as duas portas.

Antes que eu pudesse me virar, Junior me pegou em seus braços, me levantando sobre a pia, manchando minha saia preta e a parte superior das minhas coxas com sangue.

Ele me beijou enquanto sangrava.

Sua boca me reivindicou repetidas vezes enquanto sua raiva e desespero se chocavam violentamente.

Com um grunhido, ele abriu minhas coxas.

— Eu preciso de você.

— Você me tem. Você sempre me terá. Sempre que precisar de mim. — Eu me afastei, os lábios inchados. — Afinal, vivo para servir meu rei. — Lentamente, muito lentamente, abri bem as coxas enquanto ele caminhava entre elas, me puxando contra sua ereção dura. Ele estava muito quente e pronto. Estendi a mão para agarrar sua calça, mas ele me empurrou contra o espelho, parecendo um deus furioso enquanto seus olhos selvagens se fixavam nos meus.

Rei e Rainha.

Prazer e dor.

Já houve no mundo um amor como o nosso, eu me perguntei.

Santo e pecador, Céu e Inferno.

Estávamos em todos os extremos e mais além.

E eu não gostaria que fosse de outra maneira.

Seus dedos deslizaram pela minha coxa e agarraram a calcinha. Quando ele deu um puxão agressivo, ela se transformou em nada além de retalhos em suas mãos ensanguentadas. Realmente, eu precisava parar de usá-las se ele continuasse com essa mania de as destruir.

Eu me recostei e dirigi um olhar preguiçoso em sua direção.

— Toda sua.

— Sim. — Seus olhos brilharam quando me agarrou pelos joelhos e me puxou para frente. — Toda minha.

— Ambicioso. — Soltei um gemido ofegante quando seus lábios encontraram meu pescoço.

Entre mordidas e beijos, eu me contorci por mais dele, e então, com um movimento rápido, ele se libertou e me penetrou.

Junior abafou meu grito com a boca e entrou com força. Agarrei sua cabeça com as mãos enquanto observávamos um ao outro, nenhuma palavra sendo dita, apenas ações foram realizadas, apenas os movimentos bruscos do meu corpo enquanto ele me reivindicava.

Isso e o murmúrio do outro lado da porta, que parecia ser meu pai.

— Deixe eles fazerem o que quiserem, Chase.

Junior tapou minha boca com a mão enquanto eu fechava os olhos com força e tentava ficar quieta, e provavelmente teria conseguido, mas Junior se recusava a parar de se mover. Pior, suas investidas ficaram mais selvagens. Em um movimento rápido, ele saiu de mim, me fazendo encostar o rosto na porta, minhas mãos espalmadas enquanto meu pai conversava com Chase.

— Eles são fortes — disse Chase, quase irritado. — Mais forte do que éramos.

— Nós os fizemos assim. — Phoenix se juntou à conversa.

Um grito abafado escapou de meus lábios quando Junior me comeu a poucos metros dos chefes, a poucos metros do meu pai, enquanto o herdeiro do trono Nicolasi me possuía, me tornava dele.

— Escutou o que ele disse? — Junior sussurrou, me puxando levemente para trás pelos cabelos enquanto seus lábios encontravam meu pescoço. — Lembre-se de quem você é... lembre-se de a quem você serve.

— Você, você — eu choraminguei em um sussurro.

— Você deixou de ser filha de Nixon Abandonato no minuto em que me deixou entrar em sua alma, no minuto em que provei você, e agora você é minha. E um dia. — Ele me comeu com mais força, enquanto o prazer me dominava tão intensamente, que eu não conseguia respirar. — Um dia, ele vai saber quão maculada sua princesa ficou. Porque quando você deixa o Rei Nicolasi te fazer gozar, está simultaneamente deixando um De Lange te dar prazer. Você pega ambos ao mesmo tempo. Bom e mau. Monstro e homem. E um dia ele saberá. Sou eu quem mantém sua lealdade, seu corpo, seu coração. — Meu orgasmo estava se espalhando quando ele finalmente sussurrou. — Sua alma.

— Sim. — Sem fôlego, encostei a testa na porta e suspirei. — Sim. — As vozes desapareceram.

Junior me abraçou, ainda pulsando dentro de mim. Ainda me fazendo querer mover meus quadris.

E quando olhei para baixo, percebi que seu antebraço ensanguentado estava pressionado contra meu peito, contra meu coração.

E em voz baixa, eu disse:

— A fênix ressuscitou.



Capítulo Trinta e Dois

Junior

A casa de Nixon se tornou oficialmente o lugar em que dormíamos. Acho que alguns dos primos estavam bastante amedrontados, porque, se voltassem para casa, suas mães poderiam atacá-los por causa do que havia acontecido com os De Lange. Inclusive minha mãe.

Porque se alguém acha que um chefe da máfia é assustador, então realmente não deve irritar uma das mães.

Estremeci só de pensar nisso.

Lembro da minha mãe me dizendo que se eu engravidasse uma garota que não fosse a minha esposa, ela enfiaria um garfo em uma das minhas bolas e ainda faria com que parecesse um acidente. Depois, me serviria a iguaria na forma de uma almôndega.

Eu tinha quatorze anos.

Até hoje, espaguete com almôndegas me dá ânsia só de lembrar que ela gostava de me servir com todo carinho toda vez que eu arranjava um encontro com uma garota, na época do ensino fundamental ou médio.

Mal ela sabia que todas aquelas garotas eram apenas uma forma de fazer Serena acordar, e quando isso aconteceu, usamos as garotas como uma forma de encobrir o fato de que dormíamos juntos.

Funcionou até minha mãe perguntar por que não encostava nas garotas durante o jantar. Usei a desculpa da almôndega.

Era quase meia-noite, e já tínhamos mandado os De Lange de volta ao campus junto com um dos SUVs e homens de terno suficientes para mantê-los

seguros, e para que não se cagassem durante a viagem de vinte minutos.

Era uma possibilidade muito real, considerando a quantidade de gente se tremendo de medo durante nossa sessão de cinema amador; essa foi uma outra forma que bolamos para tentar acalmá-los.

E quando não funcionou, demos vinho a eles.

Eu estava esperando para entrar no quarto de Serena, sabia que Nixon era uma pessoa noturna, então enquanto esperava o cara finalmente ir descansar em seu escritório, desci as escadas e decidi ir malhar um pouco.

Porém, Nixon não estava no escritório; ele estava no ringue, e Asher estava no chão sangrando embaixo dele.

— Puta merda! — eu rugi. — Você o matou?

Nixon franziu a testa para mim, o suor escorrendo pelo abdômen musculoso.

— Por que eu o mataria?

— Por causa do que aconteceu hoje? Olha, se você está puto desse jeito por apenas nos destacar, então... — Asher ergueu a mão antes presa.

— Eu pedi a ele… Escrevi… o discurso fúnebre…

— Merda. — Peguei uma das garrafas de água e joguei para Nixon, em seguida observei Asher gemer e se sentar. Escorria sangue de seu queixo e, por algum motivo, da sua orelha direita.

— Você está horrível.

— Isso é o que acontece quando você pede para lutar com alguém mais assustador do que você — Ash resmungou. — Eu disse: *me faça esquecer*, não *me mate, por favor*.

— É, eu costumo confundir essas coisas com frequência. — Nixon deu um sorriso. — Acho que meu trabalho aqui está concluído. Não fique acordado até tarde. Temos o funeral amanhã, e não quero ver nenhum de vocês bêbado.

— Nós nunca faríamos isso — eu menti e então sorri.

Nixon apenas me olhou; em seguida, estendeu a mão e agarrou meu antebraço.

Eu ia deixar a ferida cicatrizar como deveria.

— Seu pai ressuscitou das cinzas. — Nixon suspirou. — Então derrubou toda a família, apenas para que o filho, seu herdeiro, ressuscitasse o mal que tentamos manter afastado. Espero que, para o seu bem, vocês dois saibam o que estão fazendo.

Afastei meu braço e dei de ombros.

— Estamos fazendo o certo, que também é a única coisa que sabemos fazer. Derramar mais sangue De Lange no chão não mantém vocês em segurança, Nixon, apenas rouba mais pedaços da sua alma, pedaços que nenhum de nós realmente pode abrir mão. Se alguém nos contrariar, sabemos o que fazer, mas até lá, os pecados do pai... — Não terminei, mas algo brilhou em seus olhos, algo que me deu vontade de dar um soco.

— Os pecados do pai — ele repetiu, me lançando outro olhar estranho, diferente do normal de Nixon. — E você reconhecidamente se parece mais com ele ou com sua mãe?

— O que você acha? — soltei.

— Ele é todo Phoenix — Asher resmungou do chão. — Até no jeito como ele fode. — Eu sabia que tinha escapado antes que Ash pudesse se conter.

E eu soube naquele momento em que me encolhi, que provei ser verdade o que Ash disse — o que significava que agora eu parecia culpado na frente do pai da minha namorada.

O ar pareceu pesado e frio.

— Há algo que você queira me dizer, Junior? — Nixon se inclinou até que eu pudesse sentir o cheiro de sangue e suor da sua pele.

Levantei o queixo e respondi:

— Não, senhor.

Seus olhos azuis se estreitaram em pequenas fendas quando ele pressionou a mão no meu ombro.

— Você tem certeza disso?

— Sim — eu menti. — Tenho certeza.

— Tudo bem então. — Seus olhos se voltaram para o meu outro braço. — Engraçado como você tem o brasão De Lange de um lado e minha confiança no outro. — Ele cerrou os dentes em um sorriso de escárnio. — Não a perca.

— Não me provoque — eu rebati.

— Ei, ei. — Ash ficou de pé, ainda de modo vacilante. — Foi um longo dia. Nixon acabou de me dar uma surra, então provavelmente estão sentindo o cheio de testosterona lá em cima. — Ele deu um empurrão leve no tio e depois brincou: — Quer que eu quebre a cara dele por você, Nixon?

Eu bufei.

— Até parece que consegue.

Nixon finalmente sorriu, saiu do ringue e pegou sua camisa.

— Lembrem-se do que eu disse, pessoal.

— Tá, tá — disse atrás dele, tentando parecer que não estava pronto para bater minha cabeça contra o objeto pontiagudo mais próximo. — Sério, Ash? — eu sibilei assim que Nixon se foi. — Você tinha que dizer aquilo?

— Minha namorada morreu, e eu estou com hemorragia interna. Desculpa se estou perdendo o filtro social… Porra, perdi todos os filtros. Tô ferido.

— É, você parece estar bem ferido mesmo. — Olhei para seu corpo.

— Aqui, não. — Lágrimas encheram seus olhos. — Aqui. — Ele bateu no peito e apontou com a cabeça para o banco onde sua bolsa estava. — Eu escrevi esse texto uma centena de vezes, mas nada fez justiça a ela, nada fez o que eu sentia por ela parecer algo verdadeiro, exceto paixão, desejo e talvez um pouco de amor polvilhado nisso tudo. Como você conta para quem não entende que falta uma parte da sua alma? Que talvez nunca recupere essa parte? Na maior parte do tempo, eu só quero que a dor vá embora.

Eu o puxei para um abraço apertado, com sangue, suor e tudo.

— Você não tem que provar nada a ninguém no funeral de amanhã. Tudo o que precisa fazer é honrar a vida que ela teve ao seu lado. Faça isso e vai se sentir melhor.

Ele me abraçou com mais força.

— Você vai ficar comigo?

Minha garganta deu um nó.

— Estarei com você na vida e na morte. Estarei ao seu lado para sempre, Ash.

— Não importa o que aconteça?

Eu bati meu punho em suas costas.

— Não importa o que aconteça. Mesmo que o mundo queime ao nosso redor. Conta comigo.

— Mesma coisa aqui, irmão. Mesma coisa.



Capítulo Trinta e Três

Junior

Eu odiava funerais.

Eles me faziam lembrar que a vida é passageira.

Eles também me lembravam que eu provavelmente não viveria até meu próximo aniversário, especialmente considerando como foi a conversa com Nixon na noite passada. Ele estava suspeitando de algo.

Eu precisava ter mais cuidado.

Meu terno preto parecia apertado. Eu estava aguardando que Ash parasse de vomitar no banheiro. O cara estava uma bagunça.

Ele viu o caixão e não deu conta.

Todos nós passamos pelo caixão aberto, mas ele não conseguiu, disse que queria se lembrar de como ela era quando viva, com as bochechas coradas e a vida de seu bebê em seu corpo.

Nenhum de nós contou ao restante dos chefes, e presumi que Nikolai manteve isso em sigilo. Não era segredo dele mesmo, mas também não era segredo de Ash, pelo menos não quanto aos pais dela.

Eles também precisariam viver o luto, não apenas por Claire, mas pelo bebê que ela e Ash conceberam.

Ele comentou que ela estava com apenas oito semanas, mas isso não fazia mais diferença, não é? Aquele bebê estava vivo, crescendo, e agora estava no céu junto com a mãe.

Por causa do ódio de alguém.

Aquele bebê não teve a chance de ver a luz do dia.

Engoli em seco, sentindo um nó na garganta, enquanto pegava meu frasco de uísque; levei aos lábios e tomei um gole, quando notei Violet saindo cambaleando do banheiro feminino da igreja.

Ela puxou o vestido preto justo para baixo e depois arrumou o cabelo. Violet puxou de Luc aquele tipo de beleza clássica que mexe com qualquer um, e era tão doce, que eu ficava feliz por ela estar fazendo medicina. Era bacana que os chefes tivessem dado passe livre a ela, já que um dia seria a médica da família.

Seus lábios carnudos e vermelhos formaram um sorriso secreto.

Quase acenei para ela, em vez disso optei por me esconder no mesmo lugar de antes, numa esquina.

Alguns segundos se passaram, ela olhou por cima do ombro e então Breaker apareceu apertando sua bunda.

Meu queixo caiu quando ela sorriu e disse para ele ficar quieto.

Seu cabelo estava completamente desarrumado, a camisa com pelo menos três botões desabotoados enquanto ele a enfiava dentro da calça.

Não. Eles não podiam. Quer dizer, eles podiam. Foi por causa do funeral? As emoções eram muito intensas, as pessoas estavam tristes, e sexo provavelmente acontecia tanto em funerais quanto em casamentos.

Felizmente, estávamos numa parte privada da igreja que havia sido isolada por motivos de segurança da Família.

E todos já estavam sentados.

— Ei. — Ash saiu do banheiro e pegou meu frasco, tomando dois goles e se preparando para virar na direção errada.

Passei um braço em volta dele e depois dei um tapinha em seu peito, direcionando-o para longe de Violet e Breaker.

Porque a última coisa que ele precisava era assassinar um dos primos no dia em que faria um discurso fúnebre para a namorada.

— Você está mais tenso do que eu. — Claramente o álcool estava afetando Ash. Seus olhos estavam nebulosos, mas ele ainda não estava

cambaleando. Ash só precisava passar por isso, depois eu lutaria com ele e então não doeria mais. Porque era isso que os irmãos faziam, certo? Eu só queria poder livrá-lo daquela dor toda.

— Pois é, você sabe como é essa coisa de funeral, deixa todo mundo um pouco... tenso.

— É — ele resmungou.

— Você consegue, cara — eu disse calmamente. — Estarei ao seu lado.

— Fazer isso significa dar um adeus definitivo. — Ele mal conseguia pronunciar essas palavras. — Isso significa que aconteceu. Isso significa que não é um pesadelo. Isso significa que vou enterrar os dois.

Dois.

Apertei os olhos.

— Você acha que, no mundo em que vivemos, uma alma de repente fica em silêncio por causa da morte?

— Eu não sei mais. — Sua voz estava embargada. — Mas eu sei que dói. E meu único consolo é saber que pelo menos sinto dor enquanto eles descansam.

Meu coração ardeu no peito, e eu lentamente balancei a cabeça concordando. Caminhei lado a lado com ele até os fundos da igreja, onde Nikolai estava falando.

Dois minutos depois, ele introduziu Ash ao público.

E caminhamos lado a lado pelo corredor para fazer seu discurso. Para fazer uma oração final de paz.

E para lamentar a morte – de sua melhor amiga.

Notei um movimento na última fila. Todas as crianças De Lange tinham vindo, algumas com os pais adotivos.

Lenta, mas de maneira firme, os De Lange, a linhagem limada, a linhagem que era mais odiada, levantaram-se em solidariedade enquanto Ash e eu caminhávamos.

Eu só tinha ouvido falar disso uma vez antes.

E foi no funeral da primeira esposa de Chase, Mil De Lange. Eles estavam com Chase, apesar do que a esposa tinha feito; eles estavam com Ash agora, apesar do que seu sangue tinha feito.

E enquanto caminhávamos, todas as pessoas na igreja se levantaram, homenagearam os que caíram, homenagearam os que ficaram para trás, homenagearam os que restaram para juntar os cacos.

E quando Ash olhou para a comoção naquele dia, juro que parecia que sua coroa estava enfim firmemente presa à sua cabeça, assim como a minha.

Eu fui batizado com sangue ruim. Enquanto ele foi batizado com morte.

Ambos nos criaram, nos formaram, e ambos nos definiriam.

— Podem sentar — Ash disse corajosamente ao microfone. — Pedi ao meu melhor amigo para ficar aqui comigo porque não tinha certeza se conseguiria sobreviver. Para além disso, às vezes, a gente só precisa de pessoas que ama ao nosso lado para lembrar que, em um mundo cheio de ódio, o amor ainda existe. — A sala estava tão silenciosa, que eu podia ouvir minha respiração enquanto fixava o olhar em Serena. Eu me recusava a desviar o olhar enquanto pensava: *deixe-os ver quem é a dona do meu coração, deixe-os ver,* porque mesmo na morte, eu só seria... dela. Ash continuou: — Basta um segundo, e a vida pode ser arrancada de você. Na verdade, discuti com Claire naquela manhã. Ela queria fazer compras, e eu queria mandar segurança com ela. Ela finalmente venceu a discussão, porque era parte russa e absolutamente assustadora quando queria ser.

Todos deram risadinhas.

— Mas eu encararia essa discussão várias vezes, eu aceitaria sangue, guerra e espancamentos só para abraçá-la uma última vez. Para dizer a ela que sinto muito por não poder protegê-la. Para dizer a ela que sinto muito por não ter conseguido mantê-los seguros... — Sua voz falhou. — O momento em que você percebe que sua vida nunca mais será a mesma, quando você percebe que seu amor criou uma vida que você nunca terá a chance de ver, é bastante pesado.

Os olhos de Serena se encheram de lágrimas. Quando uma transbordou, eu não desviei o olhar. Eu não consegui. Ash demorou um minuto para voltar a falar.

— Ela estava grávida. — A sala ficou tensa. — E estávamos tentando

descobrir como lidar com aquilo, ficamos abalados com a verdade brutal de que criar crianças nesta atmosfera é tudo menos fácil, tudo menos inocente, e ficamos arrasados com a ideia absolutamente horrível de que iríamos falhar. Mas ela me lembrou, numa época em que eu precisava desesperadamente de esperança, que nossos pais foram bem-sucedidos nisso. Que eles criaram uma geração de guerreiros, da realeza da máfia, uma geração que protegeria para sempre o seu sangue até o último suspiro. Ela me lembrou quem eu era, me fez lembrar do sangue que corria nas minhas veias. Ela me lembrou que o medo só faz roubar tudo, deixar impotente, e que vencer esse medo é o que faz de você um homem.

— Eu te amo — Serena murmurou para mim.

— Eu também — eu murmurei de volta.

Deixei que vissem nosso amor. Deixem que nos odiassem por isso.

Estava cansado. Cansado demais.

— Sentirei falta da minha melhor amiga até o último suspiro que eu der, mas me recuso a andar com medo. Eu me recuso a me encolher. Na verdade, a morte de Claire não despertou a fera. Fez, sim, ressurgir dentro de mim o gigante adormecido que sempre esteve ali, que só precisava de um empurrãozinho de uma mulher muito sábia para entender o que a vida significa. Serei eternamente grato ao amor da minha vida. E ficarei de luto por ela até me juntar a ela, seja quando for. Obrigado por terem vindo homenageá-la hoje e obrigado por homenagear as Famílias com sua presença. — Ele olhou para a multidão, respirou fundo e terminou. — Sangue dentro. Não fora... exceto na morte.

— Sangue dentro — todos responderam. — Não fora.

— Amém — Ash sussurrou.

Soltei a respiração que estava prendendo e olhei para a direita, enquanto descíamos as escadas em direção aos nossos assentos, e o que vi me arrepiou até os ossos.

Nixon desviou o olhar de mim e mirou Serena chorando silenciosamente em sua cadeira, e depois de volta para mim. Foi um momento em que eu deveria ter abaixado a cabeça ou revirado os olhos, feito qualquer coisa, exceto o que fiz.

Encarar e desafiar a porra daquele homem pelo tesouro do seu reino. Ela.

Eu deveria sentar com minha família, mas naquele momento fiz uma escolha, uma que deveria ter feito anos atrás, quando Ash nos separou.

Hoje.

Hoje. Eu escolheria Serena Abandonato.

E eu faria aquilo sabendo que meus dias estavam contados, meus segundos, contados, sabendo que a estava escolhendo do mesmo jeito que escolheria minha própria morte.

Trace ficou boquiaberta, olhava para mim em estado de choque enquanto eu olhava para Nixon e desviava dele; depois sentei ao lado de sua filha e segurei na mão dela.

Chase virou por cima do ombro e me lançou um olhar de aprovação, mas meu pai, não, meu pai olhou para mim como se fosse me perder. Eu não percebi que minha mãe estava chorando até que ele colocou o braço em volta dela para impedi-la de fazer barulho.

Eles tinham visto tudo. Eles sabiam.

E eu pagaria o preço final.

Na escuridão, caminhei com minha princesa ao meu lado, em direção ao sangue, aos espancamentos, à incerteza e à cegueira total. E nunca me senti mais feliz.

— Por quê? — Serena sussurrou enquanto mais lágrimas escorriam por seu rosto.

— Porque… eu escolho você. — Segurei a mão dela com força. — Porque você é dona do meu coração. — Ela começou a soluçar baixinho. — Porque, como Ash disse, só nos são dados alguns momentos, e estou escolhendo viver os meus com a verdade.

O funeral terminou com uma oração.

E eu confiantemente passei um braço em volta de Serena e a afastei de todos.

Ela poderia voltar comigo para a casa dos pais dela. Ela poderia segurar minha mão se precisasse de conforto.

E ela beijaria minha boca em busca de apoio. Eu era dela.

Ela era minha.

— Enquanto nós dois vivermos — jurei.

— Enquanto nós dois vivermos — ela repetiu.

Amém.



Capítulo Trinta e Quatro

Serena

Ficamos de mãos dadas durante todo o caminho de casa. Os olhos de Junior estavam fixos na estrada, mas sua mão agarrava a minha com tanta força, que eu poderia jurar que senti a marca do anel em seu dedo.

O anel Nicolasi.

O brasão.

O peso do reino Nicolasi repousando sobre seus ombros, assim como um reino caído que ele ajudou a ressuscitar.

Quem diria, há algumas semanas, que estaríamos nesta posição?

— Seu discurso foi lindo. — Tentei manter o terror longe da minha voz, mas foi quase impossível. Tudo o que eu pensava era o que aconteceria se fosse o Junior lá e como eu não suportaria se de fato fosse.

Eu nunca perdoaria a pessoa que o tirasse de mim. Nunca.

— Você é linda. — Junior levou minha mão aos lábios e depois pegou uma estrada de terra para fora da cidade. Ainda estávamos a quilômetros da minha casa.

— Poderíamos fazer que nem Romeu e Julieta — sugeri.

Junior praguejou e desligou o carro; então suas mãos estavam em meu cabelo, enquanto sua boca devorava a minha. Sua língua tinha gosto de uísque enquanto me provocava, fazendo promessas que ambos sabíamos que ele não poderia cumprir.

Como, por exemplo, viver um para sempre.

Nós nos separamos, ofegantes.

— Eu te amo. — Lágrimas se formaram em meus olhos enquanto deslizava sobre o console e montava nele; eu nunca estive mais agradecida por ele ter uma porcaria de Maserati.

Junior me dava beijos famintos no queixo e no pescoço, suas mãos já levantando meu vestido justo e elástico, felizmente, até meus quadris.

Ele praguejou quando suas mãos tocaram na minha bunda nua.

Eu sorri para ele.

— Bem, você fica rasgando todas.

— Porra, eu te amo. — Nossas bocas se chocaram enquanto eu dava atenção ao botão da sua calça preta, puxando-o para fora da casa. Ele estava sempre tão pronto para mim, tão duro, cada centímetro dele... duro e latejante para mim.

Nós nos separamos, Junior me ajudou a sentar sobre ele, e então eu o senti entrar tão lentamente quanto era possível, até senti-lo em minha alma, tão profundamente, que precisei respirar fundo para não ficar tensa.

— Em outra vida... — Ele deu um beijo carinhoso no canto da minha boca. — Teríamos dez filhos.

— Dez? — Eu ri, mesmo que estivesse às lágrimas. Mergulhada no meu prazer. Através da minha dor de cabeça. — Por que dez?

— Porque você não consegue manter as mãos longe de mim — ele rosnou contra a minha boca, em seguida, mordeu meus lábios antes de chupá-los com tanta força, que eu gritei. A sensação da sua boca sugando e do seu corpo se movendo embaixo de mim era muito intensa.

— Isso é verdade — eu ofeguei.

— E em outra vida, seu pai não me mataria por te amar. Eu veria você grávida dos meus filhos e colocaria uma aliança no seu dedo. Eu teria seu sangue gravado na porra da minha alma e te daria meu nome.

Lágrimas escorriam pelo meu queixo enquanto eu balançava a cabeça em concordância.

— Serena Nicolasi. — Eu soltei em um fôlego só, depois mudei de ideia.

— Não. Serena De Lange-Nicolasi. Porque se eu me casasse com o rei, ia querer ele inteiro. As partes ruins e as boas. Eu quero o proibido. Eu quero a fênix.

— Não quero abrir mão disso — confessou Junior. — Estou tão perto, sempre estou quando estou com você, tão perto do limite.

— Eu vou com você — eu jurei. — E Junior... — Meu corpo tremeu quando ele me preencheu com mais força, e eu o aceitei mais fundo. — Você não está sozinho.

Nós dois chegamos ao ápice, Junior sussurrando meu nome com reverência, eu gritando seu nome como uma reivindicação.

Quando olhei para baixo, ele havia tirado o anel com o brasão de Nicolasi de seu dedo e colocado na minha mão esquerda.

— Apenas no caso de...

— Não diz isso, por favor, não... — Ele me beijou para calar meus protestos.

Meus medos.

Percebi naquele momento que podia estar beijando um herdeiro Nicolasi, mas foi o sangue De Lange que me reivindicou, repetidas vezes, e era esse brasão que eu queria pressionar contra a minha pele, aquele nome que eu gritaria repetidamente até que o mundo ouvisse meu desejo.

Ele era meu.

E se ele caísse.

Eu cairia bem ao lado dele.

— Eles estão nos esperando. — Junior suspirou.

— Deixa que esperem, só mais um pouquinho... — Eu o beijei de leve. — Deixa que esperem até que estejamos prontos.

— Até que estejamos prontos — ele disse contra os meus lábios. Mas, mesmo assim, o tempo continuava passando. E estávamos quase sem ele.



Capítulo Trinta e Cinco

Junior

Todos os carros estavam na casa de Nixon. E o próprio homem estava esperando do lado de fora, ao lado do meu pai.

As mães provavelmente estavam lá dentro chorando ou pelo menos implorando para que Tex mudasse as regras, dissesse algo, fizesse qualquer coisa para que isso acabasse de um jeito melhor.

Mas o que eles poderiam fazer?

Desafiamos conscientemente as regras dos chefes.

O pior: aos olhos de Nixon, eu conscientemente contaminei o sangue puro da sua filha com o meu.

Serena e eu saímos do carro e batemos as portas. Caminhamos um em direção ao outro.

Ela agarrou minha mão e me puxou contra si em um abraço, nossas bocas se encontraram em um beijo dolorosamente lento que parecia um adeus, e então nos separamos.

— Seja lá o que seu pai diga sobre o meu, sobre... — Suspirei. — É verdade. Tudo. Eu só quero que você saiba disso. Jurei não contar a história toda a ninguém, pois isso mancharia a imagem que todos têm do meu pai. Saiba que nunca na minha vida menti para você, mas aquilo… não era meu segredo.

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— É pior do que eu imagino, não é?

— É por isso que seu pai quer me ver morto.

— Se fosse qualquer outra pessoa... — Serena repetiu como se lembrasse das palavras de Ash tantos anos atrás, mas não tínhamos mais tempo.

— Para dentro — disse Nixon com uma voz fria, seus olhos brilhavam de forma assassina cada vez que ele piscava.

A mandíbula do meu pai se apertou enquanto ele segurava sua velha arma Colt King Cobra na mão direita, apoiada na coxa.

Segurei a mão de Serena enquanto caminhávamos lentamente até as portas e suspirei de frustração quando todos os chefes presentes, todos que estavam lá por causa do funeral, seguraram suas armas na mão direita.

E não qualquer arma.

Não, cada um tinha uma arma especial que representava a morte. Meu pai estava com a dele, o que significava que todos os outros também.

O mundo estava cheio de assassinos que simplesmente pegavam uma arma e apontavam, mas o meu mundo? Era feito de maneiras corretas fazer as coisas, de um respeito pelas regras que tirava a vida e escoltava a alma para o após a morte.

Eu queria protegê-la desesperadamente. Eu queria ficar na frente dela e mandar que corresse.

Mas Serena me agarrou com mais força enquanto uma tempestade crescia dentro do meu peito.

Todos os primos estavam por ali, alguns comiam ou bebiam tranquilamente, mas Ash, não, ele estava com uma arma na mão, assim como Breaker. Lentamente, percebi que meus primos, os Eleitos, não iriam cair sem lutar.

— Eu me pergunto... — Tio Tex deu um passo em minha direção. — Se vocês cogitaram a ideia de que seu amor poderia começar uma guerra. — Seu rosto estava lívido, contorcido de raiva quando se aproximou de mim. — Você pensou com o pau e dividiu essa família inteira! Você separou filha do pai; a porra do seu egoísmo vai derrubar uma dinastia inteira. — Ele bufou com desgosto. — Eu espero que tenha valido a pena.

Eu fui para cima, mesmo com Serena segurando minha outra mão, e consegui acertá-lo no rosto.

— Retire o que disse!

Eu tinha acabado de bater no nosso chefe.

De novo.

Se eu já não estivesse morto… aquilo era suficiente para selar meu destino.

Ele cuspiu sangue.

— Sexo nunca vale a pena a ponto de separar uma família. Eu não me importo com quão bom tenha sido.

— Fala da Serena assim mais uma vez, e eu vou arrancar seus pulmões pela garganta! — eu rugi.

Alguém soltou um assobio baixo, mas não me importei. Tudo o que sentia era raiva, raiva por ele a ter desrespeitado desse jeito.

— Serena — disse Nixon em um tom calmo e gentil. — Me dê sua mão.

— Não! — ela disse bruscamente.

Tenho certeza de que foi a primeira vez que ela gritou com o pai na frente de alguém, pela expressão de puro choque no rosto dele.

— Solte a mão dele — rosnou Nixon. — Agora.

— Não! — ela gritou. — EU O AMO!

O anúncio dela foi pior do que eu acertar o Capo, a julgar pelos xingamentos que ouvi.

— Você é muito jovem para saber o que é...

— Que Deus me ajude, Nixon, mas se você disser à sua própria filha que ela é muito jovem para saber o que é o amor, será você quem vai fazer xixi por um canudo! — a mãe de Serena, Trace, interveio, e uma por uma, as esposas pararam ao lado das jovens.

Ah, aquilo não estava indo bem. De forma alguma.

— Trace, você conhece as regras — disse Nixon com voz irritada. — Eles as quebraram conscientemente porque são estudantes universitários cheios de tesão! Você é punido quando quebra as regras, e nós deixamos claro desde o

início quais eram elas! Olhe para nós! — Ele abriu bem os braços. — É claro que você não achou que isso iria acontecer, não é? Se fosse qualquer outra pessoa...

— Pare. — Meu pai ergueu a mão. — Pare de colocar minha vergonha nos ombros do meu filho.

— Q-que vergonha? — a voz clara de Serena preencheu o local.

Trace caminhou lentamente até a filha, mas não tentou tirá-la de mim. Em vez disso, ela me olhou e sussurrou:

— Meu bem, isso foi há muito tempo, mas algumas coisas são mais difíceis de perdoar.

— Eu tentei estuprar a Trace — meu pai disse simplesmente.

Serena respirou fundo e se agarrou a mim com mais força.

— O quê?

Os olhos do meu pai continham tanta dor, que, por um segundo, tive vontade de largar a mão dela e dar um abraço nele.

— Foi uma época sombria. — Papai engoliu em seco enquanto minha mãe se aproximava e agarrava seu braço, como se precisasse de força. — Junior sabe, eu disse a ele quando era jovem, só no caso, só no caso de…

Ele fechou os olhos com força e continuou:

— Meu pai, desde que eu era muito jovem, sempre me disse que eu era igual a ele, igual ao meu avô. Ele disse que homens como nós precisam dominar, precisam machucar, precisam destruir as meninas, fazê-las sangrar, usá-las como objetos. Desde muito jovem, meu único trabalho dentro da Família De Lange era danificar as meninas, algumas virgens, mas éramos mantidos sob a mira de uma arma. O que não justifica nada. A primeira garota que tentei salvar deu um tiro em si mesma na minha frente quando terminamos. Eu tinha quatorze anos. — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Eu estava repleto de tanto ódio por Trace, que fiquei cego. Ela apareceu no campus, no meu campus, e me roubou Nixon, meu amigo, roubou meus únicos amigos, o único consolo que eu tinha em minha vida esquecida por Deus, então eu perdi o controle. Eu armei para ela, e, por causa disso, meu pai deixou de ser o chefe e eu, de ser seu herdeiro. Nossa família sofreu, então eu quis que ela sofresse, pois achava que ela era a culpada

de tudo. Eu não... — Ele respirou fundo. — Não cheguei a me vingar, porque Chase apareceu e salvou o dia, junto com Nixon e Tex. Ainda assim, aquilo é algo pelo qual nunca vou me perdoar. É por isso que Junior usa a marca da sua família, Serena. Porque não importa o que aconteça, os Nicolasi sempre honrarão os Abandonato, não importa a escolha feita. Meu primogênito se transformou em uma penitência à disposição dos Abandonato, como forma de mostrar perdão e fidelidade.

Olhei para o meu braço e tentei não deixar a raiva me atingir novamente, mas foi impossível parar o tremor quando Nixon caminhou até mim. Com a permissão silenciosa do meu pai e o choro da minha mãe, pegou sua faca e cortou o símbolo Abandonato na minha pele, rasgando a cicatriz inteira.

Soltei um pequeno gemido, com Serena ainda agarrada a mim. A dor era profunda. E eu soube, naquele momento, que havia revivido os pecados do meu pai.

Porque Nixon Abandonato estava me cortando das Famílias. Tudo porque me apaixonei pela filha dele.

— Serena — disse Nixon com a voz baixa. — Venha aqui. Agora.

— Meu lugar é ao lado dele — respondeu ela, com a voz clara e ousada.

— Serena... — Minha voz falhou.

— Não! — ela gritou. — Você não pode desistir agora.

Meu sorriso se abriu fraco.

— Quando eu desisti?

— Então o que você está fazendo?

Engoli em seco e então respondi.

— Eu não quero que você me veja desmoronar.

— Que pena. — Ela se virou e estendeu a mão esquerda. — Aonde ele vai, eu vou, mesmo que isso signifique que vocês vão me enterrar junto. E eu respondo a Asher. — Ela olhou para seu pai. — Não a você.

O grupo ofegou.

E o sempre silencioso Chase finalmente falou.

— Deixe Asher lidar com isso. É o que ele faz de melhor.

Ele deixou de lado a parte sobre assassinato, mas ela estava presente no silêncio que se instalou.

Ash deu um passo à frente e suspirou.

— Por favor, não me faça separar vocês dois.

— Não precisa — Serena respondeu por mim.

Caminhamos em cadência constante pelo corredor e depois descemos até o porão, contornando o ringue onde tantas vezes treinamos.

Descemos outro lance de escadas até que Ash nos parou em frente a uma das salas com isolamento acústico.

Duas cadeiras de metal já estavam ali, mas não uma de frente para a outra; essa era mais uma punição, morrer sem ver o último suspiro do ente querido. Ou talvez tenha sido uma bênção. Eu não consegui decidir.

Eu apenas caminhei calmamente até uma das cadeiras e sentei. Serena fez a mesma coisa.

— Eu não vou te matar rapidamente. — A voz de Ash ficou presa na garganta.

Parecia que ele estava prestes a vomitar.

— Eu sei. — Eu fechei os olhos junto dele. — Ash, pelo menos estou feliz que seja você.

— Não diz isso para mim, cara. — Ele balançou a cabeça. — Não sei quanto mais posso aguentar agora. Está muito difícil respirar, e eu gostaria que eles soubessem. Eu gostaria que eles soubessem por quanto tempo isso durou, porque talvez entendessem que isso não é putaria, isso é... isso é muito mais.

— Será que eles ouviriam? — Serena perguntou baixinho. — Ou eles simplesmente presumiram que era apenas tesão?

— Você poderia ao menos tentar.

Ash desviou o olhar da gente e caminhou até a mesa. Eu sabia o que havia ali: várias armas, instrumentos de tortura, corda.

Ele agarrou a corda.

Ótima escolha.

Com o rosto pálido, ele enrolou a corda em volta de nossos corpos enquanto nossas costas eram empurradas com força contra o metal frio das cadeiras. Os nós estavam apertados, afundando na minha pele.

Quando olhei para cima, ele estava com as correntes.

Mais uma vez, uma escolha sólida, pelo menos eu não poderia culpá-lo por ser péssimo no seu trabalho.

— Boa escolha — Serena murmurou.

E por algum motivo, eu ri.

Porque era tão fodido, que tivemos orgulho dele por nos torturar e depois nos matar.

— Vocês estão rindo mesmo? — Ash nos lançou olhares incrédulos.

A porta se abriu. O resto dos primos entrou. Talvez para se despedir.

— Isso não é certo — disse Maksim com os dentes cerrados. — Você sabe disso, nós sabemos disso! Então para com isso!

Ash olhou para Maksim, aquele garoto tão lindo.

— E importa? Porque eu garanto que você será preso e amarrado também se tentar lutar por eles.

Violet lançou um olhar de pânico para Breaker, que agarrou a mão dela e lentamente a empurrou para suas costas.

Eu sabia.

— Não se preocupe. — Eu dei a eles um sorriso triste. — Se fosse qualquer outra pessoa, provavelmente levaria apenas um tiro de advertência na perna, nada fatal. — Olhei para Breaker.

Seus olhos se estreitaram.

Eu continuei.

— Chase sabia, de qualquer maneira...

— O quê? — Ash parou de agarrar a corrente. — Você diz desde o começo?

— Sim, mas na segunda vez também — disse Serena. — Ele nos disse para não sermos pegos.

— Isso é... — Ash não terminou a frase. Ele, no entanto, agarrou a corrente estúpida novamente e começou a nos envolver com ela. Ele apertou nossos corpos com força, e a corrente nos puxou para baixo devido ao peso. Mais cedo ou mais tarde, alguma coisa quebraria sob a pressão ou se esmagaria entre os ossos; era muito pesado para qualquer um de nós durar tanto tempo, especialmente Serena.

E se nos movêssemos durante a tortura, ela deslizaria lentamente, ficando cada vez mais apertada em torno de nossos corpos, até que sufocássemos.

Então isso nos forçava a ficar imóveis e tentar não desmaiar.

Ash foi até a mesa e se apoiou nela, então pegou o celular.

— Preciso que vocês me façam um favor.

— Sério? — Serena disse com pesado sarcasmo. — Você quer que nós, aqueles que estão prestes a serem torturados, façamos um favor a você?

Deus, sua força era incrível.

O restante dos primos saiu lentamente da sala, e a porta bateu com um ruído.

Sorri apesar da dor nos bíceps e de ser esmagado lentamente até a morte.

— Eu sei, né? — Ash de repente parecia feliz demais para nos causar dor. — Eu só... eu quero que os primos ouçam sua história. Do começo ao fim. Eles não conhecem, e eu acho que quando vocês morrerem, eles vão entender quão importante é lutar por aquilo que se ama, mesmo que isso signifique morrer ao lado do amado.

— Essas são suas palavras de conforto? — eu perguntei em voz alta. — Você realmente faz essa merda com todo mundo que tortura? Isso é escroto até para você, Ash.

— Eu acho... — Os olhos de Ash brilharam. — Que esta pode ser uma boa maneira de salvar vidas, então talvez seja melhor parar de falar besteira e

contar a história.

O suspiro irritado de Serena me tirou do meu estupor.

— Ela suspirou desse jeito quando eu me apaixonei por ela.

Ash estendeu o celular e caminhou até o canto da sala.

— Sim, Maksim? É Ash... Sim, você recebeu a mensagem? Bom. …sim. Sinto muito também. Sim. — E então Ash estendeu o telefone e deslizou-o até que estivesse aos meus pés. — Fala.

— Eu suspirei de aborrecimento? — Serena perguntou, parecendo estar sorrindo.

Eu precisava mantê-la acordada, viva; a única maneira de fazer isso era manter sua mente longe da dor que lentamente arrancava o ar de seu corpo.

— Sim. — Eu soltei uma risada dolorosa. — Você achava tudo um saco, e eu fiquei puto por você não ter me dado atenção, mesmo depois daquela vez em que subi na árvore e ameacei te empurrar lá de cima.

— Porque os meninos não deveriam dizer: “Por sinal, acho você bonita, opa, não caia, não caia!”.

Engasguei com minha risada.

— Ah, merda, você ficou tão puta comigo, que correu para o seu pai chorando e dizendo que os meninos eram maus. Tenho certeza de que isso não ajudou em nada na minha bela reputação com ele.

— É porque eu gostei de você, estúpido. E você ameaçou me matar!

— Ah, Serena, não ferra, era praticamente um metro e meio do chão.

— Eu era baixinha!

— E você não é agora?

— Retire isso, seu babaca!

— Para de se mexer! — Eu ri, apesar da nossa situação. — E não retiro, assim como não voltaria no tempo nem deixaria de te roubar aqueles beijos todos.

— Rá, você acha que foi esperto o suficiente para roubá-los, mas eu dei

todos de graça, de boa vontade, no dia em que disse que te amava.

— Quinze anos é muito jovem.

Foi o que eu disse antes.

— Eu discuti com você até que você finalmente cedeu. — Ela suspirou. — Você ficou me olhando por cima do ombro por quase um ano toda vez que jantávamos em família. Mas isso não importava; você me fez sua.

— Sim. — Meu corpo esquentou. — Talvez devêssemos deixar essa parte de lado, para que seu pai não me mate uma segunda vez.

— Deixa que eles saibam — ela sussurrou. — Você foi tão... gentil. — Apertei os olhos enquanto ela falava. — Você se demorou, beijou minha boca como se me adorasse. Você ainda me beija desse jeito.

— Porque eu adoro — eu disse a ela calmamente. — Porque eu venero o chão em que você pisa. Sacrificaria meu corpo apenas para honrar o seu.

Ela fungou.

— E então veio a grande decepção.

— Você quer dizer quando Chase nos encontrou fazendo sexo...

— Que constrangedor.

— Ele não estava assistindo nada. Quer dizer, poderia ser pior. Lembra da Claire e do Ash? Ele estava literalmente dentro dela, com a bunda pra cima, enquanto seu pai partia para cima como uma bomba prestes a explodir.

Serena riu.

— Ok, sim, isso seria pior.

— Muito pior. Quer dizer, você já viu a bunda do Ash?

— Hum… tem algo que você quer compartilhar com todo mundo? — Serena perguntou.

Revirei os olhos. Merda, meus pulmões estavam pesados. Concentre-se na voz dela. Concentre-se na sua alma gêmea.

— Acho que você sabe cem por cento que não gosto de homem e que só fui seu.

— Apesar de suas tentativas de fazer todos acreditarem que você é um galinha.

Engoli em seco.

— Você sabe que eu só me entreguei a você, só você, para sempre você.

— Eu não deveria ter...

— Você queria me deixar com ciúmes. Isso foi compreensível depois do incidente.

— Ash transformou nosso amor em ódio — admitiu Serena. — Mas a questão do amor e do ódio… é que o pêndulo muitas vezes oscila totalmente para o lado oposto.

— Eu não consegui impedir meu coração de se apaixonar, Serena. Mesmo agora, saiba que ele bate por você, até a última batida fraca que acontecer no meu peito.

Ela começou a soluçar silenciosamente.

— Eu te amo tanto, que dói.

Uma lágrima escorregou pelo meu rosto, atingindo o metal frio que nos mantinha amarrados um ao outro.

— Enquanto nós dois vivermos.

— Enquanto... — Ela soluçou. — ...nós dois vivermos. — Ela soltou um suspiro.

— Serena? O que está acontecendo? Fale comigo, princesa. Serena!

— Eu estou... — Ela estava tremendo. — Estou bem. Eu acho.

— Onde dói?

De repente, as correntes pareceram frouxas; tentei olhar por cima do ombro. Então percebi que elas estavam sendo afastados de nós por meu pai e Nixon e que, atrás deles, várias esposas gritavam com os maridos, e olhares de puro aborrecimento estavam sendo direcionados a Ash, como se ele fosse o motivo de não ter havido um derramamento de sangue.

Todos os cinco chefes com suas esposas estavam naquele pequeno

cômodo, e então os filhos mais velhos e Ash se cumprimentando com high fives, como se tivessem acabado de ganhar na loteria.

Fiquei com as pernas trêmulas e mal tive tempo de me virar quando Serena se lançou nos meus braços.

— Isso é real?

— Eu não faço ideia. — ela disse contra minha boca. — Mas eu aceito.

— Junior — Nixon rosnou. — O anel. Agora.

Desta vez eu obedeci, porque levar uma surra parecia muito melhor do que a morte.

— Tente não morrer — meu pai disse baixinho, me fazendo ter esperança.

— Eu não entendo — eu sussurrei enquanto saíamos da sala, com meu pai de um lado e Serena do outro.

Ele apenas sorriu.

— Acho que isso teria sido muito mais simples se vocês não fossem idiotas e tivessem decidido esconder isso da gente.

— Certo, porque o que teria acontecido se tivéssemos contado? Teríamos sido salvos?

— Talvez — disse papai. — Talvez, se você tivesse vindo até a gente primeiro e pedido permissão...

— Mas você disse que a pena de morte... — eu o lembrei.

— Bem, sim. — Ele encolheu os ombros.

— Matamos pessoas que queriam ir embora.

— As regras existem para evitar que vocês ajam como idiotas. — Papai me deu um tapa na nuca. — Para que não pensem com o pau e vão se comer porque a pessoa é bonita e porque tudo é proibido. Mas amor, o tipo de amor que acabamos de ouvir ao celular… Bem, isso é diferente.

Serena gritou:

— O quê?

— A propósito, obrigado por me fazer lembrar daquilo — Ash disse, parado à nossa frente. — Eu realmente queria reviver o momento em que me apaixonei e fui pego.

Eu vi que ele estava falando sério.

Eu também vi que muito sangue estava prestes a ser derramado; Nixon tirou a camisa e pulou no ringue.

Seus dedos não estavam enfaixados.

E eu sabia muito bem que ele era um excelente lutador de rua.

A única vantagem é que meu pai me ensinou Jiu-Jitsu a tal ponto, que eu poderia escapar sem morrer.

— Seis rounds — Tex gritou. — Um para cada ano em que você amou Serena e escondeu isso do pai dela, do protetor dela, do seu pai, do seu chefe e de mim, seu Capo.

Ash soltou um assobio baixo.

— Isso vai ser muito difícil depois de ser amarrado e…

Eu olhei feio para ele.

— Que tal você ficar ao meu lado que nem eu fiz antes?

— Eu estou ao seu lado. — Ele ficou sério. — Fui eu que salvei a vida de vocês.

Com isso, ele me deu um tapinha nas costas e depois me empurrou para dentro do ringue, onde o pai da mulher que eu amava estava muito irritado.

Ele era um homem grande, com um metro e oitenta e três, tanto músculo no corpo, que até os músculos deviam ter músculos também. Ele tinha talvez mais de cinco quilos deles, mas eu era mais alto e tinha mais envergadura. Pelo menos essa era minha esperança.

— Nixon, vá em frente.

Nixon deu um passo à frente e, com um sorriso cruel nos lábios, disse:

— Quantas vezes você entrou furtivamente na minha casa?

— Ah, porra. — Maksim parecia prestes a vomitar no canto.

Precisávamos muito conversar sobre a capacidade do cara de incentivar uma briga!

— Eu realmente não contei, senhor...

O punho veio voando em minha direção com tanta rapidez e força, que tropecei para o lado. Minha visão ficou turva quando esquivei e finalmente respondi.

— Estou supondo, mas provavelmente... — Engoli em seco. — Umas duzentas vezes.

Seu próximo punho veio de outra direção. Eu vi. Seu joelho, porém, parecia estar operando de forma independente, pois me acertou bem no queixo. Se minha língua estivesse no lugar errado, eu teria perdido um pedaço.

Havia algo muito errado em lutar com ele quando fui eu quem agiu pelas costas, sem sua permissão.

Então, a cada pergunta, eu recebia o golpe, bloqueando o que podia e me certificando de que quem saísse daqui mais sangrento ganharia a garota.

E esse seria eu.

— Quantas vezes você mentiu para nós? — Nixon rugiu.

— O tempo todo — murmurei, virando lateral direito em direção a ele enquanto meu olho esquerdo começava a fechar e inchar. — Não queríamos ser pegos!

O ar deixou meus pulmões quando um chute me acertou no estômago.

Eu caí de joelhos.

— Merda, isso doeu. — Cuspi sangue e limpei o que pude da boca.

— Quem estava no seu quarto há três noites, quando bati na porta?

Merda, droga, merda. É isso, vou morrer. Eu não era inocente, e a inocência não me livraria da dor de qualquer forma, então respondi com sinceridade.

— Ela estava, senhor, ainda nua, na minha cama, enquanto eu mentia descaradamente.

Um rugido de raiva saiu da boca de Nixon. Eu não me abaixei dessa vez; deixei que ele me batesse, duas vezes no estômago antes de me dobrar de dor, e depois outra vez no rosto. Cuspi mais sangue e murmurei:

— Valeu a pena.

— Ele não está reagindo — disse uma voz. — Ele precisa revidar!

— Ele não vai — meu pai soltou. — Isso é uma questão de honra, e Nixon precisa conseguir a dele. Trata-se de respeito, e Junior precisa aprender como dar e receber respeito.

Eu estava começando a enxergar dobrado quando pisquei para Nixon, que andava de um lado para o outro. Seus olhos pareciam afiados, focados, claramente com a intenção de acabar com a minha vida.

— Você vai morrer por ela? Matar por ela? Proteger Serena? — A cada pergunta, mais um golpe, até que eu quase desmaiei no tatame.

Tudo o que me lembro de ter feito foi sussurrar um “sim” antes que meus olhos encontrassem seu punho voando em direção ao meu rosto. Eu mal levantei as mãos, mas o golpe foi forte o suficiente para me quebrar alguns ossos enquanto eu bloqueava.

Eu rugi em agonia e rolei para o lado, me levantando lentamente.

— Mais alguma pergunta?

— Você quer que eu te mate, é isso? — Nixon parecia estar se divertindo.

— Quero que você sinta que fez justiça o suficiente, para que eu possa me sentir livre o suficiente para amá-la, mesmo que não a mereça. — Seu punho veio em minha direção, mas depois parou enquanto ele recuava.

— Essa... — Soltando um suspiro de frustração, Nixon pegou uma toalha e jogou para mim. — Foi uma boa resposta.

— Ótimo. — Tropecei de joelhos novamente e vi brevemente um flash de cabelo loiro quando registrei que Serena estava ao meu lado no ringue. Por que ela parecia tão assustada? Ainda não tínhamos completado seis rounds, não é? De repente, eu não conseguia pensar direito... não conseguia... Uma lágrima solitária rolou por sua bochecha e pingou em meu peito, foi a última coisa que senti antes de desmaiar.



Capítulo Trinta e Seis

Serena

Meu pai não me deixou entrar no quarto do Junior.

Eu esperava poder deitar com ele, confortá-lo, afastar sua dor e depois chorar até que ele acordasse.

Em vez disso, a primeira coisa que Junior Nicolasi, meu namorado e alma gêmea, viu quando abriu os olhos foi o cara que o machucou para além do imaginável.

Meu pai disse que só queria conversar.

Bem, Junior estava inconsciente há pelo menos quatro horas, não tinha como rolar conversa naquele momento.

Estava sendo um dia como outro qualquer, não?

— Ei. — Ash entrou na cozinha com uma garrafa, não uma taça, de vinho na mão. — Você está bem?

Eu fiz uma careta.

— Não era para eu estar te perguntando isso? Porque tenho quase certeza de que estávamos em um funeral e que você fez um discurso lá.

Ele suspirou, balançando a cabeça.

— A vida é tão... — Ele fez uma careta. — Estranha.

— Nem me fala. — Peguei a garrafa e a virei. Estava cheia de tequila. Eu devolvi para ele. — Seu selvagem! Isso não é vinho!

Ele me deu um sorriso idiota.

— É, o vinho praticamente acabou há duas horas, então agora estou vendo três de você, mas não estou nem aí, porque pelo menos você está viva.

Seu corpo balançou na minha direção; aproveitei o momento para o puxar para os meus braços e dar um abraço que ele merecia.

— Eu te amo, Ash.

— Não tanto quanto eu amo você. — Seus dedos me apertaram com força. — Estou muito puto que você tenha quase se matado.

— Diz o cara que me amarrou. — Minha voz saiu abafada contra o seu peito.

— Eu esperava que você lutasse mais — disse ele assim que se afastou. — Mas confessou seu amor de uma forma tão grande, que eu sabia que eles precisavam ouvir.

Eu fiz uma careta e peguei a garrafa novamente.

— Nunca imaginei que eles ligariam para isso. Quebramos a regra; sofremos as consequências. Não era sempre assim? Quantas vezes você teve que descer ao porão da casa do seu pai? Quantas vezes você não ceifou uma vida porque um primo, um homem da máfia ou um empresário quebrou as regras?

Ash apoiou seu corpo enorme contra o balcão.

— A questão da família, Serena. Eles estão sempre dispostos a ouvir... quer dizer, normalmente estão. Você fez a coisa mais difícil, fez a coisa certa ao ficar ao lado do Junior, mas também precisa saber que seu pai se mataria antes de permitir que algo de ruim acontecesse com você. Nunca na minha vida vi Nixon Abandonato, chefe durão, tão chateado como quando estava aqui, olhando para a parede como se tivesse perdido tudo o que importa. E isso porque vocês não entenderam que as regras se aplicam a eles também. Se eles derem um passe livre a você, toda a Família estará em perigo; o chefe, a esposa dele, o resto das crianças. Todos, então se você não lutar e provar sua lealdade, eles terão de deixar a justiça agir e o sangue escorrer, entendeu?

Engoli em seco.

— Quão bêbado você está?

— Muito. — Ele deu um passo rígido na minha direção. — Lembre-se disso no futuro, droga, lembra de mim quando eu estiver sóbrio: as regras se

aplicam a todos, então se você for quebrá-las, certifique-se de saber como sobreviver, ok? — Ele me deu um tapinha no rosto pelo menos seis vezes antes de finalmente tombar no sofá da sala.

— Ele vai ficar bem, não é? — Violet apareceu de repente, o batom um pouco manchado e seu vestido amassado.

Eu olhei para ela com desconfiança.

— Você foi tirar um cochilo com essa roupa?

— Não. — Seus olhos se arregalaram. — Por quê?

— Ah, por nada. — Afastei a desconfiança. Era minha imaginação, assim como foi minha imaginação que Breaker estivesse entrando na sala parecendo querer quebrar alguma coisa. — Nossa, qual é o problema dele?

Violet ficou quieta.

— Ele é jovem.

— Sim, não podemos usar essa desculpa com ninguém que cresceu nessas famílias, além disso, ele vai fazer vinte anos em duas semanas.

— Sim — ela sussurrou e passou a língua pelo lábio superior. — Eu sei. — E então: — Provavelmente é um momento horrível, mas eu só queria que você fosse a primeira a saber, já que tudo ficou um pouco louco. Sergio me deu sinal verde para terminar a faculdade de medicina fora de Chicago.

Fiquei imóvel, me fazendo um milhão de perguntas.

— Por que você vai fazer isso? Por que você vai embora? Por que eles permitiriam isso?

Seus olhos se encheram de lágrimas antes que ela desviasse o olhar e encolhesse os ombros.

— As coisas mudam, sabe? Alguém próximo a nós acabou de morrer, e eu acho... acho que pode ser bom me afastar, aprender mais antes de voltar e ajudar o máximo que puder. Talvez eu pudesse salvar alguém, talvez, não sei, talvez.

— É por isso parece que você está de coração partido? — Segurei a mão dela. — O que está acontecendo?

— Você não pode m-me ajudar — ela gaguejou. — Ninguém de fato pode, não é?

— Violet, fala comigo, o que há de errado? — Meu estômago se encheu de pavor quando ela mordeu o lábio inferior; a garota tremia tanto, que tive medo de que começasse a soluçar, e eu não tinha certeza se conseguiria lidar com mais algum trauma emocional.

— Você acha…? — ela começou quando finalmente conseguiu se controlar, recomposta e calma como sempre foi. — Você acha que alguns de nós estão amaldiçoados?

— O quê? — Eu recuei. — Não, nem um pouco, e especialmente você, não!

Ela era a boazinha de todo o grupo. Quer dizer, eu apostaria um milhão de dólares que ela nunca tinha visto um pênis e bebido algo alcóolico em toda a vida. Se alguma vez existiu uma filha perfeita, era ela.

E, ahhhh, Chase sabia disso muito bem. Perfeito para sua carreira política, quero dizer.

— Sim, bem... — Ela fungou. — Isso, pelo menos, faz com que eu me sinta melhor.

Ela se mexeu, e foi aí que notei a marca no dedo dela, no dedo esquerdo? Suas lágrimas borraram algo. O quê? Maquiagem? Por que cobriu o dedo?

Parecia uma tatuagem de foice, o que era uma loucura, porque ela não tinha tatuagens; ela não tinha nada.

— Ei, preciso ver se Breaker não está muito bêbado. — Ela se afastou de mim e foi embora. Isso trouxe uma sensação horrível na boca do estômago, porque eu poderia jurar que já tinha visto aquela tatuagem antes.

E em alguém que eu conhecia.

— Serena — meu pai gritou meu nome. Corri pelo corredor até o quarto de hóspedes e o encontrei com Phoenix do lado de fora.

— Posso entrar? Ele está bem? — Lágrimas escorriam pelo meu rosto. — Papai, me diga que Junior está bem e que vai viver, porque eu o amo, eu o amo de verdade, e, Phoenix, eu não me importo, não me importo! Todos têm direito a uma segunda chance. Não estou justificando o que você fez, só estou dizendo

que...

— Shhh. — Meu pai me puxou para seus braços e me embalou como se eu fosse uma garotinha. Eu relaxei instantaneamente. — Nós não sabíamos. E por mais que me doa admitir, ainda estamos fazendo merda todos os dias como pais. As regras se aplicam a todos nós, e pensamos que você estava apenas sendo você mesma, e Junior estava apenas nos testando, testando a Família, quebrando regras porque podia, transando por aí porque isso chamava sua atenção. Pare de me olhar desse jeito. Não podemos permitir que as pessoas quebrem esse tipo de regra só porque têm vontade. Quando uma regra é quebrada, o castelo de cartas cai.

Um peso se instalou em meu peito.

— Eu sei, eu sei, eu deveria ter contado a você, mas eu não sabia como dizer, e então paramos de nos ver por um tempo porque nos odiávamos e...

— Porque o seu amor correspondia ao seu ódio — Phoenix disse atrás de mim com uma voz calma. — Vai por mim, sei exatamente como é isso.

Ele suspirou e estendeu a mão para meu pai.

— Estamos bem?

— Estamos bem? — Meu pai pegou a mão dele e então se inclinou e beijou Phoenix em cada bochecha antes de dizer. — Ele está liberado da sua promessa. E você também.

Phoenix relaxou instantaneamente.

— Eu escolhi bem.

— Bem? — meu pai repetiu.

Phoenix apenas sorriu.

— Para ser meu melhor amigo. Lá atrás. Eu escolhi bem.

Meu pai engoliu em seco e murmurou:

— Apesar do nosso passado, eu também, Phoenix, eu também.

Phoenix me deu um pequeno aperto e então foi embora; meu pai abriu a porta, me dando um leve empurrão para dentro.

Em seguida, fechou a porta atrás de mim.

E lá estava Junior, em toda a sua glória enfaixada, todo roxo e chapado por causa de alguma coisa que deram para ele, para que parasse de gemer e para tomar os pontos.

— Então... — Eu me aproximei e sentei na cama.

Ele praguejou baixinho e lentamente virou a cabeça na minha direção. Um olho estava completamente inchado e fechado, o outro estava chegando lá, sua linda pele estava ficando roxa, mas eu nunca o tinha visto mais bonito em toda a minha vida.

Porque Junior estava vivo.

E ele era meu.

— Então. — Ele cegamente procurou a minha mão.

— Quer que eu fique nua para que você possa me tocar com os dedos que não estão quebrados? — Ele riu e depois gemeu.

— Desculpa. — Eu ri e depois me joguei na cama. — Eu vou te abraçar enquanto você dorme, que tal?

— Estou vivendo um sonho — ele disse calmamente. — Mas você pode me abraçar enquanto faço isso, princesa.

— Eu te amo. — Tentei não deixar as lágrimas quentes caírem, mas foi impossível.

Ele se virou e olhou para mim.

— Isso é por mim?

— Não.

— Mentirosa.

— Odeio você enquanto nós dois vivermos.

Ele soltou uma risada.

— Sim, odeio você enquanto nós dois vivermos.

Nenhum dos dois ignorou que ele tentava agarrar minha bunda, assim

como eu não conseguia evitar passar as mãos no seu abdômen.

Junior De Lange-Nicolasi era minha maldição e minha recompensa. Meu tesouro, meu amor. Ele era meu par perfeito em todos os sentidos.

E eu nunca, nunca, o deixaria ir. Ele era meu rei. Meu.



Capítulo Trinta e Sete

Junior

Uma semana depois

O fato de eu estar vivo ainda era um conceito novo para mim quando peguei minha arma, desmontei e comecei a limpá-la. Hábito nervoso.

Serena viria jantar, e era praticamente a primeira vez que viria à minha casa sem a gente ter de se esgueirar pelos cantos.

— Então. — Papai me deu um tapa nas costas, me assustando profundamente, e olhou para frente. — Você quer conversar?

— Se essa é uma conversa sobre sexo, você chegou um pouco atrasado, pai. — Continuei limpando a arma e então percebi que ele estava quieto demais, o que significava que estava pensando, e isso já me dizia que algo estava errado. Normalmente eu arrancaria risadas dele. Hoje ele apenas ficou parado ao meu lado, sem demonstrar nenhuma emoção, como se tivesse ido a algum lugar de onde não poderia voltar.

Eu conhecia bem esse sentimento.

— Pai? — Deixei tudo sobre o balcão e me virei.

Éramos tão parecidos, que era quase assustador, mas enquanto os olhos dele tinham uma crueldade quase gelada, os meus eram de um tom mais quente, meu cabelo era mais longo em cima e eu tinha a tatuagem de águia permanentemente gravada no meu pescoço. Seus lábios formaram uma linha quando ele cruzou os braços e finalmente olhou para mim.

— Você quer falar sobre isso?

— Então não é sobre sexo — eu sussurrei baixinho. — Estamos falando de quase morrer?

— Estamos. — Seus olhos me perfuraram. — Eu poderia ter perdido você.

Um peso fez meu coração afundar.

— Mas não perdeu.

— Mas eu poderia ter perdido. — Ele engoliu em seco e depois apoiou as mãos na bancada, flexionando os bíceps como se estivesse pronto para destruir a cozinha inteira. — Eu poderia ter perdido.

Estendi a mão para ele e o puxei para um abraço forte.

— Estou aqui, estou bem aqui, e você terá que me matar para me afastar de você.

Ele se agarrou a mim com tanta força, que me deixou sem fôlego.

— Tudo que eu sempre quis foi que você soubesse o quanto é amado, que você encontrasse um amor como eu encontrei, um amor que te resgatasse desse poço doentio de desespero. Mas você tinha que se apaixonar pela única pessoa que estava fora dos limites.

Eu sorri e me afastei.

— Meu coração não pôde evitar.

— Nem o seu pau. — Ele revirou os olhos e finalmente sorriu. — Talvez fosse eu que precisava conversar.

— Pai... — Coloquei a mão em seu ombro. — É mais ou menos assim que funciona: quando um garoto gosta de uma garota...

— Seu bostinha. — Ele me deu uma banda, me jogando no chão, e então apontou uma faca para o meu olho direito ainda machucado, antes mesmo que eu pudesse terminar de dar minha aula de educação sexual!

Sorri quando ele percebeu que eu apontei uma pequena adaga bem ao lado da sua têmpora, o que faria um ferimento muito doloroso e mortal.

Um lado da sua boca se curvou para cima.

— Você está aprendendo.

— Era para ser estranho você ter orgulho disso — resmunguei, ainda sem me mover.

— E, ainda assim, eu teria ficado desapontado se você não tivesse sido rápido o suficiente.

— Rapazes! — Mamãe entrou na cozinha e parou; vi de relance as mãos nos quadris e quase pude imaginar seu olhar de irritação. — Você sujou a comida com sangue?

— Que beleza, mãe, nem está preocupada com seu único filho! — rugi do chão.

— Você sujou a comida com sangue? — ela perguntou novamente com um pouco mais de energia. Vi de relance mais uma coisa surgir, uma pequena arma.

— Por que raios você deu a ela outra arma? — Dei um empurrão em papai. — Você sabe que ela tem uma mira de merda!

— Cuidado com a boca! — a mãe me alertou.

Suspirei e deixei a cabeça tombar no chão da cozinha, mais ou menos ao mesmo tempo em que vi um salto agulha preto e pontiagudo.

— Ah, é noite de brincadeiras em família?

Eu gemi, e ela riu.

— Só um minuto, eu já pego minha faca também. Eu fico com o Junior. Gosto de vê-lo sangrar.

Papai balançou a cabeça novamente para mim.

— Tinha que ser a Serena…

— Ei, ouvi isso!

Ele se levantou.

— Sim, você estava destinada a isso. — Ele se aproximou e beijou-a de leve na bochecha, mas depois avisou: — Nada de armas na mesa.

Serena resmungou. Eu resmunguei.

Mamãe enfiou a arma no bolso do avental. Quer dizer, sério, o fato de ela estar usando um avental era hilário. Ela conseguia cozinhar bem cerca de dez coisas, todo o restante era... digamos, não muito italiano, mas papai nunca reclamou, então eu nunca reclamei também.

Tinha acabado de sair da casa dos Chase. Aquilo sim era comida.

Eles eram tipo chefs profissionais lá!

Papai sentou à cabeceira da mesa e segurou minha mão. E, lentamente, enquanto todos nós dávamos as mãos, olhei para Serena e pisquei.

Jantar em família.

Com minha alma gêmea.

Vivo.

Mantive os olhos abertos durante a oração; fechá-los parecia errado, principalmente porque eu queria passar cada momento do dia absorvendo sua beleza. A raiz escura de Serena estava começando a aparecer, e eu percebi que gostava disso, gostava que perto de mim ela não se importasse que esse detalhe estético viesse à tona.

Ela estava com um brilho labial que eu lamberia mais tarde. Rímel ela realmente não precisava.

Mas, fora isso, a armadura não estava mais lá, talvez porque o dragão já tinha sido derrotado.

O dragão era a nossa mentira.

O jantar passou como um borrão, e então Serena e eu fomos lá para fora, porque ir para o meu quarto significava que eu a deixaria nua, e então minha mãe realmente poderia usar sua arma. Quer dizer, ela sabia, todo mundo sabia que tínhamos começado a fazer sexo cedo, mas isso não significava que eles estavam animados nos entregando camisinhas e fazendo cartazes que diziam: mandem bala.

Passei um braço em volta dela e deixei o silêncio pairar entre nós. Era quase estranho estar assim ao ar livre, tocá-la sem me perguntar se teria meus dedos cortados.

— Você está pronto para isso? — Serena perguntou.

Olhei para o campo e depois para ela.

— Eu devia esperar que algo acontecesse?

— Não seja escroto.

— Isso é literalmente tudo que sei ser — provoquei, puxando-a para o meu peito e roubando um beijo, e depois outro, e depois mais um.

Ela riu na minha boca e se virou no momento em que o sol começou a se pôr, e então, muito lentamente, girou em meus braços, uma, duas vezes, e expirou.

— Eu me perguntei quantos mais desses momentos eu teria com você.

— Nada de se perguntar. — Inclinei seu queixo. — Você terá todos eles.

— Eu perguntei ao meu pai, sabe…? — Seus lábios carnudos eram tão carnudos, que tive vontade de dar uma mordida. — Se eles realmente iriam nos deixar morrer lá embaixo.

Meu corpo ficou tenso, porque eu perguntei a mesma coisa ao meu pai, e ele se recusou a dizer sim ou não.

— E? — Eu não queria me lembrar daquela sensação doentia no peito, do vazio que cortou minha alma por causa da sensação de perdê-la. — O que ele disse?

— Ele me puxou para seus braços... — Seus braços apertaram meu corpo. — E disse: o que você acha?

Eu comecei a rir.

— Essa é a pior resposta possível!

— Foi exatamente o que eu disse, e sua única resposta foi um encolher de ombros!

— Babaca.

— Ei, você tá falando do meu pai.

— E aquela foi uma resposta babaca — eu apontei. — Se faz você se sentir melhor, o meu também não me respondeu.

— Ei, ainda não terminei a história.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

— Ah, tem mais coisa então? — Comecei a brincar com as alças da sua blusa, depois lambi os lábios quando percebi que Serena não estava usando sutiã por baixo. — Acho que vou sair em uma caça ao tesouro quando esta história terminar.

Ela me chamou para ir até a academia ao ar livre. Era uma garagem para trailers convertida em academia, com pesos e televisões suficientes para deixar qualquer um feliz, embora meu pai negasse que fosse um espaço só para machos.

Eu adorava colocar placas dizendo isso, para que ele precisasse retirar. Eu usei duzentos pregos para prender uma no Natal passado.

Nixon ajudou.

— Você está me distraindo — ela sussurrou enquanto entrávamos na garagem.

As luzes estavam apagadas, e eu a levei para dentro até que estávamos do outro lado da área de estar, em direção ao bar, onde meu pai raramente bebia, mas sempre mantinha abastecido.

Soltei a mão dela e fui buscar uma dose de vodca para a gente, algo que fazíamos todos os anos no dia em que nos lembrávamos daqueles que haviam morrido.

— Eu vivo para te distrair — eu disse, entregando a ela o copo.

Nós dois viramos uma dose, e eu servi mais.

— Agora termine sua história para que eu possa ver quão rápido consigo acabar com você.

— Que charmoso, é incrível que você tenha conseguido me conquistar.

— Ah, é nisso que você estava pensando esta manhã quando fiz aquela coisa com a língua? No quanto eu sou charmoso? Ei, você está vermelha? Não dá para ver direito porque está muito escuro — Agarrei seu peito e levei um tapa.

— Meninas não ficam vermelhas aqui.

Eu soltei uma risada irônica.

— Mas você sabe onde você fica vermelha…

— Para! — Sua risada era como oxigênio para mim. — Ok, mantenha suas mãos e seu pau longe. De qualquer forma, fui perguntar ao tio Chase, mas é como perguntar ao presidente os segredos dele, a mesma resposta, né? Então eu fui e...

Uma das luzes se acendeu.

Serena mergulhou atrás do bar, onde eu estava.

— Achei que seu pai fosse dormir cedo!

— Ele vai, parece um velho! — eu sibilei.

— Hm, velho gostoso...

— Você pode, por favor, não fazer isso agora? — Eu belisquei a bunda dela.

Nós dois olhamos ao redor do bar e ouvimos passos, muitos passos, e um por um todos os chefes entraram casualmente no local. Alguém ligou a televisão. Nixon pegou duas raquetes de pingue-pongue e entregou uma ao meu pai.

Meu queixo quase foi ao chão quando nossos pais começaram uma partida de pingue-pongue.

Pingue-pongue, caralho!

— Que tipo de universo invertido é esse? — eu sussurrei. — Sem armas? Sem violência? Ninguém está sangrando! — eu disse.

A expressão chocada de Serena refletiu a minha enquanto as risadas seguiam ao redor do sofá, onde Chase estava assistindo a si mesmo na televisão junto com o tio Tex, que imediatamente começou a jogar Doritos.

Acho que quase caguei nas calças quando Andrei, dentre todas as pessoas, se juntou a nós e perguntou se eles tinham a porra de algum biscoito de chocolate. O quê?

— O que eles estão falando?

Nós nos afastamos do bar e nos escondemos atrás de outro sofá gigante. Nixon bateu na bola.

— Nós nos saímos bem, não foi?

— Melhor do que eu pensava, honestamente — papai respondeu enquanto devolvia a bola, com expressão tranquila. — Estou feliz que Ash não seja tão emocionalmente confuso quanto Chase. Imaginei que teríamos que intervir ou algo assim.

— Eu estava pronto. — Tex colocou algo na boca. — Eu sabia que vocês iriam procurar uma saída. Afinal, eles são seus filhos. Mas eu estava pronto.

Nixon e papai não disseram nada.

E então Phoenix apareceu.

— Triste por Violet.

A voz de Nikolai veio em seguida. Porra, ele ainda estava aqui? Uma semana depois?

Ele coçou a nuca, e eu pude ver a tatuagem de foice em seu dedo, a única coisa que provava que ele ainda estava com os russos, embora fosse italiano. Andrei tinha uma igual.

— Que tem a Violet? — Tex perguntou.

— Ela vai embora — Chase murmurou enquanto compartilhava um olhar sombrio com Andrei. Nikolai mudou de assunto.

Eu sabia que meu pai tinha feito aquilo de propósito; eu só não conseguia descobrir o motivo.

Soltei um suspiro.

— Pelo menos agora sabemos que eles não nos deixariam morrer.

— Provavelmente. — Serena suspirou. — Quer dizer, pelo menos nossos pais, não. Tex, por outro lado…

— Ele está mesmo jogando uma arma para o alto e pegando pelo cano? — eu perguntei, arriscando outra espiada.

— Junior, Serena — Phoenix latiu. — Falem mais alto e seus amigos vão ouvir vocês lá de cima. — Ergui o dedo do meio para ele. — Eu vi isso. — Ele sorriu sem desviar a atenção da bola de pingue-pongue.

Lentamente nós dois nos levantamos.

Nixon me lançou um olhar penetrante.

Eu levantei as mãos.

— Ela está vestida!

— Pai... — Serena revirou os olhos.

— Como você sabia que estávamos aqui? — eu perguntei enquanto passávamos pelo meu pai e encarávamos todos os chefes assustadores.

— Você respira muito alto. — Foi Chase que nos respondeu.

— Bem, foi divertido. — Agarrei a mão de Serena e saímos antes que o mundo invertido dos chefes jogando pingue-pongue me traumatizasse para o resto da vida.

Breaker foi a primeira pessoa que vi quando voltamos para casa, e então encontrei King e presumi que provavelmente todos estavam juntos.

— Noite de cinema. — Maksim apontou o queixo para mim. — P.S.: você ainda tá um cocô de gente.

Peguei minha faca.

Ele sorriu e caminhou em direção à nossa sala de cinema. Ash já estava lá, sentado no canto, com a expressão taciturna pra cacete, e todos os outros estavam rindo. Talvez precisássemos de tempo para nos concentrar em outras coisas além de morte.

Talvez fosse isso que os chefes estivessem fazendo com sua estranha tradição de pingue-pongue.

Eu me sentei e puxei Serena para o meu colo. Ela se mexeu um pouco demais e depois levantou a saia.

Meu pau fez o jeans ficar justo, e eu não sentia mais nada além de calor e pele quente.

Soltei um gemido de dor quando imediatamente me pressionei contra ela, com força, pronto para simplesmente abrir o zíper e partir para o abraço.

Serena pegou um cobertor e jogou sobre a gente enquanto Maksim

apagava as luzes; então minha princesa malvada simplesmente deu as caras e lentamente abriu o zíper da minha calça jeans, me libertando como se ela fizesse sempre isso quando via filmes.

Foi a primeira vez que fizemos algo assim.

Minhas unhas cravaram no sofá de couro enquanto ela lentamente mudou de posição e se jogou mais em cima de mim.

A quantidade de autocontrole necessário para não a agarrar e trepar com ela na frente de todos, avisando a eles que seria só um minutinho, era irreal.

Meu pau pulsou enquanto ela se movia novamente. Agarrei-a pelos braços e sibilei.

— Odeio você.

Serena apenas riu e respondeu.

— Odeio você também.

— Vocês podem parar de brigar por cinco minutos? — Breaker retrucou.

— Acho que... me dá uns três — murmurei.

— Dois — rebateu Serena.

Belisquei sua bunda e sussurrei:

— Duvido muito que dure tanto tempo. Só de sentir você me apertando, me dá vontade...

— Shhh! — Violet jogou pipoca na gente. O filme mostrava uma cena de ação.

E então... então Serena se moveu, mas voltou, e de alguma forma, consegui tirá-la de cima de mim; fechei minha calça como o adulto controlado que eu era e a segurei pela mão.

— Tenho que fazer mais pipoca — murmurei.

Antes que eu pudesse terminar a frase, corremos para o meu quarto. A camisa dela saiu voando, minha calça jeans foi jogada longe, e éramos nós novamente.

O amor era tão forte, que o ódio dissolveu.

— Faz com força. — Ela piscou.

Eu gemi.

— Eu não mereço você.

— Não. — Seus olhos brilharam enquanto ela sorria. — E agora?

— Agora — eu rosnei enquanto me arrastava até ela, deitada na minha cama, como um presente que eu mal podia esperar para desembrulhar. Seus seios grandes pareciam implorar para serem chupados, suas coxas tremiam só de esperar pelo meu toque.

— Eu vou fazer você gritar.

— Que bom que eles estão vendo um filme de terror.

— Não faz diferença. Eles vão te ouvir mesmo assim. — Eu me levantei e dei um tapa na sua bunda nua. — Agora implora.

Os olhos azuis de Serena se fixaram em mim e se recusaram a me soltar enquanto ela mordia o lábio e se contorcia sob meu toque.

Eu sempre adorei olhar para ela, beber até me fartar, comer ainda mais, porque ela foi feita para mim, para sempre.

Eu soube disso no minuto em que coloquei os olhos nela.

Eu simplesmente nunca soube quão perigoso seria amá-la, o risco que era para minha saúde física e mental.

Até que me disseram para ficar bem longe.

— Junior... — Ela esticou a mão para mim, afastando meu cabelo da testa. — Você é meu também, você sabe disso. Eu possuo você do jeito que você me possui.

— Achei que você ia implorar — provoquei, me aproximando de sua boca. — E ainda assim não estou ouvindo…

— Você não precisa ouvir para sentir meu corpo implorar a cada tremor — ela disse com a voz áspera, enquanto agarrava minhas mãos e as levava até seus quadris. — Estou pronta para você, preciso de você.

— Pode pegar o que quiser — eu disse, do jeito que ela fez pela primeira

vez, lá atrás, quando finalmente deixamos o ódio de lado.

Seus olhos se encheram de lágrimas quando eu afundei nela; coloquei suas mãos sobre sua cabeça e beijei avidamente sua boca.

Ela gemia a cada movimento lento dos meus quadris, e eu estava indo tão fundo, que não conseguia pensar direito. Minha princesa simplesmente recebia cada investida do meu corpo como se fosse um presente.

Sempre tive medo de ser muito rude com ela. Agora eu sabia: nascemos no meio do assassinato, fomos feitos para a loucura. Claro, ela aguentaria do jeito que fosse.

Uma lágrima deslizou por sua bochecha, e então Serena me manteve no lugar com as pernas em volta de mim, como se estivéssemos nos preparando para lutar, tornando quase impossível me mover.

Ela sorriu.

— Agora você está preso em minha armadilha.

— Você chama isso de armadilha. Eu chamo isso de céu. — Gemi enquanto meu pau pulsava dentro dela, desejando mais do seu calor, precisando de movimento. O orgasmo estava próximo para nós dois; eu sabia pela maneira como ela tentava nos impedir de ir atrás dele, como se ela estivesse com medo da plenitude que vinha, com medo de que nunca mais conseguiríamos alcançá-la.

— Serena. — Dei um beijo em sua boca. — Princesa, você finalmente pode deixar tudo rolar. — Eu hesitei. — A gente pode deixar tudo rolar.

Ela assentiu enquanto mais lágrimas escorriam.

— Você promete? Que vai ser assim? Só a gente? Para sempre? Nada de...

Devorei sua boca, sentindo o gosto salgado das suas lágrimas na língua enquanto meus lábios deslizavam pelos dela, e então nos virei e a coloquei por cima

— Nós. — Nós nos separamos. Eu ainda estava dentro dela, mas algo me dizia que ela precisava ter controle, saber que seria sempre isso.

Finalmente.

Graças a Deus. Finalmente.

— Olhe para a gente — encorajei. — Nada além da morte nos separará, princesa. E, mesmo assim, lutarei até o fim, para ter certeza de que terei o máximo de tempo humanamente possível com você.

Ela começou a se mover lentamente.

— E, mesmo assim, Junior, quando a morte vier chamar, prometa que você a seguirá.

— O que mais eu ia querer fazer além de morrer com você ao meu lado? — Minha voz falhou, e então agarrei sua bunda e comecei a me mover enquanto ela enlouquecia acima de mim.

Eu não conseguia parar de olhar para o modo como sua garganta se movia enquanto ela gritava meu nome, seus lábios inchados entreabertos como uma oração.

Ela ofegou sobre mim, e senti seu corpo finalmente entender quando ela cedeu completamente; eu era dela, ela era minha.

Serena desabou sobre mim, seu cabelo cobrindo metade do meu rosto enquanto pequenos tremores sacudiam seu corpo. Então se afastou e disse:

— Isso significa que você vai se casar comigo?

— Você já está com o meu anel — apontei. — Mas você realmente acha que seu pai me deixaria fazer sexo com você sem esperar que eu me casasse com você? Quer dizer, ele é da velha guarda. Ele provavelmente puxaria a arma no altar para garantir que eu não fugisse.

Ela deu um tapa no meu peito.

— Eu mesmo atiraria em você se fizesse isso.

— Eu sei. — Eu ri. — Mas às vezes a gente gosta quando uma garota toma iniciativa.

— Você levaria um belo de um tiro, então talvez prefira repensar esse cenário.

Eu comecei a rir.

— Eu te amo.

— Eu também te amo.

Nós dois caímos na risada enquanto eu puxava o cobertor sobre a gente e a colocava deitada no meu peito.



Epílogo

Breaker

Dois dias depois

Eu sabia que eles estavam fazendo sexo de novo no quarto da Serena, quer dizer, quem não sabia? Eles eram barulhentos, e era de Junior que estávamos falando. Fiquei surpreso por ele não ter mijado nela na nossa frente no primeiro dia de aula deste ano. O cara estava ficando cada vez mais possessivo. Se eu olhasse na direção de Serena, ele rosnava para mim.

E eu era a porra do primo dela! Adotado, mas ainda assim, primo!

Era uma loucura.

Mas também, Junior era assim, então… nós meio que deixamos passar. Cada um estava um pouco louco à sua maneira.

Suspirei e passei pelo quarto deles, indo para a sala de cinema. Violet estava sentada no canto como sempre. Confiante e calculista.

Eu me perguntei se alguém via o que ela era do jeito que eu via. Ela tinha essa personalidade exterior pautada em classe e controle.

Mas eu sabia a verdade. Ela estava morrendo por dentro.

Era uma mulher com uma quantidade de expectativas sobre os ombros que ninguém deveria ter de lidar sozinho.

Porra, até o sorriso dela era falso. Lembrei dela participando de todas aquelas coletivas de imprensa com Chase quando ele foi reeleito; ela estava morrendo lentamente por dentro.

E eu odiei aquilo.

Porque sempre gostei dela, e por ser doido por ela, fiquei muito, muito longe. Você sabe, o lance de morte e tudo mais.

Engoli em seco.

Meu primeiro erro foi beijá-la quando tinha quatorze anos. Meu segundo erro foi dizer a ela que estava apaixonado por ela. E meu terceiro? Traí-la no minuto em que tive uma chance.

Peguei o que não era meu, peguei a coisa mais bonita que havia na prateleira, destruí e tentei guardar de volta.

E agora ela estava quebrada. Porque é isso que eu faço. Eu quebro coisas.

Não apenas corações.

Eu quebrei a alma dela. E agora ela iria embora. E foi tudo culpa minha.

— Breaker! — Izzy veio correndo. — É uma festa, você devia parecer feliz!

— Eu estou feliz. — Eu não estava nem sorrindo, meus olhos continuaram voltados para a Violet.

Eu me afastei de Izzy e peguei meu telefone, enviando uma mensagem para Violet.

Eu: Podemos conversar?

Violet: Vá. Para. O. Inferno.

Eu: Eu moro lá. Tenta de novo.

Violet: Vai cagar.

Eu sorri. Bem, pelo menos ela ainda estava com raiva. Isso era algo bom, certo? Mas então eu olhei para cima.

Lágrimas escorreram pelo seu rosto. Eu tinha produzido aquilo.

Eu estava preso entre a necessidade de confessar meus pecados ou deixar a única pessoa que eu amava ir embora para sempre.

E eu odiei aquilo, porque quando ela passou lentamente por mim, eu escolhi a última opção.

E amaldiçoei o amor no processo.

Agradecimentos

Às vezes acho que esta é a parte mais difícil de um livro, porque realmente há muitos agradecimentos a se fazer! Sou muito grata a Deus por me dar inspiração todos os dias e me permitir acordar e fazer o que amo, trabalhar com leitores, blogueiros, equipes que são tão incríveis neste mundo literário!

Meu marido tem sido fundamental para me ajudar a terminar estes livros, sempre me dando aquelas horas extras que preciso para escrever e levando Thor para o pula-pula para ele não interromper a mamãe quando ela está concentrada. Ele é o melhor parceiro que uma garota poderia pedir, e sempre coloco um pouquinho dele em cada livro que escrevo! Ele é meu herói e meu melhor amigo.

À minha incrível equipe de edição e leitores beta que me ajudaram a garantir que este livro não fosse um fracasso total!

Obrigada, Jill, por todo o seu trabalho duro em todo esse processo! Eu não conseguiria fazer isso sem você, e sinto muito pelo estresse constante que te causo quando digo “ei, tive outra ideia de livro”, e você suspira e diz “deixa eu ver sua agenda”!

Obrigada a Tracey, Krista, Georgia, Yana e Candace por todo o feedback junto com o da Jill, haha! Ajudou muito!

E Nina, da Valentine PR, cara, este é nosso PRIMEIRO grande lançamento desde que você abriu sua empresa de agenciamento, e estou tão orgulhosa de você por ter dado esse salto de fé! Foi uma jornada tão louca no ano passado, e neste ano sou muito grata por Deus ter nos unido! Você não tem permissão para me deixar! Haha.

Judi, minha estrategista, que sempre tem as melhores ideias de como podemos ganhar mais seguidores — obrigada por ouvir minhas loucuras e dizer “aham, vamos nessa”.

À minha agente Erica que, de novo, não me chama de louca quando mando e-mail e digo «tá, então vou escrever um livro sobre alienígenas»… ela só diz «manda pra mim»!

Eu realmente tenho as pessoas mais incríveis ao meu redor e tenho muito orgulho de tudo o que fazem pela comunidade literária.

Becca, obrigada por um trailer incrível! Agradeço demais e também o

apoio que você dá!

Obrigada a todas as autoras que leram antes, vocês sabem quem são, a todas as mensagens de texto, DMs, obrigada por me divulgarem e acreditarem em mim e obrigada por não rirem de mim quando pedi para lerem uma cópia antecipada! E Amo, sua resenha ficará para sempre marcada na minha alma, gata!

Aos leitores, aaaaaah, quero chorar. Este livro é verdadeiramente para vocês. É sangue, suor, lágrimas, sou eu finalmente me libertando. Sempre quis escrever um livro de máfia assim e estou muito orgulhosa de dizer que finalmente consegui. Escrevi um livro onde não censurei meus personagens de forma alguma, não editei nenhuma linguagem, nada que eu sentisse que pudesse ser demais, apenas deixei que vivessem e respirassem, e a resposta de vocês tem sido incrível! Obrigada por entenderem, obrigada por estarem ao meu lado, ride or die, vocês são os melhores leitores do mundo!

Aos blogueiros que leram cópias antecipadas e compartilharam, adoro vocês, o amor de vocês pelos livros torna o que faço muito divertido. Vocês trabalham tanto e têm empregos tão ingratos, é o amor pelos livros que mantém vocês seguindo em frente, e respeito muito isso. Obrigada por darem uma chance a Princesa Implacável!

E a qualquer novo leitor, espero que tenha gostado deste livro novo! Tenho um grupo de fãs superdivertido no Facebook: Rachel’s New Rockin’ Readers, estou lá diariamente, e é um lugar seguro e divertido para discutir livros, todos são bem-vindos para entrar e ficar com a gente!

Obrigada de novo, sangue dentro, não fora. RVD.

Sobre a Autora

Rachel Van Dyken é autora best-seller nº 1 do New York Times, Wall Street Journal e USA Today de mais de 90 livros, que variam de romance contemporâneo a paranormal. Com mais de quatro milhões de cópias vendidas, ela já apareceu na Forbes, US Weekly e USA Today. Seus livros foram traduzidos em mais de 15 países. Ela foi uma das primeiras autoras de romance a ter um livro Kindle in Motion pela Amazon Publishing e continua se esforçando para estar na vanguarda da experiência de leitura. Ela mora no noroeste do Pacífico com o marido, o filho adorável, um gato sem pelos e dois cachorros. Para mais informações sobre seus livros e próximos eventos, visite .